



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

RONIELI VICTOR DA SILVA

SONS DO TEMPO:
A MÚSICA NA FORMAÇÃO INFOMEMORIAL E IDENTITÁRIA DO ARTISTA
PLÁSTICO HERMANO JOSÉ

JOÃO PESSOA

2022

RONIELI VICTOR DA SILVA

SONS DO TEMPO:

A MÚSICA NA FORMAÇÃO INFOMEMORIAL E IDENTITÁRIA DO ARTISTA

PLÁSTICO HERMANO JOSÉ

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI) do Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) como requisito obrigatório para a obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação.

LINHA DE PESQUISA: Informação, Memória, Sociedade

ORIENTADORA: Profa. Dra. Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira

JOÃO PESSOA

2022

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S586s Silva, Ronieli Victor da.

Sons do tempo : a música na formação infomemorial e
identitária do artista plástico Hermano José / Ronieli
Victor da Silva. - João Pessoa, 2022.
244 f. : il.

Orientação: Bernardina Maria Juvenal Freire
Oliveira.

Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCSA.

1. Acervo pessoal - Hermano José. 2. Acervo
fonográfico. 3. Método indiciário. 4. Identidades. I.
Oliveira, Bernardina Maria Juvenal Freire. II. Título.

UFPB/BC

CDU 930.253(043)

RONIELI VICTOR DA SILVA

SONS DO TEMPO:
A MÚSICA NA FORMAÇÃO INFOMEMORIAL E IDENTITÁRIA DO ARTISTA
PLÁSTICO HERMANO JOSÉ

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI) do Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) como requisito obrigatório para a obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação.

LINHA DE PESQUISA: Informação, Memória, Sociedade

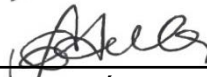
Avaliada em: 21/02/2022..



PROFA. DRA. BERNARDINA MARIA JUVENAL FREIRE DE OLIVEIRA
Orientadora - PPGCI/UFPB



PROFA. DRA. MARIA CLEIDE RODRIGUES BERNARDINO
Examinadora interna – PPGCI/UFPB



PROFA. DRA. ANA CLÁUDIA CRUZ CÓRDULA
Examinadora externa – DCI/UFPB

PROFA. DRA. IZABEL FRANÇA DE LIMA
Suplente Examinadora interna - PPGCI/UFPB

PROFA. DRA. ANA CLÁUDIA MEDEIROS DE SOUSA
Suplente Examinadora externa - ECI /UFBA

A vida sem música seria um erro.

(NIETZSCHE, 1889, p. 12).

AGRADECIMENTOS

Existe uma força, Caetano chama de força estranha. Eu não sei bem o que é, mas a chamo de Divina Essência. Dedico a ela a realização desta opereta lettral.

À minha Mãe e ao meu Pai pela paciência e pela compreensão dos tantos dias de esforço e as ausências dos passeios de domingo. Espero poder recompensar em breve.

Às minhas irmãs, Raissa e Rayana, por respeitarem os meus não e esperarem os meus sins. Elas sabem que a causa é justa e a luta é precisa.

Ao professor Hércules pelos conselhos providenciais de um segundo pai.

À minha orientadora por ela ser quem é e por acreditar no melhor que um ser humano pode ser. Por acreditar em mim. Gratidão e lealdade eternas.

À professora Ana Córdula pelos conselhos e o providencial apoio nesse meu caminhar.

À professora Dra. Cleide Bernardino, pela leveza de ser e pelas aulas poéticas sobre a análise sensível dos documentos imagéticos. Gratidão por transmitir conhecimento com excelência.

A Hermano José (1922-2015) pelo belíssimo acervo. Mesmo não o conhecendo em pessoa, ele conversou comigo pelos sons do seu tempo nas muitas manhãs de estágio a contemplar a orla do Bessa.

À equipe do Museu-Casa de Cultura Hermano José pela presteza e pelo compromisso em fazer do Museu um espaço de aprendizado e colheita. Este trabalho também *é fruto disso*.

À Joana Araújo, esta mulher incrível e singular que tanto me ajudou nesses últimos anos e a quem tenho admiração e gratidão eternas.

À Ana Cristina Coutinho Flôr, Arquivista do Jornal *A União*, pelo empenho em ceder gentilmente os recortes para compor esta pesquisa.

Aos professores e ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação pela dedicação com a Ciência e pelo empenho na formação de excelência de seus mestrandos e doutorandos.

Ao Conselho Regional de Administração e, em especial, ao Professor César, a Gerente Adm. Cleide Marinho e a Coordenadora Adm. Verônica Santos. Agradeço demais pela confiança e pelo incentivo com relação ao desenvolvimento profissional dos colaboradores.

A todos aqueles que emanaram boas energias para que esta jornada fosse cumprida. Obrigado universo!

RESUMO

No escopo dos acervos pessoais, os tratamentos voltados à organização, acesso e uso das informações que permeiam esse tipo de arquivo são complexos, especialmente quando se trata de um fundo fechado, como é o caso do acervo em tela, o de Hermano José. O nosso estudo propõe, através da escrita de si, tomar como fonte de informação primária o acervo fonográfico do artista, explorando o caráter infomemorial dos documentos sonoros na construção identitária de seu titular. Cabe salientar que esta pesquisa teve como objetivo compreender o papel da música na formação infomemorial e identitária do artista plástico Hermano José, bem como conhecer a sua predileção sonora, através do mapeamento dos discos de vinil, gerando como produto uma lista dos títulos pertencentes ao espólio, caracterizando os gêneros musicais predominantes e abordando as especificidades do acervo fonográfico. Para o cumprimento deste estudo adotou-se o método indiciário, possibilitando a coleta investigativa de fragmentos que respondessem à questão norteadora deste trabalho. Neste sentido, empreendemos uma imersão por entre livros, revistas, jornais, manuscritos, entrevistas e declarações em vídeos e áudios, correlacionando o acervo pessoal do artista, tecendo assim uma espécie de busca investigativa a partir da coleta de diversos fragmentos, pistas e vestígios. O trabalho, além de apresentar a predileção musical do artista, traz um mapa investigativo musical abordando elementos e personagens considerados fundamentais para compreendermos qual o papel da música, bem como sua contribuição no processo de formação infomemorial e identitária do artista plástico Hermano José.

PALAVRAS-CHAVE: Acervo pessoal de Hermano José; Acervo fonográfico de Hermano José; Hermano José; Método Indiciário; Identidades.

ABSTRACT

In the scope of personal collections, the treatments aimed at the organization, access and use of the information that permeate this type of file are complex, especially when it comes to a closed collection, as is the case on screen, by Hermano José. Our study proposes, through its writing, to take the artist's phonographic collection as a source of primary information, exploring the infomemorial characteristic of sound documents in the identity construction of its holder. It should be noted that this research aimed to understand the role of music in the infomemorial and identity formation of the plastic artist Hermano José, as well as knowing his sound preferences, through the mapping of vinyl records, generating as a product a list of titles belonging to the bequest, featuring the predominant musical genres and addressing the specifics of the phonographic collection. For the accomplishment of this study, the evidentiary method was adopted, allowing the investigative collection of fragments that answered the guiding question of this work. In this sense, we undertake an immersion among books, magazines, newspapers, manuscripts, interviews and statements in videos and audios, correlating the artist's personal collection, thus weaving a kind of investigative search from the collection of various fragments, clues and traces. The work, in addition to presenting the musical predilection of the artist, brings a musical investigative map approaching elements and characters considered fundamental to understand the role of music, as well as its contribution in the process of infomemorial and identity formation of the plastic artist Hermano José.

KEYWORDS: Hermano José's personal collection; Hermano José's phonographic collection; Hermano José; Evidentiary Method; Identities.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Identidades hermanianas	50
FIGURA 2 – Caderno de anotações de Hermano José (2014).....	52
FIGURA 3 – Poesia Duas vezes não se faz	52
FIGURA 4 – Poema <i>Sombra</i>	53
FIGURA 5 – Poema <i>Fragmentos da lembrança</i>	54
FIGURA 6 – Folder da peça <i>Cantam as Harpas de São</i> (1955)	55
FIGURA 7 – Folder da peça <i>Cantam as Harpas de São</i> (1955) – parte posterior	55
FIGURA 8 – Anotação realizada por Hermano José sobre a premiação no Festival Nacional de Teatro	56
FIGURA 9 – Estudo a carvão (1953).....	57
FIGURA 10 – Desenho a Crayon (1956).....	57
FIGURA 11 – Estudo de gravuras em Metal (1959).....	58
FIGURA 12 – Desenho a hidrocor (1959)	58
FIGURA 13 – Estudo em Monotipia (1960).....	59
FIGURA 14 – Estudo em pastel a óleo (1962)	59
FIGURA 15 – Barreira do Cabo Branco, óleo sobre tela (1948).....	60
FIGURA 16 – Registro escrito por Hermano José na comemoração de um ano de fundação da Pinacoteca da UFPB	62
FIGURA 17 – Documento enviado para Hermano José pela Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários da UFPB	63
FIGURA 18 – Portaria de posse de Hermano José como Coordenador do Setor de Artes Plásticas da Secretaria de Cultura, Esporte e Turismo do Estado da Paraíba	65
FIGURA 19 – Portaria de posse de Hermano José como Diretor do Departamento de Cultura, vinculado à Secretaria de Educação e Cultura da cidade de João Pessoa (PB)	66
FIGURA 20 – Engenho Baixa-Verde, Serraria-PB	69
FIGURA 21 – Engenho Baixa-Verde, Serraria-PB 71	
FIGURA 22 – Hermano José aos 08 meses de idade.....	72
FIGURA 23 – <i>Sítio de Engenho Baixa Verde</i> , pastel seco, 23x30 (2000)	73
FIGURA 24 – Pedra do Pão de Açúcar, Caiçara-PB	74
FIGURA 25 – Residência da família em Caiçara-PB	75
FIGURA 26 – Aos fundos da Igreja do Carmo	78

FIGURA 27 – Hermano e Ruy Elói em frente ao Mosteiro de São Francisco	78
FIGURA 28 – Parque Sólon de Lucena na década de 1950	79
FIGURA 29 – <i>Parque Sólon de Lucena</i> , óleo sobre tela, 116x90 cm (1953).....	80
FIGURA 30 – <i>Lagoa à noite</i> , óleo sobre tela, 70x50cm (1953).....	81
FIGURA 31 – Ilustração para o jornal Diário de Pernambuco, 1948.....	81
FIGURA 32 – Corpo editorial do correio das artes em 1949.....	82
FIGURA 33 – Ilustração para a edição do mês julho de 1949.....	83
FIGURA 34 – Edição de agosto de 1950.....	83
FIGURA 35 – Ilustração para a edição do mês de junho de 1949.....	84
FIGURA 36 – <i>Palhoça do pescador</i> , hoje local do Hotel Tambaú (1950).....	84
FIGURA 37 – <i>Cabo Branco</i> , óleo sobre tela, 62x72 cm (1951).....	85
FIGURA 38 – <i>Avenida Tabajara</i> , óleo sobre tela, 50x40 cm (1948).....	85
FIGURA 39 – <i>Hospital Santa Isabel</i> , óleo sobre tela, 60x70 cm (1954)	86
FIGURA 40 – <i>Ladeira da Catedral</i> , óleo sobre tela, 70x60 cm (1950)	86
FIGURA 41 – <i>Ladeira do Varjão</i> , óleo sobre tela, 65x80cm (1950).....	87
FIGURA 42 – <i>Festa das Neves</i> , pastel seco, 45x45 (1953).....	87
FIGURA 43 – Hermano José e Ariano Suassuna com o elenco da peça em 1955 (frente)	89
FIGURA 44 – Hermano José e Ariano Suassuna com o elenco da peça em 1955 (verso).....	89
FIGURA 45 – Crítica de jornal referente ao espetáculo <i>Cantam as harpas de Sião</i> , 1955.....	90
FIGURA 46 – Ednaldo Macedo, Sósthene Kerbrie, Auzenda Ferreira, Celso Amir e Ruy Eloy, (da esquerda para a direita), 1955	90
FIGURA 47 – Fotografia da peça <i>A Corda</i> , 1956 (frente).....	91
FIGURA 48 – Fotografia da peça <i>A Corda</i> , 1956, lembrete escrito por Hermano (verso).....	91
FIGURA 49 – Oficina de gravura em metal no MAM	93
FIGURA 50 – Artistas do MAM - Farnese de Andrade, Barfinsk, Edith Bering, Anna Letycia Quadros, Ana Bela Gaiga, Marília Rodrigues e Hermano José.....	93
FIGURA 51 – Estudo a sanguínea, 1959	94
FIGURA 52 – Pastel a óleo, 1975.....	94
FIGURA 53 – Carta de aceite para expor na IV Bienal do MAM de São Paulo (1963)	95
FIGURA 54 – Carta-convite de Exposição no Instituto de Cultura Hispânica em Madri – Espa- nha (1964)	96
FIGURA 55 – <i>Vista da Rua do Catete</i> , residência do artista no Rio, pastel a óleo (2000).....	97
FIGURA 56 – <i>Cabo Branco: Até quando?</i> litografia, 50x80 cm (1992).....	98
FIGURA 57 – Hermano José e Roberto Burle Marx	98

FIGURA 58 – Lauro Pires Xavier, Hermano José, Roberto Burle Marx (1979).....	99
FIGURA 59 – Correspondência de Burle Marx sobre a falésia do Cabo Branco (1983).....	100
FIGURA 60 – Artigo de jornal criticando a construção de edificações na orla marítima de João Pessoa.....	101
FIGURA 61 – Pela integridade da ambiência marítima do Bessa (1991)	102
FIGURA 62 – Placa de Inauguração da Pinacoteca da Universidade Federal da Paraíba	104
FIGURA 63 – Planta do Bessa em 1974.....	120
FIGURA 64 – Planta do Bessa em 2008.....	120
FIGURA 65 – Esboço da casa por Hermano José (1979).....	122
FIGURA 66 – Planta da casa de Hermano José.....	122
FIGURA 67 – Casa de Hermano José no início década de 1980.....	123
FIGURA 68 – Foto da varanda que dá para a barreira do Cabo Branco.....	124
FIGURA 69 – Vista frontal da casa de Hermano José	125
FIGURA 70 – Garagem da casa.....	125
FIGURA 71 – Sala de estar.....	126
FIGURA 72 – Panorâmica da sala de estar.....	126
FIGURA 73 – Cozinha.....	127
FIGURA 74 – Hermano José em seu quarto principal.....	127
FIGURA 75 – A rede solitária.....	129
FIGURA 76 – Museu-Casa de Cultura Hermano José	142
FIGURA 77 – Ficha descritiva para documentos sonoros (frente).....	147
FIGURA 78 – Ficha descritiva para documentos sonoros (verso).....	148
FIGURA 79 – Lista de CDs arrolados	149
FIGURA 80 – Descritores usados para a inserção na lista	153
FIGURA 81 – Planilha dos discos listados para a análise	153
FIGURA 82 – Lista de autores/intérpretes brasileiros em ordem alfabética	154
FIGURA 83 – Instrumento de pesquisa de discos do MCCHJ	154
FIGURA 84 – Instrumento de pesquisa de discos do MCCHJ	155
FIGURA 85 – Planilha de discos para triagem	155
FIGURA 86 – Lista de autores/intérpretes estrangeiros em ordem alfabética.....	156
FIGURA 87 – Lista de autores estrangeiros do acervo fonográfico do MCCHJ	156
FIGURA 88 – Lista de autores estrangeiros do acervo fonográfico do MCCHJ	157
FIGURA 89 – Carmen Miranda- RCA VICTOR-1985	159
FIGURA 90 – Clara Nunes-Nação-EMI-1982.....	160

FIGURA 91 – The Beatles - Let It Be – EMI - 1970.....	160
FIGURA 92 – Jimi Hendrix - Experience Axis bold as love – Polydor - 1969.....	161
FIGURA 93 – Orquestra Armorial-Continental-1975	161
FIGURA 94 – Pink Floyd- The Wall-Columbia Records-1979.....	162
FIGURA 95 – Music of the African Arab-Mohammed El-Bakkar and his Oriental Ensemble vol.3 1958.....	162
FIGURA 96 – Missa Luba - Os trovadores do Rei Baudoin - Congo-Philips - 1969.....	163
FIGURA 97 – Mapa musical investigativo.....	164
FIGURA 98 – Pai de Hermano trabalhando na coletoria pública federal.....	165
FIGURA 99 – Escritos sobre o Ponto de Cem Réis.....	167
FIGURA 100 – Discos de Aracy de Almeida	168
FIGURA 101 – Discos de Villa-Lobos	169
FIGURA 102 – Cena dramática da peça <i>Cantam as Harpas de São</i> (1955).....	170
FIGURA 103 – Lista de discos de compositor Bach do acervo pessoal de Hermano	171
FIGURA 104 – Discos de Bach do acervo fonográfico	172
FIGURA 105 – Recordação de Ariano Suassuna para Hermano em referência ao Movimento Armorial (1974)	173
FIGURA 106 – Discos de Geraldo Vandré do acervo pessoal de Hermano José	175

LISTA DE FOTOGRAFIAS

FOTOGRAFIA 1 – Xícaras e canecas de porcelana.....	108
FOTOGRAFIA 2 – Canecas alemãs de porcelana	108
FOTOGRAFIA 3 – Utensílios de porcelana e sopeira inglesa	109
FOTOGRAFIA 4 – Sopeira inglesa	109
FOTOGRAFIA 5 – Relógios de algibeira.....	110
FOTOGRAFIA 6 – Imagens de culto e adoração	110
FOTOGRAFIA 7 – Oratórios	110
FOTOGRAFIA 8 – Armários de livros na entrada da garagem.....	130
FOTOGRAFIA 9 – Cozinha	131
FOTOGRAFIA 10 – Escritório/depósito	132
FOTOGRAFIA 11 – Mezanino situado no primeiro pavimento	133
FOTOGRAFIA 12 – Telas inacabadas no mezanino	133
FOTOGRAFIA 13 – Ateliê da varanda oeste	134
FOTOGRAFIA 14 – Ateliê da varanda oeste	134
FOTOGRAFIA 15 – Ateliê situado no primeiro pavimento, sentido norte.....	135
FOTOGRAFIA 16 – Seleção e avaliação de documentos no quarto 1	136
FOTOGRAFIA 17 – CDs encontrados no acervo de Hermano José.....	137
FOTOGRAFIA 18 – Discos de vinil dispersos no ateliê	137
FOTOGRAFIA 19 – Acondicionamento e transporte do acervo.....	138
FOTOGRAFIA 20 – Acondicionamento e transporte do acervo.....	139
FOTOGRAFIA 21 – Acondicionamento e transporte do acervo.....	139
FOTOGRAFIA 22 – Acondicionamento e transporte do acervo.....	140
FOTOGRAFIA 23 – Caixas identificadas com <i>QR Code</i>	140
FOTOGRAFIA 24 – CDs encontrados no acervo de Hermano José.....	146
FOTOGRAFIA 25 – Caixa com discos de vinil no ateliê.....	146
FOTOGRAFIA 26 – Discos deteriorados no baú	150
FOTOGRAFIA 27 – Caixas com discos de vinil retiradas das estantes para elaboração das listas	150
FOTOGRAFIA 28 – Discos de vinil do acervo pessoal de Hermano José.....	151
FOTOGRAFIA 29 – Versatilidade musical do acervo fonográfico	151

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - Etapas da pesquisa	39
QUADRO 2 – Levantamento parcial de tipologias.....	141
QUADRO 3 – Posição e quantidade de discos dos autores/intérpretes nacionais do acervo..	157
QUADRO 4 – Posição e quantidade de discos dos Autores/ intérpretes estrangeiros do acervo.....	159

LISTA DE SIGLAS

BRAPCI	Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação
CI	Ciência da Informação
FMC	Fundo Municipal de Cultura
GECIMP	Grupo de Estudos e Pesquisa em Cultura, Informação, Memória e Patrimônio
IBICT	Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
MAM	Museu de Arte Moderna
MCCHJ	Museu Casa de Cultura Hermano José
PPGCI	Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação
SAMAP	Salão Municipal de Artes Plásticas
SUDEMA	Superintendência de Administração do Meio Ambiente
SUPLAN	Superintendência de Obras do Plano de Desenvolvimento do Estado
UFPB	Universidade Federal da Paraíba

SUMÁRIO

1 NA BEIRA DO MAR: andei meu bem, andei	16
1.1 OBJETIVOS	24
1.1.1 Objetivo Geral.....	24
1.1.2 Objetivos Específicos	24
2 SINFONIA METODOLÓGICA.....	27
3 INFORMAÇÃO, MEMÓRIA E IDENTIDADES: notas de si	41
3.1 INFORMAÇÃO: elemento essencial	42
3.2 TOADA DA MEMÓRIA.....	46
3.3 IDENTIDADES E MEMÓRIA, RELAÇÃO INDISSOLÚVEL: revelando múltiplas identidades de Hermano José.....	49
4 NA TESSITURA DE HERMANO JOSÉ: conhecendo o seu “uni-verso” ..	69
4.1 NOTAS DA SERRA: verdes anos	71
4.2 POR ENTRE AS VEREDAS DE JOÃO PESSOA (PB): Traços melódicos de uma cidade	76
4.3 HERMANO E O TEATRO: no espetáculo da vida	88
4.4 RIO DE JANEIRO: um mar de influências na arte hermaniana.....	92
4.5 MILITÂNCIA ECOLÓGICA: lutas em prol da natureza.....	97
4.6 HERMANO JOSÉ NOS CAMINHOS DA UFPB	103
4.7 NUANCES DE UM COLECIONADOR	105
5 DA INFORMAÇÃO AOS DOCUMENTOS: o arquivo pessoal enquanto suporte infomemorial.....	112
5.1 UM LEGADO À BEIRA MAR: da casa de morada ao Museu-Casa.....	118
5.1.1 O arquivo pessoal de Hermano José	130
6 ACERVOS FONOGRÁFICOS: entendendo o documento sonoro	144
6.1 O ACERVO FONOGRÁFICO: em sintonia com a arquivística	146
6.2 PROCEDIMENTOS E LISTAGEM DOS DISCOS	152
7 NARRATIVAS SONORAS: notas que se traduzem	164
8 DERRADEIRAS CONSONANTES.....	178
REFERÊNCIAS.....	181
ANEXOS.....	190
ANEXO A.....	191
ANEXO B	200
ANEXO C	207

1 NA BEIRA DO MAR: andei meu bem, andei¹

*“Quem vem pra beira do mar, ai! Nunca mais quer voltar”.
Trecho da canção: Quem vem pra beira do mar (1954),
composta por Dorival Caymmi².*

“O mar quando quebra na praia é bonito”, dizia Dorival Caymmi (1914-2008), um compositor-poeta baiano das histórias e estórias do mar e cuja poética serviu de inspiração para a epígrafe introdutória desse texto. Seu teor me conduz a um passado recente quando, em certas manhãs, trabalhava na varanda que dava para os fundos da casa do artista plástico, poeta, escritor e ecologista Hermano José, cuja arquitetura parecia debruçar-se sobre as areias da praia do Bessa, e me pegava contemplando o mar, por vezes plácido, entre outras tantas, revoltoso. O pêndulo das ondas em um ir e vir desigual, ora com a brisa fresca do atlântico sob a luz de uma imensidão celeste, ora um ancoradouro voraz em dias intempestivos, paisagem vivaz afinando os tons do poeta.

Aquelas manhãs praieiras marcaram o primeiro ano de aprendizagem prática na condição de estagiário em um arquivo pessoal. Ao iniciar a trajetória acadêmica no curso de graduação em Arquivologia, na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), percebi, logo nos primeiros períodos, o desabrochar de uma sublime afinidade com as discussões teóricas que compreendiam temas como o valor histórico, guarda e tratamento, além de atividades envolvendo a conservação e a preservação de documentos. Não tardou e logo fui tomado pelo desejo em aprofundar o conhecimento no que tange às teorias e os conceitos arquivísticos.

Essa foi uma decisão primordial para compreender as nuances interdisciplinares da área de formação. Assim, ingressei em programas de monitoria e, de forma analítica, percebi a necessidade de ampliar as reflexões e discussões que envolviam o campo teórico da Arquivologia, perpassando pela representação e descrição documental até desaguar nos caminhos da conservação e preservação de unidades de informação, experiências que requereram um saber-fazer, um alargamento no campo teórico-prático.

Em 2016 tomei conhecimento sobre um processo seletivo para projeto de extensão. Na época me encontrava no início do 3º período do curso e trabalhava como comerciário, o que

¹ Composição poética de Dorival Caymmi intitulada “Quem vem pra beira do mar”.

² “Caymmi foi mesmo considerado então o maior cantor e poeta do mar brasileiro e das suas gentes, retratando pessoas e tipos reais, como os pescadores de Itapuã, e as muitas histórias de Iemanjá, vazando-se em canção e músicas absolutamente singulares, inimitáveis, só mesmo dele”. Trecho extraído da matéria intitulada: Dorival Caymmi: o centenário do músico da era do rádio veiculada pela revista Lusofonias, nº 8, de 20 de janeiro de 2014. Ainda Sobre Caymmi, sua obra e vida, ler a Dissertação da autoria de Vagna Shirley Felício Santana Vidal intitulada Dorival Caymmi: vida, obra, pensamento e acervo em uma temporalidade do verde e amarelo, disponível no link: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/18705/1/Vagna%20Disserta%3c%a7%3c%a3o%20VF.pdf>.

de certo modo impedia a minha participação nesse processo de ensino-aprendizagem. Com a possibilidade de concorrer à bolsa de extensão, ainda que por menos da metade do valor do piso salarial do comércio, optei por pedir demissão e me dedicar ao curso, isso porque acredito na educação como única porta capaz de mudar a realidade social, sobretudo de pessoas de minha categoria social, filho de um gari e de uma dona de casa. Com a saída do comércio e a aprovação para integrar o projeto de preservação do acervo do artista plástico Hermano José, passei a me dedicar integralmente à universidade, um sonho alimentado e alcançado.

O projeto de extensão de pronto me chamou à atenção, sobretudo em face da diversidade de gêneros documentais³ encontrados, bem como a possibilidade de discutir na prática a concepção teórica de arquivos pessoais, de tipologias documentais e de documentos especiais, temáticas ainda pouco exploradas na seara da Arquivologia.

Os trabalhos eram coordenados pelas professoras do Departamento de Ciência da Informação (DCI), Dra. Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira⁴ e Dra. Ana Cláudia Cruz Córdula⁵. As atividades estavam voltadas ao tratamento e preservação do espólio⁶ do artista plástico Hermano José, que faleceu em 2015 e, em vida, doou⁷ formalmente todo o seu patrimônio para a UFPB, sob a condição de que esse mesmo patrimônio, após seu encantamento⁸, fosse conservado para fins culturais e de pesquisa.

A adoção do termo espólio não se constitui em impeditivo teórico-conceitual para incluí-lo no âmbito dos arquivos pessoais, considerando a perspectiva de Oliveira, Macedo e Sobral (2017, p. 2). As autoras compreendem os arquivos pessoais como sendo o espaço em que “[...] a personalidade e os eventos da vida interagem”, sendo esta uma concepção provocadora para entender os arquivos pessoais, sobretudo quando estes são deixados como herança ou doação.

³ Reunião de espécies documentais que se assemelham por seus caracteres essenciais, particularmente o suporte e o formato, que exigem processamento técnico específico e, por vezes, mediação técnica para acesso (DBTA, 2005).

⁴ Doutora em Letras e mestre em Ciência da Informação, ambos pela Universidade Federal da Paraíba (1999). Atua como professora da Pós-graduação em Ciência da Informação (PPGCI-UFPB) e nos Cursos de Graduação em Arquivologia e Biblioteconomia, especificamente nas disciplinas de História da Leitura e dos Registros do Conhecimento; Representação Descritiva da Informação Arquivística II (Documentos Especiais) e Legislação Arquivística. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisa em Cultura, Informação, Memória e Patrimônio (GECIMP) cadastrado no Diretório de Grupos do CNPq.

⁵ Doutora e mestre em Ciência da Informação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba; possui Bacharelado em Arquivologia pela Universidade Federal da Paraíba. Vice-líder do Grupo de Estudos e Pesquisa em Cultura, Informação, Memória e Patrimônio (GECIMP) cadastrado no Diretório de Grupos do CNPq.

⁶ Termo adotado na perspectiva teórica defendida por Santos (1999, p. 103): “[...] como um composto de documentos produzidos e/ou recebidos por um homem possuidor de um universo único e singular que decidiu acumular documentos e materiais com variedade tipológica de espécie e de suporte. [...] Sem proceder a qualquer tipo de seleção”.

⁷ Termo de doação, conforme processo 23074.031770/2014-51 e, em 2016, o processo nº 23074.038668/2016-37.

⁸ O termo encantamento adotado neste texto inspira-se no discurso proferido por João Guimarães Rosa, por ocasião de sua posse na Academia Brasileira de Letras. Para conhecer, acessar o discurso disponível em: <http://www.elfikurten.com.br/2011/02/guimaraes-rosa-discurso-de-posse-na.html>.

Por outro lado, é consoante afirmar que os arquivos evidenciam as funções e as atividades daqueles que os produziram ou acumularam, todavia, ao referir-se aos arquivos de pessoas, torna-se imperativo compreender que o conjunto documental nele encontrado pode evidenciar o privado, o público e o familiar, requerendo, portanto, um olhar mais arguto em relação ao arquivo.

Neste sentido, defendemos a premissa de que tudo o que há em um arquivo pessoal possui de algum modo relação com seu titular, seja essa relação direta ou não, sobretudo quando se trata de um fundo fechado. Razão esta que nos instiga a adotar com mais reformo o termo espólio para referir-se ao todo encontrado na vastidão do Arquivo Hermano José.

O espólio só foi efetivamente acessado e acessível após o falecimento de Hermano Guedes de Melo, doravante denominado por seu nome artístico Hermano José, em 21 de maio de 2015. Todo o espólio encontrava-se em sua residência e os trabalhos só foram iniciados quase dois anos após seu falecimento, quando a equipe⁹ deparou-se com um lar imbuído de particularidades e excentricidades.

A casa de Hermano José foi construída no final dos anos 1960 e o imóvel possui térreo e um 1º andar e está localizado à beira-mar, no bairro do Bessa, na cidade de João Pessoa (PB). Logo na entrada foram edificadas colunas de concreto, expressando a influência dos *Arcos da Lapa*¹⁰; a porta principal que dá para a sala é de madeira maciça com detalhes talhados que muito recordam o estilo da marcenaria colonial. Pouco acima da porta que dá para os fundos da casa há também uma obra feita de azulejos, representando um *dragão chinês*¹¹ em alto relevo, assim como uma escultura em argila de *Cristo crucificado*¹².

O ambiente continha muitas caixas amontoadas, basicamente em todos os cômodos, mas aos poucos foram se revelando outras características que nos permitiram conhecer e entender melhor o espólio. Durante esse “garimpo”, a equipe inferia considerações sobre seu titular, traçando possíveis facetas de sua pluralidade e de seu espírito colecionador ou “acumulador”.

Ao dialogar com arquivos pessoais, o pesquisador se depara com uma multiplicidade de itens, artefatos, rélias e tipos documentais que, através de um olhar refinado do pesquisador, podem evidenciar as atividades do seu titular. Logo, tudo que pertence ao fundo, seja produzido e/ou recebido, está carregado de significado e intencionalidade.

⁹ A equipe inicial era composta por uma arquivista, uma bibliotecária, uma museóloga e seis estagiários dos cursos de Biblioteconomia e Arquivologia da UFPB.

¹⁰ Os Arcos da Lapa, também conhecidos como Aqueduto da Carioca, estão localizados no bairro da Lapa, na cidade do Rio de Janeiro. Atualmente existe um bondinho que trafega neste aqueduto, fazendo a travessia entre os bairros da Lapa e Santa Teresa, localizados na região central da cidade.

¹¹ “A figura do Dragão chinês é o significado de uma criatura benevolente que representa poder, força, nobreza e boa sorte. É uma criatura mística que apresenta características de diversos animais, com olhos de tigre, corpo de serpente, patas de águia, chifres de veado, orelhas de boi, bigodes de carpa etc.”. Extraído da matéria A lenda do dragão chinês: os significados dos dragões na China. Disponível na Revista ChinaLink, 2017.

¹² Representação do momento da crucificação de Jesus de Nazaré; Objeto de culto e adoração.

Neste sentido, pensemos na perspectiva de Artières (1998), associando o acúmulo ou o colecionar dos objetos como um exercício diário de “arquivar a própria vida”. Assim, percebemos que para além dos princípios e técnicas aplicadas aos arquivos, faz-se necessário refletir sobre questões que envolvem a relação entre o objeto e seu titular, sobretudo para compreender a narrativa posta por essa multiplicidade de gêneros ou tipologias documentais, sendo esta uma ação que transcende a percepção meramente tecnicista dos documentos e seu princípio cumulativo.

O transitar acadêmico e o envolvimento com o acervo de Hermano José me conduziu a integrar, formalmente, o Grupo de Estudos e Pesquisa em Cultura, Informação, Memória e Patrimônio (GECIMP), espaço de debates e construções teórico-metodológicas sobre cultura, informação, memória e patrimônio e um lugar para exercitar a práxis, termo aqui adotado no sentido freireano¹³, ou melhor, aprender na prática a desenvolver a práxis.

Várias pesquisas foram realizadas no GECIMP, tanto em nível de mestrado quanto de doutorado, pelo Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação, bem como outros programas, a exemplo das Pós-graduações em Letras na UFPB e na Universidade Federal da Bahia (UFBA), tomando como objeto de análise os arquivos pessoais, a exemplo da tese intitulada *José Simeão: escritos de uma trajetória*, de Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira, na qual a autora analisa o acervo do titular à luz da escrita de si; a tese de Maria Nilza Barbosa Rosa¹⁴, intitulada *Usos, costumes e encantamentos: a cultura popular representada na obra de Ademar Vidal* que, através da análise de documentos e outros registros, discutiu a tríade: informação, memória e patrimônio, ressignificando e fortalecendo a cultura popular paraibana sob a ótica vidaliana.

Outros trabalhos em nível acadêmico que podem ser evidenciados como influenciadores para nossa propositura são *Políbio Alves entre contos e encantos: o fascínio do vivido na perspectiva da escrita de si*, de autoria de Ana Cláudia Cruz Córdula, cuja autora mergulha no arquivo pessoal para narrar a trajetória de vida, bem como evidenciar a importância memorialística do poeta; a dissertação da autoria de Rildo Ferreira Coelho da Silva, intitulada *Santa Rosa da linha e da cor: o passado presente por meio da escrita autobiográfica* que objetivou analisar a produção técnica e artística impressa de Tomaz Santa Rosa Júnior enquanto um espaço revelador de sua memória autobiográfica por meio da escrita de si e *Bico de Pena: escrita de si de Nivalson Miranda*, de autoria de Suellen Barbosa Galdino, que toma o arquivo pessoal do artista como forma de prospectar a trajetória sócio-histórica e cultural de sua vida, entre outras. Todavia, nenhuma dessas pesquisas tomaram a música como elemento catalizador da formação identitária de um construto infomemorial.

¹³A práxis entendida enquanto “ação e reflexão [que] se dão simultaneamente” (FREIRE, 2003, p. 125).

¹⁴Doutora em Letras e Mestre e Pós-doutora em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Paraíba.

Tratando a informação, temos a tese de autoria de Ana Cláudia Medeiros de Sousa intitulada *Nos acordes do Quinteto da Paraíba: Memórias e Escritos de um Acervo* que buscou compreender a construção memorialística e identitária do Quinteto da Paraíba a partir dos atributos extraídos do acervo particular do grupo, possibilitando construir o delineamento de sua produção com o movimento armorial configurado na produção musical do quinteto. Apesar da importância da tese para a análise e construção da informação musical, ela está voltada para todo o acervo do grupo, enquanto nossa propositura delimita a análise focando no *corpus* dos discos e CDs que integram o arquivo de Hermano José (SOUSA, 2018).

Trabalhos como estes, além de contribuir para o fortalecimento da CI, também fomentam as discussões envolvendo assuntos como memória, informação, patrimônio e identidade sob a perspectiva do documento como elemento fundante e possibilitam ainda ampliar o diálogo sobre memória e identidade no âmbito dos arquivos, especificamente os arquivos privados pessoais.

A relação entre informação, memória e identidade tem se revelado uma preocupação por parte de pesquisadores da CI. No Brasil, essa linha de raciocínio foi ganhando força e em 2010 foi criado o Grupo Temático de Informação e Memória¹⁵ (GT 10) da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação que, ao mesmo tempo em que reúne e reconhece as produções, é também um canal para se discutir e aprofundar as reflexões sobre diversos temas envolvendo informação e memória, incluindo nessa reflexão os gêneros documentais e outras categorias de documentos enquanto espaços memorialísticos.

Outra fonte inspiradora foi o trabalho elaborado por Assis (2009) intitulado *Um lampião dentro da mala: o arquivo pessoal de Octávio Leal Pacheco*. A dissertação trabalha a documentação através da perspectiva da “escrita de si”. Aliado a esta, encontramos também a dissertação intitulada *Dorival Caymmi: vida, obra, pensamento e acervo em uma temporalidade do verde e amarelo* e ambas utilizam os espaços arquivísticos como espaços memorialísticos.

A arquivística, enquanto área de conhecimento voltada para os arquivos, desde a sua gênese esteve preocupada com os documentos do gênero textual, no entanto, com o surgimento das novas tecnologias na contemporaneidade¹⁶, foram-se criando novos suportes, formatos, bem como novas estratégias para se registrar a informação. Todavia, à medida em que avançam as pesquisas e estudos sobre as tecnologias e os arquivos, cria-se também um fosso de distanciamento entre os arquivos pessoais e especializados, sobretudo em relação aos documentos especiais, estes que requerem, em razão de sua natureza, tratamento específico no que tange a

¹⁵Este grupo desenvolve estudos sobre a relação entre os campos de conhecimento da Ciência da Informação e da Memória Social. Pesquisas transdisciplinares que envolvem conceitos, teorias e práticas do binômio ‘informação e memória’. Memória coletiva, coleções e colecionismo, discurso e memória. Representações sociais e conhecimento. Articulação entre arte, cultura, tecnologia, informação e memória, através de seus referenciais, na contemporaneidade. Preservação e virtualização da memória social. Extraído do site do ENANCIB (2019).

¹⁶A contemporaneidade, em Agamben (2009), consiste no sujeito que se reconhece no presente e que luta por uma sociedade que promova justiça social, tecendo uma ruptura ao conservadorismo e as tradições autoritárias.

representação e conservação. Assim, com vistas a ampliar a noção de “documentos especiais”, nos assentamos na concepção de Mariz e Vieira (2015, p. 300) ao afirmarem que:

[...] documentos especiais: são aqueles que utilizam, para comunicar uma informação, a linguagem audiovisual, iconográfica ou sonora, e que necessitam, por causa de sua linguagem, de processamento técnico específico para análise e representação de sua informação; e por causa de seu suporte, de procedimentos técnicos diferenciados de preservação e acesso. São documentos especiais os documentos audiovisuais, os documentos iconográficos e os documentos sonoros.

Um arquivo pessoal origina-se das atividades orgânicas de um indivíduo e é também consequência de suas intenções, cuja prática de salvaguardar é um exercício de preservação ou mesmo de acumulação¹⁷ de sua própria história e seus interesses, evidenciando sua vontade e revelando um itinerário de sua vida, como o indivíduo deseja ser conhecido ou reconhecido. Isso se dá especialmente em detrimento da própria seleção intencional, feita de documentos produzidos e/ou recebidos ao longo de sua vida (CÓRDULA, 2015).

Logo, são eliminados aqueles que testemunham fatos que não devem ser lembrados, ou melhor, que intencionalmente deseja que sejam esquecidos, ao passo que permanecem documentos que testemunham a sua trajetória de vida, seu trabalho, suas relações familiares e sociais, entre outros. A acumulação e a produção de documentos são processos que se dão como fruto das relações e interações que se estabelecem entre o indivíduo e o mundo, revelando aspectos sociais, culturais, profissionais e artísticos.

No caso específico de Hermano José, que viveu noventa e dois anos de idade com uma trajetória repleta de experiências e produções artísticas e culturais, destacamos que ele foi, ao longo de sua existência, constituindo o seu espólio pessoal que, gradativamente, foi tomando todos os espaços de sua casa-residência. Hermano colecionou e acumulou, durante décadas, o seu espaço de cultura que, embora não tivesse uma organização do ponto de vista físico, era para ele o seu lugar, o seu ambiente de sossego, como ele mesmo registrou em verso:

Aqui cheguei
Aqui fiquei
livre até de saudades,
só com os ventos oceânicos.

A casa de Hermano José, à primeira vista, parecia um conglomerado de objetos e documentos de vários gêneros. Em rápido levantamento foi possível contabilizar mais de 100 itens

¹⁷Insistimos na distinção entre acumulação e preservação considerando que os acervos privados, em geral, não possuem uma estrutura organizativa baseada em regras e normativas arquivísticas, prevalecendo a ótica de seu titular.

de mobiliários, tais como armários, guarda-roupas, mesas, camas, escrivaninhas, aparadores, bancos e cadeiras. Em relação ao imaginário religioso, mais de trezentos artefatos sacros de culto e adoração foram identificados, sendo eles confeccionados à luz da técnica barroca e da arte popular. O acervo bibliográfico do artista, um apaixonado pelo conhecimento, possui também livros raros de arte em língua nacional e estrangeira, assim como livros de literatura, com aproximadamente dois mil e setecentos exemplares de livros e revistas. Metaforicamente, a cada escavação arqueológica, novas descobertas.

A oportunidade de vivenciar o dinamismo do acervo pessoal de Hermano José constituiu-se em um misto de descobertas e provocações diárias. O leque de gêneros e espécies documentais, em seus mais variados suportes, formas e formatos, representava a quebra da “zona de conforto” para os integrantes do projeto, sobretudo para os arquivistas em formação.

O ponto de tangência mais significativo com o acervo se deu, indiscutivelmente, nos documentos sonoros, constituindo-se na primeira razão pela qual este trabalho foi elaborado. Confesso que, ao me deparar com aquele conjunto volumoso, desenvolvi uma espécie de amor à primeira vista, reação quase súbita. O fato de ser músico e poder explorar um acervo musical, alinhando-o com o olhar da Arquivologia, foi o estopim do desejo de tomar o acervo fonográfico de Hermano José como objeto de estudo.

Esse desejo foi aumentando na medida em que percorria gavetas, caixas, prateleiras e baús. O primeiro encontro foi Nelson Gonçalves¹⁸, de forma que, quase instantânea e mentalmente, rememorei o frescor daquela voz tonante e, sem me aperceber, retornei à infância, às férias na casa do avô Samuel Victor que, aos finais de semana, deixava a casa aconchegada ao som de boleros. Ao continuar a “escavação”, encontrei Evaldo Braga¹⁹, exímio cantador dos clássicos brega e, de pronto, foi evocada a memória de José Sérgio Cândido, meu pai, ao dizer: *isso sim é que tem letra!*

O rememorar foi tão significativo que, por instantes, tive a sensação da presença física de Hermano José. Mexer e remexer em cada disco de vinil, cada CD, só aprofundou a certeza de que os documentos precisavam de um interpretante e, nesse sentido, nos colocamos como interpretantes que narram a coleção sonora de Hermano José em relação à sua construção infomemorial e identitária.

Por intermédio da música refletimos sobre o que somos, sobre nossas relações, nossas vidas, nossos sentimentos. De forma quase instantânea, evocamos as nossas memórias a par-

¹⁸Nelson Gonçalves, nome artístico de Antônio Gonçalves Sobral, é considerado pela crítica como um dos maiores cantores e compositores brasileiros de todos os tempos. É o segundo maior vendedor de discos da história do Brasil, com mais de 81 milhões de cópias vendidas. Revista Philologus, ano 24, n° 72. Rio de Janeiro: CiFEFiL, set./dez. 2018.

¹⁹Em 1971 lançou seu primeiro álbum, O Ídolo Negro, sob o selo Polydor. No ano seguinte, lançou o Volume 2, que conta com o hit “Sorria, sorria”, uma canção em parceria com Carmen Lúcia, que se tornou sucesso, consagrando o cantor.

tir de melodias que se materializam nos mais diversos formatos de documentos fonográficos. Destarte, a união de duas carreiras, a de musicista e a de arquivista, me fez perceber a importância desses documentos, bem como aguçou minha percepção e preocupação quanto à sua preservação, por serem documentos considerados especiais, ampliando as possibilidades de leitura e tratamento. Nessa esteira de raciocínio consideramos que o registro sonoro se traduz por um ato original de preservação e propagação de uma “memória universal” em massa e, ao ser acessado, reproduzido e disponibilizado, traz consigo potencial infomemorial, independente das codificações linguísticas.

Aproximadamente após um ano e meio da existência e efetivação do projeto de extensão mencionado anteriormente, a Universidade Federal da Paraíba (UFPB) honrou o seu compromisso e inaugurou, em 19 de maio de 2017, o Museu-Casa de Cultura Hermano José, projeto coordenado pela Professora Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira, à época vice-reitora da instituição, com uma equipe composta por servidores, professores e alunos²⁰. Os trabalhos referentes à transição do acervo pessoal para a UFPB estão detalhados no artigo intitulado *Da Casa de Morada ao Museu-Casa de Cultura Hermano José*, escrito por Oliveira e Martins (2021).

Apenas no ano seguinte o Conselho Universitário da UFPB aprovou a Resolução nº10/2018, que dispõe sobre a criação do Museu Casa de Cultura Hermano José (MCCHJ) e aprovou o seu regimento. Com isso, a UFPB assumiu o compromisso no que se refere à preservação, conservação do espólio doado à entidade e divulgação da memória de Hermano José, passando a cumprir o papel de estimular pesquisas e estudos sistemáticos sobre a vida e a obra do artista (UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA, 2018).

O estágio, que duraria aparentemente um semestre, continuou por 2 anos e, posteriormente, passei a exercer a função de auxiliar de pesquisa no MCCHJ, como voluntário, durante mais 3 anos. A cada etapa vencida, uma nova descoberta, ampliando o desejo de focar o olhar sobre o acervo fonográfico e, de modo particular, compreender esse gênero documental enquanto espaço infomemorial e identitário capaz de narrar parte da trajetória de seu titular. Muitas seriam as indagações, mas uma delas se constitui na questão norteadora de nossa pesquisa. Neste sentido, indagamos: *Qual o papel do acervo fonográfico na construção infomemorial e identitária de Hermano José?*

²⁰Ana Cláudia Cruz Córdula (Arquivista), Manuela Eugênio Maia (Bibliotecária), Mariza Pinheiro de Oliveira (Jornalista e de Artes Visuais), e dos técnicos: Rildo Ferreira Coelho (Designer de Interiores), Bertrand Martins (Licenciado em Artes Visuais), Alexandra Matos (Arquiteta e Urbanista), Rosaly Ferraz da Costa Nascimento (Arquiteta e Urbanista), Piedade Farias (Restauradora), Rosane Coutinho Pereira Lacet (Bibliotecária), Everton Fernandes de Lima e Joana Ferreira de Araújo (graduandos em Biblioteconomia), Sheila Larissa Araújo da Silva, Ellen Pereira da Silva, Nataniel José Amorim Fiuza, Lilian de Mendonça Pereira, Edneide Carvalho Anjos de Menezes, Ronieli Victor da Silva, Marcilio Herculano da Costa, à época, graduandos em Arquivologia. Todos voluntários e, posteriormente, dois deles se tornaram bolsistas de extensão; Marisa Pires Rodrigues (Museóloga), Antônio da Silva Sobrinho Junior (Engenheiro Civil), Elenice dos Santos Monteiro (Cerimonialista).

Com vistas a responder essa indagação, traçamos os nossos objetivos:

1.1 OBJETIVOS

Esta seção traça o objetivo geral da pesquisa, bem como os objetivos específicos, imprescindíveis ao alcance do primeiro.

1.1.1 Objetivo Geral

- a) Compreender o papel da música na formação infomemorial e identitária do artista plástico Hermano José.

1.1.2 Objetivos Específicos

- a) Mapear e descrever o acervo fonográfico do artista plástico Hermano José, contido em seu arquivo pessoal;
- b) Evidenciar o gosto musical e a preferência predominante do artista;
- c) Caracterizar os gêneros musicais, considerando autores e intérpretes que mais se repetem no acervo fonográfico do titular;
- d) Elaborar uma listagem dos discos de vinil que compõem o arquivo do artista plástico Hermano José.

A dissertação encontra-se organizada em 8 (oito) capítulos que se interconectam. O primeiro é intitulado: **NA BEIRA DO MAR: andei meu bem andei**. Trata-se do texto introdutório que apresenta e discute a justificativa e a problemática, convergindo para a pergunta norteadora da pesquisa, bem como seus objetivos geral e específicos.

O capítulo denominado **SINFONIA METODOLÓGICA** aborda alguns conceitos pertinentes ao universo em que nossa pesquisa se encontra inserida metodologicamente. Neste sentido, trouxemos um aporte conceitual detalhado com vistas a delimitar o nosso objeto de estudo, situando a pesquisa no escopo da CI. O método escolhido para o desenvolvimento desta pesquisa parte do paradigma indiciário de Carlo Ginzburg, com o intuito de estabelecer uma construção argumentativa pautada na busca e na análise de vestígios, pistas ou fragmentos que possam ter relação direta ou indireta entre o objeto e o problema proposto.

O desenvolvimento teórico-conceitual do nosso trabalho se deu no capítulo **INFORMAÇÃO, MEMÓRIA E IDENTIDADES: notas de si**. Nele, apresentamos alguns conceitos pertinentes à compreensão do termo Informação, considerando as principais características

discutidas entre autores na seara da Ciência da Informação. No decorrer deste capítulo, fundamentamos o nosso diálogo partindo do princípio de que a Informação alimenta a Memória, o que consequentemente alimenta as Identidades. Neste sentido, construímos o nosso discurso trazendo à baila algumas das identidades hermanianas para entendermos o conjunto de papéis exercidos por Hermano José em sua trajetória.

Ancorados no conceito de trajetória proposto pelo teórico Bourdieu (1996), o quarto capítulo intitulado **NA TESSITURA DE HERMANO JOSÉ: conhecendo o seu “uni-verso”**, compreende o indivíduo através de seus percursos e itinerários. Assim, reunimos alguns fragmentos na literatura existente, bem como algumas declarações e entrevistas concedidas por Hermano, para tecermos a trajetória e os caminhos percorridos pelo artista enquanto indivíduo, fruto das relações interpessoais e formado com base no coletivo.

No quinto momento da nossa caminhada, mais precisamente no capítulo denominado **DA INFORMAÇÃO AOS DOCUMENTOS: o Arquivo Pessoal enquanto suporte infomemorial**, aprofundamos o conceito de documento trazendo alguns dos autores no âmbito da CI e, assim, apresentamos algumas perspectivas que fogem dos documentos tidos como tradicionais, ou seja, aqueles condicionados ao suporte em papel. Nas seções seguintes deste capítulo discutiremos como se formam os conjuntos documentais em acervos pessoais, caracterizando o conceito de arquivo produzido, acumulado ou recebido por pessoa física. Neste sentido, tomaremos como exemplo o espólio documental deixado por Hermano José, compreendido por sua casa e pelo acervo, elencando algumas particularidades, fruto de suas identidades enquanto artista plástico e colecionador.

No capítulo denominado **ACERVOS FONOGRÁFICOS: entendendo o documento sonoro**, apresentamos algumas discussões teóricas que privilegiam o documento sonoro. Assim, tomamos como base o acervo fonográfico de Hermano José, composto por mais de 2.500 CDs e discos de vinil, contemplados pelos mais variados gêneros musicais.

Com vistas a atingir a exequibilidade do nosso estudo, optamos por privilegiar os discos de vinil do acervo. Neste sentido, apresentamos os procedimentos aplicados referentes à listagem e ordenação dos discos, facilitando o acesso e possibilitando conhecermos, através do espólio, a predileção sonora de Hermano. Ainda no que se refere ao acervo discográfico, elencamos uma seção que investiga as especificidades dos documentos em questão, particularidades que foram providenciais para a construção argumentativa do capítulo seguinte.

No penúltimo capítulo, **NARRATIVAS SONORAS: notas que se traduzem**, trazemos um mapa investigativo evidenciando alguns fragmentos considerados substanciais no quadro de relações entre Hermano e a música. Neste momento do nosso estudo destacamos alguns vestígios e pistas que tiveram relação direta e indireta no processo de construção identitária

hermaniana. Assim, para respondermos à questão-problema da nossa propositura, levantamos alguns fragmentos contidos em declarações e entrevistas manuscritas, impressas, bibliográficas e em **vídeos**, correlacionando com o acervo discográfico do artista.

Por fim, no capítulo das **DERRADEIRAS CONSONANTES**, apresentamos o nosso olhar sobre os caminhos trilhados até a conclusão da pesquisa, destacando a importância do acervo fonográfico enquanto fonte infomemorial, bem como a relevância da música na construção identitária do artista plástico Hermano José.

Para a execução do nosso estudo foi preciso adotarmos alguns caminhos que permitiram uma construção lógica e fundamentada. Assim, conheceremos adiante os métodos e os procedimentos escolhidos que nos levaram a alcançar os objetivos propostos e, conseqüentemente, possibilitaram a realização da nossa pesquisa.

2 SINFONIA METODOLÓGICA

“O método científico é comprovado e verdadeiro. Não é perfeito, é apenas o melhor que temos. Abandoná-lo, junto com seus protocolos céticos, é o caminho para uma idade das trevas”.

CARL SAGAN

Ao iniciar este capítulo com a citação de Carl Sagan (1934-1996), percebemos o quanto a ciência tem sido fundamental para a nossa sobrevivência e desenvolvimento enquanto espécie, sobretudo nos dias atuais. A ciência é um instrumento poderoso, capaz de remover o véu das sombras e trazer à luz as respostas sobre os incontáveis questionamentos que fazemos, sobre as coisas do mundo e sobre nós mesmos. Gil (2008, p. 3) define a ciência elencando suas principais características. Nas palavras do autor:

a ciência pode ser caracterizada como uma forma de conhecimento objetivo, racional, sistemático, geral, verificável e falível. O conhecimento científico é objetivo porque descreve a realidade independentemente dos caprichos do pesquisador. É racional porque se vale sobretudo da razão, e não de sensação ou impressões, para chegar a seus resultados. É sistemático porque se preocupa em construir sistemas de ideias organizadas racionalmente e em incluir os conhecimentos parciais em totalidades cada vez mais amplas. É geral porque seu interesse se dirige fundamentalmente à elaboração de leis ou normas gerais, que explicam todos os fenômenos de certo tipo. É verificável porque sempre possibilita demonstrar a veracidade das informações. Finalmente, é falível porque, ao contrário de outros sistemas de conhecimento elaborados pelo homem, reconhece sua própria capacidade de errar.

A única forma de conhecermos a realidade e aprendermos sobre ela e os elementos que a compõe se dá através da pesquisa, alinhavada de instrumentos que nos ajudem a decifrar os enigmas, em especial aqueles imersos no oceano do social. A pesquisa, compreendida enquanto processo, requer que o pesquisador exerça um enumerado de ações com o intuito de responder a uma indagação norteadora e alcançar os objetivos propostos.

De acordo com Gil (2010), uma pesquisa pode ser definida como um processo formal e sistemático. Ela é realizada objetivando desvendar respostas para determinados problemas. Para tanto, faz-se necessária a aplicação de procedimentos técnicos e teóricos, proporcionando ao pesquisador meios para o alcance de seus objetivos. De acordo com Prodanov e Freitas (2013, p. 73):

Pesquisa é a construção de conhecimento original de acordo com certas exigências científicas. Para que um estudo seja considerado científico, devem ser observados

critérios de coerência, consistência, originalidade e objetivação. É desejável que uma pesquisa científica preencha os seguintes requisitos: a existência de uma pergunta a que desejamos responder; a elaboração de um conjunto de passos que permitam chegar à resposta; a indicação do grau de confiabilidade na resposta obtida.

Quando nos propusemos a mergulhar no acervo de Hermano José, inevitavelmente fomos instigados a refletir sobre a relação do acervo e seu titular. Essa aparente inquietude se multiplica ao descortinamos uma multiplicidade de tipologias documentais pertencentes ao acervo. Por se tratar de um acervo pessoal, levamos em consideração as subjetividades do sujeito, respeitando suas especificidades e o ambiente no qual estamos inseridos.

De acordo com Richardson (2012), apesar de não existir uma fórmula exclusiva para a realização da nossa empreitada, nesse processo voltado à compreensão de problemas e à resolução destes, algumas técnicas podem ser adotadas para a obtenção de resultados mais satisfatórios e pertinentes às questões e é pesquisando que se descobrem as repostas para os fenômenos que nos rodeiam, para que possamos descrevê-los da melhor maneira. Neste sentido, Prodanov e Freitas (2013) corroboram:

A pesquisa científica é uma atividade humana, cujo objetivo é conhecer e explicar os fenômenos, fornecendo respostas às questões significativas para a compreensão da natureza. Para essa tarefa, o pesquisador utiliza o conhecimento anterior acumulado e manipula cuidadosamente os diferentes métodos e técnicas para obter resultado pertinente às suas indagações (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 48).

Durante esse processo, o pesquisador utiliza-se de métodos racionais e sistemáticos e, apesar de não haver um roteiro exclusivo, cada pesquisa ou procedimento a ser seguido dependerá do problema que se apresenta. Em linhas gerais, a pesquisa é realizada para responder questões particulares ou apresentar soluções para determinadas indagações a respeito dos fenômenos (MENESES; SILVA, 2005).

De antemão, para a realização da nossa imersão junto aos documentos do acervo de Hermano José, faz-se preciso buscarmos um método que nos auxilie e nos ajude a extrair as respostas frente aos questionamentos pertinentes à compreensão da relação entre o acervo e o seu titular. Quando se trata da importância da escolha do método para a realização de uma pesquisa, as autoras Marconi e Lakatos (1991, p. 32) destacam:

Todas as ciências caracterizam-se pela utilização de métodos científicos; em contrapartida, nem todos os ramos de estudo que empregam estes métodos são ciências. Dessas afirmações podemos concluir que a utilização de métodos científicos não é da alçada exclusiva da ciência, mas não há ciência sem o emprego de métodos científicos. Assim, o método é o conjunto das atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo – conhecimentos válidos e verdadeiros –, traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando as decisões do cientista.

Gil (1999) aponta que a escolha de um método para realização de uma investigação científica deve estar pautada na adoção de procedimentos racionais e que privilegiem o uso de instrumentos técnicos, ou seja, sua escolha consiste no conjunto de processos e operações que seguem uma linha de raciocínio de forma ordenada e sistemática. De acordo com Tartuce (2006, p. 12):

Os métodos científicos são as formas mais seguras inventadas pelos homens para controlar o movimento das coisas que cerceiam um fato e montar formas de compreensão adequada dos fenômenos. [...] Método Científico é a expressão lógica do raciocínio associada à formulação de argumentos convincentes. Esses argumentos, uma vez apresentados, tem por finalidade informar, descrever ou persuadir um fato.

O método é o caminho que o pesquisador deve tomar para chegar à conclusão de um problema. Durante esse trajeto, algumas escolhas devem ser feitas visando a otimização do tempo, visando uma melhor aplicabilidade das ferramentas que auxiliarão a nossa busca de maneira coordenada. Neste sentido, os autores Prodanov e Freitas (2013, p. 24) destacam que o “[...] método é um procedimento ou caminho para alcançar determinado fim e que a finalidade da ciência é a busca do conhecimento. Podemos dizer que o método científico é um conjunto de procedimentos adotados com o propósito de atingir o conhecimento”.

Ao compreendermos a importância dos métodos, partiremos então para a nossa metodologia de pesquisa, explicando o caminho a ser percorrido e reunindo todos os instrumentos necessários para o nosso estudo. As autoras Gerhardt e Silveira (2009, p. 15) explicam que:

É importante salientar a diferença entre metodologia e métodos. A metodologia se interessa pela validade do caminho escolhido para se chegar ao fim proposto pela pesquisa, portanto, não deve ser confundida com o conteúdo (teoria), nem com os procedimentos (métodos e técnicas). Dessa forma, a metodologia vai além da descrição dos procedimentos (método e técnicas a serem utilizados na pesquisa), indicando a escolha teórica realizada pelo pesquisador para abordar o objeto de estudo.

A distinção se faz necessária para entendermos como são divididas e aplicadas cada uma das etapas do percurso metodológico e, assim, caracterizarmos o nosso estudo de acordo com os métodos utilizados. Nesse sentido, Meneses e Silva (2005, p. 23) discorrem que a metodologia científica deve ser entendida como:

[...] um conjunto de etapas ordenadamente dispostas que você deve vencer na investigação de um fenômeno. Nessas etapas estão incluídos desde a escolha do tema, o planejamento da investigação, o desenvolvimento metodológico, a coleta e a tabulação de dados, a análise dos resultados, a elaboração das conclusões e até a divulgação de resultados.

Destarte, destacamos a importância de um plano metodológico que possibilitará o desenvolvimento desta pesquisa, trabalhando o acervo fonográfico como fonte de informação e

memória na busca da compreensão de seu potencial infomemorial, bem como a sua influência nas múltiplas identidades que Hermano José assumiu ao longo de sua vida.

Para tanto, a caminhada iniciou-se pela pesquisa bibliográfica, objetivando refletir teórica e cientificamente sobre a memória, a informação, o arquivo pessoal, identidade e trajetória, categorias basilares dessa investigação, associadas às fontes bibliográficas sobre a vida e obra de Hermano José. Esse tipo de pesquisa tem como finalidade aprofundar o conhecimento através de obras já publicadas. Conforme destaca Fonseca (2002, p. 32), ela realiza-se:

[...] a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto.

Uma pesquisa bibliográfica é composta por um levantamento dos trabalhos realizados até então, referentes ao objeto a ser estudado. Assim, Bastos e Ferreira (2016, p. 145) ressaltam que:

A pesquisa bibliográfica é um tipo de pesquisa que utiliza fontes bibliográficas, consideradas também como fontes secundárias, para responder ao problema da pesquisa. Todas as pesquisas são também do tipo bibliográfico, ou seja, podem ser de diferentes tipos: estudo de caso, levantamentos, pesquisa experimental, mas não há como prescindir da pesquisa bibliográfica. Conforme o problema é definido, o pesquisador poderá realizar um estudo somente por meio da pesquisa bibliográfica, ou seja, somente a partir de fontes que passaram por tratamento científico.

Esses materiais podem nos propiciar indícios e dados, ou seja, elementos relevantes e atualizados no que tange ao tema de pesquisa. Neste sentido, Marconi e Lakatos (2003, p. 158) destacam que:

A pesquisa bibliográfica é um apanhado geral sobre os principais trabalhos já realizados, revestidos de importância, por serem capazes de fornecer dados atuais e relevantes relacionados com o tema. O estudo da literatura pertinente pode ajudar a planificação do trabalho, evitar publicações e certos erros, e representa uma fonte indispensável de informações, podendo até orientar as indagações.

A partir do material já existente sobre o tema, o pesquisador tem a possibilidade de mergulhar em livros e artigos, permitindo uma abrangência maior dos fenômenos que já foram estudados, evitando uma dispersão e otimizando o tempo do pesquisador em relação a alguns dados que talvez não estivessem ao seu alcance e que, conseqüentemente, poderiam inviabilizar a pesquisa. Segundo Prodanov e Freitas (2013, p. 54), uma pesquisa que utiliza fontes bibliográficas ocorre:

[...] quando elaborada a partir de material já publicado, constituído principalmente de: livros, revistas, publicações em periódicos e artigos científicos, jornais, boletins, monografias, dissertações, teses, material cartográfico, internet, com o objetivo de colocar o pesquisador em contato direto com todo material já escrito sobre o assunto da pesquisa. Em relação aos dados coletados na internet, devemos atentar à confiabilidade e fidelidade das fontes consultadas eletronicamente. Na pesquisa bibliográfica, é importante que o pesquisador verifique a veracidade dos dados obtidos, observando as possíveis incoerências ou contradições que as obras possam apresentar.

Para Lakatos e Marconi (2003), quando nos propomos a levantar os trabalhos mais significativos, traçamos um roteiro que nos permitirá revisitar a literatura existente e servirá de fonte substancial. Assim, além de orientar a pesquisa, tais subsídios podem se tornar indispensáveis. Neste sentido, Prodanov e Freitas (2013, p. 80) corroboram:

O levantamento bibliográfico é um apanhado geral sobre os principais documentos e trabalhos realizados a respeito do tema escolhido, abordados anteriormente por outros pesquisadores para a obtenção de dados para a pesquisa. Essa bibliografia deve ser capaz de fornecer informações e contribuir com a pesquisa. O levantamento é realizado de acordo com um dos dois tipos de pesquisa, dependendo do tema escolhido: o método de pesquisa documental e o método de pesquisa bibliográfico.

Para a realização do nosso estudo, tomamos como referência duas obras publicadas sobre o artista Hermano José. A primeira, intitulada *Hermano José*, foi publicada em 2003 pelo próprio Hermano e consiste em uma retrospectiva dos trabalhos artísticos realizados pelo autor, reunindo de forma parcial sua caminhada desde a infância, vida adulta e as vertentes e técnicas adotadas em sua trajetória enquanto artista plástico. O livro destaca uma coleção representativa dos trabalhos desenvolvidos por Hermano José, explorando a versatilidade das técnicas adotadas pelo artista como pintura, gravura e desenho, bem como alguns dados biográficos, fotografias de momentos marcantes de sua vida e das relações profissionais que exerceu no contexto das artes (JOSÉ, 2003).

A segunda referência trata-se de uma biografia escrita por Andrade (2013), intitulada *A vida luminosa de Hermano José*. A autora faz um levantamento exaustivo, trazendo materiais e elementos mais detalhados sobre a vida e a obra de Hermano José e delineando os caminhos percorridos pelo artista e algumas funções que ele desempenhou durante a vida.

Quando se trata de um levantamento histórico, os materiais já publicados são indispensáveis, possibilitando balizarmos e direcionarmos o nosso estudo. No entanto, pesquisas que utilizam fontes secundárias devem adotar uma severa revisão e, se possível, o pesquisador deve comparar os dados existentes em face de novos dados, uma vez que, neste tipo de pesquisa, os estudos podem sofrer com a falta de aprofundamento e ainda replicar o que já fora estudado sobre o tema (GIL, 2008).

É importante destacarmos que, para além do uso de materiais já publicados sobre o objeto de pesquisa, também pretendemos nos debruçar sobre a literatura proposta para o nosso campo de estudo, ou seja, a literatura pertinente à Ciência da Informação. Nesse ínterim, trazemos para o diálogo algumas teorias do campo da memória e das identidades, correlacionando à importância do documento para compreendermos a relação do acervo fonográfico junto ao seu titular, caracterizando-o enquanto suporte da memória. Neste sentido, Prodanov e Freitas (2013, p. 80) defendem que:

O estudo da literatura ajudará na organização do trabalho e servirá de suporte no momento do direcionamento e da planificação da pesquisa, possibilitando que o pesquisador faça um recorte do que será importante ou não nas etapas do trabalho, como também no levantamento da hipótese da pesquisa. Isso permite a definição do método a ser utilizado e, conseqüentemente, dos procedimentos e instrumentos para a investigação científica.

Apesar de usarmos fontes secundárias, em um primeiro momento, a pesquisa trouxe outros elementos inéditos que contribuíram para redesenhar o cenário identitário hermaniano, acrescidos de fontes primárias de informação. O artista doou todo o seu acervo para a UFPB e esse material contempla fontes informacionais inexploradas, possibilitando novos olhares e acréscimos ao debate que envolve a trajetória de Hermano José.

As fontes de informação podem ser categorizadas em três tipos: primária, secundária e terciária. As fontes primárias são compostas por informações originais e ainda inexploradas e que podem subsidiar novas interpretações. As fontes elencadas como secundárias são tidas como os registros produzidos a partir da informação primária, oferecendo uma visão sintetizada do que já fora pesquisado anteriormente. E, por fim, as fontes terciárias consistem em um apurado do que já foi produzido sobre um determinado objeto e reúne, basicamente, o que já foi publicado (CAMPELLO; CAMPOS, 1993).

Quanto ao tipo, essa pesquisa configura-se como descritiva ao tomarmos o acervo fonográfico como objeto, pois estamos analisando, descrevendo e interpretando o fenômeno investigado e os estudos descritivos permitem identificar as características desses fenômenos. Os estudos descritivos possibilitam a medição, a avaliação, bem como a coleta de dados sobre diversos aspectos, dimensões ou componentes do fenômeno a ser pesquisado (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2006).

De acordo com Gil (2008), as pesquisas de cunho descritivo visam a descrição de determinados fenômenos e das relações que circundam o objeto estudado. As pesquisas norteadas por esse método utilizam primordialmente a coleta de dados para delimitar a natureza das relações, aproximando-se bastante do método explicativo e proporcionando um outro olhar

sobre o tema abordado, configurando e caracterizando o conjunto de variáveis e problemas que envolvem o objeto. De acordo com Lakatos e Marconi (2003, p. 28):

As pesquisas deste tipo têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis. São inúmeros os estudos que podem ser classificados sob este título e uma de suas características mais significativas está na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados.

Na pesquisa descritiva o pesquisador coleta e ordena os dados, procurando compreender as relações entre as variáveis e a causa dos fenômenos, utilizando técnicas e instrumentos específicos que proporcionam uma nova visão sobre o tema abordado. Em alguns casos, o processo de construção pode ser confundido com uma pesquisa explicativa, uma vez que o pesquisador fornece novas interpretações em relação ao objeto e suas variáveis (PRODANOV; FREITAS, 2013). Neste sentido,

Os estudos descritivos exigem do investigador, para que a pesquisa tenha certo grau de validade científica, uma precisa delimitação de técnicas, métodos, modelos e teorias que orientarão a coleta e interpretação dos dados. A população e a amostra devem ser claramente delimitadas, da mesma maneira, os objetivos do estudo, os termos e as variáveis, as hipóteses, as questões de pesquisa etc. (TRIVIÑOS, 1987, p. 56).

Ao tomarmos o acervo fonográfico como meio de observamos a influência da música na vida de Hermano José e sua relação na formação memorial e identitária do artista, buscou-se a compreensão dessa realidade social e de seu cotidiano. O método descritivo nos permitiu compreender esse acervo, apresentando suas especificidades e possibilitando registrar, categorizar e classificar os dados coletados para posteriormente tecer um diálogo entre as fontes descritas (PRODANOV; FREITAS, 2013).

A nossa pesquisa teve como recorte documental de análise o acervo fonográfico de Hermano José e, para podermos analisar estes documentos, fez-se necessário categorizá-los de acordo com suas características físicas e de conteúdo, perspectiva que se coadunou com a opção metodológica de cunho qualitativo. Esse tipo de abordagem advém de uma ação consciente do pesquisador sobre a realidade social, tendo como objetivo intervir na realidade para transformá-la ou para conservá-la (ALVES; AQUINO, 2012).

Na perspectiva do autor Triviños (1987), a pesquisa qualitativa é essencialmente descritiva e, para explicar os fenômenos, utiliza-se de alguns elementos como textos, declarações, imagens etc. que auxiliem na construção da narrativa.

A pesquisa qualitativa com apoio teórico na fenomenologia é essencialmente descritiva. E como as descrições dos fenômenos estão impregnadas dos significados que o

ambiente lhes outorga, e como aquelas são produto de uma visão subjetiva, rejeita toda expressão quantitativa, numérica, toda medida. Desta maneira, a interpretação dos resultados surge como a totalidade de uma especulação que tem como base a percepção de um fenômeno num contexto. Por isso, não é vazia, mas coerente, lógica e consistente. Assim, os resultados são expressos, por exemplo, em retratos (ou descrições), em narrativas, ilustradas com declarações das pessoas para dar o fundamento concreto necessário, com fotografias etc., acompanhados de documentos pessoais, fragmentos de entrevistas etc. (TRIVIÑOS, 1987, p. 128).

A pesquisa qualitativa considera a relação entre a realidade e o sujeito primando por sua subjetividade, que não pode ser codificada em números. A caracterização dos fenômenos conferindo-lhes significados e o respeito aos ambientes estudados são premissas básicas do método qualitativo. O pesquisador torna-se peça fundamental no processo da coleta de dados, analisando-os de forma indutiva na descrição da realidade e dos fenômenos (MENESES; SILVA, 2005).

Com relação à pesquisa qualitativa, Kauark, Manhães e Medeiros (2010, p. 26) corroboram:

[...] há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. É descritiva. Os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem.

Alves e Aquino (2012) ressaltam que a pesquisa qualitativa pode ser percebida como uma práxis que visa a compreensão, a interpretação e a explicação de um conjunto delimitado de acontecimentos vividos pelo indivíduo, resultantes de múltiplas interações, dialeticamente consensuais e conflitivas.

Diferente da pesquisa quantitativa, o método qualitativo privilegia o processo e o ambiente da pesquisa, respeitando as subjetividades dos sujeitos e considerando a dinamicidade das relações, com vistas a interpretar os fenômenos para gerar novas concepções.

Para Gerhardt e Silveira (2009, p. 34), as principais características de uma pesquisa de cunho qualitativo são:

[...] objetivação do fenômeno; hierarquização das ações de descrever, compreender, explicar, precisão das relações entre o global e o local em determinado fenômeno; observância das diferenças entre o mundo social e o mundo natural; respeito ao caráter interativo entre os objetivos buscados pelos investigadores, suas orientações teóricas e seus dados empíricos; busca de resultados os mais fidedignos possíveis; oposição ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências.

O artista Hermano José dispunha, em seu acervo fonográfico, de um generoso volume documental e a pesquisa se propõe a trabalhar este acervo enquanto fonte de informação pri-

mária. Nesse sentido, as fontes utilizadas neste trabalho o caracterizam enquanto uma pesquisa documental.

Em uma pesquisa de cunho documental, todos os elementos tangíveis e intangíveis podem e devem ser considerados fontes de informação até que haja uma seleção destes pelo pesquisador. No caso do acervo fonográfico de Hermano José, todos os documentos serão considerados fontes de informação independente da natureza do suporte, desde que tenham relação direta ou indireta com o nosso estudo. Assim, para fins de avaliação e análise, podemos compreender o documento como:

[...] qualquer registro que possa ser usado como fonte de informação, por meio de investigação, que engloba: observação (crítica dos dados na obra); leitura (crítica da garantia, da interpretação e do valor interno da obra); reflexão (crítica do processo e do conteúdo da obra); crítica (juízo fundamentado sobre o valor do material utilizável para o trabalho científico) (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 56).

Segundo Marconi e Lakatos (2008), na pesquisa documental a fonte de coleta de dados pode ser adquirida em documentos escritos ou não, constituindo o que se denomina de fontes primárias. Logo, o acervo fonográfico, considerado documento especial, representa a fonte primária tratada e trabalhada nesta pesquisa. Neste sentido, as autoras discorrem:

Os documentos de fonte primária são aqueles de primeira mão, provenientes dos próprios órgãos que realizaram as observações. Englobam todos os materiais, ainda não elaborados, escritos ou não, que podem servir como fonte de informação para a pesquisa científica. Podem ser encontrados em arquivos públicos ou particulares, assim como em fontes estatísticas compiladas por órgãos oficiais e particulares. Incluem-se aqui como fontes não escritas: fotografias, gravações, imprensa falada (televisão e rádio), desenhos, pinturas, canções, indumentárias, objetos de arte, folclore etc. (LAKATOS; MARCONI, 1991, p. 43).

Podemos compreender a pesquisa documental como uma narrativa construída a partir dos documentos que certificam o passado, indicando os contextos de criação, produção material e leitura, ausentes no objeto e que carregam intrinsecamente informações importantes na compreensão de sua relação, neste caso, com o titular do acervo (ZILBERMAN *et al.*, 2002).

Siena (2007) discorre que uma pesquisa com base documental parte da análise de documentos que ainda não passaram por tratamento. Assim, o autor enfatiza que:

[...] este tipo possui características semelhantes às aquelas referidas para pesquisa bibliográfica, diferindo desta em relação às fontes dos dados. A pesquisa documental é elaborada utilizando materiais (documentos, banco de dados, etc.) que não receberam tratamento analítico ou que podem ser reelaborados pelo pesquisador. O tipo de análise também depende dos objetivos da pesquisa e pode assumir formas diversas, desde a análise de conteúdo (perspectiva qualitativa ou quantitativa) até estudos essencialmente quantitativos (SIENA, 2007, p. 67).

Para a realização da nossa pesquisa foram elaboradas listas inventariais com o objetivo de identificar os títulos e os gêneros musicais, possibilitando um mapeamento do acervo no que se refere ao estado de conservação e o quantitativo possível a ser trabalhado. Outra vantagem propiciada por este inventário foi a categorização dos conteúdos, permitindo trazer à baila peculiaridades como gosto musical, itens que se repetem, anotações e elementos extrínsecos.

De acordo com Laville e Dionne (1999), documentos desta natureza, apesar de não serem as fontes mais comuns entre a maioria dos pesquisadores, podem dispor de uma gama preciosa de informações. As autoras assinalam que:

Os documentos sonoros e visuais são também portadores de informações úteis, ainda que ocupem menos espaço que os anteriores no campo da pesquisa. Dentre esses documentos, colocam-se os discos e fitas magnéticas, as fitas, pinturas, desenhos, os filmes e vídeos etc. Em suma, tudo o que, em suporte audiovisual, pode veicular informações sobre o humano (LAVILLE; DIONNE, 1999, p. 167).

Para Richardson (2012), quando se trata de pesquisa documental o processo é considerado apaixonante, uma vez que o pesquisador tem o contato com fontes ainda inexploradas, como ocorreu no acervo fonográfico de Hermano, cujos CDs e discos não foram trabalhados em pesquisas anteriores, o que confere um ineditismo nessa investigação científica.

Na trama metodológica, como possibilidade analítica, adotamos os princípios teóricos do método de Análise Indiciária, baseados na formulação do chamado paradigma indiciário. Tal método nos permitiu explicitar, de forma detalhada, a relação entre o titular e seu acervo fonográfico. Destacamos que este método foi desenvolvido por Ginzburg (1989) no contexto das ciências humanas, ancorando-se na semiótica, e versa na busca dos rastros, restos e vestígios capazes de remontar a relação dos fatos analisados com relação ao tempo e suas relações alcançadas.

Coelho (2007) aponta que o método ginzburguiano funciona como uma espécie de caçada em que o pesquisador recolhe as pistas, verifica as pegadas deixadas pela presa e estuda seus rastros para poder compreender seu percurso e definir o próximo passo a seguir. O autor ressalta que o paradigma indiciário já estava presente em todas atividades e ações humanas, seja na alimentação, sobrevivência, cultura, religião, invenções, conflitos e estratégias.

Por milênios o homem foi caçador. Durante inúmeras perseguições, ele aprendeu a reconstruir as formas e movimentos das presas invisíveis pelas pegadas na lama, ramos quebrados, bolotas de esterco, tufos de pêlos, plumas emaranhadas, odores estagnados. Aprendeu a farejar, registrar, interpretar e classificar pistas infinitesimais como fios de barba. Aprendeu a fazer operações mentais complexas com rapidez fulminante, no interior de um denso bosque ou numa clareira cheia de ciladas (GINZBURG, 1989, p. 151).

Segundo o autor, durante anos a humanidade formou um patrimônio cognoscitivo que lhe permitiu um desenvolvimento de condutas e estratégias de busca e compreensão de sua própria natureza, registrando, interpretando e considerando todos os fatores e subjetividades que se encontram nos seres, nos artefatos e nas coisas.

Ao tecer algumas considerações sobre o método indiciário, Rodrigues (2005) destaca que, no exercício do paradigma, precisamos sempre duvidar de tudo o que se apresenta como realidade, visto que existem vestígios e pistas que podem nos ajudar a construir um novo olhar, descortinando o que antes parecia irretocável.

Em primeiro lugar é preciso transformar a realidade num enigma, duvidar do óbvio e tratar a prova e a retórica como partes integrantes e importantes de um mesmo processo, onde a prova documental, as provas extratextuais e a retórica (argumentação) são parte da pesquisa e do processo de construção do conhecimento histórico. O núcleo do paradigma indiciário é o postulado segundo o qual a realidade, pelo menos em certos aspectos, se apresenta opaca, mas existem certos pontos privilegiados – os indícios, sintomas – que tornam possível decifrá-la (RODRIGUES, 2005, p. 9).

Ao abordarmos o acervo fonográfico de Hermano José, os documentos passam por um novo crivo de avaliação, ou seja, deixam de ser apenas um conglomerado de artefatos sonoros e passam a constituir uma coleção, produto da intencionalidade do ser. Neste sentido, optamos pela aplicação deste método para a análise do nosso *corpus*, ancorados na necessidade de interpretar, registrar e classificar possibilidades, aproximando-se ainda mais do objeto pesquisado do titular do acervo e vice-versa.

Apesar de trabalharmos com as subjetividades do sujeito e suas relações, o método não diminui a cientificidade da pesquisa, apenas permite que o pesquisador saia da zona de conforto em seguir regras metódicas e possa ampliar o leque de possibilidades de estudo. Neste sentido,

O método trabalha com aquilo que já foi vivido na prática historiográfica, permitindo, a partir de fragmentos, compreender toda uma rede de relações sociais dentro de uma temporalidade específica. Permite ainda trabalhar de forma conjectural e interpretativa, sem, no entanto, abrir mão da cientificidade, estabelecendo um ponto de equilíbrio entre o rigor científico e a flexibilidade necessária à utilização da sensibilidade do pesquisador no desenvolvimento da pesquisa (MOREIRA, 2005, p. 3).

No escopo do social, a realidade deve ser observada por um prisma que direcione seus raios de luz sobre o conjunto de relações que o indivíduo estabelece e vivencia no coletivo. A coleção, ao ser categorizada, além de permitir que possamos conhecer as especificidades do acervo, poderá revelar aspectos da relação do artista com a música, sob uma ótica infomemorial e identitária construída com base no coletivo. No entanto, é preciso que o pesquisador disponha de uma sensibilidade que o ajude a estabelecer estas conexões, como bem apontado por Moreira (2005).

A sensibilidade foi um dos pontos determinantes para a escolha desse método. Ser um músico fez com que houvesse uma aproximação e um interesse singular do pesquisador junto aos documentos sonoros do acervo hermaniano, não apenas pelo seu teor informacional, mas também memorialístico e cultural. Assim, Rodrigues (2005, p. 6) destaca:

O paradigma indiciário valoriza a aproximação emocional do observador com o seu objeto, os traços e o conhecimento individuais em detrimento à generalização. A verdade é o que se consegue provar, às vezes, com auxílio da sensibilidade (emoção) e da razão, porque o absoluto é inatingível.

O pesquisador, ao adotar o método indiciário, exerce o papel de um detetive que, ao investigar, tece uma observação do todo, sem descartar os fatos considerados pequenos ou irrelevantes. Em outro momento, pode ser comparado com uma espécie de médico que trabalha com indícios mudos, identificando os sintomas até chegar ao “diagnóstico”. Coelho (2007, p. 27) enfatiza:

Um médico atento aos detalhes e que aprendeu a duvidar das evidências, desenvolve um olhar treinado como um detetive à caça de pistas reveladoras. Evita a análise superficial e as conclusões precoces. Descobre que o diagnóstico resulta de uma análise detetivesca do processo saúde-doença.

Ao analisar o acervo fonográfico, precisamos partir de um olhar clínico, não para sanar uma enfermidade, mas para termos uma melhor compreensão sobre as particularidades dos documentos sonoros pertencentes ao acervo. No entanto, além da sensibilidade, é preciso treinar nosso olhar para identificar o que em um primeiro momento nos foge, utilizando-se de técnicas e instrumentos metodológicos que melhor nos auxiliem durante o processo.

Ginzburg (1989, p. 178) aponta que “[...] ninguém aprende o ofício de conhecedor ou de diagnosticador limitando-se a pôr em prática regras preexistentes. Nesse tipo de conhecimento entram em jogo elementos imponderáveis: faro, golpe de vista, intuição”.

Para Rodrigues (2005), faz-se necessário um equilíbrio entre o rigor científico e a sensibilidade, pois

O conhecimento é possível neste paradigma através da relação Razão e Emoção, e não na oposição Racionalismo versus Irracionalismo marcada pela oposição lógica, por exemplo, entre parte e todo, aparência e essência, sincrônico e diacrônico, histórico e lógico, universal e singular, sujeito e objeto, passado e presente, teoria e prática etc. (RODRIGUES, 2005, p. 6).

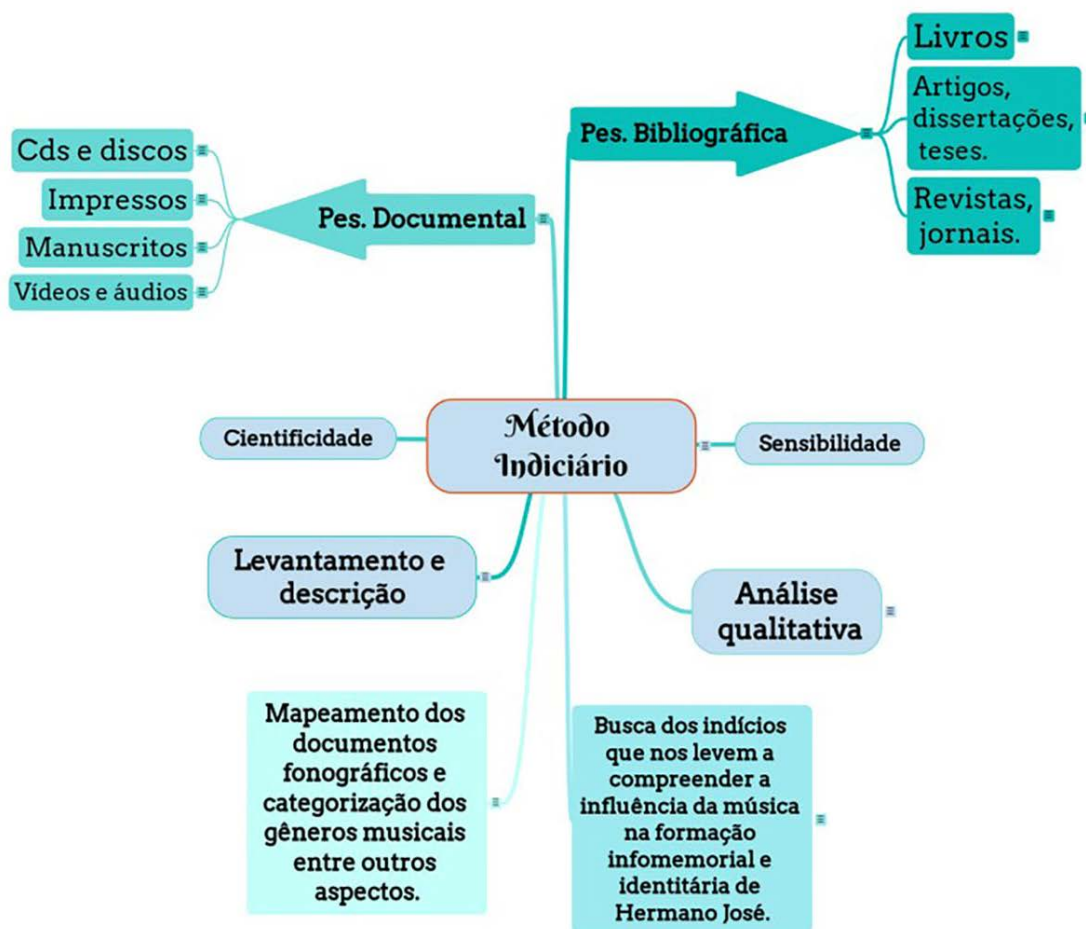
Ao adotarmos o método indiciário, optamos por uma forma de narrar a relação de Hermano junto ao seu acervo através de indícios, fragmentos, pistas e especificidades, fundamentando nossa construção nos detalhes que permitem conjecturarmos sobre a realidade. No en-

tanto, toda pesquisa deve ancorar-se em um arcabouço teórico que fundamente as premissas levantadas, com vistas a garantir o seu grau de cientificidade. Assim, Prodanov e Freitas (2013, p. 42) assinalam que:

A pesquisa científica é a realização de um estudo planejado, sendo o método de abordagem do problema o que caracteriza o aspecto científico da investigação. Sua finalidade é descobrir respostas para questões mediante a aplicação do método científico. A pesquisa sempre parte de um problema, de uma interrogação, uma situação para a qual o repertório de conhecimento disponível não gera resposta adequada. Para solucionar esse problema, são levantadas hipóteses que podem ser confirmadas ou refutadas pela pesquisa.

Para uma melhor compreensão do nosso caminhar metodológico e de como se deu a aplicabilidade da nossa análise, elaboramos o Quadro 1.

QUADRO 1 - Etapas da pesquisa



FONTE: Elaborado pelo autor (2021)

Em um primeiro momento, fizemos um levantamento dos materiais publicados sobre a vida e a obra de Hermano José. Esse material foi composto por livros, artigos, dissertações, teses, revistas e jornais, ou seja, a bibliografia, com fontes secundárias de informação.

Em um segundo momento, nos debruçamos sobre os documentos sonoros, com vistas a retomar e finalizar a listagem dos itens documentais do acervo fonográfico. É importante frisar que essa listagem foi iniciada pela equipe integrante do projeto, em 2016, ainda na residência do artista, no entanto, devido às obras de reestruturação e reforma previstas para o imóvel, o acervo precisou ser transportado para UFPB, acarretando na pausa dos trabalhos de listagem dos documentos fonográficos e, conseqüentemente, o redirecionamento da equipe para a execução de outras atividades dentro do acervo, conforme será relatado mais adiante.

Na análise do material, transcrevemos os títulos e anos dos CDs e discos de vinil. A seleção e distribuição se deu pelo formato, respeitando as características físicas dos documentos. A partir das categorias musicais existentes, as listas foram submetidas a uma triagem em que os títulos foram reordenados de acordo com o gênero musical e obedeceram a uma ordem alfabética, para facilitar a leitura do acervo.

O fato de ser uma pesquisa de cunho qualitativo nos permite relacionar todo o material coletado, ou seja, ao mesmo tempo em que reunimos os indícios, fragmentos, vestígios e pistas, poderemos vislumbrar algumas conexões dentro do levantamento e, posteriormente, trazer algumas considerações, fundamentando nosso diálogo a partir da tríade informação-memória-identidade, tomando o acervo fonográfico do artista como fonte primária. Neste sentido, Ginzburg (1989) confere ao pesquisador o ofício de um tecelão no tear denso da construção do saber e do conhecimento.

Poderíamos comparar os fios que compõem a pesquisa aos fios de um tapete. Chegados a este ponto, vemo-los a compor-se numa trama densa e homogênea. A coerência do desenho é verificável percorrendo o tapete com os olhos em várias direções. [...] O tapete é o paradigma que chamamos a cada vez, conforme os contextos, de venatório, divinatório, indiciário ou semiótico (GINZBURG, 1989, p. 170).

No capítulo seguinte abordaremos algumas concepções teóricas pertinentes à Informação, Memória e Identidade, compreendendo os aspectos formativos do sujeito social e como se constituem os artefatos de memória. Estas discussões poderão fundamentar o nosso quadro teórico-metodológico, visando a reflexão do papel dos documentos sonoros e seu caráter infomemorial na formação identitária do artista Hermano José.

3 INFORMAÇÃO, MEMÓRIA E IDENTIDADES: notas de si

*“Naquela mesa ele contava histórias, que hoje na memória eu guardo
e sei de cor...”*

Naquela mesa tá faltando ele e a saudade dele tá doendo em mim”.

TRECHO DA CANÇÃO: NAQUELA MESA POR SÉRGIO BITTENCOURT¹

A canção de Sérgio Bittencourt, eternizada pela voz tonante de Nelson Gonçalves, nos faz refletir sobre a música e a poesia enquanto gatilhos da memória. A letra carregada de lembranças, sentimentos e divãs, foi composta especialmente em forma de tributo à memória de Jacob do Bandolim², pai de Sérgio. Os elementos materiais (uma mesa, um bandolim, uma casa e um jardim) são recorrentes na música e acabam se fundindo com as sensações de afeto, saudosismo e inspiração, construindo um rememorar nostálgico em que tais elementos podem ser compreendidos ao que Asmann (2011) denominou de “espaços da recordação”.

Os objetos ganham uma valoração diferenciada, pois carregam agora a silhueta do homenageado. A mesa já não será a mesma na manhã seguinte, nas paredes ecoa agora o silêncio, as flores do jardim já não irão balançar ao som do bandolim que antes chorava harmonias primaveris e que hoje o tempo insiste em desafinar no canto da sala, aos poucos as cordas vão desafinando e o que se ouve agora é o som da saudade.

De acordo com Asmann (2011), os objetos são testemunhas do passado. São fragmentos materiais, vestígios, espectros carregados de simbolismo, tornando-se elementos de histórias e narrativas, pontos de referência para a memória cultural. Esses materiais compõem o cenário das recordações, tendo como característica principal a mediação de um passado no presente. São antes de tudo evocadores de memória e não o são por acaso, uma vez que a cada rememorar surge uma nova leitura, uma nova interpretação.

Ao pensarmos nas sinuosidades com que a informação se apresenta, observamos sua dinamicidade e compreendemos como esta pode moldar o que está ao seu redor. Nesse sentido, este capítulo pretende trazer algumas concepções referentes à informação, que atinge seu

¹ Foi um compositor e jornalista. Filho do músico Jacob do Bandolim, Sérgio teve uma infância temperada pelas rodas de choro organizadas por seu pai e vários amigos chorões. O jornalista compôs, postumamente à morte do pai, uma das letras mais amadas do samba e da música popular brasileira. A canção: *Naquela mesa* foi gravada pela cantora Elizeth Cardoso e, posteriormente, por Nelson Gonçalves, entre outros artistas da Mpb. ALBIM, Dicionário Cravo. Sérgio Bittencourt. Disponível em: <https://dicionariompb.com.br/artista/sergio-bittencourt/>

² Considerado um dos maiores bandolinistas da MPB, o compositor Jacob do Bandolim tem seu nome marcado na história do choro e da música brasileira. A sua obra conta com um repertório com cerca de 329 títulos musicais. Regravou sucessos de artistas renomados em ritmo de choro, como: “Lá vem a baiana” de Dorival Caymmi e a canção “Branca” de Zequinha de Abreu. ALBIM, Dicionário Cravo. Jacob do Bandolim. 2021. Disponível em: <https://dicionariompb.com.br/artista/jacob-do-bandolim/>

estado material a partir teorias pertinentes à luz da Ciência da Informação, versando sobre o documento como fonte e suporte infomemorial e identitário; refletindo sobre as linguagens que a informação assume; configurando-se como artefato tangível, ou seja, aquilo que resulta do fazer humano e como este é capaz de alimentar a memória, contribuindo na formação das identidades e da memória coletiva.

3.1 INFORMAÇÃO: elemento essencial

No escopo em que nossa pesquisa está situada, a Ciência da Informação, o conceito envolvendo o termo *informação* tem gerado debates e discussões entre os autores. Apesar de ser considerada uma área institucionalmente nova, Araújo (2014) destaca que a CI dispõe de algumas premissas adotadas pelos autores no que tange à sua classificação enquanto ciência interdisciplinar, pós-moderna, humana e social.

O autor pondera que os embates e os diversos modelos teóricos podem ser vistos como um ponto que enfraquece a consolidação do campo, enquanto outros pesquisadores veem com entusiasmo e consideram a construção do *corpus* teórico da área um processo estimulante e desafiador. Neste sentido, Araújo (2014, p. 27) assinala:

A história da Ciência da Informação tem sido, pois, a história da diversidade. Modelos de compreensão distintos, campos de estudo diversos, variados objetos empíricos têm evidenciado a inexistência de um corpo teórico unificado e acabado. Alguns veem nesta condição um sintoma de imaturidade ou fragilidade. Mas, na verdade, tal característica pode ser vista também como uma potência, um aspecto intelectualmente estimulante.

Os teóricos reconhecem a dinamicidade da CI, visto que o próprio conceito de *informação* apresenta divergências e incongruências entre os autores. De acordo com as nossas leituras, também levantamos que os autores não compactuam se a *informação* pode ser considerada o objeto central de estudo do campo. Assim, Pinheiro e Loureiro (1995, p. 27) destacam:

Em sua evolução, os enfoques teórico-conceituais e epistemológicos acerca da Ciência da Informação têm se caracterizado pela heterogeneidade de suas abordagens. Inúmeros e diferenciados aportes conceituais e definições vêm sendo apresentados. Alguns autores acentuam as características da Ciência da Informação voltadas ao armazenamento, gestão e disseminação da informação, outros ressaltam suas fortes ligações com a tecnologia e há, ainda, aqueles que sublinham sua vinculação aos sistemas de informação e aos processos comunicacionais.

De acordo com Pinheiro (2014), a busca de um conceito para o termo *informação*, dentro dos estudos em CI, torna o próprio termo um objeto indissociável na construção teórica da

área. Nas palavras da autora, mesmo que o termo *informação* não possa ser dimensionado, as demandas e ramificações da Ciência da Informação partem das discussões no que tange a origem, gerenciamento e comunicação da informação. A autora defende que:

Assim, informação, por ser objeto de estudo da Ciência da Informação, permeia os conceitos e definições da área. E, embora informação não possa ser definida nem medida, o fenômeno mais amplo que este campo do conhecimento pode tratar é a geração, transferência ou comunicação e uso da informação, aspectos contidos na definição de Ciência da Informação. Por outro lado, deve ser explicitado que, embora haja relação profunda entre conhecimento e informação, os dois termos são distintos, portanto, não são sinônimos e, na literatura, esta é uma questão recorrente (PINHEIRO, 2004, p. 2).

Nas Ciências Sociais, entre as primeiras contribuições para a CI destacam-se a Teoria Matemática da Comunicação ou Teoria da Informação, por Shannon e Weaver, no final da década de 1940. No que tange aos estudos epistêmicos em *informação*, as ideias defendidas por estes autores influenciaram significativamente no desenvolvimento teórico da CI.

É oportuno esclarecer que, diferentemente da Ciência da Informação, a teoria da informação não se refere ao significado, até porque seu principal criador, Shannon, engenheiro da Bell Company, estava preocupado com a solução de problemas de otimização do custo da transmissão de sinais. Mas o seu sistema de comunicação (fonte de informação, mensagem, transmissor, sinal, sinal recebido, receptor, mensagem e destino) e alguns conceitos como ruído são úteis para a Ciência da Informação e a influenciaram (PINHEIRO, 2004, p. 5).

Ao longo dos anos, as vertentes teóricas que embasam a CI foram se desvencilhando dessa perspectiva tecnicista do conceito de *informação*, criando uma certa autonomia em relação às outras ciências. Apesar da CI continuar a trabalhar a informação sob as perspectivas gerenciais de armazenamento e representação, os horizontes foram ampliados para além dos processos comunicacionais e estritamente tecnológicos.

De acordo com Zeman (1970, p. 156), o termo informação tem origem latina na palavra *informare*, que significa dar “[...] forma, formar, criar, por em forma, ou aparência, criação ou apresentação de uma ideia”. Através destes sinônimos, apresentados pelo autor, compreendemos que os indivíduos selecionam seus signos e a informação se constitui enquanto jogo representacional e comunicacional.

Para o autor Azevedo Netto (2007, p. 5), a informação pode ser considerada artefato e “[...] como artefato, a Informação só tem existência quando é percebida como tal, e só é estabelecida esta percepção quando, de algum modo, em alguma circunstância, é criada uma relação de significação”. O autor complementa:

[...] a informação teria a sua definição centrada no receptor da mesma, já que é este que pode dar noção de sua existência ou não. A origem do sinal que forma a noção de informação, necessariamente não precisa ser humana, mas pode também ser ecológica um sinal meteorológico, um odor, ou um som, como também completamente artificial como o caso da troca de sinais entre máquinas (redes automáticas de computadores, por exemplo). Com isso a informação estaria transitando por diversos meios distintos; natureza, cultura e técnica, mas só teria a sua efetivação enquanto informação quando reconhecida pelo seu receptor humano (AZEVEDO NETTO, 1999, p. 138).

Segundo Martelleto (1987), pelo fato de ser produzida socialmente, a informação pode ser compreendida enquanto objeto cultural. A informação possui propriedades estruturantes e só pode ser reconhecida enquanto tal a partir do receptor, o que pode gerar conflitos, deformidades e distorções. Os teóricos Capurro e Hjørland (2007, p. 192), discutem que:

A informação pode ser identificada, descrita e representada em sistemas de informação para diferentes domínios do conhecimento. É claro que surgem problemas para determinar se uma coisa é informativa ou não para determinado domínio. Alguns domínios têm alto grau de consenso e critérios de relevância explícitos. Outros domínios têm paradigmas diferentes, conflitantes, cada um contendo sua própria visão, mais ou menos implícita, da informatividade dos diferentes tipos de fontes de informação.

Até aqui compreendemos que a informação é um artefato constituído de signos e se firma quando é percebido como tal. Ao longo dos anos, a forma como nos comunicamos foi evoluindo, permitindo que a informação pudesse ser representada nas mais diferentes linguagens, podendo ser registrada e sustentada em diversos suportes, começando pela oralidade, nas pinturas rupestres, nas inscrições em tábuas de argila até os mais avançados sistemas de comunicação dos dias atuais. Assim, a informação se constitui e se dá através de um processo essencialmente representacional. Neste sentido, Capurro (2003) nos apresenta três perspectivas que envolvem o termo, os paradigmas físico, cognitivista e social.

O paradigma *físico* da informação ocorre quando a informação passa a ser representada enfatizando a sua dimensão material, ou seja, quando esta é registrada em um suporte. De acordo com Pacheco (1995, p. 23), “[...] um artefato é o registro de vários conteúdos e incorpora diferentes registros. Ele é fruto e formador de contextos. Sendo a informação um artefato, com ela não se dá processo diferente”. Azevedo Netto (2007, p. 6) pondera que ao concordarmos

[...] com a visão da informação enquanto artefato, vendo-a como resultado da ação intencional de uma forma de registro, esta informação passa por diversos níveis de interpretação, por conseguinte de contextualização, dentro do processo, já mencionado, de interlocução, no qual a experiência-distante passa a ser a experiência próxima. Reconhecendo-se que, nesta recontextualização, deve-se levar em conta dois fatores de afastamento para o entendimento das novas interpretações dessa informação, o tempo e o espaço [...].

Buckland (1991) traz a informação como coisa, ou seja, a informação de natureza tangível e que necessita de um suporte para ser comunicada. Com o paradigma físico, percebemos o caráter material da informação que através do registro passa a existir no tempo e no espaço (CAPURRO, 2003).

A segunda perspectiva apontada por Capurro (2003) é a *cognitivista*. Ela amplia a forma como devemos pensar a informação, analisando o que é transmitido, o que se quer transmitir e como isso é capaz de alterar ou modificar os sujeitos interpretantes. Neste paradigma, a informação é pensada em sua condição de elemento estruturante e pode modificar as estruturas cognitivas, ou seja, no processo comunicacional a informação é tida como elemento transformador do sujeito.

A terceira perspectiva de reflexão é o *paradigma social*. Aqui, precisamos compreender o contexto social da informação, que não pode ser vista a partir de um sujeito isolado, tão pouco dissociada do contexto social, logo, a informação é uma construção coletiva e intersubjetiva. Precisamos refletir sobre a condição social do processo informativo e em como as informações são veiculadas e buscadas pelos indivíduos de acordo com suas necessidades informacionais.

Em linhas gerais, na concepção de Capurro (2003) a informação perpassa pelos suportes, necessita de um interpretante para ser entendida como tal e, além de poder alterar as estruturas mentais do sujeito, considera que ele se torna produto das informações que busca. Nesse fazer, os emissores registram as informações nas mais diversas linguagens e em variados suportes e é sob estas perspectivas que a nossa pesquisa se ancora, tomando por objeto o acervo fonográfico de Hermano José enquanto fonte tangível de informação, produto transformador das estruturas mentais de seu titular e que serve como fonte de informação a ser disponibilizada para acesso daqueles que dela necessitem.

Estas fontes tangíveis auxiliam nossas atividades cotidianas e resultam das mais diversas culturas, sendo intencionalmente construídas e podendo exercer outras funções que fogem do seu contexto de origem, a depender do uso e do interpretante. Neste sentido, Araújo (2011, p. 38) assinala:

[...] Informação, portanto, se inscreve no âmbito da ação humana sobre o mundo (“informar”), apreendendo-o por meio do simbólico, nomeando e classificando os objetos que conhece (objetos da natureza), criando objetos que passa a utilizar (instrumentos com as mais diversas finalidades), produzindo registros que constituem novos objetos (textos impressos, visuais, sonoros) e criando ainda registros destes registros (catálogos, índices, inventários, etc.).

Os objetos produzidos, acumulados e colecionados por Hermano José são um recorte de sua memória individual e o seu acervo constitui-se enquanto fonte de informação que deve

ser preservada em detrimento da memória coletiva. Neste sentido, no capítulo a seguir traremos algumas concepções teóricas sobre o conceito de Memória, situando o acervo de Hermano José como suporte memorialístico.

3.2 TOADA DA MEMÓRIA

A medida em que nos debruçamos sobre a memória de um indivíduo na tentativa de obter outras percepções e aprofundar a compreensão de seus movimentos no tabuleiro social, em especial a memória de Hermano José, estamos nos propondo a tecer um novo olhar daquilo que até então tem-se como representação informacional sobre o sujeito, ou seja, as fontes informacionais sobre vida, obra e legado, bem como os documentos que os acompanham.

Na seara da Ciência da Informação o conceito de memória segue complexo, no entanto, Silva e Oliveira (2014) discutem a memória sob uma ótica de arranjo dos “rastros informacionais”, uma memória que se desvencilha da premissa histórica sem necessariamente seguir uma cronologia que delineie o fluxo informacional. Os autores discorrem que a memória na CI busca traduzir os traços informacionais a partir do fazer informacional, respeitando as especificidades dos sujeitos.

A memória na Ciência da Informação traz uma peculiaridade que está relacionada a uma individualidade ou a uma coletividade de indivíduos, famílias ou grupos, pois essa memória tem por característica o “tear informacional” que se traduz em uma informação potencial na busca de uma aporia estimativa que se constitui não como uma recordação da memória materializada em sua totalidade, sem um sentido específico, porém decifra um caráter singular que é a representância do ato informacional [...] (SILVA; OLIVEIRA, 2014, p. 136).

A memória transcende o tempo das coisas e dos indivíduos na medida em que as histórias são contadas, recontadas e vão sendo passadas de geração em geração, em diferentes linguagens e em diversas culturas, sendo um elemento basilar para a formação das sociedades. Durante esse exercício, cujo princípio da rememoração está no cerne da nossa condição humana, podemos detalhar e descrever acontecimentos, percursos, momentos, datas e especificidades situando-os no tempo e no espaço. De acordo com Candau (2012, p. 23), esta prática só é possível devido à nossa natureza, beneficiada por uma “memória de alto nível”. Nas palavras do autor:

[...] essencialmente uma memória de recordação ou reconhecimento: evocação deliberada ou invocação involuntária de lembranças autobiográficas ou pertencentes a uma memória enciclopédica (saberes, crenças, sensações, sentimentos etc.). A memória de alto nível feita igualmente de esquecimento, pode beneficiar-se de extensões artificiais que derivam do fenômeno geral de expansão da memória (CANDAU, 2012, p. 23).

Para Candau (2012) os indivíduos dispõem de uma espécie de protomemória estimulada em certo momento da vida e que se enraíza inconscientemente, a exemplo da capacidade de andar e falar. A memória de alto nível ocorre de forma mais consciente, ou seja, quando percebemos a nossa existência enquanto seres no mundo, imbuídos de saberes e valores, indivíduos arranjadores de signos e significados. Já a metamemória consiste em como queremos transmitir, a partir de nossas percepções, aquilo que apreendemos, ressignificando o que está a nossa volta.

De acordo com Chauí (2000) as memórias que os indivíduos carregam caracterizam-se por um conjunto de percepções internas adquiridas pela introspecção que formam as lembranças e o passado do sujeito. Para a autora, a memória pode ser considerada como a “arte de evocar o passado” na tentativa de reter o tempo, guardar o momento que há muito se foi, com a esperança de conservar e salvar o que jamais voltará.

Para Asmann (2011), apesar de dispormos dessa capacidade evocativa, o ser humano nunca terá acesso ao todo de suas lembranças, sendo o esquecimento quem dita aquilo que iremos vir a lembrar. Nas palavras da autora, ao possuírmos a qualidade da evocação, a possibilidade de recordar é um atributo singular em nossa condição humana.

Essa combinação iniludível de recordação e esquecimento está por trás daquela força antropológica da qual nem os animais nem as máquinas têm conhecimento. As máquinas conseguem armazenar o que o homem também consegue quando utiliza a mnemotécnica correspondente, dentro de certos limites. Os seres humanos, porém, além disso também conseguem recordar, coisa que as máquinas até hoje ainda não estão em condições de fazer (ASMANN, 2011, p. 33).

O historiador Le Goff (1990, p. 424) aborda que “[...] a memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas”. Neste sentido, Chauí (2000) pondera que, ao evocarmos algo que se foi, estamos apenas revisitando fragmentos do passado e tais fragmentos, inevitavelmente, tornam-se passíveis de ressignificação. Assim, ao rememorarmos estamos concomitantemente atualizando o passado e este exercício caracteriza-se como uma espécie de “presentificação” do que já se foi, para que permaneça na lembrança.

Nesse processo de presentificação, a memória avança e todos os elementos vão sendo ressignificados na medida em que são rememorados. Asmann (2011, p. 33) considera que:

A recordação procede basicamente de forma reconstrutiva: sempre começa do presente e avança, inevitavelmente, para um deslocamento, uma deformação, uma distorção, uma reavaliação e uma renovação do que foi lembrado até o momento da sua recuperação. Assim, nesse intervalo de latência, a lembrança não está guardada em um repositório seguro, e sim sujeita a um processo de transformação. A palavra “potência” indica, nesse caso, que a memória não deve ser compreendida como um recipiente protetor, mas como uma força imanente, como uma energia com leis próprias.

De acordo com o sociólogo Halbwachs (1990) a memória não se constrói de forma isolada – por mais que tenhamos a capacidade de recordar, em maior ou em menor grau e de revisitar lembranças de forma consciente ou involuntária. Todos os elementos constitutivos da memória de um indivíduo originam-se do fenômeno coletivo, ou seja, ele, enquanto membro de um grupo, utiliza-se de elementos criados em comunidade e, nesse sentido, tanto os sujeitos quanto suas criações emergem do meio comunitário ao qual estão inseridos.

Candau (2012) afirma que poderíamos compreender a memória individual a partir de uma memória experienciada, uma memória imbricada que emana da lembrança ou da recordação, ligada intimamente ao conjunto de percepções adquiridas pelo indivíduo ao longo de sua vida. Ao passo que essa memória individual tem sua constituição a partir dos elementos coletivos, quando pensamos em memória coletiva estamos pensando na memória dos grupos em que os indivíduos se encontram inseridos.

Nesse ínterim, alguns acontecimentos podem gerar experiências positivas ou frustrantes; podemos rememorar com satisfação ou omitir com desgosto certos episódios, mas também elencar objetos que representem certas passagens e ciclos vividos, ou seja, aquilo que decidimos preservar ou até incidentes que não podemos controlar ou apagar e, naturalmente, caracterizam o indivíduo enquanto um escritor de si, uma memória construída a partir de seu recorte individual que, consequentemente, alimenta a memória social.

Para Nora (1993, p. 9) “[...] a memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento”. De fato, esse caráter dinâmico está presente tanto na memória dos indivíduos quanto na memória coletiva, pois ambas não são estáticas, tão pouco lineares. No entanto, é apenas na memória coletiva que o que foi esquecido pode entrar em evidência, pois as sociedades selecionam e julgam aquilo que é importante lembrar ou não.

O campo melódico de nossa trajetória é composto pela coletividade em diferentes tons que podem ser apazíveis ou tempestuosos, harmoniosos ou dissonantes; somos sempre influenciados em maior ou menor grau pelas relações sociais. Esse argumento é defendido por Halbwachs (1990, p. 26) ao assegurar que:

[...] nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com os objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós. Não é necessário que outros estejam lá, que se distingam materialmente de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem.

O fato de nossas lembranças permanecerem coletivas se deve a estarmos sós. Para Halbwachs (1990), quando recorremos às nossas memórias, consequentemente nos reencontramos

com aquilo que julgamos pertencer ou não, e é nesse exercício que está o segredo do “princípio da identidade”.

Só há *identidade* porque há *memória* e são através das experiências que vivenciamos conosco e com os outros que as memórias e as identidades se constroem. De acordo com Ciampa (1987) o sujeito social é produto de revoluções e transformações metamórficas e inacabadas que estão em constante movimento.

3.3 IDENTIDADES E MEMÓRIA, RELAÇÃO INDISSOLÚVEL: revelando múltiplas identidades de Hermano José

O processo de formação identitária é alinhavado de estímulos e sentimentos que se manifestam no indivíduo, causando a sensação de pertencimento e identificação, ou seja, a *memória* e a *identidade* sincronicamente se entrelaçam, orquestrando a forma como os indivíduos vivem e se percebem no mundo. Neste sentido, Hall (2005, p. 39) orienta que para uma melhor compreensão:

[...] em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação e vê-la como um processo em andamento. A identidade surge não tanto na plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de *uma falta* de inteireza que é “preenchida” a partir de nosso *exterior*, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros.

De acordo com Hall (2005), devemos pensar na identidade como algo inacabado e em permanente construção. No decorrer de nossas trajetórias as identidades podem se originar pela “falta” e por “imposições sociais”, sempre com o intuito de sermos preenchidos pelo seio “exterior” ao qual estamos situados. Esse jogo entre identificações e ausências, afirmações e aceitações acaba por modelar as narrativas, coordenando as formas como julgamos, ou como queremos ser vistos pelos outros.

Bauman (2005, p. 19) afirma:

As “identidades” flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras são infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação as últimas. Há uma ampla probabilidade de desentendimento e o resultado da negociação permanece eternamente pendente.

Logo, percebemos que o processo de construção e vivência das nossas múltiplas identidades pode sofrer influência do meio e devemos ficar alertas para assumirmos as identidades de acordo com as nossas escolhas e não pela imposição da sociedade.

Destarte, Hall (2005, p. 38) destaca a identidade como algo construído no sujeito, mas reconhece que o processo de formação identitária é contínuo. O autor enfatiza:

[...] a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo “imaginário” ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada” (HALL, 2005, p. 38).

Compreendendo que o processo de formação identitária tem por atributo a dinamicidade, o sujeito, como bem caracteriza Castells (2018), é o resultado de posições, contradições e deslocamentos, constituído por um conjunto de atributos coletivos que se interrelacionam e, inevitavelmente, levam o indivíduo a abraçar múltiplas identidades. Neste sentido, Hall (2005, p. 13) explica que o sujeito social em percurso adota diversas facetas, ou seja:

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas.

A natureza humana é mutável, volátil e metamórfica e essas contradições ocorrem devido à subjetividade da nossa condição. A troca de culturas e interações, bem como a perpetuação de saberes, constitui o escopo de uma cadeia complexa, assim, os simbolismos e os significados que damos aos objetos e as coisas que nos rodeiam fomentam nossas formas de ver e de se identificar com o mundo.

Ao considerarmos as proposições até então apresentadas, poderíamos compreender as funções desempenhadas por Hermano Guedes de Melo enquanto um conjunto de papéis assumidos por ele ao longo da vida, refletindo como as múltiplas identidades se juntam e se misturam mutuamente na formação do artista.

Ao levantarmos as identidades hermanianas, podemos visualizar melhor o conjunto de papéis exercidos por ele. A Figura 1, a seguir, esboça algumas destas identidades assumidas por Hermano, com traços muito fortes e percebidos mais facilmente pelas pessoas que conviveram com ele, pelos seus admiradores, pelos estudiosos que se debruçam sobre a vida e obra de Hermano e que conseguem enxergar, através do seu arquivo, essas identidades reveladas.

FIGURA 1 – Identidades hermanianas



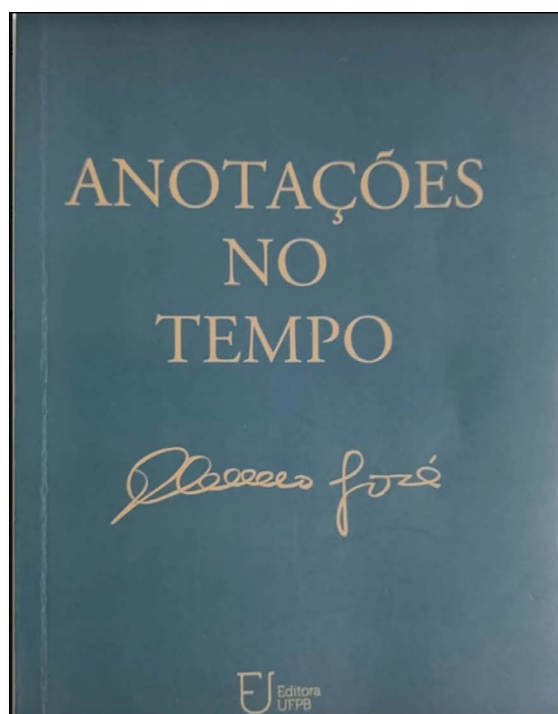
FONTE: Elaborado pelo autor (2021)

Quando nos dispomos a tecer um diálogo sobre os elementos que compuseram a memória individual de Hermano José, devemos levar em consideração que toda memória é construída com base no coletivo, logo, o sujeito é fruto de um conjunto de experiências vivenciadas a partir da coletividade.

A memória molda o indivíduo e, conseqüentemente, o seu “diário social”. Ao rememorarmos algo, por mais que julguemos sermos os únicos personagens do enredo de certos fatos e acontecimentos, nunca estamos sós. Durante esse percurso, múltiplas identidades surgem e os documentos que compõem esse ínterim podem nos ajudar a compreender as múltiplas identidades e o conjunto de papéis exercidos pelo indivíduo ao longo de sua trajetória, conforme apresentaremos ao longo deste trabalho.

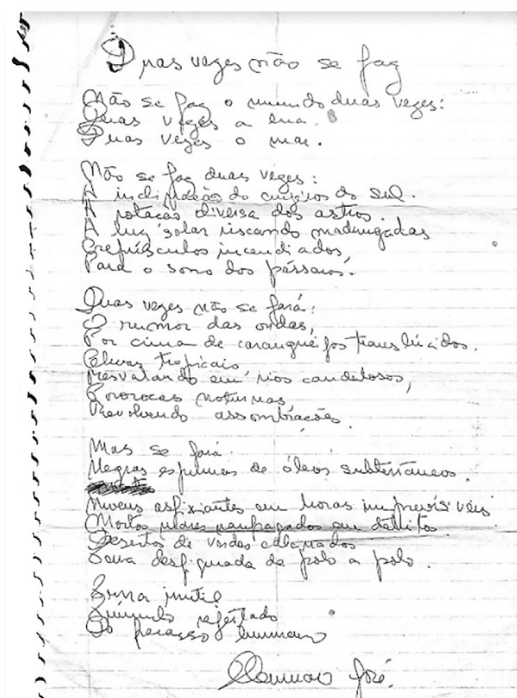
Compreender a trajetória de Hermano é percebê-lo uno e plural ao mesmo tempo, considerando que este possui em si mesmo vários fragmentos pois, de acordo com Wagner (2011, p. 3), a pessoa fractal “[...] nunca é uma unidade que está em relação com um agregado, ou um agregado em relação com uma unidade, mas sempre uma entidade cujas relações estão integralmente implicadas”.

Entendendo as identidades de Hermano, podemos compreender que a poesia foi um traço capaz de revelar sua sensibilidade e habilidade com as palavras. O **Hermano Poeta** foi sendo revelado e desvendado no decorrer deste estudo através de documentos encontrados no seu arquivo: um livro de poesias (Figura 2) publicado por Hermano José no ano de 2014, com poesias manuscritas e datilografadas, revelando um tempo de outrora cuja a tecnologia era, no máximo, uma máquina de datilografia.

FIGURA 2 – Caderno de anotações de Hermano José (2014)

FONTE: Acervo pessoal Hermano José (2014)

Anotações no tempo é, em suas entrelinhas, o Hermano Poeta que se revelava, desnudando do seu íntimo poesias de sua autoria. Ainda no decorrer deste processo detetivesco, nos deparamos com uma poesia manuscrita (Figura 3) intitulada *Duas vezes não se faz*.

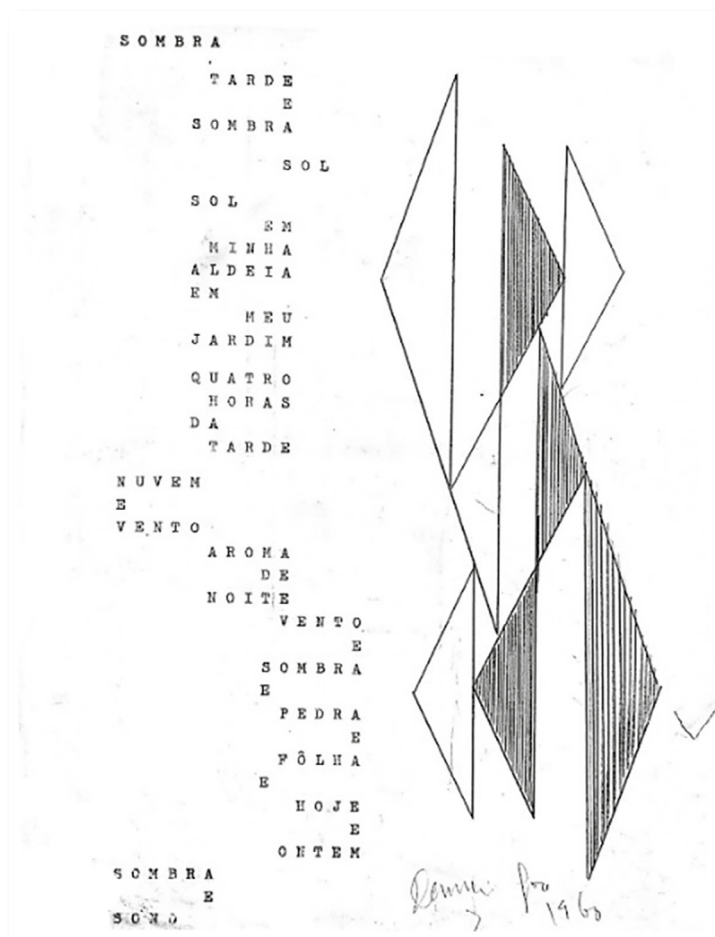
FIGURA 3 – Poesia *Duas vezes não se faz*

FONTE: Acervo pessoal Hermano José (2021)

Andrade (2013) relata que o lado poeta de Hermano José se iniciou na escola Lyce Paraibano³, através da influência poética da professora de Português, jornalista, escritora e poetisa Olivina Olívia Carneiro de Cunha⁴ (1882-1977).

O poema intitulado *Sombra* (Figura 4) está datilografado, datado e assinado de forma manuscrita. A assinatura de Hermano José atesta a sua autoria, no ano de 1960.

FIGURA 4 – Poema *Sombra*



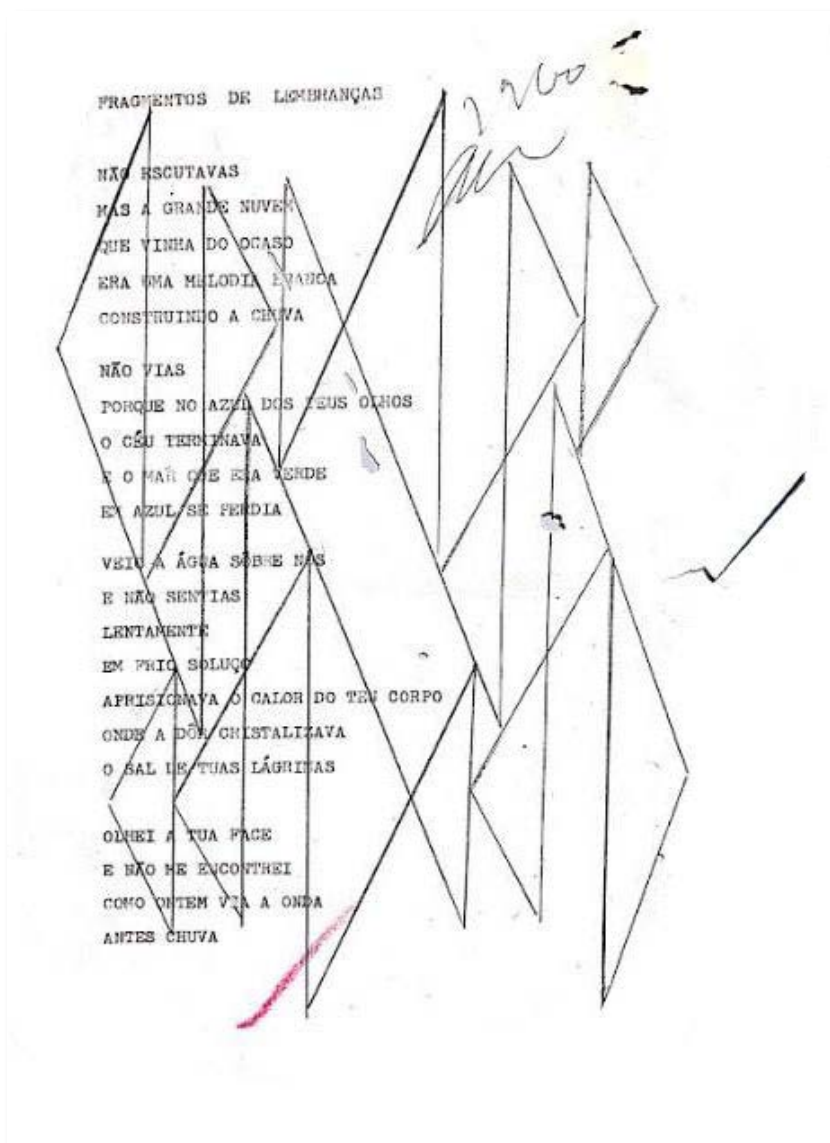
FONTE: Acervo pessoal Hermano José (1960)

³ O Lyceu Paraibano é uma escola pública da cidade de João Pessoa (PB), fundada em 1836. No passado, um colégio de humanidades em que padres-mestres concentravam os ensinamentos em latim e filosofia e que fascina até hoje centenas de pessoas. Já em 1839 – três anos após a sua fundação – o Lyceu Paraibano complementou as cadeiras criadas anteriormente. O Inglês passou a fazer parte da grade curricular. Mais tarde, as cadeiras de Gramática da Língua Nacional e do Comércio. Dez anos depois, com a sua primeira reforma, o colégio já disponibilizava disciplinas como Álgebra, Aritmética, Filosofia Racional, Francês, Geografia, História, Latim, Moral, Poética, Retórica e Trigonometria. Em 1850, Desenho. Naqueles tempos, muito mais do que nos dias atuais, ser aluno da mais tradicional e mais conceituada escola pública da Paraíba era uma honra. O colégio foi por mais de um século a matriz intelectual da Paraíba. (https://pt.wikipedia.org/wiki/Lyceu_Paraibano).

⁴ Olivina Olívia Carneiro da Cunha aprendeu a ler em família, demonstrando desde cedo interesse pelo magistério. Além do mundo das letras, livros e poesia, ela admirava a música. Aos 15 anos diplomou-se pela Escola Normal, considerada o templo do ensino público da Paraíba, na época. Olivina, na condição de normalista, lecionou nas mais diversas matérias e em diferentes instituições de ensino na cidade de João Pessoa (PB), incluindo o Lyceu Paraibano, onde inspirou Hermano José (SILVA, 2012).

Entre outras poesias encontradas nas gavetas de Hermano José, destacamos também o poema *Fragmentos da lembrança* (Figura 5), registrado em um papel que revela traços de deterioração e marcas do tempo.

FIGURA 5 – Poema *Fragmentos da lembrança*



FONTE: Acervo pessoal Hermano José (1960)

O poema *Fragmentos da lembrança* está rubricado com a assinatura de Hermano José e datado de 1960. É nesse percurso de garimpo que vamos descobrindo as preciosidades de Hermano José, agregando, em cada passo dado no acervo, mais e mais fractais hermanianos.

Em sua seara documental, desvendamos também o **Hermano Encenador**, revelando a sua relação com o Teatro que se iniciou no ano de 1955, ao ser convidado por Rui Eloy, na época presidente do Teatro dos Estudantes, para dirigir o poema *Cantam as Harpas do Sião* (ANDRADE, 2013).

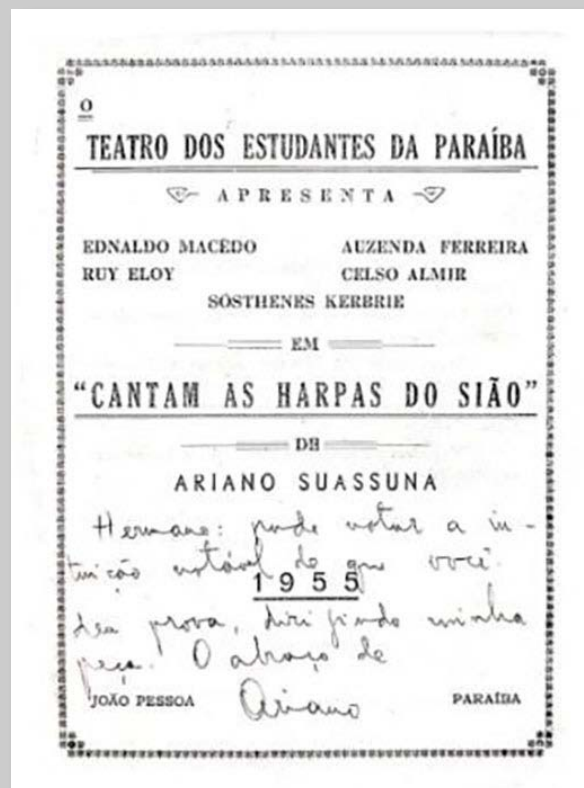
O folder da peça *Cantam as Harpas de Sião* (Figura 6), autoria de Ariano Suassuna, data do ano de 1955. Apresentado pelo Teatro do Estudante, traz um agradecimento de Ariano Suassuna à Hermano José. De forma manuscrita, Ariano Suassuna escreve e assina: “*Hermano: pude notar a intuição notável de que você deu prova, dirigindo minha peça. O abraço de Ariano*”.

A parte posterior do folder (Figura 7) traz o enunciado do elenco da peça, agradecimentos ao comando da Polícia Militar do Estado da Paraíba, homenagens ao governador da Paraíba, ao Secretário de Educação do Estado, bem como ao diretor do teatro Santa Rosa, destacando a direção artística de Hermano José e Ruy Eloy, além da cenografia, também de autoria de Hermano.

A referida peça narra a história de um jovem que, convocado pelo exército brasileiro, se recusa a participar de uma guerra. Hermano José investiu no campo do Teatro, participando de vários outros eventos teatrais e sendo premiado juntamente com Tomás Santa Rosa⁵

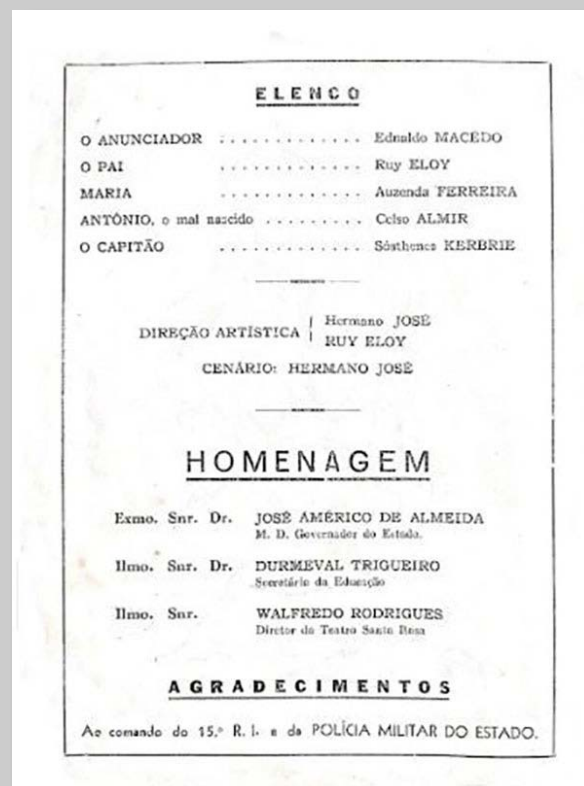
⁵ Tomás Santa Rosa foi paraibano, filho da cidade de Areia, artista plástico, um grande pintor que teve seu talento iniciado ainda na infância, aos cinco anos de vida, conforme relata Silva (2018). Sua formação artística iniciou-se com o estudo do piano, integrando em seguida o coral da Igreja Matriz Nossa Senhora das Neves, na cidade de João Pessoa. Mas foi na arte da pintura e do desenho que ele se encontrou, iniciando os seus traços desde os nove anos de vida, quando participou de uma exposição em um docel de São Francisco de Assis, pintado sob inspiração religiosa. Desbravou também o teatro, representando o Brasil na conferência internacional de Teatro, em Bombaim, Nova Delhi, na Índia (SILVA, 2018).

FIGURA 6 – Folder da peça *Cantam as Harpas de Sião* (1955)



FONTE: Acervo pessoal Hermano José (1955)

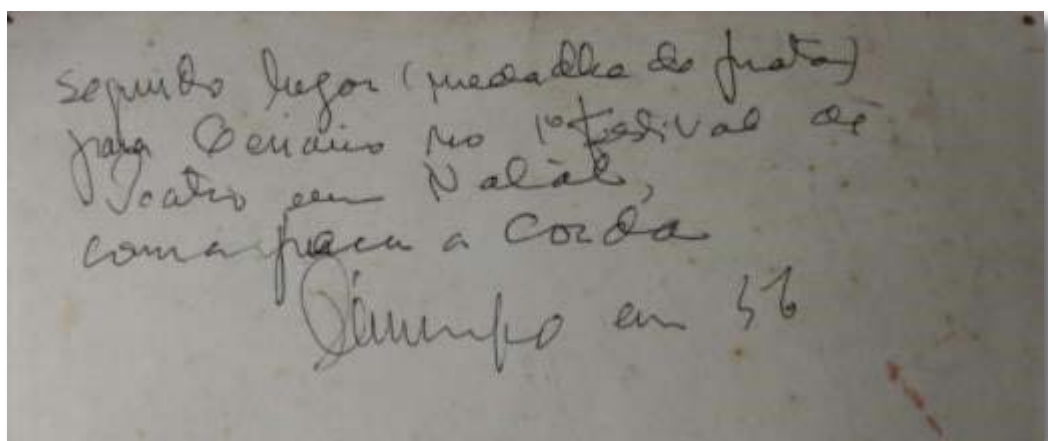
FIGURA 7 – Folder da peça *Cantam as Harpas de Sião* (1955) – parte posterior



FONTE: Acervo pessoal Hermano José (1955)

(1909-1956) pela cenografia da peça *A Corda*, sendo galardoado com uma Medalha de Prata no II Festival Nacional de Teatro, realizado no Rio Grande do Norte no ano de 1956, conforme pudemos atestar através do seu acervo (Figura 8).

FIGURA 8 – Anotação realizada por Hermano José sobre a premiação no Festival Nacional de Teatro



FONTE: Acervo pessoal Hermano José (1956)

Nesse contexto, as identidades singulares deram a Hermano José a possibilidade de viver e interpretar o seu mundo social, mediado pelas suas ações e relações. Dessa forma, seguimos encontrando e revelando no acervo mais identidades que Hermano assumiu ao longo de sua vida.

Nessa travessia, destacamos fortemente a identidade que Hermano Guedes de Melo, mais conhecido como artista plástico, Hermano José. Foi o campo das artes que se revelou mais fortemente em sua vida. O **Hermano artista plástico** encontrou na natureza a principal inspiração para suas expressões artísticas. Andrade (2013, p. 30) afirma que “Desde de pequenino, na escola primária, o desenho feito à lápis de cor, como tarefa solicitada pela professora, tornou-se um estudo prazeroso e significativo em sua carreira”.

Ao longo de sua trajetória como artista plástico, Hermano José desempenhou um papel relevante na prática das habilidades artísticas, desenvolvendo técnicas que o tornaram singular no toque ao papel, à tela, ao nanquim... Hermano seguiu revelando o seu dom com o objetivo de expor sua sensibilidade, mas sobretudo de contribuir com a arte e a cultura paraibana. Nas imagens a seguir percebemos em alguns de seus trabalhos o zelo, a dedicação, a inspiração e a vontade de transmitir o seu conhecimento, quando torna-se professor do curso de Artes da Universidade Federal da Paraíba, identidade muito forte que será abordada posteriormente. Nesse sentido, as Figuras 9, 10, 11, 12, 13 e 14 revelam algumas técnicas aplicadas por Hermano ao longo de sua caminhada artística.



FIGURA 9 – Estudo a carvão (1953)

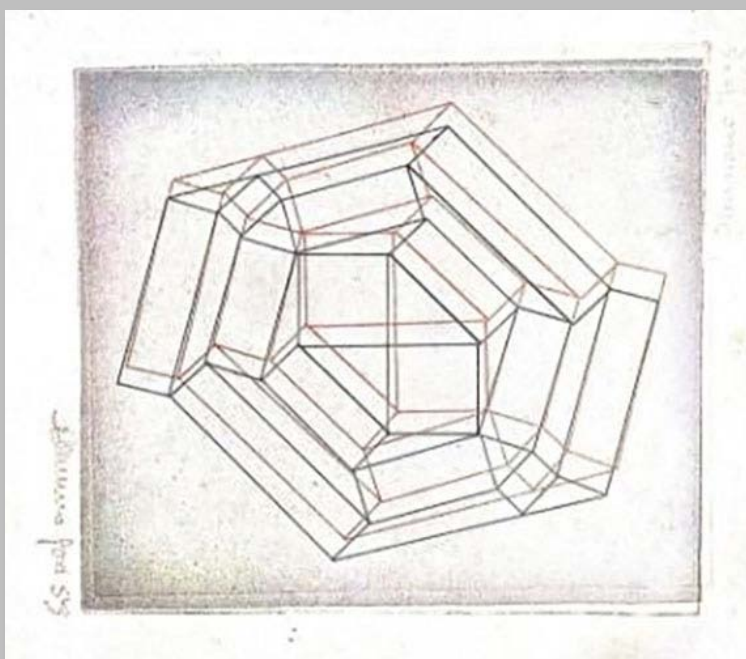
FONTE: Acervo Hermano José (1953)



FIGURA 10 – Desenho a Crayon (1956)

FONTE: Acervo Hermano José (1956)

FIGURA 11 – Estudo de gravuras em Metal (1959)



FONTE: Acervo Hermano José (1959)

FIGURA 12 – Desenho a hidrocor (1959)



FONTE: Acervo Hermano José (1959)

FIGURA 13 – Estudo em Monotipia (1960)



FONTE: Acervo Hermano José (1960)

FIGURA 14 – Estudo em pastel a óleo (1962)



FONTE: Acervo Hermano José (1962)

Hermano José deslanchou suas habilidades quando veio morar na capital paraibana, revelando um verdadeiro dom e iniciando seus estudos através dos ensinamentos da professora Tércia Bonavides e do professor Olívio Pinto. Hermano José “Desde de cedo percebeu que a pintura seria sua eterna sedução” (JOSÉ, 2003, p. 195).

Sua relação entre a arte e a natureza era algo quase indissociável e sua paixão pela barreira do Cabo Branco fica muito explícita nas suas obras. A Figura 15 revela uma de suas pinturas ratificando essa paixão. As contribuições artísticas de Hermano José se destacam a partir dos anos 1940, quando ele passa a retratar na sua arte paisagens do litoral paraibano, principalmente a falésia do Cabo Branco, tornando-se uma característica principal de sua obra.

FIGURA 15 – Barreira do Cabo Branco, óleo sobre tela (1948)



Fonte: José (2003, p. 5)

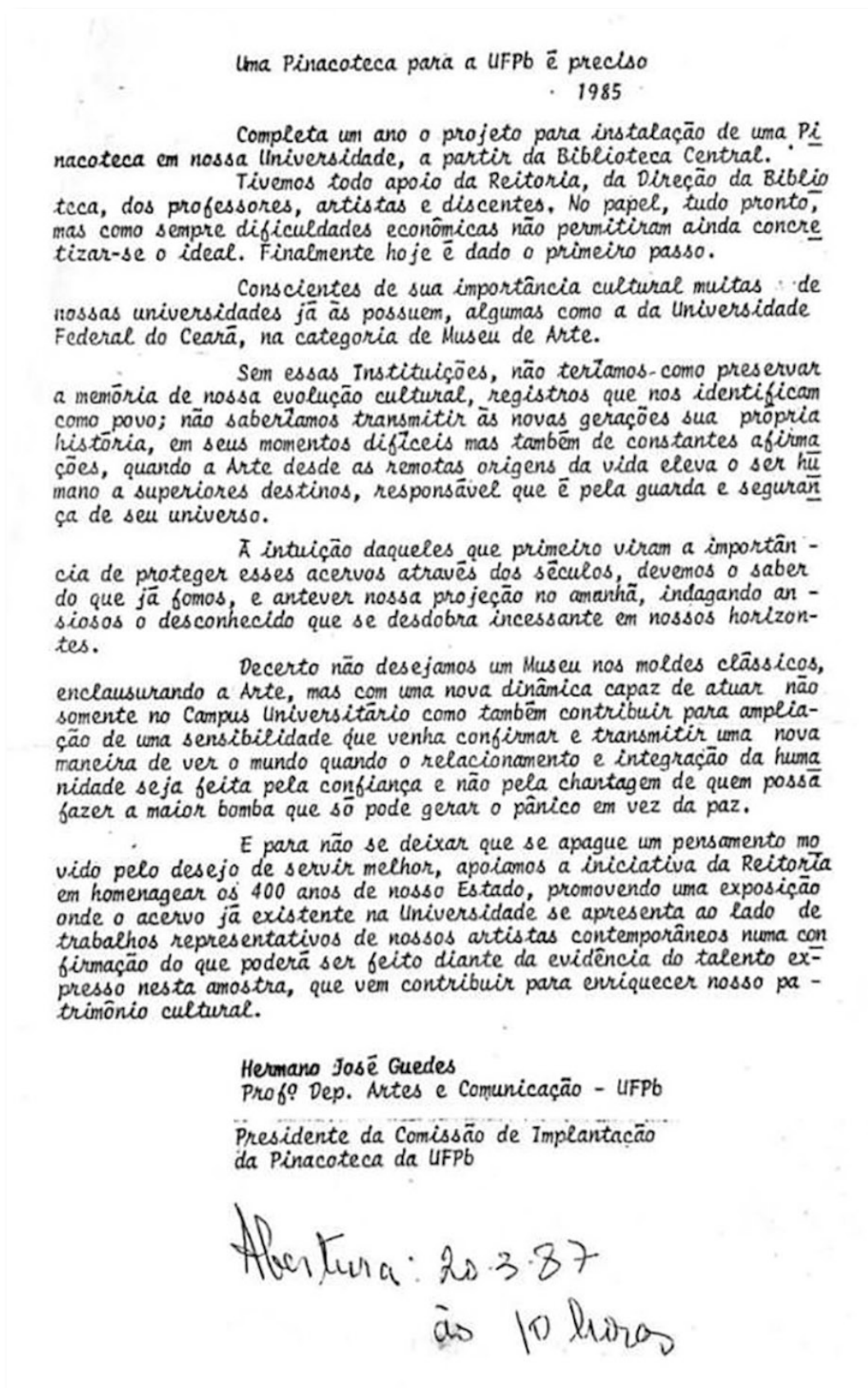
Hermano José passou um tempo de sua vida morando no Rio de Janeiro (RJ), cidade em que acolheu artistas paraibanos que carregam seus ensinamentos, entre eles Miguel dos Santos e Flavio Tavares. Durante o período no Rio, Hermano acompanhou o nascimento do Museu de Arte Moderna (MAM), no ano de 1948, sendo exatamente nesse período em que o artista plástico desenvolveu as técnicas de gravuras em metal, destacando-se mundialmente. No ano de 1950 Hermano José foi galardoado pelo Correio das Artes, um suplemento cultural do jornal A União, premiado por uma série de ilustrações que produziu para a publicação do jornal.

Arreigado pela devoção ao ensino, à necessidade de dividir, dissipar, ampliar seus conhecimentos, vamos tratar agora da identidade de Hermano José como professor. O **Hermano Professor**, assim como o artista plástico, se reveste de uma força profunda, associando arte e educação. Foi nos corredores da Universidade Federal da Paraíba que Hermano José passou a lecionar para o curso superior de Artes Visuais. Nesse contexto, Andrade (2013) relata que quando Hermano chegou na UFPB já encontrou um bom acervo de arte, destacando obras de Miguel dos Santos, João Câmara e de Brennand, obras essas que estavam alocadas nos departamentos da Universidade, sem cuidados específicos. Sensibilizado com a situação, o professor Hermano se propôs a fundar a pinacoteca da UFPB, tendo seu desejo concretizado no ano de 1987. Costa (2018, p. 178) destaca que:

Sobre a tradição histórica da UFPB na área da Museologia, esta pode ser observada a partir do ano de 1987, quando foi fundada a Pinacoteca da UFPB pelo então Professor e Crítico de Arte Hermano José, como primeiro espaço museológico da universidade. A Pinacoteca da UFPB atualmente está vinculada ao Centro de Comunicação, Turismo e Artes (CCTA) e funciona em instalações do prédio da Biblioteca Central da UFPB.

Hermano José permaneceu por quatro anos à frente da pinacoteca, deixando um verdadeiro legado artístico para UFPB ao duplicar o acervo, realizar várias exposições, além de lançar outros artistas no cenário da arte paraibana (ANDRADE, 2013). No contexto do seu acervo plural, nos deparamos com o discurso de Hermano José no dia em que completara um ano da inauguração da Pinacoteca, um sonho realizado por ele, como pudemos inferir ao ler e perceber o seu delírio nas palavras registradas no documento apresentado na Figura 16.

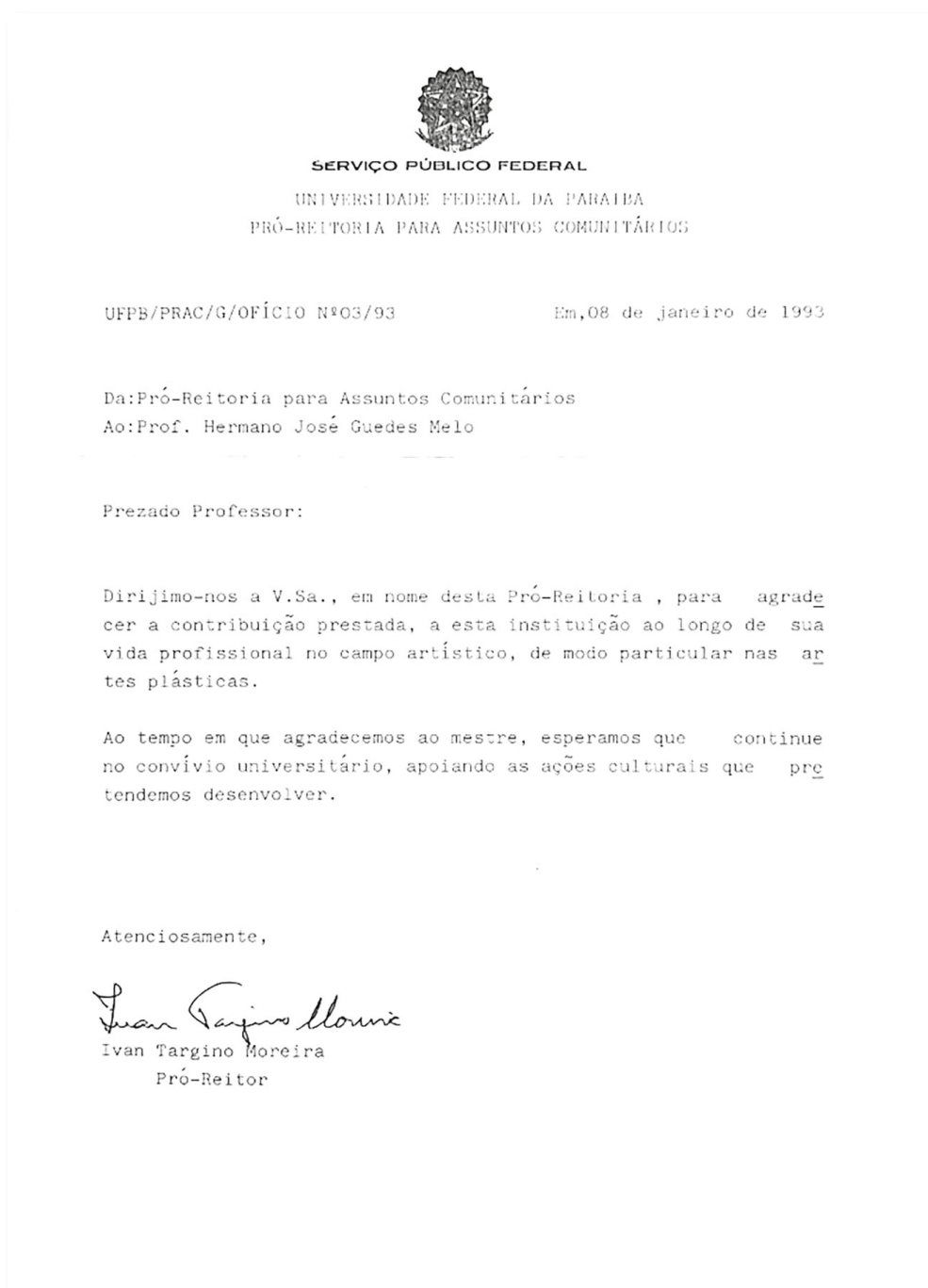
FIGURA 16 – Registro escrito por Hermano José na comemoração de um ano de fundação da Pinacoteca da UFPB



FONTE: Acervo Hermano José (1985)

Hermano José dedicou-se à UFPB, prestando os seus ensinamentos à sociedade. Na Figura 17 temos um registro do reconhecimento, por parte da UFPB, a despeito da dedicação e empenho do professor Hermano José, reconhecido pela Pró-Reitoria Para Assuntos Comunitários, no dia 8 de janeiro do ano de 1993, em gratidão à contribuição prestada à UFPB ao longo de sua vida profissional.

FIGURA 17 – Documento enviado para Hermano José pela Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários da UFPB



FONTE: Acervo Hermano José (1993)

Nesse caminhar do ensino superior, Hermano José deixou um legado de seus ensinamentos técnicos, mas sobretudo do amor pela arte, da vontade de fazer dela um caminho para alcançar suas lutas, suas crenças à defesa da natureza, entrando em cena o **Hermano José Ativista Ambiental**.

Hermano José, ligado profundamente às questões ambientais, trouxe no seu cotidiano preocupações constantes sobre a preservação de um dos acidentes geográficos mais importantes da Paraíba, a falésia do Cabo Branco, denominada como o ponto mais oriental das Américas. Sobre as lutas ambientais hermanianas e sua arte, Andrade (2013, p. 84) relata que “Com pinéis e tintas, registrou as belezas da cidade e se constituiu um guerreiro contra as ameaças à natureza e contra o descaso com os monumentos históricos”. Na arte, ele materializou a realidade como uma forma de manter “vivos” os espaços, um registro que pode provar as mudanças em detrimento do tempo e pela ação humana.

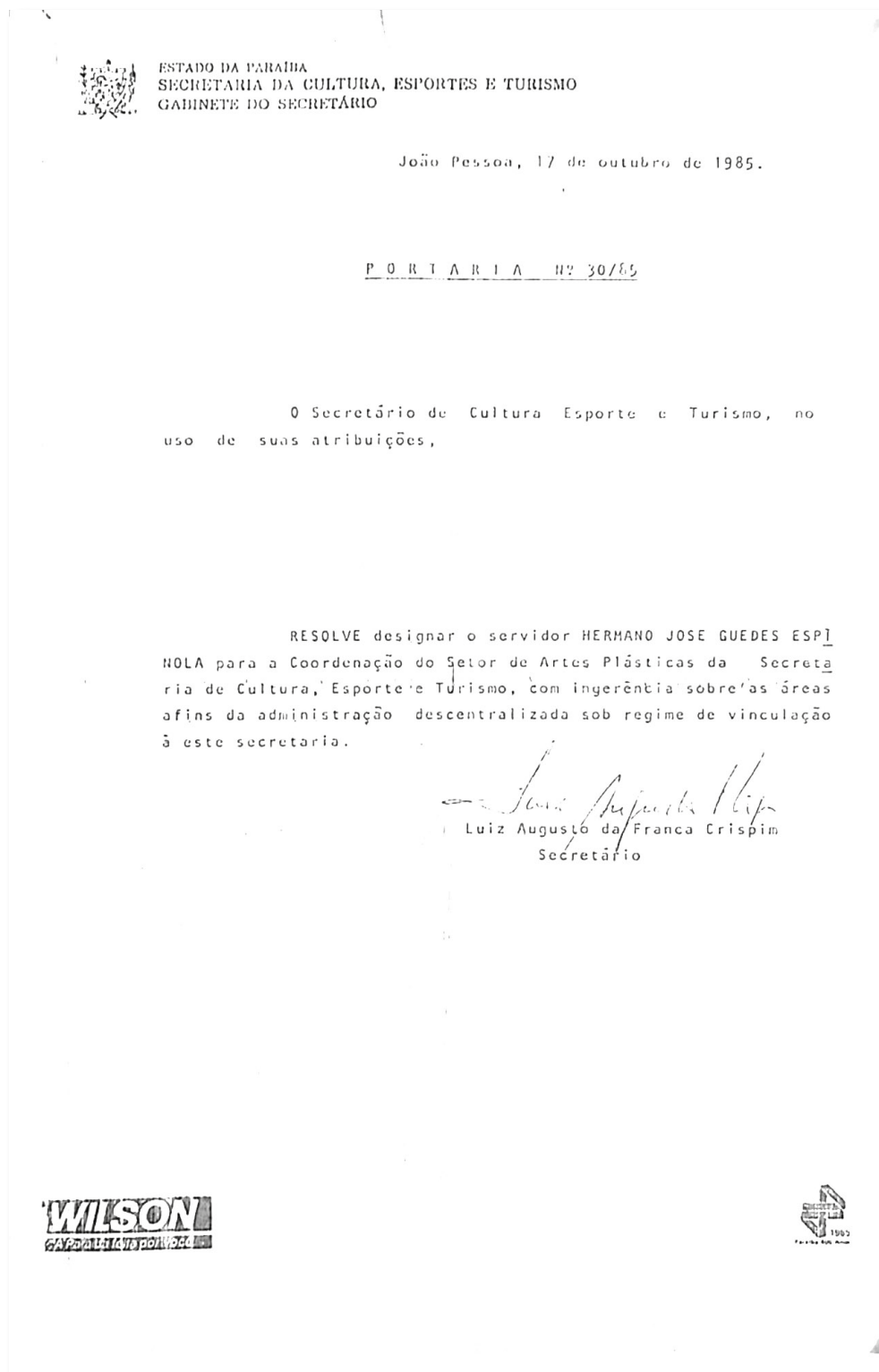
Hermano José tinha atitude, não se calava e produzia matérias em prol da defesa do meio ambiente e da conservação da cidade, fazendo dos meios de comunicação verdadeiros aliados nessa luta. “Ele foi um homem de ação de vanguarda. Aceitou desafios com o intuito de modificar os hábitos destrutivos frente ao nosso ecossistema [...]” (ANDRADE, 2013, p. 84).

Nessa seara, acabou por influenciar a sociedade, despertando nos outros uma preocupação ambiental e patrimonialista. Hermano José foi para as ruas protestar contra a descaracterização da cidade de João Pessoa, para a prevenção da construção de espigões na orla marítima, lutou pela reabertura do tráfego de veículos na Rua Duque de Caxias, denunciou o perigo da instalação de parques de diversão no pátio da Igreja de São Francisco, nas Festas da Neves, entre tantas outras lutas. Porém, nenhuma foi tão grande e intensa como a luta pela preservação das falésias do Cabo Branco, conforme ratifica Andrade (2013) ao rememorar uma entrevista dada por Hermano José no ano de 2010 para a afiliada da Rede Globo de João Pessoa, sendo a matéria veiculada em rede nacional, revelando para todo o país a luta de Hermano José pela arte, pela natureza e pelo nosso patrimônio e o conduzindo a assumir um lugar de personalidade histórica na Paraíba, em especial na cidade de João Pessoa.

Mesmo caminhando em defesa da Arte, da Natureza, da Cultura, da Educação e do Patrimônio, Hermano José assumiu ao longo de sua vida algumas funções nas gestões públicas, o que nos leva a percebê-lo em seu viés **Gestor**, o que nunca foi empecilho para suas lutas. Ele foi assessor do prefeito Francisco França, função relevante no Departamento Cultural da Instituição. Nesse mesmo período, embora estivesse como membro da prefeitura, nunca deixou de lutar em defesa das questões ambientais e patrimoniais da cidade de João Pessoa (PB). Assumiu, ao longo dessa jornada, alguns cargos dentre os quais destacamos, através da portaria de

número 30/1985 (Figura 18), o cargo de Coordenador do Setor de Artes Plásticas da Secretaria de Cultura, Esporte e Turismo do Estado da Paraíba, na gestão do Governador Wilson Braga.

FIGURA 18 – Portaria de posse de Hermano José como Coordenador do Setor de Artes Plásticas da Secretaria de Cultura, Esporte e Turismo do Estado da Paraíba



FONTE: Acervo Hermano José (1985)

Na esfera municipal, Hermano José também assumiu cargos públicos na cidade de João Pessoa. Na gestão do prefeito Francisco Xavier Monteiro da Franca assumiu o cargo de Diretor do Departamento de Cultura, vinculado à Secretaria de Educação e Cultura da cidade de João Pessoa (PB). Na Figura 19 temos a portaria de posse neste referido cargo, trazendo mais uma informação relevante: Hermano José, antes de assumir a referida secretaria, exerceu cargo comissionado de Diretor de Ciências Ambientais, vinculado à Secretaria do Meio Ambiente.

FIGURA 19 – Portaria de posse de Hermano José como Diretor do Departamento de Cultura, vinculado à Secretaria de Educação e Cultura da cidade de João Pessoa (PB)

ESTADO DA PARAIBA
PREFEITURA MUNICIPAL DE JOÃO PESSOA
GABINETE DO PREFEITO

PORTARIA Nº 830/93

Em, 31 de agosto de 1993

O PREFEITO MUNICIPAL DE JOÃO PESSOA, no uso das atribuições que lhe são conferidas pelos incisos V e VI, §8º do artigo 22 da Constituição Estadual, combinado com o artigo 60, incisos V e VIII da Lei Orgânica para o Município de João Pessoa, de 02 de abril de 1990,

RESOLVE: nomear HERMANO GUEDES DE MELO, matrícula nº 27.633, para exercer o cargo, em comissão, de DIRETOR DO DEPARTAMENTO CULTURAL, símbolo DAS-2, da SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA (SEDEC), ficando, em consequência, exonerado do cargo, em comissão, de DIRETOR DO CENTRO DE CIÊNCIAS AMBIENTAIS, símbolo DAS-1, da SECRETARIA DO MEIO AMBIENTE (SEMAM).

FRANCISCO XAVIER MONTEIRO DA FRANCA
Prefeito

PUBLICADO NO SEMANÁRIO
OFICIAL N.º 348
de 28-08-93 de 09-09-93
RDS
UCIDAP/BRAD

Mod. 120 - 1.000 - 01/91

Cód. 812567-0

FONTE: Acervo Hermano José (1993)

Hermano José, no ano de 1987, aceitou o convite de Luiz Augusto Crispim para participar do Conselho do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN-PB). Sob este fato, Andrade (2013) relata que, a partir de uma expressiva vontade de contribuir para o cenário cultural da Paraíba, Hermano embarcou no desafio e passou a fazer parte do Conselho, liderado por Lindoarte Noronha nesse período e desempenharam juntos uma luta contra a degradação do patrimônio histórico da Paraíba.

Hermano José demonstra, através do seu acervo, dos seus feitos, de suas lutas e conquistas, que um homem nunca se reveste de uma identidade única, mas é a junção das suas múltiplas identidades assumidas, dando cada vez mais força e norte para lutar pela sociedade, pelo patrimônio, pela natureza, pela vida.

Os caminhos que um indivíduo percorre são constituídos por idas e vindas, encontros e desencontros e toda e qualquer tentativa de narrar cronologicamente a vida de um sujeito corresponderia apenas a historicização de fragmentos de um passado que já não está mais lá. Para Bourdieu (1996) tal exercício se resumiria a uma “ilusão biográfica”, uma vez que os acontecimentos de uma vida não podem ser reunidos de forma sistematizada, pois esta é composta por aleatoriedades, contradições e conflitos, sendo impossível delimitar um “todo” que escapa do sujeito.

Descrever ou narrar a trajetória de alguém é um exercício complexo e, por mais que sejamos fiéis aos “fatos” que se apresentam, apenas estaremos compilando fragmentos, uma vez que é impossível narrar o “todo” que inevitavelmente nos escapa. Segundo Bourdieu (1996, p. 190):

Tentar compreender uma vida como uma série única e por si suficiente de acontecimentos sucessivos, sem outro vínculo que não a associação a um “sujeito” cuja constância certamente não é senão aquela de um nome próprio, é quase tão absurdo quanto tentar explicar a razão de um trajeto no metrô sem levar em conta a estrutura da rede, isto é, a matriz das relações objetivas entre as diferentes estações.

Reduzir a vida de um indivíduo a uma história ou a uma biografia, para Bourdieu (1996, p. 185), significa “[...] conformar-se com uma ilusão retórica, uma representação comum da existência [...]”, pois a compilação de fragmentos, na tentativa de remontar a sua história, constitui-se apenas de recortes de um passado e não representa em essência a memória construída pelo sujeito. De acordo com Montagner:

[...] não existe, ainda que esta ideia seja extremamente atrativa e sedutora ao senso comum, uma sequência cronológica e lógica dos acontecimentos e ocorrências da vida de uma pessoa. Nossas vidas não são um projeto sartriano e não possuem um sentido teleológico. Os eventos biográficos não seguem uma linearidade progressiva e de causalidade, linearidade de sobrevoos que ligue e dê sentido a todos os acontecimentos narrados por uma pessoa. Eles não se concatenam em um todo coerente, coeso e atado por uma cadeia de inter-relações: esta construção é realizada a posteriori

pelo indivíduo ou pelo pesquisador no momento em que produz um relato oral, uma narrativa (2007, p. 251).

O sociólogo Montagner (2007) aponta que, na perspectiva bourdieusiana, devemos compreender o indivíduo por seus itinerários, ou seja, a partir dos caminhos que este percorre na sociedade ou das posições que o indivíduo ocupa dentro do espaço social, considerando influências sofridas e provocadas, bem como suas experiências, vivências e memórias, construídas com base no coletivo.

Ao tecermos um diálogo a partir da relação entre informação, memória, identidade e trajetória, discutimos a condição constitutiva do sujeito social, uma vez que a memória subsidia o processo de formação das múltiplas identidades e estas, conseqüentemente, trafegam no indivíduo no decorrer de sua trajetória. Ao adotarmos a perspectiva bourdieusiana, entendemos que é preciso ir além do conjunto de papéis exercidos pelo sujeito social na tentativa de compreender os significados e simbolismos que constituem as identidades na trajetória do indivíduo em voga, ou seja, Hermano José enquanto sujeito uno em sua pluralidade.

4 NA TESSITURA DE HERMANO JOSÉ: conhecendo o seu “uni-verso”

“Sei que amanhã quando eu morrer os meus amigos vão dizer que eu tinha um bom coração...”

TRECHO DA CANÇÃO: QUANDO EU ME CHAMAR SAUDADE (1973), COMPOSTA POR NELSON CAVAQUINHO.¹

O crepúsculo gorjeia ao cair da noite, são 17h40 da tarde do dia 21 de maio de 2015. O barqueiro anuncia o último horário de saída da balsa da vida e Hermano, que atravessara o século, embarca em sua última travessia com destino ao porto do encantamento. Como afirmou o escritor e poeta Guimarães Rosa² (1908-1967), “as pessoas não morrem, encantam-se”. Faleceu Hermano Guedes de Melo, conforme noticiado pelo jornal “A União” (Figura 20), datado de 22 de maio de 2015.

FIGURA 20 – Engenho Baixa-Verde, Serraria-PB



FONTE: Jornal A União (2015)

¹ Nelson Antônio da Silva (1911-1986), conhecido como “Nelson Cavaquinho”, foi um instrumentista, compositor e cantor. Sua especialidade foi o cavaquinho, instrumento pelo qual se destacou em rodas de samba da cidade do Rio de Janeiro. Muitas de suas composições foram gravadas por artistas de renome, a exemplo de Elisete Cardoso e Dalva de Oliveira. É considerado um dos expoentes da música popular brasileira. Disponível: <https://dicionariompb.com.br/artista/nelson-cavaquinho/>

² Guimarães Rosa (João G. R.), contista, novelista, romancista e diplomata, nasceu em Cordisburgo, MG, em 27 de junho de 1908 e faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 19 de novembro de 1967. A obra Grande sertão: Veredas é o único romance escrito por Guimarães Rosa e um dos mais importantes textos da literatura brasileira, sendo traduzido para vários idiomas. Foi o terceiro ocupante da Cadeira de N°2 da Academia Brasileira de Letras (ABL), sendo eleito em 8 de agosto de 1963, na sucessão de João Neves da Fontoura e recebido pelo Acadêmico Afonso Arinos de Melo Franco, em 16 de novembro de 1967.

Hermano Guedes de Melo havia sido diagnosticado com um quadro de pneumonia e estava internado no Hospital Samaritano, localizado no bairro da Torre, situado na cidade de João Pessoa, na Paraíba. Por volta das 17h40 da tarde de uma quinta-feira, no dia 21 de maio de 2015, faleceu em decorrência de uma parada cardiorrespiratória (G1 PARAÍBA, 2015). Nogueira (2015), colunista paraibano, referindo-se a Hermano escreveu:

[...] Não sei bem o porquê, mas decidi dizer a ele naquele momento o quanto seu trabalho era importante. Disse a ele o quanto o admirava. Ele sorriu. Agradeceu. E se foi... Quarta-feira passada lembrei de Hermano enquanto caminhava na praia. Olhando para a barreira do Cabo Branco, pensei como seria bacana ter os olhos do artista para melhor observar aquele monumento que o homem faz questão de degradar [...] por décadas, pintou a barreira do Cabo Branco, suas belezas e sua degradação. O avanço do mar e o avanço do mal (humano). Nunca dissocie a barreira de Hermano. Nunca dissocie Hermano da barreira. As águas avançaram sobre o artista, mas sua arte permanece a mais valente nessa luta do rochedo com o mar [...] (NOGUEIRA, 2015).

O velório aconteceu no dia 22 de maio de 2015, na central de velórios e crematórios Caminhos da Paz, localizada na cidade de Cabedelo, Paraíba. A cerimônia foi reservada à familiares, amigos e membros da sociedade civil. As cinzas de Hermano Guedes de Melo seguiram o rito funerário e foram jogadas ao mar alguns dias depois, mais precisamente na enseada da praia do Bessa que dá para os fundos da residência de Hermano, no conjunto Jardim Oceania, nº 3697, no bairro do Bessa, em João Pessoa.

Ao pensarmos nas identidades que um indivíduo assume em sua trajetória, devemos refletir sobre o conjunto de interesses do sujeito social. Segundo Pollak (1992), em um primeiro momento poderíamos compreender o fenômeno da identidade enquanto uma representação, ou seja, uma imagem que o sujeito assume para si e para o outros. Toda construção identitária emana de um conflito de interesses e o indivíduo é alimentado pelos grupos em que se encontra inserido. Assim, o sentimento de identidade negocia com o sentimento de pertencimento e aceitabilidade, ou seja, coordenando como o sujeito se vê e como quer ser percebido pelos outros.

O teórico Candau (2012) aponta que, além do nome que o indivíduo recebe em seu nascimento, toda e qualquer denominação, ou seja, qualquer titulação, é uma forma que os grupos estabelecem para descrever superficialmente o sujeito. Em outras palavras, essas outras titulações podem ser compreendidas como uma “inscrição social” que os grupos usam para sintetizar brevemente cada papel que o sujeito desempenha.

Ao navegarmos sobre a vida e a obra de Hermano José torna-se indispensável estudarmos o sujeito social e os diversos papéis que este desempenhou, bem como suas múltiplas identidades. Neste sentido, se fez preciso rememorarmos alguns momentos de sua trajetória na tentativa de compreendermos o processo de formação identitária do artista, um personagem

ímpar para a cultura paraibana, ou melhor, parafraseando um de seus escritos: “Um homem que duas vezes não se faz”.

4.1 NOTAS DA SERRA: verdes anos

Eu daria tudo que eu tivesse... Pra voltar aos dias de criança. Eu não sei pra quê que a gente cresce, se não sai da gente essa lembrança...
Trecho da canção: Meus tempos de criança, Ataulfo Alves³ (1956).

Hermano Guedes de Melo, Hermano José, nasceu no dia 15 de julho de 1922 no Engenho Baixa-Verde (Figura 21), uma propriedade pertencente ao seu tio materno, o Sr. Joaquim José Pereira de Melo, situado no município de Serraria, cidade localizada na microrregião do brejo da Paraíba. Filho do coletor público federal e músico Raul Espínola e da dona de casa Maria Alice Espínola Guedes, ambos descendentes de famílias tradicionais na produção de cana de açúcar e plantações de algodão no interior do estado da Paraíba, Hermano teve a sua infância dividida até os seus doze anos de idade entre as serras do engenho onde passava as férias e as paisagens semiáridas do município de Caiçara, onde sua família residia.

FIGURA 21 – Engenho Baixa-Verde, Serraria-PB



FONTE: IPHAEP-Governo da Paraíba (2021)

³ Nascido em Minas Gerais, Ataulfo Alves de Sousa (1909-1969) foi um cantor, compositor e sambista renomado da música popular brasileira. Ao longo de 35 anos de carreira, compôs grandes sucessos como: Ai que saudades da Amélia (1942), Atire a primeira pedra (1944) e Meus tempos de criança (1956). Disponível em: <https://dicionariompb.com.br/artista/ataulfo-alves/>.

De família religiosa, Hermano (Figura 22) cresceu em um ambiente regido por valores tradicionais e conservadores em que o culto ao sagrado era forte e presente. Na biografia escrita por Andrade (2013), intitulada *A vida luminosa de Hermano José*, o artista relata que sua mãe desejou batizá-lo com o nome de Hermano José Steinfeld⁴ e, de tanto ser assim chamado, adotou-o como nome artístico.

FIGURA 22 – Hermano José aos 08 meses de idade



FONTE: José (1923, p. 198)

O menino Hermano cresceu dividido entre as serras verdes do Engenho e a pequenina cidade de Caiçara, no interior do brejo paraibano. Em um de seus poemas, escritos para o livro *Anotações no Tempo* (JOSÉ, 2014, p. 91), o artista descreve com sublime delicadeza o engenho de Baixa-Verde.

Os jardins de Baixa-Verde

Como esquecê-los?

*Perfume de rosas, jasmims, crisântemos amargos
se expandiam entre canteiros coloridos de verbenas.*

Os jardins de Baixa-Verde

Ficaram suspensos em um tempo que não acaba.

*Na entrada, tanques com água verde-lodo,
espelho onde oscilavam reflexos da minha infância.*

⁴ Santo da Igreja Católica, nascido em 24 de maio de 1150 na cidade de Colônia, na Alemanha.

Em sua poética, Hermano José nos convida a debruçarmo-nos sobre os jardins de sua mocidade, trazendo o engenho como um lugar de pertencimento. Em uma entrevista concedida para a TV UFPB, no ano de 2013, Hermano trouxe alguns detalhes sobre os lugares de sua infância e contou como as vivências nesses recantos interioranos foram de fundamental importância para o aflorar de sua sensibilidade artística.

Eu nasci no interior, na época que o interior era mais interior do que hoje e hoje tudo tá muito devassado, né?! Aí eu faço uma ideia, 1922 o interior nem se falava ainda em poluição, a natureza tava muito presente, era uma força e eu tive a sorte de muito menino nascido lá, viver no meio da natureza, que ainda hoje, pra mim, ainda é a força maior (DOCUMENTÁRIO, 2009).

Durante a vida, o artista retratou em algumas de suas obras a plenitude dessa pequena urbe serrana de sua infância (Figura 23), materializando suas memórias e vivências em desenhos e pinturas, como podemos ver abaixo.

FIGURA 23 – *Sítio de Engenho Baixa Verde*, pastel seco, 23x30 (2000)



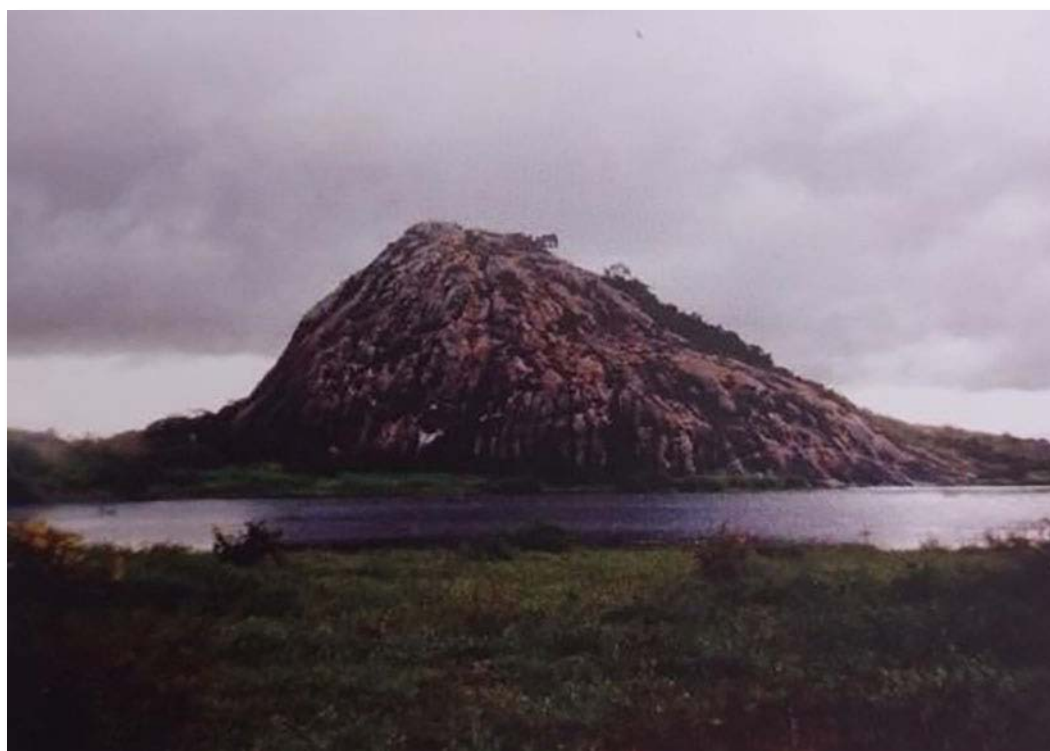
FONTE: José (2003, p. 193)

O artista contou que passou a infância rodeado por cheiros, sabores e aromas. Todas as manhãs ouvia o barulho do apito chamando os empregados para o trabalho no engenho e, sempre que podia, brincava no rio e se entranhava no verde das serras com os irmãos. Para Hermano, crescer no engenho possibilitou um despertar junto à preservação da natureza desde muito

cedo, cultivando o respeito e o amor pelo meio ambiente, pauta que defendeu durante todos os anos de sua trajetória (ANDRADE, 2013).

Quando a família se mudou para a cidade de Caiçara-PB, em detrimento do trabalho do pai como coletor federal, Hermano cresceu dividido entre as cidades. O município de Caiçara (PB), cidade em que Hermano passou boa parte de sua infância, é tido como um lugar que exerceu muita influência em sua vida. Ao descrever esse recanto, Hermano tece uma analogia entre o rio e a Pedra do Pão de Açúcar⁵ (Figura 24).

FIGURA 24 – Pedra do Pão de Açúcar, Caiçara-PB



FONTE: Andrade (2013, p. 22)

A pedra e o rio podiam ser observados da residência de seus pais e Hermano comparava o movimento contínuo do rio ao efêmero que transpõe barreiras e a pedra associada a tudo que é sólido e que resiste ao tempo, passando a ideia de eternidade.

Caiçara tinha um rio maravilhoso, que enche só de vez em quando no Curimataú. Tem uma pedra gigantesca, lá ficava atrás da minha casa, chamava Pão de Açúcar e tem 250 metros. Aquilo ali acho que me marcou, pois o rio era pra mim o efêmero, o que passa, o que tá sempre indo... Bem atrás da casa ele era muito largo e a pedra enorme é

⁵ A pedra do Pão de Açúcar é uma formação rochosa com uma vegetação típica da região, é um recanto que desperta o sentimento religioso e cultural. A sua formação rochosa e a vegetação típica da região são atrativos para visitação e para práticas de esportes de aventura, com um percurso de mais de 300 metros de subida para alcançar a contemplação da paisagem. Disponível em: <https://www.paraibacriativa.com.br/artista/festa-da-pedra-pao-de-acucar/>.

o que fica né? O que não muda. Essas duas coisas que é natureza acho que me marcou (ESPECIAL, 2013).

Assim como no engenho, o artista teve a oportunidade de vivenciar a rotina da cidade e acompanhar eventos como missas, festividades locais, solenidades, entre outros acontecimentos. Andrade (2013) destaca que, nessa época, Hermano dispunha de uma saúde frágil e quase sempre carecia de cuidados, o que deixava o menino por vezes isolado para tratamentos. Em certo momento na obra, alguns episódios marcantes vividos por Hermano na residência dos pais em Caiçara (Figura 25) são mencionados, como os episódios da morte de uma de suas irmãs e a labuta do povo sertanejo.

FIGURA 25 – Residência da família em Caiçara-PB



FONTE: José (2003, p. 194)

Apesar das adversidades com a saúde, alguns momentos de alegria são rememorados pelo artista, como os festejos juninos, o circo e a festa da padroeira que movimentavam a pequena cidade de Caiçara. Nessa época, eram comuns os encontros musicais e os desfiles da banda municipal, assim como saraus e apresentações nos coretos das praças. O evento mais esperado pelo menino Hermano era a chegada do circo e sua trupe de artistas, trazendo um universo místico de magia e cores (JOSÉ, 2003).

O Engenho Baixa-Verde e a cidade de Caiçara se tornaram referências para Hermano, que durante a vida revisitou esses espaços de recordação. A natureza é muito presente em suas obras e percebemos a importância e a influência destes lugares em sua formação artística e,

quicá, é possível que suas raízes fincadas nessas cidades interioranas também tragam influência em seu gosto musical. O fato é que esse universo talhou no menino uma sensibilidade singular, provocando uma explosão de cores em sua produção. “A formação no sentido das artes plásticas... O engenho onde eu nasci tinha uma sala enorme com vidros coloridos, vermelhos e verdes, né?! Isso eu via desde de menino, é cor, né?! Isso pode ter influenciado, pode, né?!” (DOCUMENTÁRIO, 2009).

Hermano José passou boa parte da primeira infância nesses recantos de memória e, por volta dos 11 anos de idade, precisou se mudar para a capital João Pessoa, para dar continuidade aos estudos. Em um trecho extraído do documentário produzido para a TV UFPB (ESPECIAL, 2013), Hermano fala sobre como foi ter crescido em cidades interioranas, o que contribuiu significativamente para sua formação artística e identitária. “O meu contato com a arte foi mais através da natureza, eu acho que se eu tive um professor foi a natureza, porque eu tive a sorte de ter nascido no interior e só ter vindo pra cá (João Pessoa) com 11 anos” (ESPECIAL, 2013).

O menino Hermano, ao se mudar para a capital, passou a morar inicialmente com os avós maternos. Posteriormente, seu pai adquiri um imóvel na avenida Almeida Barreto e providenciou a mudança de toda a família para João Pessoa. Nessa época, o Engenho Baixa-Verde havia sido vendido e Hermano passou a vivenciar o charme e o romantismo bucólico da capital dos anos trinta (ANDRADE, 2013). Assim, uma nova jornada se iniciou e a nossa busca por indícios sobre a influência da música na arte hermaniana trafega por um novo cenário. Na seção que segue, conheceremos os trajetos percorridos por Hermano e acompanharemos os passos melódicos de um artista em formação pelas veredas da capital onde o sol nasce primeiro.

4.2 POR ENTRE AS VEREDAS DE JOÃO PESSOA (PB): Traços melódicos de uma cidade

*Num recanto bonito do Brasil sorri a minha terra amada, onde o azul
do céu é mais cor de anil, onde o sol tão quente parece mais sutil
(Trecho da canção: Meu sublime torrão, de Genival Macedo⁶).*

Por descender de uma família abastada, Hermano passou toda a sua juventude na região mais desenvolvida da capital João Pessoa, até então o centro da cidade. Nessa época, o centro e o entorno já dispunham de alguns serviços como luz elétrica, água encanada, bonde e ruas

⁶ Nascido na cidade de João Pessoa, na Paraíba (1921-2008), foi um compositor considerado como um dos precursores da música moderna pernambucana. Além da canção “Meu sublime torrão”, composta em 1937, produziu diversas marchinhas para os carnavais da capital paraibana e para cidade de Recife-PE. Disponível em: <https://dicionariompb.com.br/artista/genival-macedo/>

pavimentadas. O processo de modernização do perímetro urbano foi lento, devido a conflitos políticos e jogos de interesses e, mesmo com o alargamento de avenidas para o tráfego dos bondes, a cidade conseguiu preservar muitos prédios e casarios, herança arquitetônica do período colonial e imperial.

Hermano estudou na tradicional Escola Santa Theresinha, coordenada pela professora Maria Tércia Bonavides Lins⁷ (1903-1982). Nessa escola o menino potencializou seu talento no desenho e na pintura, passando a exercitar seus dons ao retratar a capital pessoense, em especial o centro histórico e a orla durante os anos de 1940. Em uma entrevista concedida ao Zarinha Centro de Cultura, Hermano relata a importância do Lyceu Paraibano em sua formação artística.

Depois vim pra cá pra João Pessoa, já era outra vivência, já é uma cidade muito maior. Aí **entrei no** Lyceu, aí tive bons professores que naquela época o Lyceu era muito bom, Olívio Pinto como professor de Pintura, o seu Stuken, o velho Stuckert, um suíço que ensinava desenho [...] quer dizer, também tive sorte de pegar um Lyceu muito bom (DOCUMENTÁRIO, 2009).

Para o então adolescente Hermano, essa época representou um misto de cores e sons em que o artista em formação pôde estudar e desenvolver sua arte em um cenário completamente diferente dos interiores onde cresceu. Esse período de descobertas foi um dos mais produtivos para ele, tanto no desenho quanto na pintura, e o artista documentou algumas paisagens e monumentos da cidade em suas obras. Segundo Andrade (2013, p. 29):

Todo esse patrimônio se tornou de importância fundamental para o desenvolvimento de sua pintura, embasada no respeito e na admiração pela beleza da cidade. Esse respeito ficou fixado em seu trabalho, quando ele registrou em suas obras acidentes geográficos, os edifícios históricos, as ruas, as ladeiras, o hospital Santa Isabel, as igrejas, as barreiras, fruto de onde surgiu um ser humano, um cidadão preocupado na preservação do patrimônio da cidade.

Os anos passaram e o rapaz Hermano foi estreitando o seu contato com o ecletismo arquitetônico da cidade. O patrimônio histórico é composto por igrejas em arte barroca e casarões coloniais, tornando-se um museu/laboratório a céu aberto (ANDRADE, 2013). No seu acervo pessoal, Hermano registrou alguns dos passeios dessa época pelo centro histórico da capital paraibana, como a Igreja do Carmo (Figura 26) e o conjunto arquitetônico do Mosteiro de São Francisco (Figura 27).

⁷ Sobre a professora Tércia Bonavides ler a obra intitulada Maria Tércia Bonavides Lins: uma educadora para seu tempo de autoria de Regina Rodriguez Bôto Targino, publicada pela editora Ideia em 2017.

FIGURA 26 – Aos fundos da Igreja do Carmo



FONTE: MCCHJ (2021)

FIGURA 27 – Hermano e Ruy Elói em frente ao Mosteiro de São Francisco



FONTE: MCCHJ (2021)

O parque Sólon de Lucena⁸, conhecido popularmente como Lagoa (Figura 28), foi um dos pontos mais apreciados por Hermano. O cartão postal da capital paraibana, naquela época, era considerado sinônimo de lazer.

FIGURA 28 – Parque Sólon de Lucena na década de 1950



FONTE: MCCHJ (2021)

O charme bucólico da lagoa e os jardins que abraçavam o seu entorno, bem como as palmeiras imperiais e os ipês amarelos, inspiraram o artista, que retratou (Figura 29) com sensibilidade o sublime pulsar desse manancial de cores.

⁸ O parque foi urbanizado em 1922 através de uma iniciativa do Governo do Estado da Paraíba. O espaço recebeu o nome do então governador, Sólon Barbosa de Lucena (1877-1926), que governou o Estado dos anos 1920-1924. Considerado um cartão postal da capital João Pessoa, o parque passou por reformas ao longo dos anos, mas preservou o seu símbolo maior: a lagoa (PEREIRA, 2017). Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/12716>

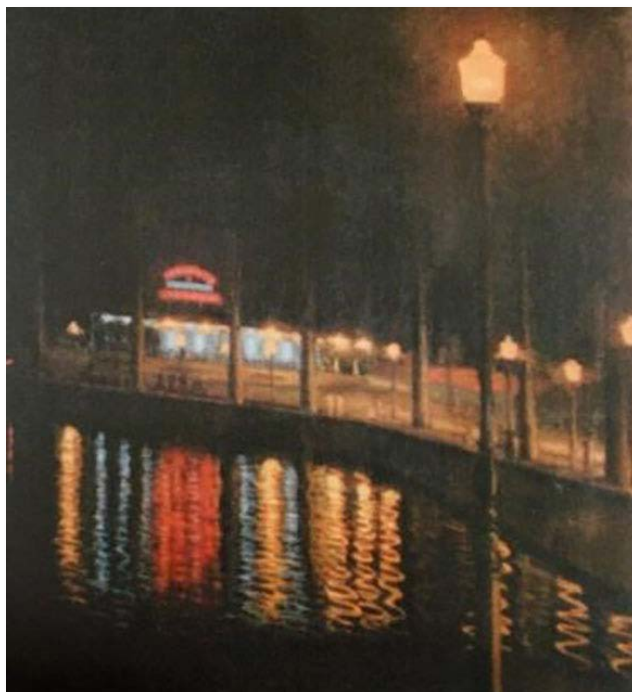
FIGURA 29 – *Parque Sólon de Lucena*, óleo sobre tela, 116x90 cm (1953)



FONTE: José (2003, p.16)

As famílias tradicionais despendiam seus passeios ao ar livre, enquanto membros da alta sociedade frequentavam o Cassino Restaurante que, além de oferecer uma vista privilegiada da lagoa, era um espaço de encontro para dança, comida e boa música, como declarou Hermano: “Na lagoa havia um cassino onde você botava a música do momento, que eram outras também, de melhor qualidade, aí você ouvia de lá da calçada, as moças vinham namorar com os rapazes daquela época na calçada da lagoa” (JOÃO, 2015).

Dentre as obras pertencentes ao acervo do artista, podemos destacar a pintura confeccionada sob a técnica de óleo sobre tela (Figura 30) intitulada *Lagoa à noite* (1953), em que Hermano nos apresenta, com maestria, traços quase fotográficos do parque ao anoitecer, como podemos observar a seguir:

FIGURA 30 – *Lagoa à noite*, óleo sobre tela, 70x50cm (1953)

FONTE: José (2003, p. 31)

Com o passar dos anos o artista adotou novas técnicas e linguagens para expressar sua arte. Devido aos trabalhos com ilustrações de jornais, a exemplo do *Diário de Pernambuco* em 1948 (Figura 31), Hermano recebeu o convite para integrar a equipe de ilustradores do *Correio das Artes*⁹ no ano seguinte.

FIGURA 31 – Ilustração para o jornal Diário de Pernambuco, 1948

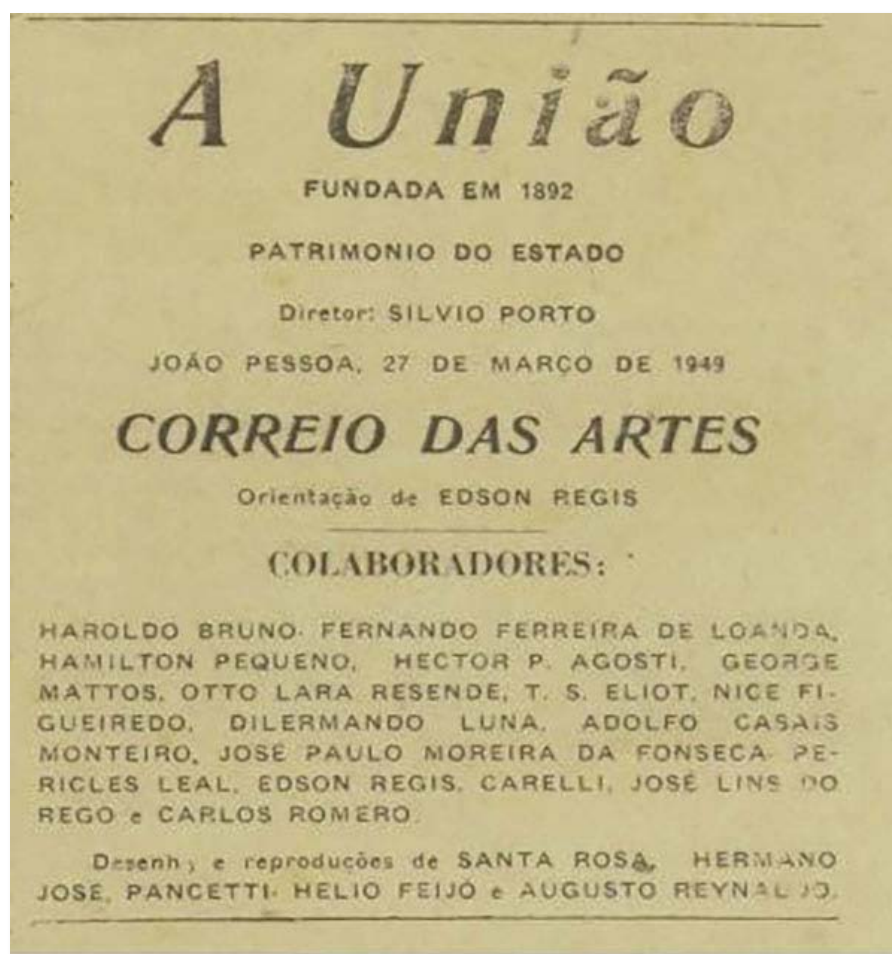
FONTE: José (2003, p. 123)

⁹ Correio das Artes é um suplemento de literatura e artes que tem 72 anos de existência, publicado mensalmente junto ao Jornal A União, pela Empresa Paraibana de Comunicação do Governo do Estado. O Correio das Artes, ao longo do tempo, vem cumprindo a missão de divulgar e analisar a produção artística, principalmente literária, da Paraíba e do Brasil, sendo uma de suas principais funções ser uma vitrine para essa divulgação (A UNIÃO, 2019).

A iniciativa organizada pelo jornal *A União* tinha como proposta disseminar as artes plásticas e dar visibilidade aos novos artistas do estado da Paraíba. O suplemento literário tornou-se um canal de divulgação para os artistas regionais do campo da literatura, poesia, música, artes plásticas, além de veicular conteúdos, matérias, curiosidades e o que de melhor acontecia relacionado às artes em geral (ANDRADE, 2013).

A circulação do jornal era dominical e Hermano José, que fazia parte do grupo de colaboradores do *Correio das Artes* (Figura 32), produziu parte das ilustrações no final dos anos 1940 e início dos anos 1950. Os trabalhos acompanhavam as matérias, contos, poemas e o artista captava a essência do conteúdo e fazia-se refletir nas ilustrações.

FIGURA 32 – Corpo editorial do correio das artes em 1949



FONTE: Jornal A União (1949)

Alguns destes trabalhos, (Figuras 33,34,35), consequentemente, foram o mote para que Hermano ganhasse um lugar de destaque entre os jovens promissores nas artes plásticas da época.

FIGURA 33 – Ilustração para a edição do mês
julho de 1949

Fonte: Jornal A União (1949)



FIGURA 34 – Edição de agosto de 1950



FONTE: Jornal A União (1950)

FIGURA 35 – Ilustração para a edição do mês de junho de 1949**FONTE:** Jornal A União (1949)

O artista também se aprofundou no gênero de paisagens (marinhas), passando a retratar em suas obras o cotidiano de pescadores e as praias, à exemplo da tela *Palhoça do pescador* (1950), apresentada na Figura 36. Um outro trabalho que aborda essa temática é *Cabo Branco* (1951), Figura 37, que tantas vezes foi reverenciado pelo pintor, sempre ativo nas questões ambientais, evidenciando a singularidade da falésia e seu desgaste e denunciando a degradação da natureza.

FIGURA 36 – *Palhoça do pescador*, hoje local do Hotel Tambaú (1950)**FONTE:** José (2003, p. 42)

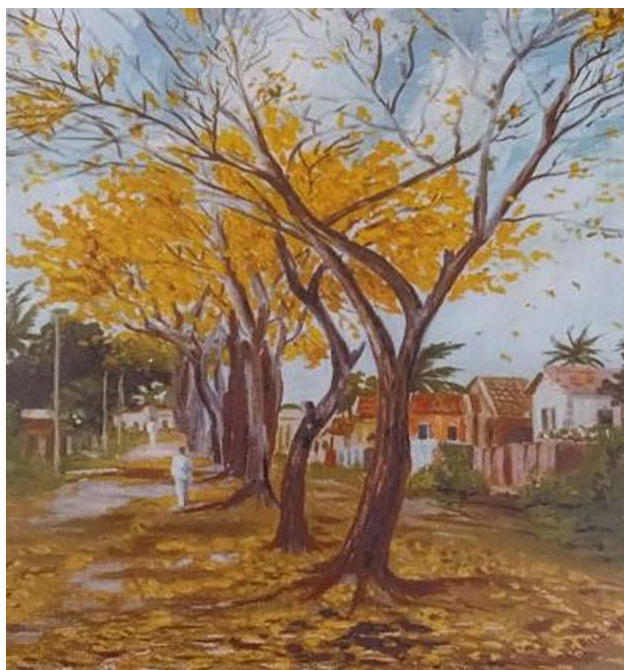
FIGURA 37 – *Cabo Branco*, óleo sobre tela, 62x72 cm (1951)



FONTE: José (2003, p. 38)

Dentre alguns trabalhos notáveis, tendo como cenário as veredas de João Pessoa, podemos destacar *Avenida Tabajara*, 1948 (Figura 38), *Hospital Santa Isabel*, 1954 (Figura 39), *Ladeira da Catedral*, 1950 (Figura 40), *Ladeira do Varjão*, 1950 (Figura 41), e *Festa das Neves*, 1953 (Figura 42).

FIGURA 38 – *Avenida Tabajara*, óleo sobre tela, 50x40 cm (1948)



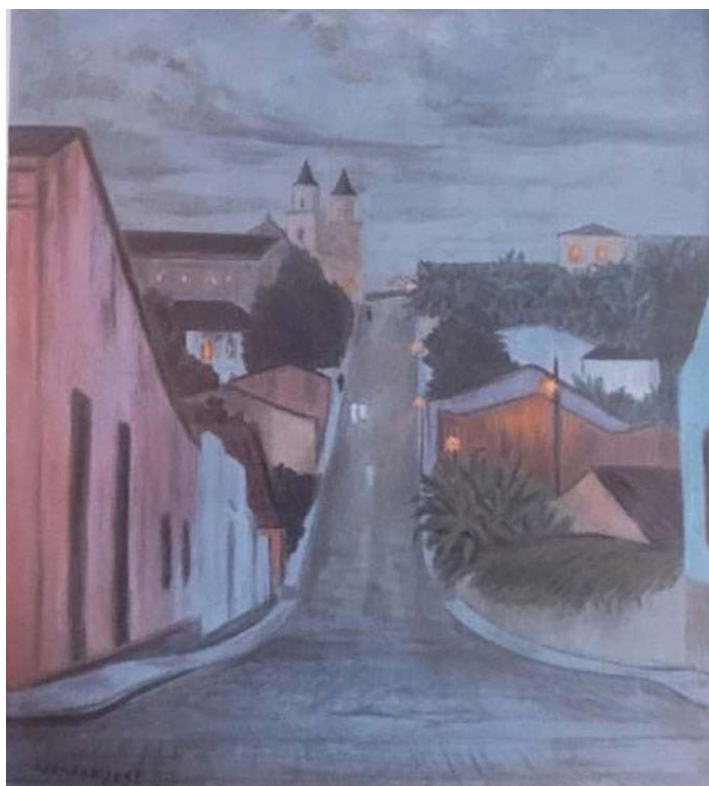
FONTE: José (2003, p. 17)

FIGURA 39 – *Hospital Santa Isabel*, óleo sobre tela, 60x70 cm (1954)



FONTE: José (2003, p. 46)

FIGURA 40 – *Ladeira da Catedral*, óleo sobre tela, 70x60 cm (1950)



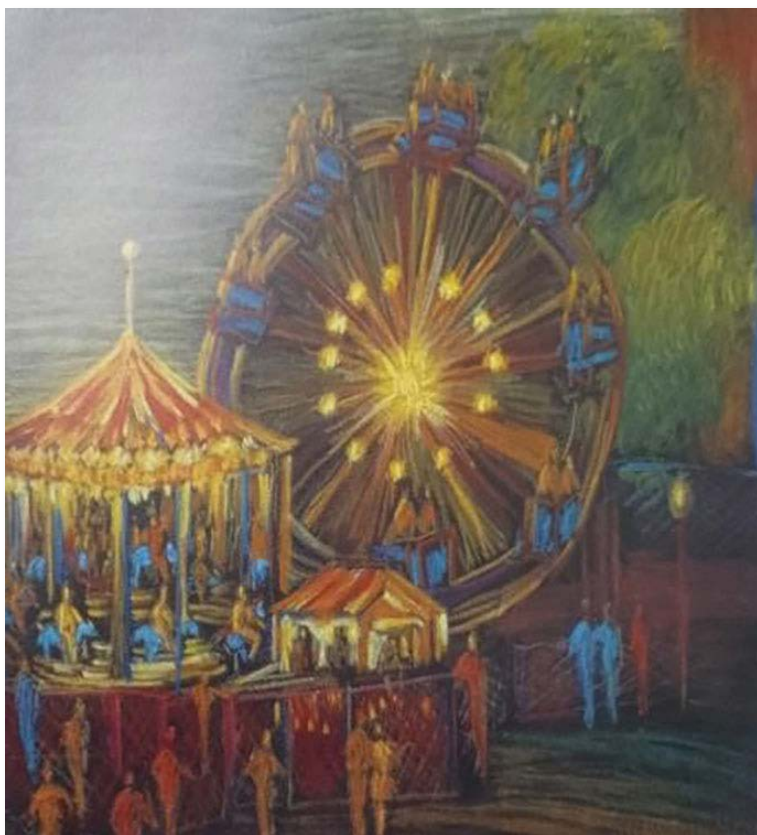
FONTE: José (2003, p. 47)

FIGURA 41 – *Ladeira do Varjão*, óleo sobre tela, 65x80cm (1950)



FONTE: José (2003, p. 32)

FIGURA 42 – *Festa das Neves*, pastel seco, 45x45 (1953)



FONTE: José (2003, p. 30)

A cidade de João Pessoa, aos olhos de Hermano, era tida como uma cidade romântica. Desde o momento em que veio morar na capital, o artista ficou deslumbrando pelo choque de cores e sons. Cada vereda pessoense era um refúgio para o pintor-poeta que traduziu em versos sua admiração e a nostalgia daqueles tempos bucólicos, como ressaltado no poema extraído do livro *Anotações no tempo* (JOSÉ, 2014, p. 81);

João Pessoa de Nossa Senhora das Neves
Envolvida pelos ventos alísios
Banhei-me em teus mares
Percorri tuas ruas
Orei em tuas igrejas
Amei em tuas praças
Enquanto o amarelo dos teus pau-d'arcos
Ondulavam no azul dos céus.
Que saudades!

Muitas telas foram produzidas nessa época de muita inspiração para o jovem Hermano, como as obras *Elegia I e II* (1949), caracterizadas por representar as expressões humanas, abordando temas como tristeza e isolamento. O *Menino do Amendoim* (1953) reflete o cansaço e a simplicidade de um garoto vendedor de amendoins e critica a marginalização das classes menos favorecidas.

Com o passar dos anos Hermano José recebeu diversos convites para expor suas obras em salões de arte pelo país e no exterior. Uma curiosidade sobre o pintor, que sempre foi atento às diversas linguagens artísticas, foi a sua passagem pelo teatro, mas especificamente na área de produção e cenografia, assim, na seção a seguir, conheceremos mais um fractal da trajetória desse artista versátil.

4.3 HERMANO E O TEATRO: no espetáculo da vida

A versatilidade sensível do artista o levou a se aventurar com maestria pelos caminhos do teatro. Além da produção, Hermano José exerceu a função de diretor geral e também desempenhou os papéis de cenógrafo, sonoplasta e figurinista.

Um de seus trabalhos que merece destaque foi a realização do espetáculo *Cantam as Harpas de Sião*, do escritor e dramaturgo Ariano Suassuna¹⁰, produzido por Hermano em 1955.

¹⁰Ariano Vilar Suassuna foi um dramaturgo, romancista, ensaísta, poeta, professor e advogado brasileiro. Idealizador do Movimento Armorial e autor das obras *Auto da Compadecida*, *O Romance d'A Pedra do Reino* e o

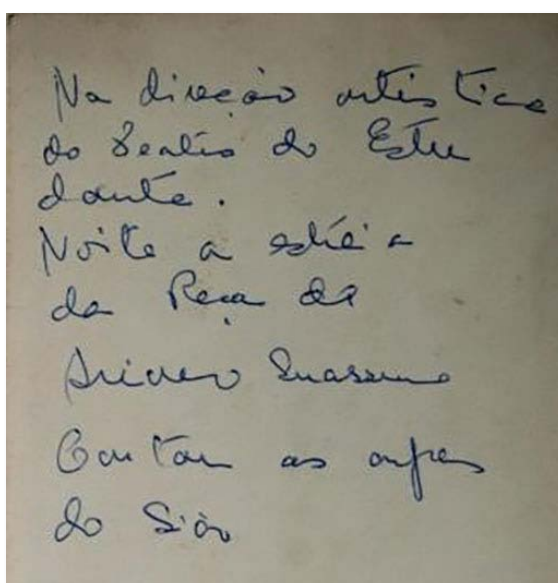
A encenação ocorreu no Teatro do Santa Roza e foi prestigiada pelo autor na estreia do espetáculo (Figuras 43 e 44) e, na ocasião, teceu um forte elogio ao trabalho desempenhado por Hermano.

FIGURA 43 – Hermano José e Ariano Suassuna com o elenco da peça em 1955 (frente)



FONTE: Acervo pessoal Hermano José (1955)

FIGURA 44 – Hermano José e Ariano Suassuna com o elenco da peça em 1955 (verso)



FONTE: Acervo pessoal Hermano José (1955)

Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta, foi um preeminente defensor da cultura do Nordeste do Brasil.

A peça obteve sucesso da crítica (Figura 45), com comentários elogiosos sobre o desempenho e esforço despendidos pelos atores envolvidos no projeto (Figura 46), além de ressaltar o ótimo trabalho na cenografia do espetáculo produzido e dirigido por Hermano.

FIGURA 45 – Crítica de jornal referente ao espetáculo *Cantam as harpas de Sião*, 1955



FONTE: José (2003, p. 206)

FIGURA 46 – Ednaldo Macedo, Sósthene Kerbrrie, Auzenda Ferreira, Celso Amir e Ruy Eloy, (da esquerda para a direita), 1955



FONTE: Acervo pessoal Hermano José (1955)

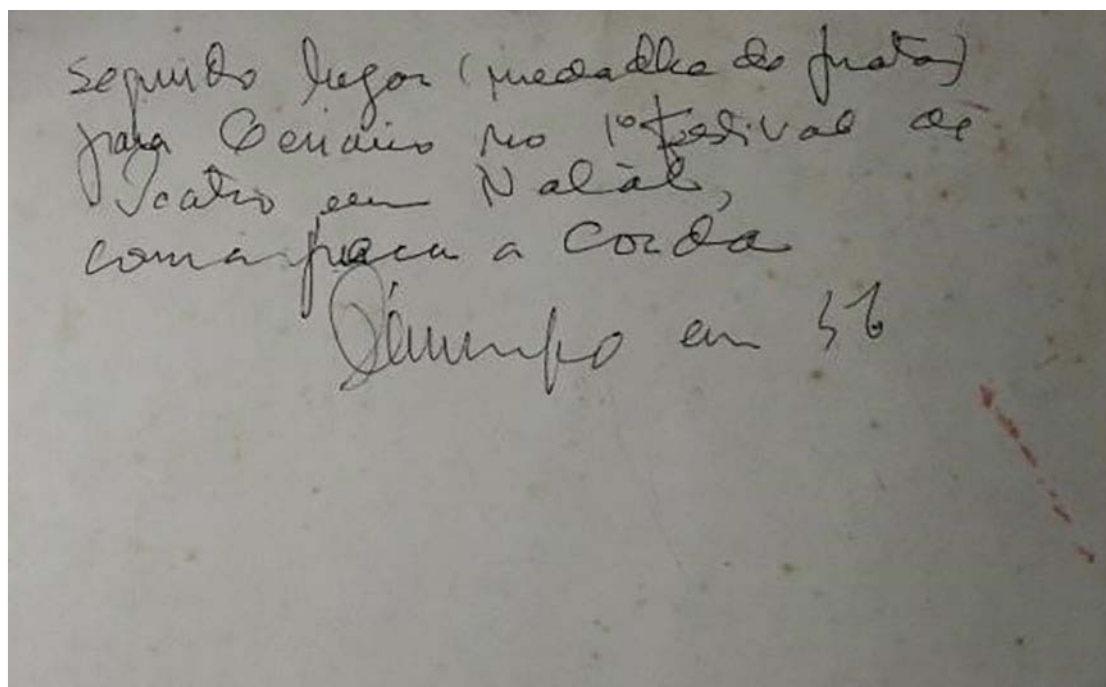
No ano de 1956 Hermano continuou desenvolvendo trabalhos no teatro. Outra peça em que obteve êxito foi com a produção do espetáculo intitulado *A Corda* (Figuras 47 e 48), tendo concorrido e ganhado uma Medalha de prata no II Festival Nacional de Teatro, na cidade de Natal, no Rio Grande do Norte.

FIGURA 47 – Fotografia da peça *A Corda*, 1956 (frente)



FONTE: Acervo pessoal Hermano José (1956)

FIGURA 48 – Fotografia da peça *A Corda*, 1956, lembrete escrito por Hermano (verso)



FONTE: Acervo pessoal Hermano José (1956)

Apesar de não ter seguido na área teatral, Hermano José sempre foi atuante em atividades voltadas ao desenvolvimento das artes em geral, como discutiremos em seção posterior, enquanto desempenhou o papel de gestor cultural na capital e no estado. Nos anos 1950, Hermano se dividia entre as artes e o trabalho burocrático no Banco do Brasil e, em detrimento do trabalho, precisou pausar suas atividades, uma vez que precisou ser transferido para atuar na matriz da instituição, no Rio de Janeiro.

Esse período longo de sua história, em que esteve na cidade maravilhosa, foi de muito aprendizado e Hermano pôde desenvolver outras técnicas voltadas às artes plásticas, sobretudo na gravura, como veremos na seção seguinte.

4.4 RIO DE JANEIRO: um mar de influências na arte hermaniana

“A arte tem sido para mim uma maneira de acreditar na vida, que já tem sido muito difícil”.

HERMANO JOSÉ (2013)

Aos 23 anos de idade, Hermano havia ingressado por meio de processo seletivo para trabalhar no Banco do Brasil, sendo necessário deixar seu estado de origem, a Paraíba, rumo à cidade de Natal, no estado do Rio Grande do Norte, fronteira com a Paraíba

É bem verdade que, a contragosto, Hermano abruptamente foi transferido para a matriz do Banco do Brasil no Rio de Janeiro. Em 1956, foi transferido para uma das unidades do Banco do Brasil na capital federal. Graças ao conhecimento que dispunha e as habilidades como crítico de arte, conseguiu sair do setor de contabilidade e foi lotado no setor de arquitetura. De acordo com Andrade (2013, p. 52):

[...] O setor era o local decisivo para dar a palavra final a projetos relacionados, entre outras coisas, com a compra de obras de arte do Brasil inteiro para o uso da Instituição. Nesse departamento trabalhavam arquitetos, engenheiros e desenhistas que construíam equipamentos arquitetônicos para as sedes do Banco do Brasil nos estados da federação. Era, como foi mencionado, o setor de compras de materiais imobiliários e também o setor de compras de obra de arte.

Durante os anos em que esteve na cidade “maravilhosa”, Hermano dedicou-se aos aprendizados de novas técnicas artísticas como gravura em metal e xilogravura, tomando aulas no Museu de Arte Moderna – MAM (Figura 49).

FIGURA 49 – Oficina de gravura em metal no MAM



FONTE: Acervo pessoal Hermano José (1959)

Enquanto esteve no Rio de Janeiro, participou de diversos cursos sobre arte e ganhou bolsas para estudar junto com outros artistas no Museu de Arte Moderna (Figura 50).

FIGURA 50 – Artistas do MAM - Farnese de Andrade, Barfinsk, Edith Bering, Anna Letycia Quadros, Ana Bela Gaiga, Marília Rodrigues e Hermano José



FONTE: Andrade (2013, p.54).

Esta época foi considerada de muita produção para o artista, pois desenvolveu novas técnicas e acompanhou as vertentes que vinham se desenvolvendo no Brasil e no exterior. Como reflexo de seu empenho nesse período, temos as diversas obras produzidas, tais como *sanguínea* (Figura 51) e *pastel a óleo* (Figura 52).

FIGURA 51 – Estudo a sanguínea, 1959



FONTE: Acervo pessoal Hermano José (1959)

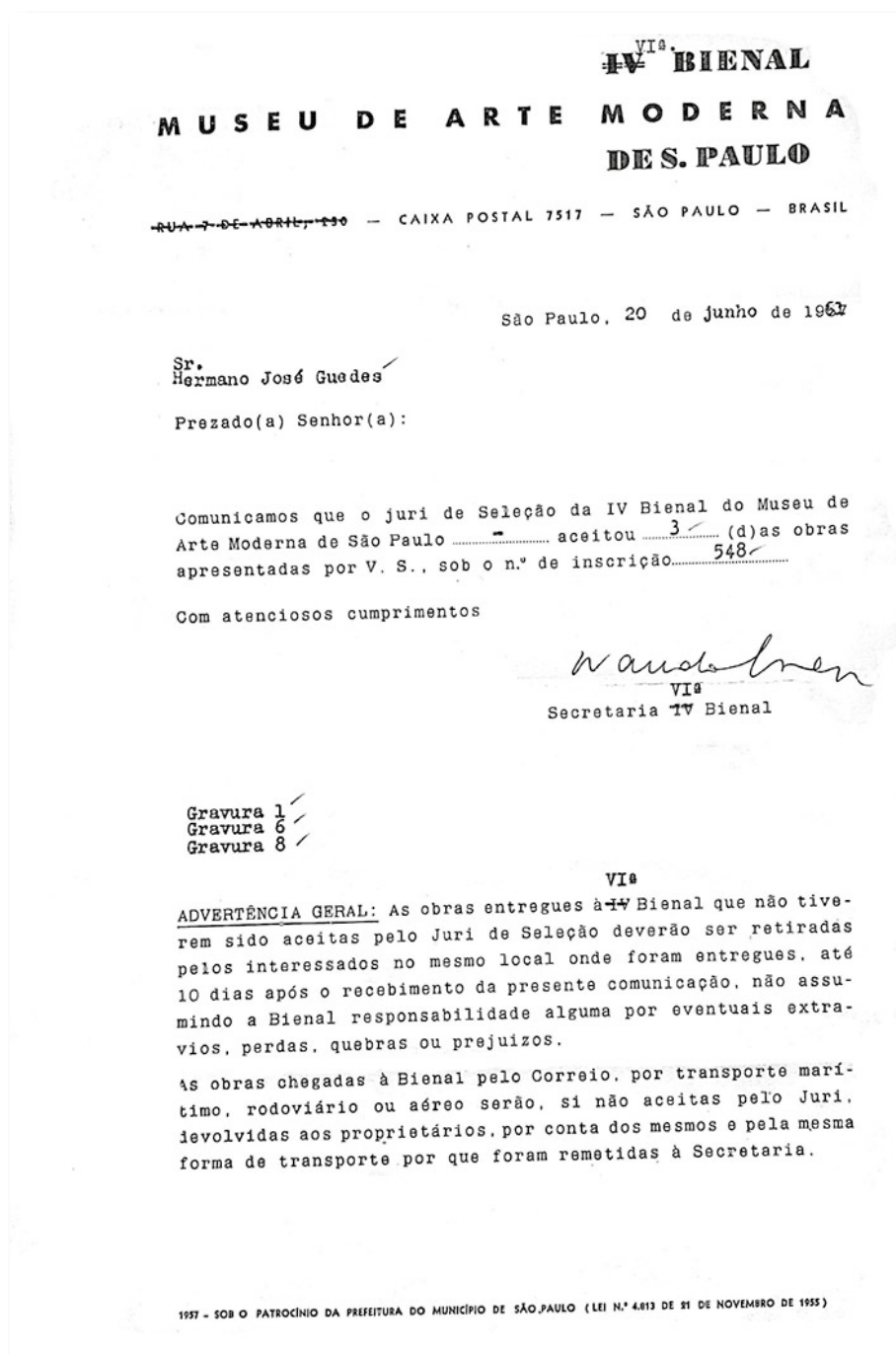
FIGURA 52 – Pastel a óleo, 1975



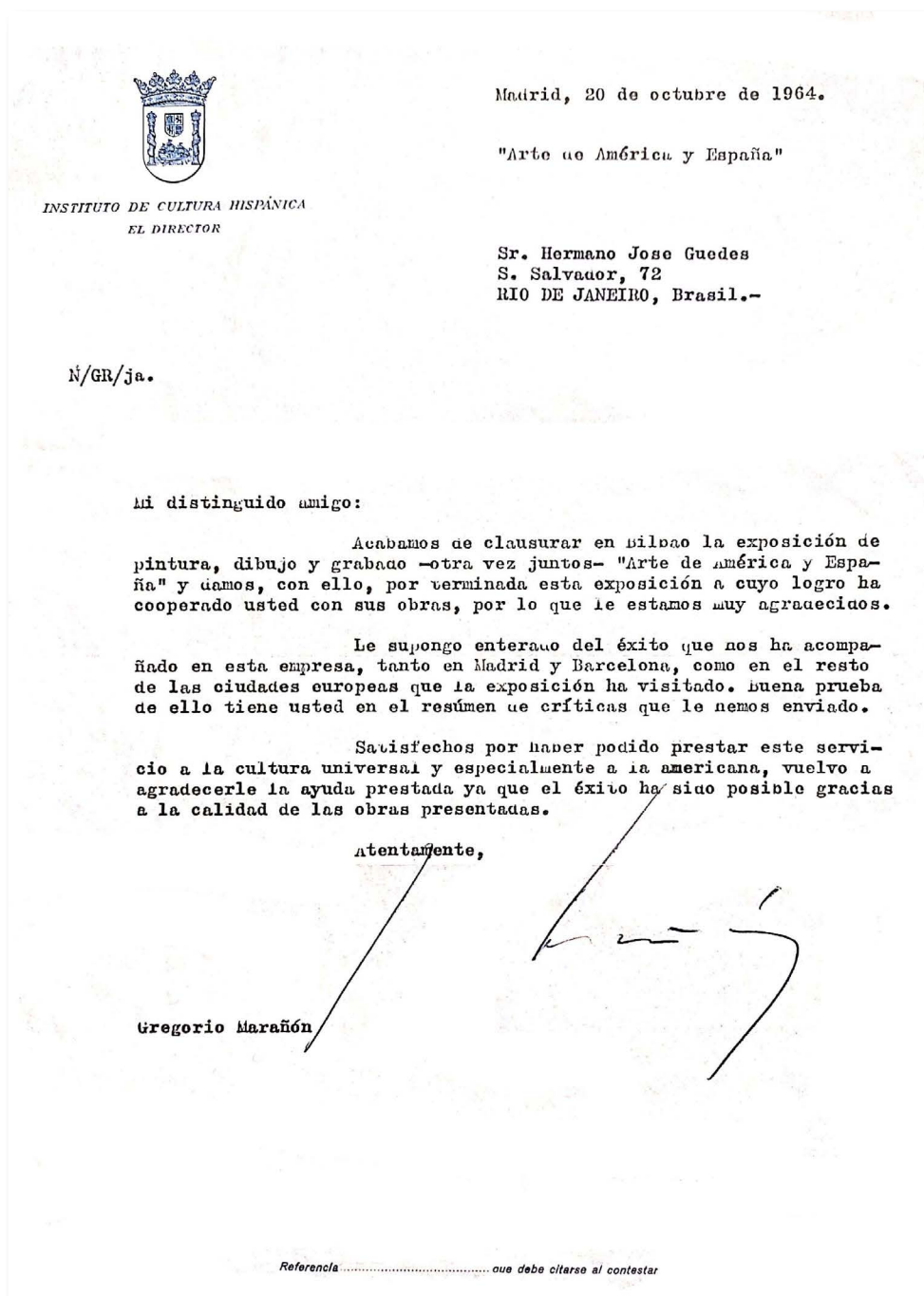
FONTE: Acervo Pessoal Hermano José (1975)

Durante os anos em que esteve no Rio, o artista acompanhou a efervescência cultural, sobretudo na música, com a ascensão do gênero Bossa Nova. Também esteve presente durante golpe instaurado pelo Regime Militar em 1964. Foi convidado para expor suas obras em alguns salões do Brasil (Figura 53) e do exterior (Figura 54).

FIGURA 53 – Carta de aceite para expor na IV Bienal do MAM de São Paulo (1963)



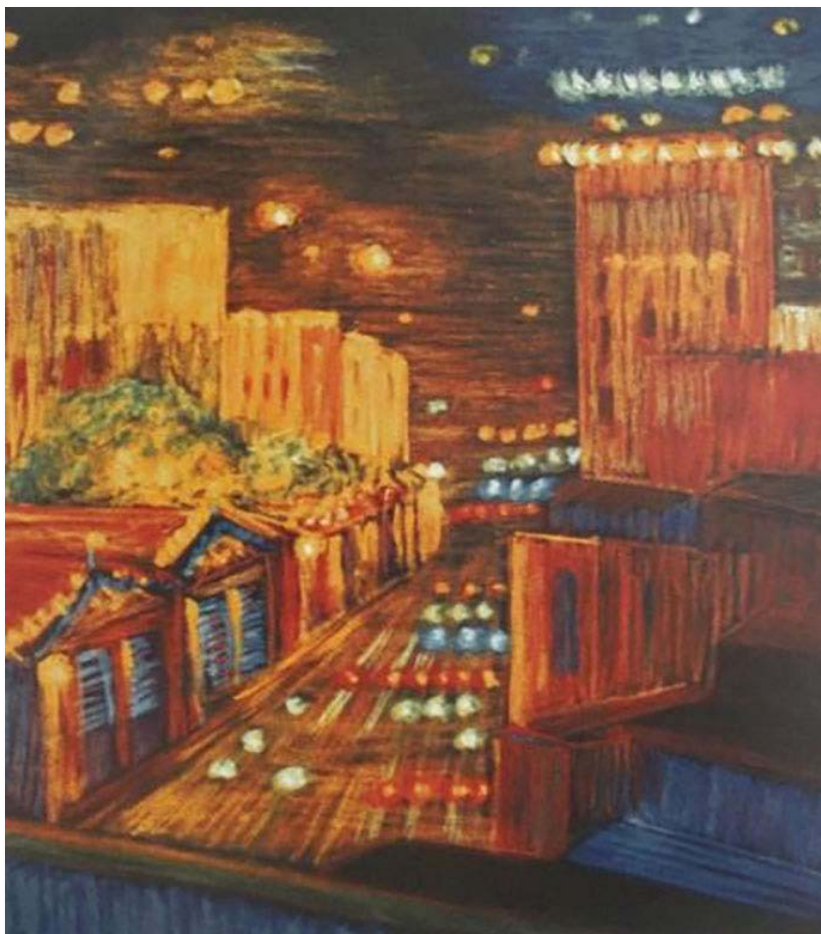
FONTE: Acervo pessoal Hermano José (1963)

FIGURA 54 – Carta-convite de Exposição no Instituto de Cultura Hispânica em Madri – Espanha (1964)

FONTE: Acervo pessoal Hermano José (1964)

Enquanto se dividia entre os trabalhos no Banco do Brasil e a produção de suas telas e atividades voltadas às artes plásticas, Hermano nunca escondeu o desejo de retornar à Paraíba. Somente depois de quase 30 anos com residência fixa no Rio de Janeiro, decidiu retornar. A estadia na cidade maravilhosa foi um divisor de águas na carreira do artista plástico que, apesar de voltar outras vezes ao Rio, sempre carregou em sua memória as luzes bucólicas de outrora, como bem retratada em um de suas obras (Figura 55).

FIGURA 55 – *Vista da Rua do Catete*, residência do artista no Rio, pastel a óleo (2000)



FONTE: José (2003, p. 235)

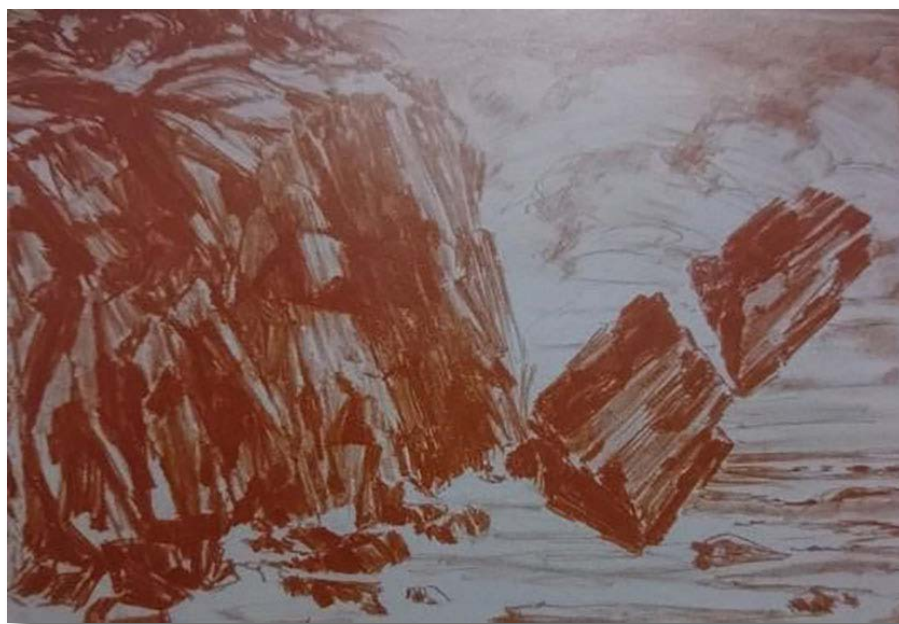
No final da década de 1980, o senhor Hermano, já maduro, passou a atuar com mais ênfase em projetos voltados ao desenvolvimento das artes plásticas no estado e também se envolveu com atividades destinadas à defesa do patrimônio histórico e ao ativismo ambiental, como veremos a seguir.

4.5 MILITÂNCIA ECOLÓGICA: lutas em prol da natureza

A preservação da natureza sempre foi uma constante na vida Hermano José. Dentre os principais embates do artista sobre o tema estão as denúncias e os escritos sobre as intervenções no Bessa – bairro onde residiu até o seu encantamento; e a preservação do acidente geográfico mais importante de João Pessoa: a falésia do Cabo Branco.

Hermano retratou, durante anos, a erosão da barreira do Cabo Branco em suas obras (Figura 56). Ao mesmo tempo em que denunciava a erosão acelerada, tecia críticas às gestões dos órgãos de proteção ao meio ambiente dos governos da época pelo descaso com um patrimônio paisagístico tão importante para a cidade.

FIGURA 56 – Cabo Branco: Até quando? litografia, 50x80 cm (1992)



FONTE: Acervo pessoal Hermano José (1992)

Na época em que residiu no Rio de Janeiro, o artista estreitou a amizade com o paisagista Roberto Burle Marx (1909-1994)¹¹. Ambos (Figura 57) compactuavam de dois ideais: amor à arte e à preservação da natureza.

FIGURA 57 – Hermano José e Roberto Burle Marx



FONTE: Andrade (2013, p. 58)

¹¹O arquiteto e paisagista Roberto Burle Marx é conhecido como o criador do “*jardim moderno*” no Brasil. Formou-se em Belas Artes pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Ganhou notoriedade na profissão paisagista e, ao longo da carreira, produziu mais de 3000 projetos espalhados por mais de 20 países, conquistando renome internacional por inserir elementos da flora brasileira em seus trabalhos. Ver: Moreira, R. R. P. S. (2019). *Os personagens principais da trajetória botânica de Burle Marx*. Revista Espaço Acadêmico, 18. <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/45748>.

Durante anos Hermano e Burle Marx discutiram a criação de um Parque Nacional do Cabo Branco na cidade de João Pessoa. Esse aparelho de preservação ambiental visava a proteção da falésia e se posicionava contra construções clandestinas e desmatamento, com o objetivo de amenizar as erosões provocadas pelo avanço do mar e pela ação do homem. Entretanto, a proposta encontrou resistência no âmbito político e não chegou a se concretizar. De acordo com Andrade (2013, p. 70),

O projeto de Burle Marx tinha como princípio preservar a harmonia paisagística através da construção de uma barragem de falsos arrecifes que protegeria a base da falésia da erosão provocada pelas ondas do mar. As águas de uma represa no rio Cabelo iriam auxiliar seu reflorestamento, enquanto estradas e equipamentos de apoio turístico seriam recuados. Nada de estrada serpenteando suas bases, trazendo consigo a indesejável poluição e destruição do local pelo homem.

Em uma reunião (Figura 58) para discutir a criação do Parque Nacional do Cabo Branco, Hermano esteve reunido também com outra personalidade importante, o ecólogo Lauro Pires Xavier¹².

FIGURA 58 – Lauro Pires Xavier, Hermano José, Roberto Burle Marx (1979)

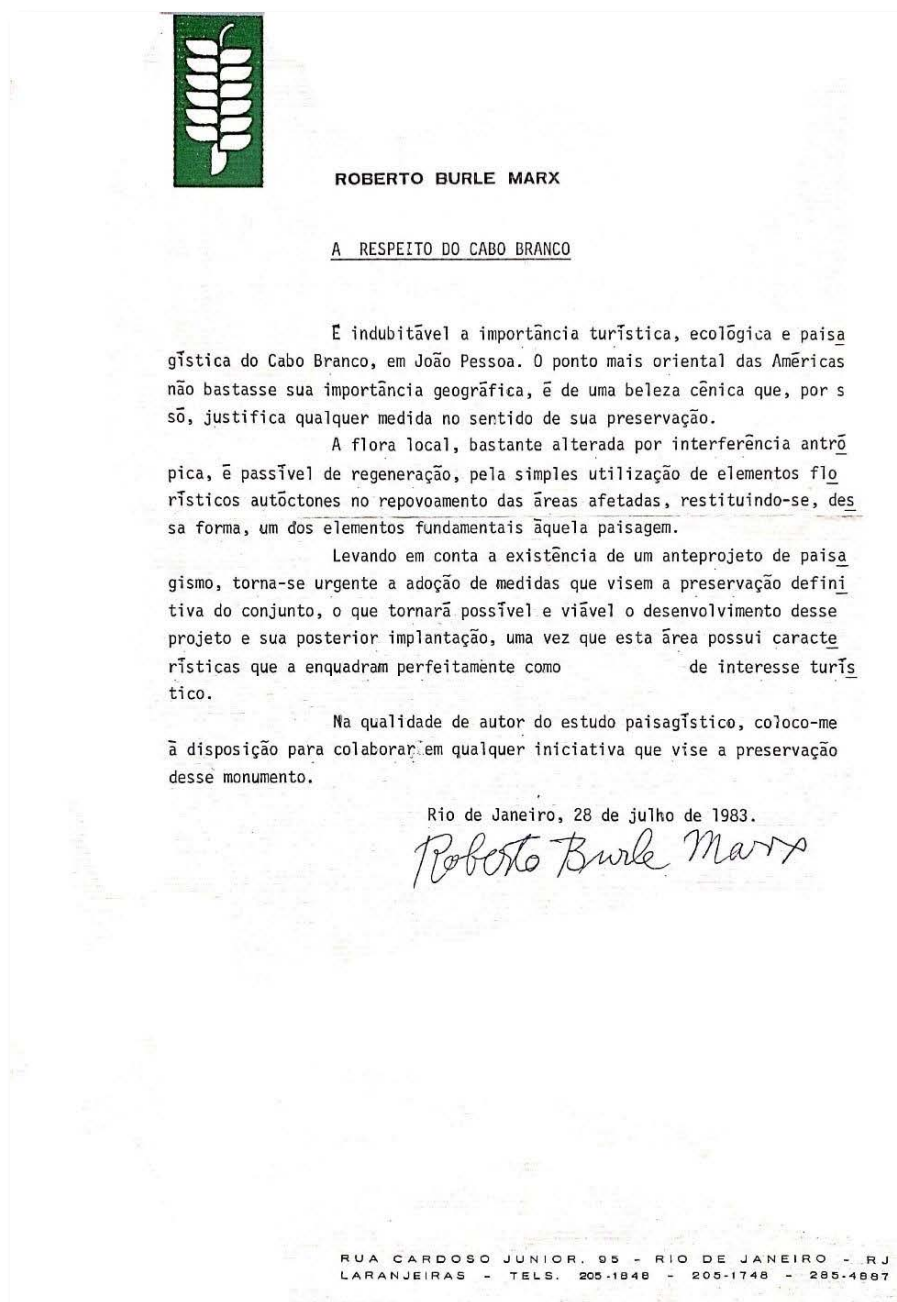


FONTE: MCCHJ (2021)

¹²O Sr. Lauro Pires Xavier (1920-1991) é considerado o primeiro ecólogo da Paraíba. Formado em Agronomia, destacou-se como ecologista, naturalista, professor e escritor. Foi fundador da APAN (Associação Paraibana de Amigos da Natureza) e membro da Academia Paraibana de Letras (APLPB) e do Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba (IHGP). Ver: Egito (2017).

O arquiteto Burle Marx esteve hospedado na residência de Hermano durante as visitas que fez à cidade para a discussão do projeto que, apesar das tentativas, acabou fracassando. Alguns anos depois o paisagista redigiu uma correspondência enviada para Hermano no ano de 1983 (Figura 59). Burle Marx expressava o seu desejo de continuar colaborando com as discussões sobre um projeto de preservação paisagística da falésia do Cabo Branco, ressaltando a beleza cênica do lugar e sensibilizando quanto à sua conservação e o seu potencial cultural e turístico para o estado da Paraíba

FIGURA 59 – Correspondência de Burle Marx sobre a falésia do Cabo Branco (1983)



FONTE: Acervo Hermano José (1983)

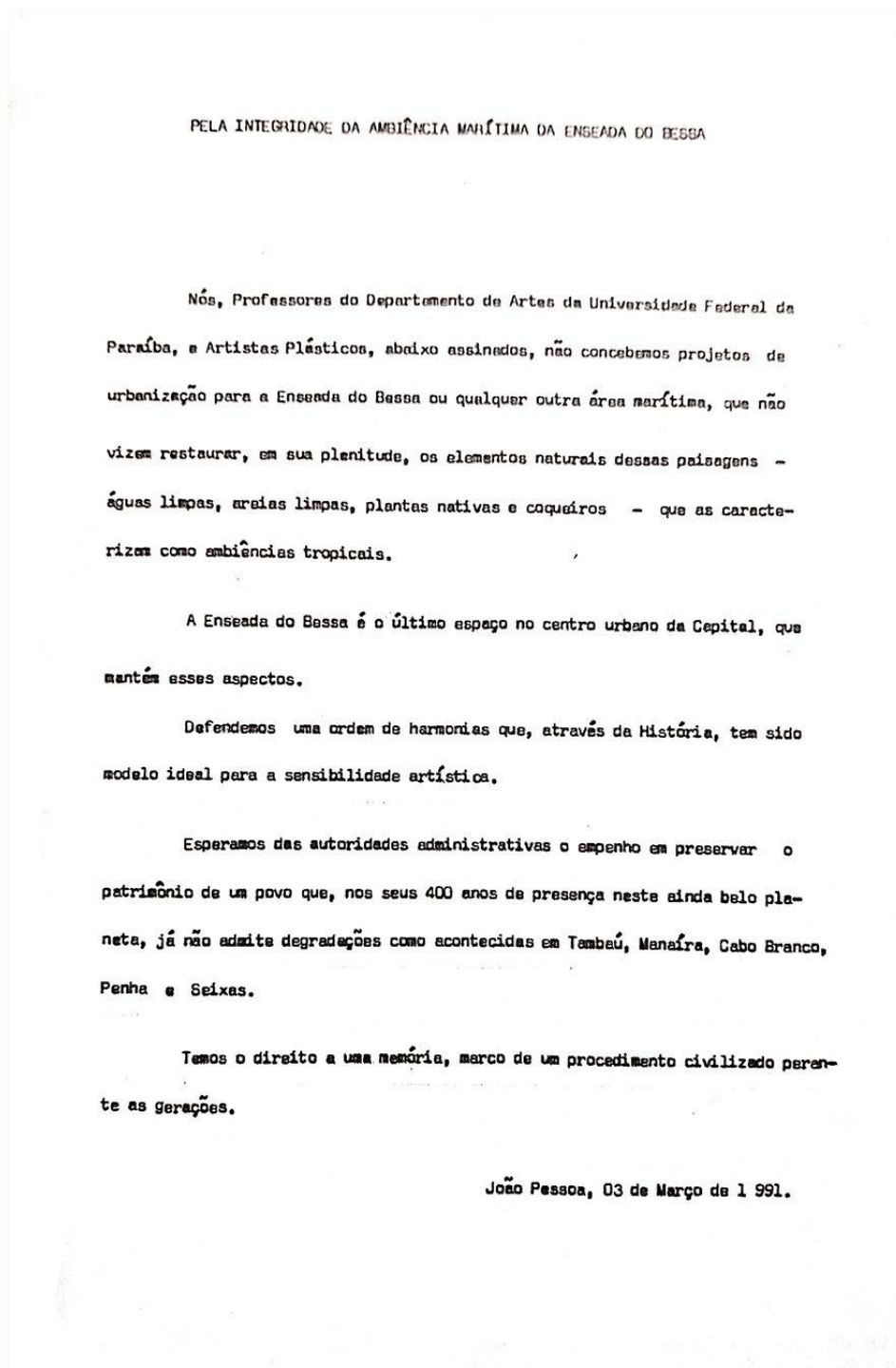
Incansável, Hermano sempre ia a público e realizava denúncias em artigos de jornais (Figura 60) com relação ao descaso de construções desordenadas na cidade, repudiando a degradação da natureza em prol do crescimento a todo custo. Em um desses artigos, criticou as construções na orla marítima, justificando que “turista não vem visitar a cidade para ver *espigão*”, ou seja, os prédios altos que ia se enfileirando aos montes e impedindo a visão do mar e da enseada.

Em outro momento em que esteve à frente do departamento de artes plásticas da Universidade Federal da Paraíba, redigiu um abaixo assinado (Figura 61) referenciando a integridade marítima da enseada do Bessa. O abaixo assinado defendia a conservação da praia e o direito à memória, garantindo a preservação do ambiente para as futuras gerações.

FIGURA 60 – Artigo de jornal criticando a construção de edificações na orla marítima de João Pessoa



FONTE: Jornal O Norte (1997)

FIGURA 61 – Pela integridade da ambiência marítima do Bessa (1991)

FONTE: Acervo pessoal Hermano José (1991)

Os caminhos que levaram Hermano José até a Universidade Federal Paraíba foram trilhados através da arte. O artista, que foi professor, contribuiu significativamente para o desenvolvimento e ensino das artes plásticas na instituição. A próxima seção pretende abordar como esse vínculo gerou frutos e fazer conhecer um pouco dessa relação tão significativa.

4.6 HERMANO JOSÉ NOS CAMINHOS DA UFPB

A década de 1980 foi marcada pela trajetória de Hermano José na Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Apesar de ter ingressado na instituição em 1976, o sonho de criar a Pinacoteca foi concretizado somente no ano de 1987.

Fui para a universidade (UFPB), aí organizei a Pinacoteca, de novo com aulas de pintura, com aulas de desenho e formando acervo, porque o acervo não existia, tava disperso na universidade, cada diretor tinha um quadro no seu birô (gabinete), encostando a cadeira muitas vezes até em cima do quadro [...] (DOCUMENTÁRIO, 2009).

Hermano ressaltou a criação da Pinacoteca em detrimento da preservação das obras que estavam dispersas pela universidade e pela necessidade de um espaço que servisse de instrumento de apoio e fomento para a produção de novas obras, com o intuito de dar visibilidade aos artistas locais. De acordo com Andrade (2013, p. 72)

Quando Hermano José entrou para a Universidade Federal da Paraíba, ele encontrou um bom acervo de arte entre as quais se encontravam as obras de Miguel dos Santos, trabalhos de João Câmara e de Brennand, espalhados pelos departamentos e sem nenhum cuidado, foi quando teve a ideia de fundar a Pinacoteca da Universidade Federal da Paraíba. [...] O sonho de Hermano José foi consolidado em 1987, sem sua presença e nem mesmo uma simples menção quando da colocação da placa comemorativa à criação da Pinacoteca. O idealizador, que lutou para a consolidação do projeto, foi sumariamente esquecido.

Foi um momento fatídico e significativo na história de Hermano, que tanto lutou para a consecução do projeto, mas em detrimento de interesses pessoais foi afastado no momento de sua realização. No entanto, posteriormente o dano seria amenizado, visto que o então reitor José Jackson de Carvalho, junto com os professores do Departamento, designaram o artista por unanimidade para ser diretor da Pinacoteca.

Durante quatro anos em que permaneceu à frente da pinacoteca, ele aumentou o seu espaço, duplicou o acervo, realizou várias exposições e lançou vários artistas no cenário das artes paraibanas. Nessa época, veio a João Pessoa a fim de pronunciar uma conferência à grande artista de renome internacional Fayga Ostrower (ANDRADE, 2013, p. 73).

A Pinacoteca da UFPB, inaugurada em 1987 (Figura 62), consolidou-se ao longo do tempo como um importante equipamento cultural para os artistas locais e para eventos acadêmicos e científicos, servindo tanto para os integrantes da instituição de ensino quanto para a comunidade em geral. Atualmente a Pinacoteca encontra-se localizada no 2º andar da Biblioteca Central da UFPB.

FIGURA 62 – Placa de Inauguração da Pinacoteca da Universidade Federal da Paraíba



FONTE: Acervo Pessoal de Maycon Albuquerque (2018)

Hermano José, em sua trajetória artística, sempre se mostrou preocupado com a preservação da cultura e das artes plásticas na Paraíba. Em uma entrevista concedida ao Centro Cultural Zarinha, Hermano exprime a sua preocupação com as artes plásticas no estado e o porquê de a UFPB ser escolhida como o local mais indicado para a criação de uma pinacoteca na época.

Por que onde é que você vai guardar a memória da evolução das artes plásticas em João Pessoa? No Espaço Cultural, não é. Na prefeitura, não é. Quando eu visei a Pinacoteca na universidade, é porque sendo federal e sendo a universidade mais isolada da política, e o setor das artes plásticas com professores lá mesmo, fiscalizando, tendo um Conselho, é mais fácil preservar o que está dentro de uma Universidade do que o que está no Estado, ou na Prefeitura, esses dois não sustentam nada (DOCUMENTÁRIO, 2009).

Pensando na preservação de seu legado artístico, doou cerca de 32 obras de sua produção para a UFPB. O vínculo criado com a universidade, enquanto professor, o fez escolher essa instituição, anos mais tarde, para receber por doação todo o seu patrimônio. Os autores Oliveira e Martins (2021) discorrem sobre a atitude benemerita do artista, que confeccionou um termo de doação onde direcionava todo o espólio, após a sua morte, para a instituição, no intuito de que a universidade pudesse gerir seu acervo e, assim, criar uma casa de cultura que pudesse servir de instrumento de apoio e fomento às artes.

A atitude benemérita do plural Hermano José, conhecido por traços delicados e de características peculiares em sua arte, se efetivou *post mortem* em 21 de maio de 2015, data de seu encantamento, aos 92 anos de idade. Do patrimônio recebido, desconhecia-se, em minúcias, o espólio deixado. A partir de dezembro de 2016 foi iniciado o trabalho de arrolamento e catalogação de todos os objetos deixados no espaço de sua vivência pessoal, sua antiga residência, sua casa de morada (OLIVEIRA; MARTINS, 2021, p. 189).

O processo de doação e todo percurso sobre a transição de seu espólio para a UFPB serão abordados de forma mais detalhada em um capítulo posterior desta pesquisa. Atualmente, todo o acervo do artista encontra-se em uma reserva técnica na própria universidade, recebendo o tratamento específico em prol da conservação dos documentos e da preservação do acervo.

Na seção seguinte, pretendemos abordar a faceta de colecionador que Hermano exercia e, assim, poderemos conhecer algumas das coleções deixadas pelo artista, compreendendo a gama diversificada de documentos que a reserva técnica dispõe.

4.7 NUANCES DE UM COLECIONADOR

Tanto o imóvel deixado por Hermano quanto o acervo produzido e acumulado ao longo dos anos podem ser compreendidos enquanto “lugares de memória”, de acontecimentos e de representações no tempo e no espaço. De acordo com Nora (1993, p. 21), os aspectos materiais, simbólicos e funcionais desses lugares e das coisas, coexistem sempre de forma simultânea:

Mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é lugar de memória se a imaginação o investe de uma aura simbólica. Mesmo um lugar funcional, como um manual de aula, um testamento, uma associação de antigos combatentes, só entra na categoria se for objeto de um ritual. Mesmo um minuto de silêncio, que parece um exemplo extremo de uma significação simbólica, é ao mesmo tempo o recorte material de uma unidade temporal e serve, periodicamente, para uma chamada concentrada de lembrança (NORA, 1993, p. 21).

Segundo Miller (2013), quando crianças aprendemos a interagir com um universo permeado de objetos, artefatos e coisas, criando vínculos e estabelecendo relações para com estes. Tanto para o uso cotidiano quanto no emprego afetivo, esses objetos acabam por contribuir com nossa identidade, com nossas memórias e, nesse ínterim, vamos exercendo uma espécie de “cultura material” e consequentemente acumulando os mais variados artefatos.

De acordo com Preucel (2006, p. 26) “[...] a cultura material não é um reflexo passivo do comportamento humano, mas uma prática social ativa constitutiva da ordem social [...]”, ou seja, essa materialidade, ou agência material, deve ser entendida como a constituição social do “Eu” e da sociedade por meio do mundo objeto. Neste sentido, os documentos nos acompa-

nham e os conjuntos que se formam nesse percurso são submetidos a seleções e recortes que fazemos ao longo de nossa trajetória.

Para acumular documentos, fazemos uma espécie de acordo com a realidade, ou seja, acabamos por manipular a existência e, assim, decidimos omitir, rasurar, excluir ou destacar certas notas. Elaboramos um “diário íntimo”, elencamos alguns poucos acontecimentos e omitimos outros, corrigindo e acrescentando à medida que o percorremos e o revisitamos (ARTIÉRES, 1998).

De acordo com Nora (1993), na Idade Média os beneditinos e eruditos dedicavam-se a acumulação documentária, caracterizando-se como “marginais” de uma história social que avançava sem a participação deles e do povo, uma história escrita e modelada pelos dominantes. Assim, acumuladores e colecionadores podem ser considerados garimpeiros marginais, cujo ofício consiste no exercício solitário de preservação de uma memória material individual, através de recortes da memória coletiva.

No caso de Hermano José, havia espécies documentais que se repetiam no acervo e muitos utensílios ainda sem uso e lacrados, amontoados em diversos cômodos. Durante o processo de diagnóstico feito pela equipe de trabalho, foram constatados que vários objetos estavam “acondicionados” em guarda-roupas e cômodas, a exemplo de um conjunto de moedas nacionais e estrangeiras com cerca de 200 anos que estava dentro de uma meia de tecido sintético na cor preta, localizada em um móvel gaveteiro situado no quarto principal leste. Em outro momento foi descoberta uma travessa de porcelana entre as roupas do artista em um móvel desse mesmo cômodo. Havia vários objetos deteriorados ou acometidos por agentes biológicos como cupins, traças e fungos, o que colocava em perigo o acervo como um todo.

Acumuladores e colecionadores podem ser classificados de acordo com a quantificação, tratamento sistemático e importância social dos acervos, mas ambos, conscientes ou não do seu exercício, podem ser vistos como engrenagens da memória. Segundo Espírito Santo (2009):

Acumular, necessariamente, não corresponde ao ato de colecionar, nem exige métodos sistêmicos de guardar, manter ou até mesmo categorizar objetos, em classes, selecionados ou excluídos no julgamento aferido pela cultura material. E, ainda, acumular não faz distinções dos diversos contextos culturais, nem tem o rigor da narrativa e da aplicação das linguagens artificiais (ESPÍRITO SANTO, 2009, p. 26).

Algumas características aproximam o acumulador de um colecionador, como o medo do esquecimento, por não sermos capazes de recordar de tudo, o consumismo exacerbado, a compulsão e o desejo pela aquisição. No entanto, devemos levar em consideração que o titular de um acervo pessoal não tem obrigatoriedade de gerenciar o seu acervo ou dotá-lo de uma sistemática “organizacional”. Entretanto, Hermano dispunha de objetos que, a medida em que

foram sendo categorizados, iam formando coleções. Este fato, por si só, já o distanciava da faceta de acumulador.

Um colecionador prioriza essencialmente o caráter exclusivo do item, tenha ele valor histórico ou simbólico. Segundo Espírito Santo (2009), podemos considerar o colecionismo como a prática de

[...] coletar, reunir e compor acervos ou arranjar peças consideradas memorialistas, fetichistas, históricas e artísticas num determinado espaço [...]. Isto é, a guarda do passado torna-se um “local” imaginário em que se processam imagens de direito humano de apropriação universal. Mas, é com o colecionador que, justamente, se encontram as questões profundas referentes ao campo do indivíduo e do coletivo (ESPÍRITO SANTO, 2009, p. 26).

De acordo com Santos (2015), o indivíduo, ao colecionar, busca nos objetos suprir necessidades subjetivas:

O sujeito colecionador, que não sofre de necessidade por acumulação, está sempre buscando itens para compor sua coleção, e é na ausência de determinado objeto que se evidencia ainda mais a diferença entre uma simples acumulação de uma coleção de objetos, pois o formador de uma coleção está em uma constante busca pelo objeto seguinte. A coleção tem por objetivo satisfazer essa necessidade subjetiva do indivíduo e deve apresentar uma finalidade (SANTOS, 2015, p. 25).

Nesse fazer diário, Hermano José compôs um acervo volumoso, constituído por coleções distribuídas entre os mais variados gêneros documentais, caracterizando o artista enquanto colecionador. Atualmente, o acervo está sendo tratado em uma reserva técnica na UFPB e o Museu Casa de Cultura Hermano José – MCCHJ conta uma equipe de trabalho composta por profissionais das áreas de Arquivologia, Biblioteconomia e colaboradores na área de Museologia.

O acervo bibliográfico do artista possui um volumoso repertório de revistas, livros e enciclopédias que tratam sobre arte, além de outras coleções distribuídas entre literatura nacional e estrangeira. Algumas obras são consideradas raras, como o exemplar de *Dom Quixote de la Mancha*, de 1897, do espanhol *Miguel de Cervantes* (1547-1616). Foram contabilizados até o momento mais de dois mil e setecentos livros e revistas. Outro destaque é a primeira edição da obra *A Pedra do Reino*, do escritor Ariano Suassuna, contendo autógrafo e uma dedicatória exclusiva para Hermano José.

Vale ressaltar a quantidade considerável de móveis, até o momento mais de 100 peças foram contabilizadas entre armários, guarda-roupas, cômodas, mesas, camas, escrivaninhas, aparadores, bancos e cadeiras.

O acervo também dispõe de utensílios domésticos (Fotografias 1 e 2) em porcelana, faianças e cerâmicas, distribuídos em pratos, copos, canecas, xícaras, jarros, castiçais, paliteiro,

tigelas, sopeira, filtro de água, travessa, petisqueira, jarras, vasos, taças para sobremesa, cinzeiros, potes para condimentos, bule e açucareiro, formando um conjunto volumoso composto por mais de cem itens.

FOTOGRAFIA 1 – Xícaras e canecas de porcelana



FONTE: Ronieli Victor (2019)

FOTOGRAFIA 2 – Canecas alemãs de porcelana



FONTE: Ronieli Victor (2019)

Podemos também destacar a coleção de sopeiras inglesas, *potiches* e canecas alemãs (Fotografias 3 e 4), travessas, entre outros utensílios que serviam tanto para o uso cotidiano, quanto para a decoração da casa de Hermano.

FOTOGRAFIA 3 – Utensílios de porcelana e sopeira inglesa



FONTE: Ronieli Victor (2019)

FOTOGRAFIA 4 – Sopeira inglesa



FONTE: Ronieli Victor (2019)

Uma coleção que merece destaque é a dos relógios (Fotografia 5). O acervo conta com uma quantidade significativa, contabilizando sete relógios de parede, alguns confeccionados no modelo carrilhão pela marca Herweg, tradicional na produção relojoeira no início do século passado e mais de 42 relógios de algibeira e pulso. Esta última coleção foi produzida pela empresa Ômega, marca conceituada na Suíça por produzir relógios de luxo desde 1848.

Hermano José também dispunha, em seu acervo pessoal, de uma extensa quantidade de imaginário sacro (Fotografias 6) e diversos oratórios (Fotografias 7). O acervo dispõe de mais de trezentos objetos de culto e adoração, distribuídos em arte popular e barroca e confeccionados em gesso, cerâmica, argila, metal, madeira e pedra sabão, bem como medalhas de prata e bronze de cunho religioso. Outra particularidade que nos chama atenção nessa coleção é o ecletismo, apesar da predominância de imagens e esculturas consideradas católicas, outros itens encontrados representam religiões de matrizes africanas.

Para além dos objetos mencionados, existem outras coleções de itens como talheres, azulejos, rélias, moedas, cinzeiros, chaves, cartões postais, rádios, pesos de papel, entre outros objetos estritamente de uso cotidiano.

De acordo com Dohmann (2015, p. 8), “[...] objetos e coleções, sejam particulares ou em museus, representam uma forma de biografia material”. Nesse ínterim, o conjunto de documentos e coleções que formam um arquivo pessoal são frutos de nossas interações sociais, cuja prática de salvaguardar é um exercício sincrônico de preser-

FOTOGRAFIA 5 – Relógios de algibeira



FONTE: Ronieli Victor (2019)

FOTOGRAFIA 6 – Imagens de culto e adoração



FONTE: Ronieli Victor (2019)

FOTOGRAFIA 7 – Oratórios



FONTE: Ronieli Victor (2019)

vação de nossa própria história e pode evidenciar nossas peculiaridades e interesses. A casa de Hermano José e tudo que foi acumulado e colecionado, sobretudo o acervo fonográfico, servirão de fontes de informação, que poderão revelar especificidades e responder questões particulares sobre o artista, assim como suas interações e relações no contexto político, econômico e social.

Destarte, podemos considerar que os objetos carregam informações que muito podem nos dizer a respeito de seus produtores ou detentores, mas para que isso ocorra é preciso que alguém os reúna sistematicamente, seja o profissional da informação, arquivista, bibliotecário ou museólogo no exercício de representação descritiva e, quando possível, junto ao produtor ou detentor do acervo.

O próximo capítulo pretende abordar o espólio a partir de um olhar analítico dos conjuntos documentais enquanto fontes de informação primária, trazendo alguns conceitos pertinentes à nossa linha de pesquisa junto ao objeto, para que possamos compreender a importância cultural e memorialística do acervo e do legado deixado por Hermano José.

5 DA INFORMAÇÃO AOS DOCUMENTOS: o arquivo pessoal enquanto suporte infomemorial

“Imaginemos por um instante um lugar onde tivéssemos conservado todos os arquivos das nossas vidas, um local onde estivessem reunidos os rascunhos, os ante textos das nossas existências”.

(ARTIÉRES, 1998, p. 9).

A informação é, por natureza, expressiva e simbólica. O teórico Buckland (1991), ao caracterizar a informação como “coisa”, evidencia o universo complexo que envolve o termo, ampliando nossas percepções para além da materialidade que a informação assume ao ser registrada em um suporte. Ao pensarmos nas sinuosidades com que a informação se apresenta, observamos sua dinamicidade e compreendemos como esta pode moldar o que está ao seu redor. Estamos produzindo signos e ressignificações todo o tempo e essa pesquisa se preocupa em entender o percurso que a informação perfaz entre os objetos e seus significantes, os documentos e os indivíduos e os indivíduos e a sociedade com vistas a não delimitar, mas ajustar nossas lentes para um outro olhar.

Capurro (2003) nos apresenta três perspectivas do termo *Informação*. O primeiro deles é o paradigma *físico*, que enfatiza a dimensão material assumida pela informação, ou seja, quando ela é registrada em um suporte. A segunda é *cognitivista*, ampliando a dimensão da informação e analisando o que se é transmitido e o que se quer transmitir, muito além da materialidade. E uma terceira perspectiva é o *paradigma social*, ou seja, precisamos compreender o contexto social da informação, que não pode ser vista a partir de um sujeito isolado, tão pouco dissociada do social, pois a informação é uma construção coletiva e intersubjetiva. Seguindo este raciocínio, Araújo (2010, p. 97) corrobora:

[...] informação é uma construção (algo é informativo num momento, em outro já não mais; tem relevância para um grupo, mas não para outro; e assim sucessivamente). E mais, é uma construção conjunta, coletiva – ou melhor, intersubjetiva. O que é informação não é produto de uma mente única, isolada, mas construído pela intervenção dos vários sujeitos e pelo campo de interações resultante de suas diversas práticas.

Essa intersubjetividade apresentada pelo autor evidencia que a informação não é um elemento estático, mas passa a existir a partir das interações sociais e assume diferentes significados. Ao longo dos anos as formas como os indivíduos se comunicam e transmitem as informações foi mudando e, ao elencar o que se deseja partilhar, os indivíduos firmam-se política e historicamente. De acordo com Pacheco (1995, p. 25), o indivíduo:

[...] seleciona, conforme suas necessidades, códigos que podem ser sons, palavras, imagens. Tendo selecionado o código, ele o imprime num suporte, que pode ser uma fita cassete, fita de vídeo, folhas de papel, barro, um paredão de pedra etc. Esse é o processo de confecção de um artefato. E, como artefato que é, tem cristalizado em sua forma o tempo e o espaço da sua confecção.

A informação tem por princípio a comunicação, mas é no documento que ela adquire um *corpus* temporal, passando a existir no tempo e no espaço, podendo ser partilhada por um período maior, caracterizando-se como elemento de prova e, conseqüentemente, subsidiando a história. Desta forma, um documento pode assumir diversas finalidades, sendo um artefato mediador no processo comunicacional entre os indivíduos.

Uma das primeiras abordagens conceituais envolvendo a concepção do termo documento se deu no Congresso Mundial da Documentação Universal, realizado em Paris, em 1937. O teórico Paul Otlet (1868-1944), ao abordar o tema *Documentos e Documentação*, levantou algumas provocações, tecendo um convite à reflexão sobre os conceitos de documento e documentação. De acordo com o autor, os termos podem ser considerados, respectivamente, como:

Documento é o livro, a revista, o jornal; é a peça de arquivo, a estampa, a fotografia, a medalha, a música; é, também, atualmente, o filme, o disco e toda a parte documental que precede ou sucede a emissão radiofônica. A documentação é constituída por uma série de operações distribuídas, hoje, entre pessoas e organismos diferentes. O autor, o copista, o impressor, o editor, o livreiro, o bibliotecário, o documentador, o bibliógrafo, o crítico, o analista, o compilador, o leitor, o pesquisador, o trabalhador intelectual (OTLET, 1937).

A proposição apresentada pelo autor para definir o “documento” parte de uma perspectiva estritamente material, privilegiando o suporte, a forma e o formato em que a informação se apresenta, enquanto o termo “documentação” está atrelado aos trâmites, pessoas e organismos que produzem, analisam, tratam, preservam e disseminam estes materiais.

Para Ortega e Lara (2009) as concepções apresentadas no *Traité de Documentation*, publicado por Otlet em 1934, ganharam força e se consolidaram no território francês até meados do século XX, podendo ser consideradas como um marco para a História da Documentação. Entretanto, com a eclosão da Segunda Guerra Mundial, as discussões ficaram em segundo plano, sendo retomadas apenas nos anos 60 no país.

No mundo pós-guerra, as discussões envolvendo os conceitos de documento e documentação entram em voga no ocidente. Nos Estados Unidos o teórico Schellenberg (2006) amplia o diálogo sobre os documentos ao afirmar que estes são compreendidos por:

Todos os livros, papéis, mapas, fotografias ou outras espécies documentárias, independentemente de sua apresentação física ou características, expedidos ou recebidos por qualquer entidade pública ou privada no exercício de seus encargos legais ou em

função das suas atividades e preservados ou depositados para preservação por aquela entidade ou por seus legítimos sucessores como prova de suas funções, sua política, decisões, métodos, operações ou outras atividades, ou em virtude do valor informativo dos dados neles contidos (SCHELLENBERG, 2006, p. 41).

Os teóricos Otlet e Schellenberg abordam em suas definições dois elementos fundamentais que o documento assume em sua configuração: o caráter informativo e o valor probatório. Também englobam outras linguagens para além dos documentos textuais, tidos como tradicionais. Neste sentido, Béguin-Verbrugge (2009, p. 37) corrobora:

O documento é um objeto que sustenta a informação com vistas a comunicá-la. A ideia de comunicação é central. O documento comporta, igualmente, a informação e as marcas da comunicação de que é feita. O documento é o que se guarda como prova, é o que torna a informação manifesta e testemunha a sua existência para alguém (BÉGUIN-VERBRUGGE, 2009, p. 37).

A autora enfatiza que o documento comporta e manifesta a informação com o objetivo de comunicá-la. Diante das concepções apresentadas, podemos observar que os autores discutem o que é o documento a partir de características como texto, elemento de prova, objeto e artefato e todos se constituem enquanto unidades de informação.

De acordo com Buckland (1991), podemos classificar o documento como informação tangível. Nesta concepção, a informação atrelada a todo e qualquer suporte, independente do formato, se caracteriza como documento. Essa discussão sobre a condição material da informação é enfatizada por Le Coadic (2004, p. 5) ao afirmar que “[...] um documento é todo o artefato que representa ou expressa um objeto, uma ideia ou uma informação por meio de signos gráficos ou icônicos (palavras, imagens, diagramas, mapas, figuras, símbolos), sonoros e visuais”. Neste sentido, compreendemos que “[...] um artefato é o registro de vários conteúdos e incorpora diferentes registros. Ele é fruto e formador de contextos e, sendo a informação um artefato, com ela não se dá processo diferente” (PACHECO, 1995, p. 23).

Toda unidade de registro, independente da linguagem, assume o papel de itinerário do seu produtor. Ao longo dos anos, com o avanço das tecnologias, a humanidade foi produzindo e acumulando cada vez mais documentos. Durante esse processo, grandes volumes documentais que serviam para a administração dos governos e das instituições foram sendo gerados e o conjunto desses documentos, ainda que dispostos sem tratamento ou técnicas, foram sendo reunidos e acabaram por formar os arquivos.

Devido à explosão documental no século XX, pessoas e organizações passaram a produzir e acumular cada vez mais documentos e, preocupados com essa organização, os estudos voltados para desenvolver termos e técnicas de classificação ganharam força. Historicamente, os

arquivos eram constituídos de documentos textuais e serviam, basicamente, para evidenciar e comprovar as relações dos indivíduos com o Estado, bem como para a reivindicação de direitos. Quando deixavam de atender a estas exigências, eram destinados para as bibliotecas e museus. Assim, houve a necessidade de classificar estes documentos como arquivos administrativos e arquivos históricos.

Ao estudarmos os arquivos pela perspectiva das entidades mantenedoras podemos classificá-los como públicos (compreendendo as esferas federal, estadual e municipal), institucionais (como igrejas, associações, entidades sem fins lucrativos e sociedades), comerciais (dentre elas firmas, companhias e corporações) e, por fim, os arquivos de famílias ou pessoas (PAES, 1997).

De acordo com Duranti (1994), um arquivo pode ser classificado como institucional, público, privado ou pessoal. Entretanto, os arquivos apenas serão considerados públicos ou privados a partir do princípio da proveniência, ao dispor que todos os documentos são oriundos de um fundo principal.

Quando pensamos no acesso aos documentos, Delmas e Ardaillon (2010) apontam que a distinção entre os documentos públicos e privados se dá pelo grau de sigilo e tudo que é pessoal será sigiloso, necessitando de autorização do responsável. Para os autores, os arquivos desempenham a função de provar direitos, servindo de instrumento jurídico, finalidade útil à gestão.

Com o desenvolvimento do campo teórico do documento, surgiram outras problemáticas e preocupações, sobretudo nas discussões voltadas ao tratamento de conservação e preservação de outras linguagens documentárias, concentradas em maior volume em centros de documentação. Dentre outros estudos voltados aos arquivos, alguns pertinentes aos acervos acumulados por pessoas e famílias vêm ganhando notoriedade. Antes os documentos serviam para a administração, mas os arquivos, ao longo dos anos, foram sendo produzidos, acumulados e recebidos por pessoas ou famílias.

Arquivos pessoais originam-se das atividades orgânicas de um indivíduo e são também consequência de suas intenções, cuja prática de salvaguardar é um exercício de preservação de sua própria história e seus interesses. A acumulação e a produção de documentos caracterizam-se enquanto um processo que surge como fruto das relações e interações estabelecidas entre o indivíduo e o mundo, revelando aspectos intrinsecamente sociais. Neste sentido, Oliveira (2012, p. 33) conceitua o “[...] arquivo pessoal como conjunto de documentos produzidos ou recebidos, e mantidos por uma pessoa física ao longo de sua vida e em decorrência de suas atividades e função social”.

De acordo com Oliveira (2012), os documentos, independentemente do suporte, expõem o legado e a vida de seu titular, assim como suas teias de relacionamento, o que é pessoal

e o que é relativo aos negócios, ou seja, são registros do papel social de um indivíduo. Em sua maioria, acervos pessoais são recortes temporais de realidades distintas, com produções exclusivas, custodiando objetos e elementos que compõem dinâmicas de época, produtos documentais das relações do indivíduo com o Estado e a sociedade.

Para Bellotto (1998), um dos motivos primários que nos levam aos acervos pessoais é a nossa posição enquanto espectadores da vida do outro. Neste sentido, a autora aponta que:

[...] o campo instigante dos arquivos pessoais sempre suscitou a curiosidade, o interesse, a indagação e - por que não o admitir? - o *voyeurismo* inerente a todo ser humano quando se trata de penetrar um pouco mais além do que permite o contato estritamente social na intimidade do seu semelhante. Isto, quando não se trata, evidentemente, de pessoa que lhe seja íntima por razões de família, de amizade ou de relacionamento amoroso (BELLOTTO, 1998, p. 201).

Acervos e/ou arquivos pessoais e seus componentes constituem uma espécie de biografia material de seu produtor/detentor, em que a vasta gama de itens reunidos passam a representar, simbolicamente, ressignificados de sentimentos e o olhar garimpeiro de seu titular, revelando seu apreço pela memória e constituindo-se como um exercício diário de preservação de sua própria história.

Os documentos são artefatos que auxiliam às nossas atividades cotidianas e são instrumentos da cultura, moldando a sociedade ao seu redor. Ao empreendermos uma jornada pelos arquivos pessoais é impreterível mergulharmos nos objetos que os compõem, suas diversificadas tipologias e as informações contidas nesses suportes que, sobretudo, são produzidas e acumuladas intencionalmente e passíveis de ressignificação.

Percebemos que, à medida que um acervo pessoal é aberto ao público, rompe-se o silêncio, revelando a percepção de seu titular enquanto organizador de sua própria história. Assim, Artières (1998, p. 11) enfatiza que “[...] arquivar a própria vida é se pôr no espelho, é contrapor à imagem social, a imagem íntima de si próprio e, nesse sentido, o arquivamento do eu é uma prática de construção de si mesmo e de resistência”. Neste sentido, Oliveira (2009, p. 2) aponta que:

Os documentos de arquivo pessoal devem ser analisados minuciosamente devido sua peculiaridade não regulamentada e seu contexto de produção. Os documentos produzidos e reunidos por indivíduos ao longo de sua existência representam seu desempenho e funções na sociedade, sua vida familiar, suas ideias, preconceitos, afetos, desafetos etc. Esse processo de produção do arquivo pessoal, longe de ser regulado por regimentos, estatutos ou outra norma, resulta em um conjunto variado de documentos distintos em forma e em estrutura.

Hermano José exerceu com notoriedade o ofício das artes plásticas na Paraíba, caracterizando-se como um dos principais personagens da cultura no Estado. Desempenhou diversas

atividades ao longo de seus 92 anos e os documentos produzidos, recebidos e acumulados por ele revelam sua trajetória profissional, seus gostos e interesses, seus anseios e lutas em prol de seus ideais artísticos e culturais, subsidiando pesquisas de interesse coletivo. Assim, para melhor compreendermos as nuances do acervo de Hermano, decidimos adotar a seguinte definição, proposta por Bellotto (2004, p. 266), caracterizando um arquivo pessoal enquanto:

[...] conjunto de papéis e material audiovisual ou iconográfico resultante da vida e da obra/atividades de estadistas, políticos, administradores, líderes de categorias profissionais, cientistas, escritores, artistas etc. Enfim, pessoas cuja maneira de atuar, agir, pensar e viver possa ter algum interesse para as pesquisas nas respectivas áreas onde desenvolveram suas atividades; ou ainda pessoas detentoras de informações inéditas em seus documentos que, se divulgadas na comunidade científica e na sociedade civil, trarão fatos novos para as ciências, a arte e a sociedade.

Os artefatos e objetos produzidos ou acumulados em arquivos pessoais, além de recortes do tempo, representam também a materialização das nossas ações em épocas distintas, meio social e ambiente em que vivemos, remontando itinerários. Tudo o que foi selecionado e/ou adquirido ressoa em caráter singular, sendo por vezes um reflexo das relações e atividades de um indivíduo, evidenciando a sua visão do mundo e suas concepções, revelando suas necessidades, interesses culturais, econômicos e sociais.

Hermano José assinou, em 2015, um termo de doação destinando a custódia do seu espólio para a Universidade Federal da Paraíba que, por sua vez, assumiu o compromisso de criar uma Casa de Cultura Hermano José, com a finalidade de preservar o seu legado e proporcionar o acesso ao seu acervo. O acervo compreende uma quantidade significativa de documentos como telas, gravuras, livros, utensílios domésticos, esculturas, fotografias, documentos sonoros, entre outras espécies documentais.

É a partir desse conjunto documental que esta pesquisa busca compreender a trajetória de Hermano, através dos caminhos percorridos e as atividades desempenhadas por ele enquanto sujeito social, explorando os elementos de sua memória, sobretudo os documentos por ele produzidos, acumulados e recebidos, na tentativa de levantar a contribuição desses agentes no processo de formação identitária do artista.

Antes de iniciarmos essa jornada, fez-se necessário apresentarmos alguns conceitos introdutórios que permitiram ampliar nossas reflexões envolvendo as problemáticas e as particularidades voltadas aos documentos que compõem os arquivos pessoais.

A residência e o espólio do artista, atualmente, são custodiados pela UFPB. A seção a seguir pretende abordar o arquivo pessoal, constituído por todo espólio deixado pelo artista, enquanto fonte de informação capaz de subsidiar nossa compreensão no que tange ao processo de formação identitária de Hermano José, ressaltando a importância de seu arquivo pessoal enquanto produto memorialístico e cultural.

5.1 UM LEGADO À BEIRA MAR: da casa de morada ao Museu-Casa

A casa abriga o devaneio, a casa protege o sonhador, a casa nos permite sonhar em paz.

(BACHELAR, 1993, p. 201).

De acordo com Bachelar (1993), o exercício de descrever uma casa seria como “fazer visitá-la”. Quando visitamos a casa de alguém, a depender da importância que essa pessoa exerce em nossas vidas, alguns detalhes do percurso ficam cristalizados e vamos memorizando os chamados “pontos de referência”. Durante nossa passagem pelo ambiente, ficamos atentos aos detalhes contidos no espaço e as ações do nosso anfitrião, sem perceber que tal convite está imbuído de confiança e credibilidade para conosco, pois também somos convidados a conhecer as intimidades do lar e da vida daquele(a) que nos recebe.

A casa é o nosso primeiro universo, nosso pequeno esconderijo. Nela abrigamos nossos sonhos, dilemas, angústias. É onde nos protegemos das intempéries e adversidades do mundo. Habitam na casa lembranças, sorrisos, lágrimas, esperanças, sossego, cheiros, dores, sabores, dessabores e instantes de felicidade. Nas coxias da casa passeiam confidências, juras e promessas, posturas serenas ou enérgicas, silêncios ou cantorias alegres e arrebatadoras. Em suas paredes estão dependuradas molduras do nosso passado, silhuetas de memórias que ansiamos por eternizar. Nela, canonizamos nossas conquistas, exorcizamos nossos fantasmas, fortalecemos nossas convicções. Neste inviolável labirinto, as aflições se dissipam e, por entre as solidões dessa singela catedral, nossas forças se renovam. A casa é a principal espectadora do nosso monólogo particular.

A casa, na vida do homem, afasta contingências, multiplica seus conselhos de continuidade. Sem ela, o homem seria um ser disperso. Ela mantém o homem através das tempestades do céu e das tempestades da vida. Ela é corpo e alma. É o primeiro mundo do ser humano. Antes de ser “atirado ao mundo”, como professam os metafísicos apressados, o homem é colocado no berço da casa. [...] E sempre, em nossos devaneios, a casa é um grande berço. A vida começa bem; começa fechada, protegida, agasalhada no seio da casa (BACHELAR, 1993, p. 201).

Alguns anos antes da construção de sua residência, mais precisamente em 1956, a vida do artista mudara radicalmente com a sua transferência para o Rio de Janeiro, em detrimento da redistribuição dos funcionários do Banco do Brasil, empresa em que Hermano era concursado. Apesar dos esforços para permanecer em João Pessoa, todas as tentativas foram frustradas com a justificativa de interesses internos do Banco. Nessa época, Hermano seria realocado na cidade de Guarabira–PB, o que impossibilitaria seu desenvolvimento artístico, uma vez que suas influências e vínculos estavam situados na capital.

Através da amizade que dispunha com o superintendente do Banco do Brasil, que na época o aconselhou a se transferir para a cidade do Rio com a premissa de que o artista poderia se desenvolver e ganhar notoriedade com seus trabalhos, Hermano José conseguiu mudar o destino de sua lotação e embarcou para a “cidade maravilhosa”.

A década de 50 foi um período de muitas incertezas para Hermano José, mas também de descobertas e aprendizados. O artista conseguiu sua transferência para a cidade do Rio de Janeiro, ficando responsável pela compra de obras que iriam compor as filiais da instituição, no setor de arquitetura do Banco do Brasil¹.

Apesar dos mais de 20 anos residindo no Rio de Janeiro, Hermano decidiu retornar ao seu estado natal. A saudade da vida mais tranquila, longe do vai e vem dos grandes centros cheios de carros e suas buzinas, o passo apressado de pessoas turvas e os espigões que cada vez mais sombreavam a paisagem enquanto concretavam o verde, fez o senhor Hermano, agora com 57 anos, decidir voltar para a Paraíba em definitivo. Em um de seus poemas, ao qual toma como cenário a rua onde morava no centro do Rio, o artista revela sua melancolia enquanto dialoga consigo ao olhar para o horizonte, traçando versos de despedida (JOSÉ, 2014, p. 111):

*Dia sombrio
que não consegue
alcançar a luz do dia
como se imagens
fossem espelhos de coisas facetadas
Deixando o Rio.
Noite.
No terraço do apartamento
uma flor branca parece me olhar
dizendo: tantos anos longe,
e agora chegas
para voltar para sempre.

Triste, olho para os carros,
na direção da Cinelândia.*

¹ A instituição Banco do Brasil foi criada em 1808 pelo príncipe regente D. João, quando o Brasil, até então colônia de Portugal, torna-se a sede da Coroa Portuguesa. Obra consultada: Banco do Brasil: 200 anos – 1964-2008. / Diretoria de Marketing e Comunicação do Banco do Brasil. – Livro 2. Belo Horizonte: Del Rey, Fazenda Comunicação & Marketing, 2010, 224 p.

Ao retornar para a capital paraibana, em 1979, o artista se hospeda na antiga casa dos pais, situada na Avenida Almeida Barreto, nº 630, onde hoje, infelizmente, funciona um depósito de alimentos de um supermercado, localizado nas adjacências do Mercado Público Central². No entanto, a estadia é temporária e, nesse ínterim, Hermano providencia a construção de sua nova residência no bairro do Bessa.

Antes considerada uma área rural e sem infraestrutura, as primeiras construções na localidade eram de apenas um pavimento, caracterizadas por casas de veraneio. Naquela época haviam incentivos da prefeitura municipal para a ocupação das áreas situadas ao litoral norte. Apesar de pouca estrutura, o local era uma forma de fugir da correria da cidade. A urbanização do Bessa se deu em 1954 e a área que hoje constitui o bairro está dividida em três loteamentos: Jardim Oceania, Jardim América e Jardim Bessamar, dando início à ocupação do litoral norte de João Pessoa (SARMENTO, 2012).

Sarmento (2012), em sua dissertação de mestrado intitulada *O processo de ocupação urbana de um setor litorâneo de uma capital brasileira: o caso do Bessa em João Pessoa-PB*, especifica o processo de urbanização do bairro, trazendo fontes sobre o desenvolvimento da região desde sua fundação até os anos 2000. A região foi gradualmente sendo ocupada e, em um levantamento feito por Sarmento (2012), podemos dimensionar o reflexo dessa ocupação dos anos de 1974 (Figura 63) até a primeira década dos anos 2000 (Figura 64), cuja expansão e construção de novas edificações foram, aos poucos, enterrando os mananciais e concretando o território do Bessa.

FIGURA 63 – Planta do Bessa em 1974



FONTE: SUDENE (1974)

FIGURA 64 – Planta do Bessa em 2008



FONTE: SUDENE (2008)

² O Mercado Público Central de João Pessoa foi construído em 1948 para abastecer a chamada cidade alta que sofreu grande expansão na década de 1920. Ver: COUTINHO, M. e VIDAL, W. *Pelas ruas do mercado, o pulsar de velhos costumes e novos anseios*. O desafio da requalificação do Mercado Central de João Pessoa - PB. In 7º Seminário Docomono. Brasil, 2007.

No início da década de 1970, as famílias gradualmente passaram a construir residências fixas na região. Nessa época haviam pouco mais de 200 edificações e nenhuma com mais de 3 pavimentos. Posteriormente, em 1976, o Plano Diretor passou a permitir a construção de edificações com até 3 pavimentos na via que antecede a faixa litorânea (SARMENTO, 2012).

O fato do bairro do Bessa, na década de 1970, ainda ser pouco desenvolvido e distante da correria desordenada da capital foi preponderante para a escolha da localidade pelo artista, que construiu lá a sua morada, fincando raízes nesse recanto praieiro.

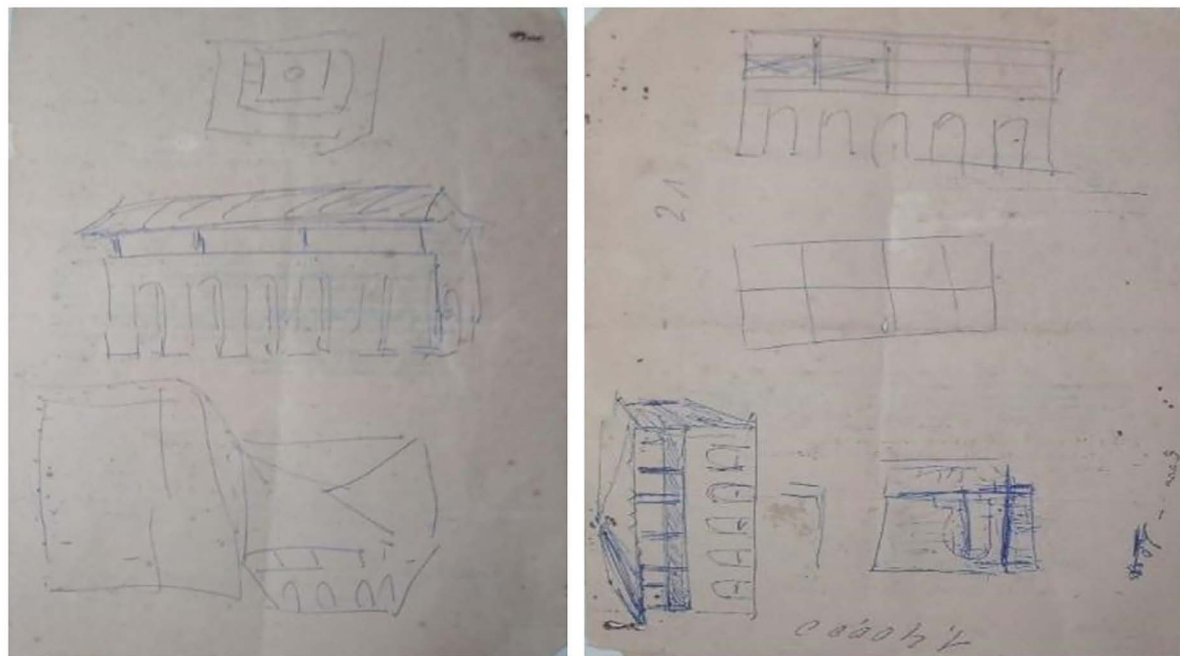
O Bessa tinha como característica a beleza natural de suas praias, além de dispor de áreas de vegetação ainda preservadas na época em que Hermano escolheu o bairro como lugar de morada. O artista decidiu tomar o mar como companhia, abraçado pelos coqueirais e acariciado pela brisa e pelo chiado das ondas que espumavam na praia.

Essa tranquilidade, cativada pela natureza presente de praias quase que desertas, foi um fator determinante na tomada de decisão de Hermano José, que vislumbrou a possibilidade de respirar a natureza ainda em sua essência aos pés do Atlântico, mesmo na cidade grande. Essa admiração pelo mar é expressa em um de seus poemas, como podemos ver abaixo (JOSÉ, 2014, p. 88):

*Fazia tempo
não me aproximava do mar
ouvira o rumor de suas ondas
desembocando nas areias.
Lá estava o mar
imenso, solitário
ondulando suas águas
em todas as direções
como se nos dizendo:
sou o maior espetáculo
deste planeta,
celebrem minha presença.*

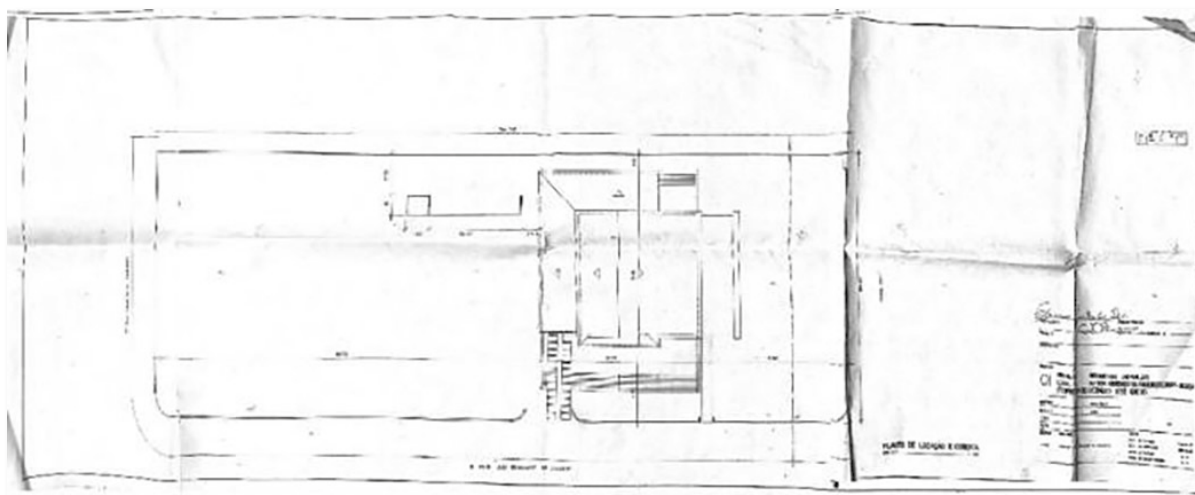
As habilidades do artista, aliadas ao conhecimento adquirido no departamento de Arquitetura do Banco do Brasil, muniram Hermano de ferramentas que o ajudaram a desenvolver o projeto de construção da sua residência junto ao arquiteto Gilberto Guedes.³ Hermano queria deixar sua marca identitária na residência e, a partir de suas influências, esboçou os primeiros traços do seu futuro lugar de morada, como revelam os esboços da casa (Figura 65).

³ O projeto da casa é assinado pelo sobrinho de Hermano José, o arquiteto Gilberto Guedes.

FIGURA 65 – Esboço da casa por Hermano José (1979)

FONTE: Acervo pessoal Hermano José (1979)

A planta da casa (Figura 66) parece ser representada pela letra H, em referência a primeira letra do nome de Hermano José, sendo abraçada por duas colunas vazadas ao estilo dos Arcos da Lapa.

FIGURA 66 – Planta da casa de Hermano José

FONTE: Acervo pessoal Hermano José (1979)

A construção da casa foi iniciada ainda no ano de 1979 e concluída em 1980. Os autores Oliveira e Martins (2021) ressaltam a natureza que envolve o lugar e trazem uma descrição detalhada do espaço onde o artista residiu até o seu encantamento.

De pé-direito alto, a casa mistura-se com a natureza, em especial com vista para o ponto mais oriental das Américas, o que impulsionou o artista a tornar-se um defensor da ecologia, bem como usar sua arte para retratar a natureza e os desafios do tempo. Frente ao mar, a casa foi “construída em tijolos e recoberta de telhas, com dois pavimentos, contendo no pavimento térreo: terraço descoberto, terraço social, três quartos, uma sala, banheiro social, banheiro de empregada e cozinha. No pavimento superior há: uma escada que vem do andar inferior, varanda, dois quartos, sala de estar, banheiro social, com portas, janelas e janelões, edificada em terreno parte próprio e parte foreira ao “Domínio da União” [...] (OLIVEIRA; MARTINS, 2021, p. 190).

O projeto pode ter sido influenciado pela passagem do artista na cidade do Rio de Janeiro. A estrutura da residência (Figura 67) é abraçada por colunas de sustentação que lembram os Arcos da Lapa, monumento localizado no centro da cidade carioca onde o artista residiu por mais de 20 anos, até seu retorno à Paraíba.

FIGURA 67 – Casa de Hermano José no início década de 1980



FONTE: Acervo pessoal Hermano José (1980)

As varandas posicionadas ao leste são privilegiadas pelo sol nascente, com vista para o mar, enquanto as varandas posicionadas ao oeste possibilitam contemplar o charme do sol poente. Ao sul é possível ver a falésia distante da ponta do Cabo Branco, ainda imponente e invadindo o oceano, como podemos observar na Figura 68.

FIGURA 68 – Foto da varanda que dá para a barreira do Cabo Branco

FONTE: Acervo pessoal Hermano José (1980)

A residência de Hermano foi pensada especialmente para ser um lugar de morada, mas também para que o artista pudesse exercer o seu ofício, bem como receber os amigos e alunos, fazendo do espaço um ambiente acolhedor e dinâmico. Nesta casa, localizada aos pés da enseada do Bessa, o artista compôs suas pinturas, poemas, escritos, ouviu o canto dos pássaros, o compasso das ondas, a sinfonia dos grandes clássicos da música do Brasil e do mundo, a medida em que transformava o seu lar em um reflexo de si. Neste sentido, Oliveira e Martins (2021, p. 190) destacam que:

[...] a casa de sua propriedade foi construída em frente ao mar, localizada no Jardim Oceania, na cidade de João Pessoa/PB-Brasil, área nobre da capital paraibana, local em que viveu por longos anos de sua vida. O espaço era para além de constructo meramente físico. Lá viveu, recebeu amigos, produziu arte, escreveu seus poemas, fez seus diários, defendeu a natureza. Ele estava na casa na mesma proporção que ela estava nele [...].

A residência de Hermano tornou-se fruto de sua identidade enquanto sujeito interiorano e cultuador da natureza. Um reflexo disso é o jardim, cultivado na entrada casa e possível de ser avistado ao longe, dando a sensação de uma casa que emergia entre árvores, roseiras e coqueirais (Figura 69).

FIGURA 69 – Vista frontal da casa de Hermano José

FONTE: Acervo pessoal Hermano José (2013)

Ao longo de seus noventa e dois anos de vida, Hermano reuniu em sua residência diversos objetos que compuseram o seu lugar de morada. Cada canto, cada parede, cada sobrado, cada espaço da casa foi sendo preenchido, revelando os gostos e as paixões do artista enquanto colecionador e amante das artes.

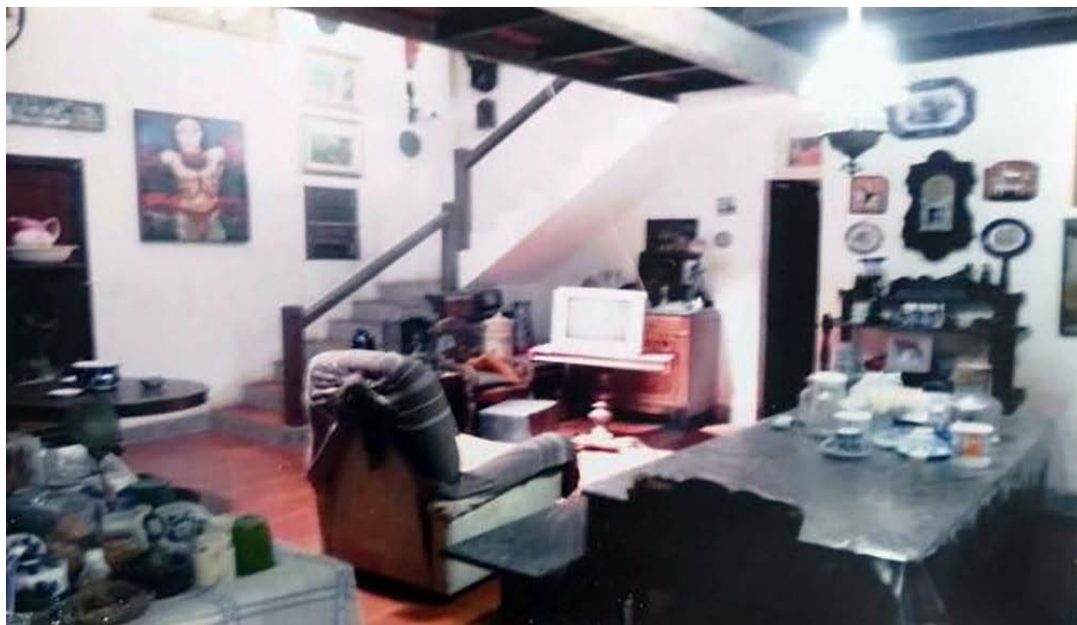
Na entrada da garagem, pela lateral, eram avistados armários abarrotados de livros e alguns móveis como mesas e cadeiras, bem como esculturas e objetos pendurados nas paredes (Figura 70), decerto que desordenados em função da falta de espaço.

FIGURA 70 – Garagem da casa

FONTE: Acervo pessoal Hermano José (2013)

Ao entrarmos na casa, nos deparamos com a sala de estar. O ambiente era composto por móveis, quadros e pratos pendurados nas paredes, utensílios de cozinha e louças aos montes, entre outras peculiaridades (Figuras 71 e 72).

FIGURA 71 – Sala de estar



FONTE: Acervo pessoal Hermano José (2013)

FIGURA 72 – Panorâmica da sala de estar



FONTE: Acervo pessoal Hermano José (2013)

A cozinha também dispunha de alguns ornamentos. Além dos utensílios usados no dia a dia, haviam esculturas em arte popular, oratórios e pratos de porcelana que decoravam o ambiente (Figura 73), misturados aos utensílios domésticos como o fogão, potiches para condimentos, panelas e alguns alimentos.

FIGURA 73 – Cozinha



FONTE: Acervo pessoal Hermano José (2013)

O quarto principal (Figura 74) estava situado no primeiro andar; posicionado para a varanda estava o atelier onde Hermano costumava descansar, tanto em camas quanto em sua rede. As paredes refletiam o seu apreço por obras de arte com quadros e esculturas dependuradas, como podemos observar abaixo.

FIGURA 74 – Hermano José em seu quarto principal



FONTE: Acervo pessoal Hermano José (2013)

Podemos destacar algumas particularidades, como grandes quantidades de objetos de culto e adoração, recortes de jornais e revistas que estavam acondicionados nos armários, cômodas, além de um armário abarrotado de CDs. Oliveira e Martins (2021) descrevem esse lugar como um recanto de inspiração, cheio de memórias.

Do primeiro andar, o artista encontrava sua inspiração para pincelar telas, colecionar obras de artes, móveis, discos, livros e um vasto conjunto de peças sacras, além de notícias veiculadas em jornais, revistas e textos de críticos de arte sobre ele. A casa era construída em sentido lato, do ser dialético de seu proprietário. Uma casa cheia de memórias, sendo, pois, a própria memória (OLIVEIRA; MARTINS, 2021, p. 190).

Nos últimos anos, em detrimento de problemas de saúde, o artista já não subia com tanta frequência ao quarto principal. O único acesso era feito por meio de uma escada que, além de ligar o quarto à sala, também permitia chegar ao mezanino e aos ateliês. Assim, devido à saúde frágil, Hermano adotou um quarto de visitas situado no térreo, garantindo sua locomoção e praticidade.

Hermano era um homem simples, não havia luxo ou objetos que propiciassem o conforto do artista. A sua vaidade era com a arte e isso lhe bastava. O quarto de visitas era menos decorado, havia apenas uma cômoda, um criado-mudo e uma cama, o suficiente para o repouso e a acessibilidade do artista.

Todos os objetos acumulados por Hermano revelavam o seu caráter enquanto colecionador. No entanto, a preocupação em conservar esse patrimônio para a posteridade, em detrimento da cultura e disseminação do seu legado, era uma crescente no artista. Assim, no ano de 2015 Hermano José estabeleceu um termo de doação para a UFPB, no intuito de que esta se responsabilizasse pela criação de uma Casa de Cultura, fazendo de sua residência um instrumento de apoio e fomento cultural para a capital e para o Estado, com bem destacam Oliveira e Martins (2021):

Ao doar formalmente seu patrimônio para a Universidade Federal da Paraíba (UFPB), em março de 2015, por meio de escritura pública de doação, Hermano José revelou seu desejo pessoal de transformar o lugar numa espécie de Casa de Cultura, estabelecendo como cláusula de encargo à donatária: Usufruto vitalício, do doador; ser criado o Centro Cultural com seu nome, no prazo de 24 meses a contar da data de morte do doador; garantir a reforma da casa, com condições favoráveis à visitação pública; tratar tecnicamente todos os objetos; garantir a restauração da casa e dos objetos de arte; elaborar um projeto de uso artístico para o imóvel; possibilitar a visitação pública, bem como garantir as condições de segurança e preservação do imóvel e tudo que o acompanhava [...] (OLIVERA; MARTINS, 2021, p. 192).

Hermano reforçou, a partir da doação, o seu desejo em colocar à disposição todo o seu legado para usufruto da população, em detrimento da cultura e das artes em geral, na Paraíba. Tal atitude o coloca como benemérito em prol da causa e do desenvolvimento das artes no Estado.

A casa veio com tudo o que nela existia, um incomensurável quantitativo de peças e obras de arte, mobiliários, entre tantos objetos. O primeiro desafio ao entrar nesse espaço era descortinar quem de fato residiu nessa casa, ou mesmo naquele espaço acumulador e cumulativo de tantos objetos. Com esse intento, a equipe inicialmente, composta por arquivistas, bibliotecários, museólogos e especialistas em artes plásticas, mapeou todos os espaços adotando quase um recorte arqueológico a partir da planta original da casa. Local em que o benemérito realizou suas experiências artísticas, aprofundou suas técnicas, apreciou boa música, e tomou como alicerce a natureza que lhe era testemunha do cotidiano, suas vivências privadas e públicas, bem como a revelação de seus laços familiares e afetivos com a natureza (OLIVEIRA; MARTINS, 2021, p. 194).

O homem se foi, fica sua memória. Hermano fez do seu lar um santuário, um recanto místico, um lugar de morada que, para além de descanso, era um lugar de produção, de convívio com os amigos, com a natureza e sua arte. Nesta casa, Hermano pincelou suas obras, deleitou-se em seus poemas e escritos, repousou por diversas tardes luminosas ouvindo o canto dos pássaros, o sopro da brisa e o fôlego compassado do mar ao balanço da rede (Figura 75).

FIGURA 75 – A rede solitária



FONTE: Acervo pessoal Hermano José (2013)

A casa vivida, transitada, com cheiro de café, o ir e vir de seus pés, seus braços para trás, seu olhar de observação ao mar, findou; calou-se. Hermano deixou seu espaço privado e privativo e foi para uma outra dimensão, mas permanecem o barulho do mar e o balançar das folhas. Agora a rede já não mais balança, os pincéis já não mais gotejam as telas, o lápis já não mais traceja o caderno, os discos empoeiram na varanda e o que se ouve são apenas os sons do tempo. Fecham-se as portas da casa de morada, abrem-se as portas da Casa de Cultura.

5.1.1 O arquivo pessoal de Hermano José

O projeto da casa foi minuciosamente desenhado para que o artista pudesse ter o conforto de um local de descanso e ambientes que possibilitassem o emprego de duas de suas paixões: as artes plásticas e o colecionismo. Nesse ínterim, Hermano reuniu em sua residência um acervo volumoso, composto por itens documentais das mais variadas espécies.

Os primeiros trabalhos referentes ao tratamento do espólio deixado pelo artista foram iniciados no ano de 2016, em um acervo que demandava técnicas específicas de conservação, com vistas a garantir sua preservação. A equipe da UFPB, ao aplicar um diagnóstico inicial do acervo ainda em sua residência, constatou a ausência de tratamento sistemático: muitos documentos encontravam-se dispersos por todos os cômodos da casa e, literalmente, misturados entre caixas empoeiradas e móveis, o que evidenciava também sua faceta de acumulador.

Ao entrarmos na residência nos deparamos com uma grande quantidade de livros que estavam dispostos em dois armários (Fotografia 8) situados na garagem. Os livros estavam em péssimas condições de acondicionamento, visto que havia muita poeira e mofo, sem contar os móveis que estavam acometidos por cupins.

FOTOGRAFIA 8 – Armários de livros na entrada da garagem



FONTE: Ronieli Victor (2017)

O material encontrado nesses armários era constituído de livros sobre história da arte e técnicas para a pintura e escultura em vários idiomas, revelando fontes riquíssimas de informação para pesquisas em artes plásticas.

Um pouco mais adiante havia a cozinha (Fotografia 9) que dispunha de algumas peças como potiches em vidro e cerâmica e móveis rústicos e coloniais em condições ruins que ornamentavam o lugar já sem uso.

FOTOGRAFIA 9 – Cozinha



FONTE: Ronieli Victor (2017)

Em detrimento da casa estar localizada em uma região de maresia, devido à proximidade com o mar, muitos dos objetos estavam oxidados, mas com o devido tratamento poderiam ser higienizados e restaurados em um futuro próximo.

Ao nos dirigirmos para a sala de estar, localizada no térreo, a quantidade de objetos era bastante expressiva. A mesa de jantar estava preenchida por utensílios domésticos como louças de porcelana, pratos duralex, potiches e talheres de alpaca. As paredes continham quadros e pratos de cerâmica dependurados, bem como esculturas em cerâmica e madeira distribuídas entre objetos de culto e adoração, tanto em arte barroca quanto popular.

Nos armários era possível ver esculturas e objetos de adoração e nas paredes haviam alguns relógios de fabricação do começo do século, muito possivelmente herdados, além de uma cristaleira com utensílios de porcelana e pequenas taças de cristal. No centro da sala também encontramos uma poltrona e praticamente todos os cantos das paredes eram preenchidos com algum objeto de decoração, o que refletia ainda mais o gosto do artista.

Outro cômodo que nos chamou a atenção foi o que estava ao lado do quarto de visitas. Neste local que parecia ser um escritório (Fotografia 10) havia bastante material empilhado, como armários, baús, cadeiras, pastas, livros, fitas de vídeo, caixas com pastas, oratórios etc. O lugar parecia um depósito, mas a medida em que estes materiais foram sendo analisados pela equipe, foram encontrados mais livros sobre arte, manuscritos do artista, esculturas em metal, caracterizando nosso trabalho no acervo hermaniano como uma caça ao tesouro.

FOTOGRAFIA 10 – Escritório/depósito



FONTE: Ronieli Victor (2017)

No quarto de visitas adotado pelo artista nos últimos anos de vida, como apresentado no capítulo anterior, havia apenas uma cama simples de solteiro, uma cômoda e um criado mudo. Na cômoda haviam as roupas do artista e alguns remédios. No chão, algumas sandálias e poucos pertences, como um relógio e um óculos.

Ao subirmos pela escada que dá acesso aos cômodos localizados no primeiro pavimento, nos deparamos com o mezanino (Fotografia 11).

FOTOGRAFIA 11 – Mezanino situado no primeiro pavimento

FONTE: Ronieli Victor (2017)

Ao tecermos um olhar mais sensível, podemos observar uma quantidade significativa de massa documental que muito tem a nos dizer sobre as atividades desenvolvidas por Hermano em seu dia a dia. No mezanino encontramos livros, cadernos e manuscritos inéditos misturados com telas e desenhos inacabados (Fotografia 12). O guarda-roupas estava abarrotado de livros empilhados e alguns CDs.

FOTOGRAFIA 12 – Telas inacabadas no mezanino

FONTE: Ronieli Victor (2017)

Ao sairmos do mezanino e nos direcionarmos ao ateliê (Fotografias 13 e 14) situado na varanda oeste, nos deparamos com uma grande quantidade de materiais de trabalho como tintas, cavaletes e pincéis que estavam se deteriorando devido ao fato de que a casa estava fechada há meses.

FOTOGRAFIA 13 – Ateliê da varanda oeste



FONTE: Ronieli Victor (2017)

Em um primeiro momento, a imagem nos apresenta um conglomerado de objetos empoeirados, aparentemente irrecuperáveis e sem utilidade, que facilmente poderiam ser descartados na lata de lixo mais próxima. No entanto, ao aplicarmos um olhar sensível, podemos observar que existem materiais (Fotografia 14) capazes de nos ajudar a compreender o universo hermaniano, se aplicado o devido tratamento.

FOTOGRAFIA 14 – Ateliê da varanda oeste



FONTE: Ronieli Victor (2017)

Devemos levar em consideração que o artista, no final de sua vida, já não frequentava os ambientes do primeiro pavimento e, provavelmente por precaução, evitava contratar alguém para fazer a higienização do local, o que contribuiu para o acúmulo desordenado e massivo de objetos dispersos em várias partes da casa.

Nesse mesmo pavimento encontramos outra sala (Fotografia 15) que servia como depósito para a guarda de materiais de pintura. Havia móveis, oratórios, outro armário com livros, cômoda com desenhos e gravuras dos alunos do artista, esculturas de cerâmica, ou seja, era mais um espaço utilizado por Hermano para a guarda de suas coleções.

FOTOGRAFIA 15 – Ateliê situado no primeiro pavimento, sentido norte



FONTE: Ronieli Victor (2017)

Durante o processo de diagnóstico feito pela equipe de trabalho, foram constatados que vários objetos estavam “acondicionados” em guarda-roupas e cômodas, a exemplo de um conjunto de moedas nacionais e estrangeiras com cerca de 200 anos, dentro de uma meia de tecido sintético na cor preta, localizada em um móvel gaveteiro situado no quarto principal leste. Em outro momento descobriu-se uma travessa de porcelana entre as roupas do artista, em um móvel desse mesmo cômodo. Havia vários objetos deteriorados ou acometidos por agentes biológicos como cupins, traças e fungos, o que colocava em perigo o acervo como um todo.

O local estava em condição insalubre para o trabalho. Havia muita poeira encrustada nesses materiais e, a medida em que o diagnóstico ia sendo feito, foram encontradas muitas

pastas contendo manuscritos, impressos, desenhos inéditos, além de livros e revistas sobre arte, recortes de jornais, entre outros documentos.

Destarte o diagnóstico, a equipe decidiu iniciar os trabalhos de arrolamento do acervo pelo quarto 1 (Fotografia 16), local onde o artista costumava dar suas entrevistas e guardar boa parte dos documentos pessoais.

FOTOGRAFIA 16 – Seleção e avaliação de documentos no quarto 1



FONTE: Ronieli Victor (2017)

Neste cômodo haviam muitas esculturas em arte sacra, pastas com manuscritos e recortes de jornais, uma grande quantidade de quadros, suvenires e pequenas coleções como moedas e bolas de gude, pratos de cerâmica e travessas, fotografias e uma gama volumosa de CDs nos armários e no guarda-roupas. Enquanto a equipe avançava, percebia-se a necessidade de trilhar estratégias que melhor atendessem ao tratamento do acervo. Neste sentido, Oliveira e Martins (2021, p. 195) destacam:

A equipe multidisciplinar iniciou o arrolamento de tudo o que fora encontrado em cada espaço, em cada vão, com o objetivo de vasculhar os desvãos da memória e identidade do benemérito. A cada abertura de gaveta, de armário, havia uma descoberta, exigindo da equipe uma nova metodologia de trabalho com vistas à preservação do patrimônio, bem como das características arquitetônicas da casa com o intuito de transformá-la em Casa de Cultura requerendo da universidade a preservação integral do conjunto. Em cada espaço, objetos surgiam como árvores frutíferas em tempos de floração.

Dentre os tipos e espécies documentais pertencentes ao acervo, uma coleção em especial nos chamou a atenção, aquela composta pelos documentos fonográficos. O denso volume

(Fotografia 17) despertou o nosso interesse, originando o tema dessa pesquisa, na tentativa de compreendermos o acervo fonográfico enquanto elemento infomemorial e a relação da música na formação identitária de Hermano José.

FOTOGRAFIA 17 – CDs encontrados no acervo de Hermano José



FONTE: Ronieli Victor (2017)

Apenas no quarto 1 haviam três armários abarrotados de CDs e fitas cassete. Ao andarmos pelos cômodos da casa fomos encontrando mais documentos sonoros, principalmente no ateliê. O espaço estava bem insalubre para o trabalho e muitos materiais estavam empoeirados e oxidados. Ao tecermos um olhar crítico sobre as condições de conservação dos materiais do ambiente, percebemos que haviam mais documentos sonoros, como pode ser observado na Fotografia 18.

FOTOGRAFIA 18 – Discos de vinil dispersos no ateliê



FONTE: Ronieli Victor (2017)

Enquanto realizávamos o diagnóstico dos cômodos da casa, fomos encontrando mais CDs e discos de vinil, fitas cassete, VHS e discos de gramofone. Boa parte desse material foi listado, como veremos na próxima seção. O desafio se mostrava cada vez maior, uma vez que se fazia necessário inventariar todo o acervo, para que este pudesse ser transportado para a UFPB.

A casa de morada de Hermano José passaria por uma reforma e, para que pudessem ser cumpridas as cláusulas do termo de doação, todo o acervo precisou ser removido para que os trabalhos de reestruturação do espaço do que viria a se chamar o Museu Casa de Cultura Hermano José, pudessem ser iniciados. Oliveira e Martins (2021) discorrem:

Diante da análise técnica do imóvel e da retirada de todos os pertences, já arrolados e encaixotados, com *QR Code* em todas as embalagens, o objetivo foi controlar, por meio das listas inventariais, os objetos e documentos retirados da casa e levados para outro espaço da própria universidade, denominado reserva técnica Hermano José (OLIVEIRA; MARTINS, 2021, p. 195).

Assim, a equipe montou uma força-tarefa para que todo o acervo fosse transportado, sob a supervisão dos profissionais responsáveis e seguindo todos os requisitos (Fotografias 19, 20, 21, 22, 23).

FOTOGRAFIA 19 – Acondicionamento e transporte do acervo



FONTE: Ronieli Victor (2017)

FOTOGRAFIA 20 – Acondicionamento e transporte do acervo



FONTE: Ronieli Victor (2017)

FOTOGRAFIA 21 – Acondicionamento e transporte do acervo



FONTE: Ronieli Victor (2017)

FOTOGRAFIA 22 – Acondicionamento e transporte do acervo

FONTE: Ronieli Victor (2017)

FOTOGRAFIA 23 – Caixas identificadas com *QR Code*

FONTE: Ronieli Victor (2017)

Em um levantamento parcial, foram identificadas diversas tipologias documentais e, enquanto o inventário avançava, alguns dados forneceram um quadro expressivo (**Quadro 2**) dos tipos pertencentes ao acervo de Hermano José:

QUADRO 2 – Levantamento parcial de tipologias

Tipos documentais		Quantidade
 Manuscritos, cartas, cadernos, jornais, livros, revistas.	→	4M ² lineares
 Telas, desenhos, fotografias, gravuras.	→	1.400 itens
 VHS e DVD.	→	200 unidades
 CDs, fitas k7, Discos de vinil e gramofone.	→	3.000 unidades
 Esculturas em arte sacra, arte popular e rélias.	→	500 peças
 Relógios de parede e algibeira.	→	49 itens
 Utensílios domésticos.	→	+ 1.500 unidades

FONTE: Elaborado pelo autor (2021)

Todo o acervo foi arrolado e transportado para a UFPB, favorecendo que a casa de morada do artista pudesse entrar em processo de reforma e se adequar aos padrões de acessibilidade e instrumento de apoio à cultura, ou seja, que se transformasse no Museu Casa de Cultura Hermano José. Sobre esse momento, Oliveira e Martins (2021, p. 195) revelam:

A casa ficou vazia, momento de olhar o imóvel e suas peculiaridades, estudar suas plantas arquitetônicas, fazer estudo cromático e definir as possíveis alterações físicas com vistas a atender o desejo do doador, o qual era possibilitar a visitação pública, por exemplo, requerendo a construção de meios que viabilizassem o acesso, bem como o cumprimento do arcabouço legal brasileiro de acessibilidade.

Com a casa à disposição e inteiramente vazia, os trabalhos voltados para a reestruturação do espaço foram iniciados. A ideia era que tanto a casa quanto os ambientes pudessem ser acessíveis e com estrutura adequada para receber as obras de artes que seriam selecionadas para as futuras exposições.

A Casa de Cultura Hermano José só se institucionalizou quando da aprovação do seu Regimento pelo Conselho Superior da UFPB (CONSUNI), por meio da Resolução Nº 10/2018, que criou formalmente o espaço passando a denominar-se Museu-Casa de Cultura Hermano José (MCCHJ), um complexo constituído pela casa principal e anexos, os quais possibilitaram a ampliação do espaço para fins a que se destinam, estabelecendo desse modo a preservação da obra de Hermano José e sua memória, sua relação com a casa e esta com o mundo exterior, em especial, o mar e o jardim como uma das mais sublimes características do local [...] (OLIVEIRA; MARTINS, 2021, p. 207).

A inauguração se deu em 19 de maio de 2017 e foi muito elogiada e aplaudida pela comunidade artística e acadêmica que esteve presente no evento de abertura do equipamento cultural. Um ano depois, a Casa de Cultura passou por um processo de institucionalização ao receber a aprovação do Conselho Consultivo da UFPB (CONSUNI).

FIGURA 76 – Museu-Casa de Cultura Hermano José



FONTE: Oriel Farias (2021)

O lugar de morada, agora Museu-Casa de Cultura Hermano José (Figura 76) é um aparelho cultural destinado a sociedade paraibana, criado pela UFPB, destinado a preservação do legado e da obra de Hermano José. O artista sempre se mostrou preocupado com a criação de um museu que pudesse servir como um instrumento de apoio a cultura, sobretudo nas artes plásticas. A consolidação do MCCHJ é a realização do sonho do artista, que deixou um espólio

riquíssimo para ser utilizado como fonte de informação para a pesquisa e a sua residência para que pudesse servir de alaúde para que outros artistas expusessem seus trabalhos.

O processo de transição entre a casa de morada para a casa de cultura está detalhado no capítulo *Da casa de Morada ao Museu-Casa de Cultura Hermano José*, escrito por Oliveira e Martins (2021) para o livro *Museologia e Património*, vol. 8, da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais Politécnico de Leiria-PT.

Esta pesquisa privilegiou o acervo fonográfico do artista, que tem muito a nos dizer sobre a relação de Hermano com a música. Neste sentido, o próximo capítulo abordará alguns conceitos relacionados ao documento fonográfico enquanto suporte infomemorial e identitário, bem como revelar a predileção musical do artista, revelando suas especificidades enquanto patrimônio cultural.

6 ACERVOS FONOGRÁFICOS: entendendo o documento sonoro

“Depois do silêncio, o que mais se aproxima de expressar o inexpressável é a música”.

ALDOUS HUXLEY (1894-1963)

Ao concordarmos com a premissa de que o documento é, antes de tudo, um artefato, estamos levando em consideração o suporte e o seu contexto de produção. De acordo com Pacheco (1995, p. 23), “[...] um artefato é o registro de vários conteúdos, e incorpora diferentes registros. Ele é fruto e formador de contextos. Sendo a informação um artefato, com ela não se dá processo diferente”.

O teórico Le Coadic (2004, p. 5) aponta que “[...] o documento é todo o artefato que representa ou expressa um objeto, uma ideia ou uma informação por meio de signos gráficos ou icônicos (palavras, imagens, diagramas, mapas, figuras, símbolos), sonoros e visuais”.

Estamos rodeados de artefatos e eles auxiliam nossas atividades cotidianas, são instrumentos das culturas que os constituem e, ao mesmo tempo, moldam a sociedade. Adentrar nesses “espaços de recordação” não é apenas deparar-se com o que é físico e estático, mas com a “coisa” em si, ou seja, aquilo que esses objetos podem nos remeter junto às sensações e significados. Neste sentido, Ingold (2012, *apud* HEIDEGGER, 1971, p. 167) discorre que;

O objeto coloca-se diante de nós como um fato consumado, oferecendo para nossa inspeção suas superfícies externas e congeladas”. [...] A coisa, por sua vez, é um “acontecer”, ou melhor, um lugar onde vários acontecimentos se entrelaçam. Observar uma coisa não é ser trancado do lado de fora, mas ser convidado para a reunião.

Arquivos pessoais, em geral, abarcam de forma generosa estes artefatos e, ao analisarmos um acervo, é impreterível mergulharmos nos objetos que os compõem, suas diversificadas tipologias documentais e as informações contidas nesses suportes que, sobretudo, são produzidas intencionalmente, passíveis de ressignificação e nos convidam a refletir sobre a relação comunicativa entre cada documento e seu titular.

Os documentos, para a autora Béguin-Verbrugge (2009), são objetos que sustentam a informação e tem como função primordial a comunicação. Nesse sentido, os documentos são também mediadores do processo comunicacional.

Ao abordarmos o documento sonoro enquanto suporte de informação temos que analisá-lo sob a perspectiva dos elementos intrínsecos e extrínsecos, ou seja, a necessidade de decodificação da informação contida que pode ser realizada por ferramenta tecnológica ou manual e as características físicas, logo, o formato que o documento é apresentado. O autor Laurent

(2001) explica que os documentos sonoros são artefatos legíveis por máquina e que a integridade da informação contida está condicionada à preservação do suporte, assim, as técnicas de conservação estão ligadas ao bem-estar físico do objeto.

O Glossário da Câmara Técnica de Documentos Audiovisuais, Iconográficos, Sonoros e Musicais (BRASIL, 2018) apresenta o documento sonoro como um gênero documental composto por documentos que contêm registros sonoros. O tema dessa pesquisa nos permite refletir sobre a classificação, finalidade e informação contida nos arquivos sonoros. Assim, o Glossário da CTDAISM (BRASIL, 2018, p. 6) apresenta duas definições para arquivos sonoros:

1. Organização, departamento ou unidade, de natureza pública ou privada, dedicado ao tratamento técnico, preservação e acesso aos documentos sonoros.
2. Conjunto de documentos sonoros produzidos e acumulados por uma entidade coletiva, pública ou privada, pessoa ou família, no desempenho de suas atividades.

Buarque (2008) engloba os documentos sonoros ao gênero audiovisual e esses documentos são caracterizados por conter sons e/ou imagens em movimento, dispostos em um suporte (CD, Beta fita, fita cassete, disco de vinil, gramofone, DVD etc.) e, para serem gravados e/ou reproduzidos, necessitam de máquinas e dispositivos tecnológicos.

As concepções apresentadas nos permitem entender os documentos sonoros pela perspectiva do suporte e como intermédio das informações sonoras. Segundo Edmondson (1998), em seu livro intitulado *Uma filosofia dos arquivos audiovisuais*, ao discutir o termo audiovisual:

Há muitas definições e hipóteses sobre este termo que é muitas vezes adaptado para abranger (a) imagens em movimento, quer filme ou electrónicas, (b) apresentações de dispositivos, (c) imagens em movimento e/ou registos sonoros em vários formatos, (d) rádio e televisão, (e) fotografias e gráficos, (f) vídeo jogos (g) CD-ROM multimedia (h) qualquer coisa projectada num écran (i) ou todas elas (EDMONDSON, 1998, p. 4).

O artista Hermano José, ao longo dos anos, dedicou-se não apenas às artes plásticas, mas também à construção do seu acervo pessoal, mostrando a paixão por colecionar objetos com histórias ricas e que representam momentos de quase um século de vida. Ao doar seu acervo pessoal para universidade, o artista, que foi professor da instituição, expressou sua preocupação em garantir que todo o trabalho de uma vida pudesse ser preservado.

Dentre os documentos encontrados no acervo de Hermano José, selecionamos apenas os documentos fonográficos que compõem o espólio do artista. Destarte, esta pesquisa pretende discorrer sobre os documentos sonoros, relevando suas peculiaridades e ressignificando sua importância enquanto fonte infomemorial.

6.1 O ACERVO FONOGRAFICO: em sintonia com a arquivística

O acervo fonográfico do MCCHJ é constituído por obras de gênero musical distribuídas em suportes documentais como discos de gramofone e vinil 78 rpm, CDs e fitas K7 reunidos pelo artista plástico Hermano José ao longo de sua trajetória. Um estudo parcial levantou cerca de 2.500 itens, abarcando uma pluralidade de gêneros musicais que passeiam pela música clássica e erudita, perpassando pelo rock e a MPB.

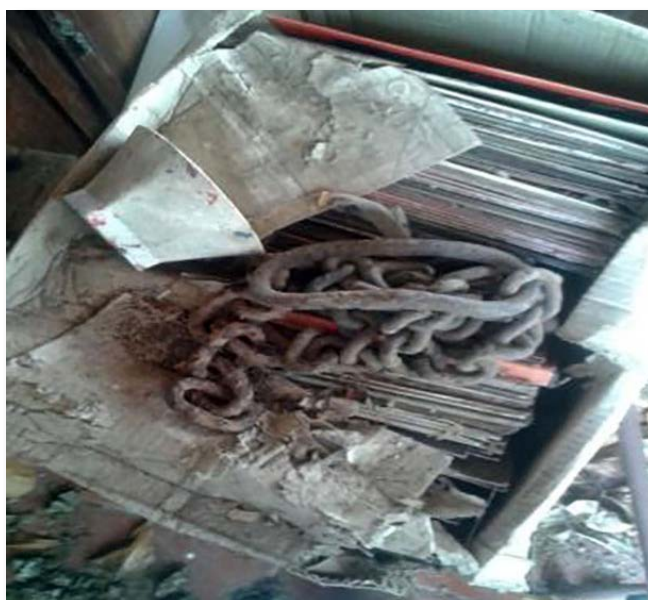
O primeiro trabalho executado no acervo fonográfico consistiu em um diagnóstico dos documentos sonoros, em especial os CDs e os discos de vinil (Fotografias 24 e 25), verificando seu estado de conservação e mapeando os itens que estavam espalhados pela residência.

FOTOGRAFIA 24 – CDs encontrados no acervo de Hermano José



FONTE: Ronieli Victor (2017)

FOTOGRAFIA 25 – Caixa com discos de vinil no ateliê



FONTE: Ronieli Victor (2017)

Em seguida, foram aplicadas fichas de arrolamento, inicialmente para os CDs. A atividade consistiu em enumerar o item e estabelecer a sua localização original na residência, respeitando assim o princípio de proveniência¹. As fichas de descrição (Figuras 77 e 78), além de garantir o registro do item, possibilitaram a quantificação do acervo, ao mesmo tempo em que permitiam descrever os metadados dos documentos.

FIGURA 77 – Ficha descritiva para documentos sonoros (frente)

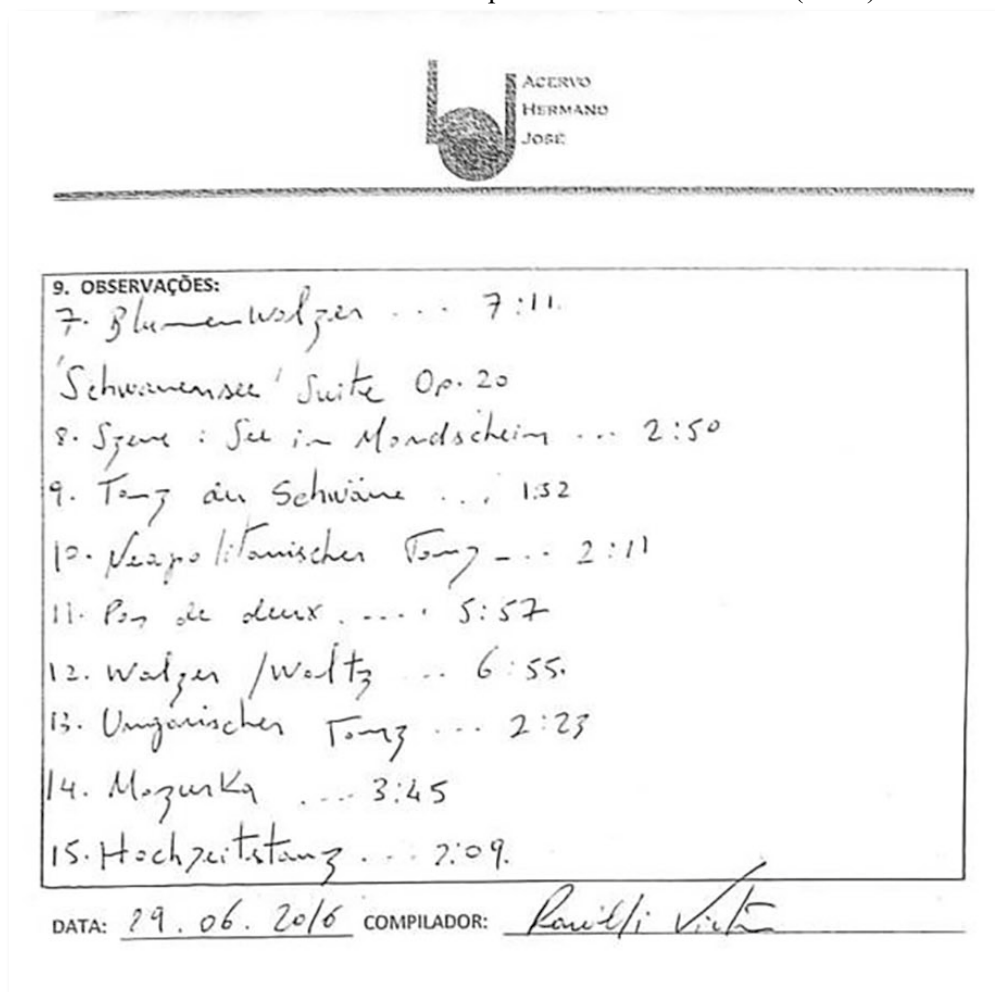
A ficha descritiva para documentos sonoros (frente) é um formulário com o seguinte layout:

- Logo e Cabeçalho:** No topo, há um logo de um CD-ROM e o texto "ACERVO HERMANO JOSÉ". Abaixo, o título "FICHA DESCRITIVA DE CD-ROM MUSICAL" está centralizado.
- 1. REGISTRO:** O campo "1. REGISTRO" contém o número "310".
- 1.1 LOCALIZAÇÃO:** O campo "1.1 LOCALIZAÇÃO" contém a localização "Armário II".
- 2. TÍTULO PRINCIPAL:** O campo "2. TÍTULO PRINCIPAL:" contém o texto "Tchaikovsky (1840 - 1893)".
- 3. OUTROS TÍTULOS:** O campo "3. OUTROS TÍTULOS:" contém o texto "Nutcracker Suite / Swan Lake Suite".
- 4. INTÉRPRETE AUTOR:** O campo "4. INTÉRPRETE AUTOR:" contém o texto "Amsterdam Symphony Orchestra - Peter Stern".
- 5. PUBLICAÇÃO DISTRIBUIÇÃO:** O campo "5. PUBLICAÇÃO DISTRIBUIÇÃO:" contém o texto "Digital Recording / Movieplay Brasil".
- 6. DESCRIÇÃO FÍSICA:** O campo "6. DESCRIÇÃO FÍSICA:" contém o texto "Caixa em acrílico e bar e todos de cor verde".
- 7. NOTAS (descrever as músicas que compõe o CD):** O campo "7. NOTAS (descrever as músicas que compõe o CD):" contém o texto "CD - Único - presente estado Encarte biográfico do compositor".
- 8. COLEÇÃO:** O campo "8. COLEÇÃO:" contém o texto "L. 'Nussknacker' Suite Op. 71a", "L. Ouverture ... 3:07", "2. Marsch ... 2:33", "3. Tanz der Zuckerfee Dance of the Sugar-Hum Fairy ... 1:46", "4. Russischer Tanz ... 1:05", "5. Arabischer Tanz ... 2:53", "6. Tanz der Rohrflöten ... 2:02".
- 9. COLEÇÃO:** O campo "9. COLEÇÃO:" contém o texto "8. COLEÇÃO: ☒ SIM ☐ NÃO".

FONTE: MCCHJ (2017)

¹ De acordo com Bellotto (2004, p.80), o princípio da proveniência 'fixa a identidade do documento relativamente a seu produtor. Por esse princípio, os arquivos devem ser organizados obedecendo à competência e às atividades da instituição ou pessoa legitimamente responsável por sua produção, acumulação ou guarda de documentos. Arquivos originários de uma instituição ou de uma pessoa devem manter a individualidade, dentro de seu contexto orgânico de produção, não devendo ser mesclados, no arquivo, a outros de origem distinta".

FIGURA 78 – Ficha descritiva para documentos sonoros (verso)



ACERVO
HERMANO
JOSÉ

9. OBSERVAÇÕES:

7. Blumenwalzer ... 7:11
 'Schwanensee' Suite Op. 20
 8. Szene: See im Mondschein ... 2:50
 9. Tanz der Schwäne ... 1:52
 10. Neapolitanischer Tanz ... 2:11
 11. Pas de deux ... 5:57
 12. Walzer / Waltz ... 6:55
 13. Ungarischer Tanz ... 2:23
 14. Mazurka ... 3:45
 15. Hochzeitstanz ... 2:09

DATA: 29.06.2016 COMPILADOR: Roneli Victor

FONTE: MCCHJ (2017)

As fichas de descrição eram compostas por campos pautados na Norma Brasileira de Descrição Arquivística (NOBRADE). Após um estudo, a equipe responsável estabeleceu os campos de descrição que melhor correspondiam à realidade do acervo. Neste sentido, os seguintes campos foram propostos: 1. Registro; 1.1 Localização; 2. Título principal; 3. Outro título; 4. Intérprete/Autor; 5. Publicação/distribuição; 6. Descrição física/estado de conservação; 7. Notas; 8. Coleção; Observações; Data; Compilador.

O preenchimento dessas fichas culminou em uma listagem dos CDs (Figura 79), possibilitando observar a localização dos documentos a partir do móvel em que estavam acondicionados, estado de conservação e qualquer anotação referente a elementos extrínsecos aos documentos, como autógrafos, dedicatórias etc.

FIGURA 79 – Lista de CDs arrolados

 **Caixa: QA9** **Conteúdo: Sonoro**
Total: 49

#	TÍTULO	LOCALIZAÇÃO	SITUAÇÃO
541	Antonio Vivaldi-Le Quattro Stagioni/Die Vier Jahreszeiten-The Four Seasons	Armário III	Descrito
542	"Henze/GuitarMusic,2"	Armário III	Descrito
543	Brahms Piano Concerto No.2	Armário III	Descrito
544	Pentagon Classics / Berlioz? Symphonie Fantastique	Armário III	Descrito
545	Cesar Frack / Julesb Massenet	Armário III	Descrito
546	The Classical Collection/Franck	Armário III	Descrito
547	Um Baile De Gala/As Mais Belas Valsas	Armário III	Descrito
548	Mendelssohn	Armário III	Descrito
549	Recital	Armário III	Descrito
550	Edvard Greig	Armário III	Descrito
551	Horowitz/The Last Recording	Armário III	Descrito
552	Casa Decoração/Grandes Compositores-AntoninDvorak	Armário III	Descrito
553	Handel/Violí Sonatas	Armário III	Descrito
554	Música Brasileira para Trio Violões	Armário III	Descrito
555	A Vivaldi/Classic Voyage	Armário III	Descrito
556	Vivaldi/Choral Works	Armário III	Descrito
557	Vivaldi / Concertos for Strings	Armário III	Descrito
558	Tenores ao Vivo	Armário III	Descrito
559	The Glenn Gould Edition	Armário III	Descrito
560	The Pian Guys	Armário III	Descrito
561	Dvorack/Smetana	Armário III	Descrito
562	Beethoven/Symphony nº 9 in D Minor	Armário III	Descrito
563	100 Anos de Música Popular Brasileira	Armário III	Descrito
564	Schumann/Concerto Romântico	Armário III	Descrito
565	Asian Meditation	Armário III	Descrito
566	The Sistine Choir/In Concerta t TheVatican	Armário III	Descrito
567	Liszt/Concerto Romântico	Armário III	Descrito
568	Maria Callas/Einladung Zum Konzert vol.3	Armário III	Descrito
569	Brahms/Sinfonia nº 3 Abertura do Festival Acadêmico	Armário III	Descrito
570	Chabrier/De FallaDebyssy	Armário III	Descrito
571	Ottorino Respighi/Classic Masters	Armário III	Descrito
572	Hamilton De Holanda-Joel Nascimento/De Bandoim A Bandoim	Armário III	Descrito
573	Lassus/ Missa "Bell" Amfrit Altera Salmos Penitenciais VII	Armário III	Descrito
574	Colenda Dina/Concertos Românticos	Armário III	Descrito

FONTE: MCCHJ (2017)

Foram contabilizados 1956 documentos no formato Disc Compact (CDs), gerando 18 listas. Em uma análise parcial dos CDs listados, podemos perceber uma predominância no gênero musical considerado clássico. Também se verificou uma quantidade significativa de intérpretes da Música Popular Brasileira (MPB) e regionais, bem como títulos em diversas nacionalidades do ocidente e do oriente.

Durante o mapeamento dos documentos sonoros, algumas peculiaridades nos chamaram a atenção: os discos estavam acondicionados em sete baús, passando a impressão de que eram tratados como um tesouro pelo artista.

A maior parte dos discos encontrados estavam em excelentes condições, no entanto, uma parcela desse material, infelizmente, foi acometida pela umidade, como o baú da Fotografia 26, que estava em péssimas condições.

FOTOGRAFIA 26 – Discos deteriorados no baú

FONTE: Ronieli Victor (2018)

FOTOGRAFIA 27 – Caixas com discos de vinil retiradas das estantes para elaboração das listas

FONTE: Ronieli Victor (2021)

Todo o material encontrado neste baú precisa ser submetido ao tratamento de um profissional especializado em conservação e restauração de documentos sonoros, visto que boa parte ainda pode ser recuperada e servir substancialmente enquanto fonte primária de informação.

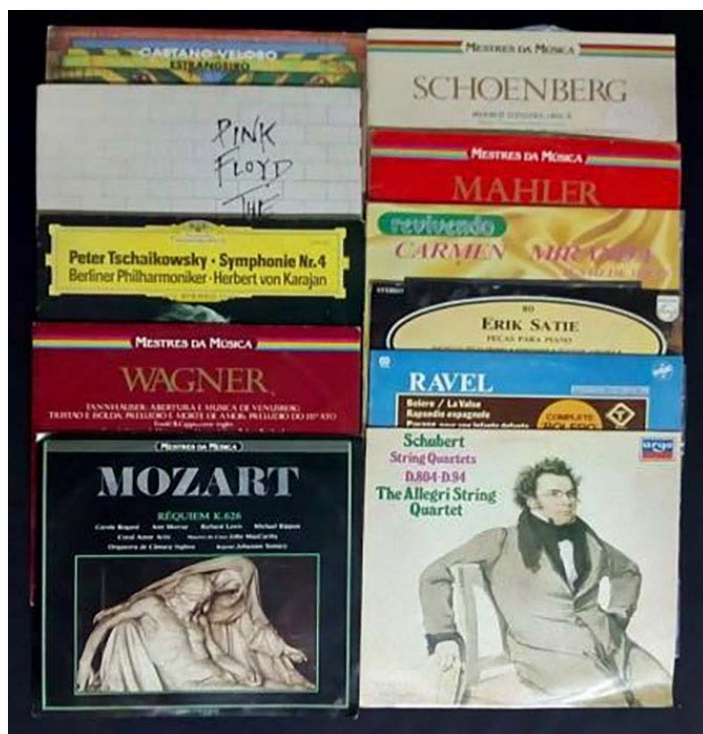
O material foi removido dos baús para evitar a deterioração pelo calor e pela umidade, devido à residência de Hermano José estar situada em uma área de maresia, o que favorecia a oxidação acelerada do acervo, e pela própria composição física dos baús, em madeira e ferro, o que favorecia o ataque de cupins e a oxidação por ferrugem, podendo atingir, conseqüentemente, os discos que estavam acondicionados.

Atualmente, todo o acervo de Hermano José encontra-se preservado na reserva técnica do MCCHJ, localizada na UFPB, em processo de catalogação e tratamento, pautados em técnicas de identificação, descrição, higienização e conservação.

Os discos de vinil, que privilegiamos para a confecção das listas, encontram-se em bom estado de conservação. No entanto, em detrimento da reorganização do espaço da reserva técnica, os discos estão acondicionados em algumas caixas (Fotografia 27), higienizados, livres de umidade e agentes nocivos, dedetizados periodicamente e podem ser manuseados sem maiores dificuldades.

Ao serem manuseados para uma análise parcial, os discos de vinil revelam a versatilidade musical que este acervo dispõe, como pode ser observado nas Fotografias 28 e 29.

FOTOGRAFIA 28 – Discos de vinil do acervo pessoal de Hermano José



FONTE: Ronieli Victor (2021)

FOTOGRAFIA 29 – Versatilidade musical do acervo fonográfico



FONTE: Ronieli Victor (2021)

Todo o acervo da reserva técnica encontra-se em processo de catalogação. Os discos ainda irão receber o número de registro, de acordo com a política documental aplicada ao acervo, garantindo sua preservação enquanto patrimônio do MCCHJ e da Universidade Federal da Paraíba. Assim, com relação à preservação de acervos especiais, Camargo (2009) destaca:

Tais centros apresentam como característica fundamental a proposta de trabalho que envolve a reunião, a preservação e a organização de arquivos e coleções (geralmente compostos de documentos originais, as “fontes primárias”) e de conjuntos documentais diversos [...], reunidos sob o critério do valor histórico e informativo, em torno de temas ou de períodos da história [...] (CAMARGO, 2009, p. 50).

Uma parcela significativa do acervo já foi tombada e os trabalhos continuam na reserva. De acordo com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (BRASIL, 2014), o tombamento pode ser entendido como “[...] o mais antigo instrumento de proteção em utilização pelo Iphan, tendo sido instituído pelo Decreto Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937, e proíbe a destruição de bens culturais tombados, colocando-os sob vigilância do Instituto” (BRASIL, 2014).

A Universidade Federal da Paraíba, ao abarcar o espólio de Hermano José, assume uma atividade de caráter extensivo voltada à preservação do acervo, levando em consideração a sua relevância para a memória coletiva e social. Assim, na próxima seção, abordaremos os procedimentos de listagem aplicados aos discos e tal atividade caracteriza-se enquanto exercício de preservação do acervo fonográfico, cujo produto permitirá o acesso para pesquisadores e para comunidade em geral.

6.2 PROCEDIMENTOS E LISTAGEM DOS DISCOS

O processo de abordagem dos discos demandou algumas escolhas que possibilitaram a confecção das listas. Para a execução do projeto, decidimos elencar alguns metadados que pudessem servir para a identificação e recuperação dos documentos. Assim, os descritores escolhidos para a elaboração da listagem privilegiavam **Autor/intérprete; Título/subtítulo da obra; gravadora/produtora e Ano de publicação**, como podemos observar na Figura 80.

FIGURA 80 – Descritores usados para a inserção na lista

FONTE: Elaborado pelo autor (2021)

Após a escolha dos descritores, partimos para a alimentação da planilha de discos (Figura 81) selecionados para a análise. Ao todo foram levantados 425 discos de vinil da coleção pessoal de Hermano José.

FIGURA 81 – Planilha dos discos listados para a análise

A1	
	Brasil, flauta, bândolim e violão- Evandro e seu regional- 1975
1	Brasil, flauta, bândolim e violão- Evandro e seu regional- 1975
2	Orlando Silva-os maiores sucessos-1974
3	16 grandes sucessos dos inesquecíveis- Francisco Alves, Orlando Silva, Altemar Dutra, Carlos Galhardo 1986
4	Paris, Paris-As mais românticas canções francesas 1985
5	Granados Danzas Españolas-Alicia de Larrocha 1983
6	Vicente Celestino, Catulo e Cândido das Neves- 1983
7	Uma dor e uma saudade- Orlando Silva-1963
8	Music of the African Arab-Mohammed El-Bakkar and his Oriental Ensemble vol.3
9	Noite de lua- José Vicente
10	A arte de Nara Leão- Nara Leão - Fontana Especial- 1976
11	América do sol-Bandeirantes discos-1978
12	Concerto d' amor- Concertos românticos de Vivaldi 1987
13	100 anos de música popular brasileira vol.3 - Tapeçar gravações
14	Reflexus da mãe África- EMI 1987
15	100 anos de música popular brasileira vol.4 - Tapeçar gravações
16	São Pixiguiinha- Reedição comemorativa do "projeto pixiguiinha"
17	A velha Russia- Stanley Black- The London Festival Orchestra and Chorus- 1967
18	Festival internacional de Ba'albak 1960
19	Pixiguiinha e Benedito Lacerda 1973
20	16 temas românticos de novelas- ktel- 1977
21	Orestes Barbosa- Nova História da música popular brasileira-1978
22	João do Vale- Nova história música popular brasileira-1977
23	Maysa-Disco de ouro RCA- 1977
24	Escolas de samba I- Nova história da música popular brasileira-1979
25	Na quadrada das águas perdidas- Elomar-Rio do gavião 1979
26	Ao meu rio- Mário Reis- Elenco Mono
27	Irmãozinho- Nova história da música popular brasileira- 1978

FONTE: Elaborado pelo autor (2021)

Ao final da listagem foi feita uma triagem entre os discos com autores/intérpretes nacionais e estrangeiros. Essa triagem possibilitaria uma análise mais detalhada do acervo quanto aos gêneros e, consequentemente, à organização e o acesso aos materiais. Neste sentido, após a triagem, os discos foram dispostos em ordem alfabética (Figura 82), para facilitar a análise e o acesso.

FIGURA 82 – Lista de autores/intérpretes brasileiros em ordem alfabética

	A
1	Abel Ferreira e Filhos-Discos Marcus Pereira-1977
2	Abel Ferreira-Brasil Sax e Clarineta-Discos Marcus Pereira-1976
3	Adoniran Barbosa e Paulo Vanzolini- História da musica popular brasileira-Abril Cultural-1983
4	Adoniran Barbosa-EMI-1975
5	Aginaldo Timóteo e Carmen Costa-Na galeria do amor- 1981
6	Aginaldo Timóteo e Carmen Costa-Na galeria do amor-Projeto seis e meia-EMI-ODEON-1981
7	Amália- No Olympia-EMI
8	Amália Rodrigues- Odeon discos
9	Aracy de Almeida- As lágrimas podem secar-Revivendo discos-
10	Aracy de Almeida- Chave de ouro-RCA CAMDEN-1968
11	Aracy de Almeida-Ao vivo e à vontade- Continental -1988
12	Ary Barroso-Grandes compositores- Abril Cultural-1982
13	Assis Valente- História da musica popular brasileira-Abril Cultural
14	Assis Valente- história da Música popular brasileira-Abril Cultural-1971
15	Assis Valente- História da musica popular brasileira-Abril Cultural-1982
16	Assis Valente-Nova história da Música popular brasileira-Abril Cultural-1977
17	Ataulfo Alves- A voz de Ataulfo Alves-Polygram-1971
18	Ataulfo alves- É bossa mesmo-Soma- 1961
19	Ataulfo Alves e seus sucessos-Philips-1966
20	Ataulfo-Ataulpho por Helena de Lima e Adeilton Alves-MIS-1969
21	Arthur Moreira Lima-Recital de piano-Phondisc-1987
22	Caetano Veloso-A arte de Caetano Veloso-Fontana-1975
23	Caetano e Chico-Juntos e ao vivo-Philips-1972
24	Caetano Veloso- História da musica popular brasileira-Abril Cultural-1971
25	Caetano Veloso- História da musica popular brasileira-Abril Cultural-1982
26	Caetano Veloso-Philips-1968
27	Caetano Veloso-Philips-1969

FONTE: Elaborado pelo autor (2021)

Ao final do processo, os discos compostos por autores/intérpretes brasileiros foram organizados e dispostos em uma lista alfabética (Figuras 83 e 84), que servirá como instrumento de pesquisa do acervo, para membros da comunidade científica e o público em geral.

FIGURA 83 – Instrumento de pesquisa de discos do MCCHJ

F Fagner-Ave Noturna-Continental-1976 Francisco Alves- O rei da voz-RCA CAMDEN-1968 Francisco Mignone-12 valses de esquina - 1977 G Gastão Formenti-RCA-1974 Genésio Nogueira- Recordações vol. 1. -Codil discos Geraldo Vandré- Convite para ouvir-2 lps-RGE Discos-1968 Geraldo Vandré- Das terras de benvirá-Philips-1973 Geraldo Vandré- História da música popular brasileira-Abril Cultural-1971 Geraldo Vandré- História da música popular brasileira-Abril Cultural-1971 Geraldo Vandré-5 anos de canção-Som/Maior discos- Geraldo Vandré-Canto Geral- Odeon-1968 Geraldo Vandré-Canto geral-EMI-1968 Geraldo Vandré-Hora de Lutar-Disco Lar-1969 Geraldo Vieira-Sempre Romântico vol. 5- Seleta discos Gilberto Gil- História da música popular brasileira-Abril Cultural-1971	H Heitor Villa-Lobos- 12 Estudos. 5 Prelúdios/Narciso Yepes/ Phonogram 1972 Heitor Villa-Lobos- As nove Bachianas Brasileiras-Angel-1965 Heitor Villa-Lobos- Concurso internacional de conjuntos instrumentais-Sexteto do Rio-CIA-1972 Heitor Villa-Lobos-12 estudos para violão-Solista: Turibio Santos-Caravalle discos- Heitor Villa-Lobos-Cinq Preludes-Disques Alvarés-1977 Heitor Villa-Lobos-Julian Bream-RCA/RED SEAL-1975 Heitor Villa-Lobos-The Little train of the caipira-Fermata-1972 I Isaura Garcia-ODEON DISCOS Ismael Silva e Ataulfo Alves-Mestres do samba-Revivendo discos- Ismael Silva- História da música popular brasileira-Abril Cultural-1970 Ismael Silva- História da música popular brasileira-Abril Cultural-1983 Ismael Silva-História da Música Popular Brasileira-Abril Cultural-1983
--	--

FONTE: Elaborado pelo autor (2021)

FIGURA 84 – Instrumento de pesquisa de discos do MCCHJ

GRUPOS & COLEÇÕES

100 anos da música popular brasileira vol. 1- Tapeçar-Som Livre
 100 anos da música popular brasileira vol. 2- Tapeçar-Som Livre
 100 anos de carnaval- Banda do Canecão-Polydor-1973
 100 anos de música popular brasileira vol.3 - Tapeçar gravações
 100 anos de música popular brasileira vol.3-Tapeca Gravações
 100 anos de música popular brasileira vol.4 - Tapeçar gravações
 16 grandes sucessos dos inesquecíveis- Francisco Alves, Orlando Silva, Altemar Dutra, Carlos Galhardo 1986

FONTE: Elaborado pelo autor (2021)

O mesmo procedimento foi adotado para os discos de autores/intérpretes internacionais. Neste sentido, a lista (Figura 85) para estes itens seguiu o mesmo caminho de triagem até a elaboração final do instrumento de pesquisa.

FIGURA 85 – Planilha de discos para triagem

A66	Evandro Bandolim e seu regional-Itamaraty-1983
64	Uma noite em Nápoles-RCA-1978
65	Ernesto Nazareth-Chiquinha Gonzaga- Nova história da música popular brasileira-Abril-1977
66	Evandro Bandolim e seu regional-Itamaraty-1983
67	Ary Barroso-Grandes compositores- Abril Cultural-1982
68	Assis Valente-Nova história da Música popular brasileira-Abril Cultural-1977
69	Claudionor Germano e Orquestra de frevos maestro Duda- Baile da Saudade II-1980
70	Claudionor Germano e Orquestra de frevos Nelson Ferreira- Baile da Saudade I-1980
71	Claudionor Germano e Orquestra de frevos Nelson Ferreira- Baile da Saudade I-1980 Cópia
72	Dobrados-RCA-1970
73	Orlando Silva-RCA-1970
74	Amália- No Olympia-EMI
75	J. Cascata e Leonel Azevedo-Nova história da música popular brasileira-Abril Cultural-1978
76	100 anos de carnaval- Banda do Canecão-Polydor-1973
77	Brahms-Concerto nº 2 para piano e orquestra, opus 83- Abril Cultural-1980
78	Jessé- O somiso ao pé da escada-1983
79	J.S. Bach- Cello-Sonaten- Mischa Maisky- Marta Argerich-1986
80	Bach.Chopin- João Carlos Martins Arthur Moreira Lima- Mestres da música-1982
81	The Winner is- A música premiada de filmes famosos-Som Livre- 1991
82	Roberto Carlos-CBS-1983
83	Sambas de enredo- Escolas de samba do grupo 1 a camaval 90- BMG 1989
84	Bach-Switched-on-CBS-1971
85	Mozart-Werner Muller e sua orquestra-Philips- 1977
86	Shubert/Lieder- Ely Ameling/Dalton Baldwin-Philips-1980
87	Bach-Stokowski e suas famosas transcrições de Bach- Orquestra Filarmônica Tcheca-London-1973
88	Grandes vozes da Itália-RCA-1976
89	Concerto Barroco Festivo-Acs-stereo
90	Heitor Villa-Lobos- As nove Bachianas Brasileiras-Anzel-1965

FONTE: Elaborado pelo autor (2021)

Após a triagem dos discos, os itens compostos por autores/intérpretes estrangeiros, foram dispostos em ordem alfabética, mantendo o padrão da listagem anterior aplicada aos discos com autores/intérpretes nacionais (Figura 86).

FIGURA 86 – Lista de autores/intérpretes estrangeiros em ordem alfabética

	A
2	Alicia de Larrocha-Granados Danzas Españolas-1983
3	Amália Rodrigues- Odeon discos
4	Amália Rodrigues-Amália no Olympia-EMI
5	América do sol-Bandeirantes discos-1978
6	André Kostelanetz- Concertos românticos para piano e orquestra- Cbs discos
7	Andrés Segóvia e o violão-Decca Discos-
8	Astor Piazzolla-Libertango-Fermata-1974
9	Bach- Concerto italiano em fá maior-continental discos
10	Bach- Concertos de Brandenburgo-Mestres da musica-Abril Cultural-1983
11	Bach- Concertos de Brandenburgo-Orquestra Bach de Munique-Phonogram-1971
12	Bach- Mestres da Música- Abril Cultural-1980
13	Bach- Orquestra de Câmara de Berlim- Dir. Hans Von Benda- Telefunken Discos-
14	Bach- The Bach Guild- Anna Magdalena Book-Long Playing Records
15	Bach-Chopin- João Carlos Martins Arthur Moreira Lima- Mestres da música-1982
16	Bach-Associação de solistas da semana Bach, de Ansbach-London 1965
17	Bach-Concertos de Brandenburgo-Archiv Produktion-1971
18	Bach-Concertos de violino, Bwv 1041- Grandes Compositores-Philips-
19	Bach-Concertos- Frank Pelleg-Ducretet Thomson-Continental Discos
20	Bach-David e Igor Oistrach-1985
21	Bach-João Carlos Martins-Ariola discos-1980
22	Bach-Obras para Orgão- Helmut Walcha- Deutsche Grammophon-
23	Bach-Play Bach-Jacques Loussier n°3-London -1965
24	Bach-Play Bach-Jacques Loussier n°4-London -1968
25	Bach-Stokowski conduc Transcriptions vol. I
26	Bach-Stokowski conducts Bach-RCA VICTOR
27	Bach-Stokowski e suas famosas transcrições de Bach- Orquestra Filarmônica Tcheca-London-1973
28	Bach-Switched-on-CBS-1971

FONTE: Elaborado pelo autor (2021)

Após a triagem e ordenação alfabética dos discos com autores e intérpretes estrangeiros, partimos para a confecção da listagem (Figuras 87 e 88):

FIGURA 87 – Lista de autores estrangeiros do acervo fonográfico do MCCJH

A	Alicia de Larrocha-Granados Danzas Españolas-1983 Amália Rodrigues- Odeon discos Amália Rodrigues-Amália no Olympia-EMI André Kostelanetz- Concertos românticos para piano e orquestra- Cbs discos Andrés Segóvia e o violão-Decca Discos- Astor Piazzolla-Libertango-Fermata-1974	Bach- Cello-Sonaten- Mischa Mairky- Marta Argerich-1986 Bach-David e Igor Oistrach-1985 Bach-João Carlos Martins-Ariola discos-1980 Bach-Obras para Orgão- Helmut Walcha- Deutsche Grammophon- Bach-Play Bach-Jacques Loussier n°3-London -1965 Bach-Play Bach-Jacques Loussier n°4-London -1968 Bach-Stokowski conduc Transcriptions vol. I Bach-Stokowski conducts Bach-RCA VICTOR Bach-Stokowski e suas famosas transcrições de Bach- Orquestra Filarmônica Tcheca-London-1973 Bach-Switched-on-CBS-1971 Bach-Wanda Landowska-The Well Tempered Clavier-RCA Bach-Wanda Landowska-The Well Tempered Clavier-RCA cópia Beethoven- Sonata Aurora- Opus 4 Belini-Norma-Abril Cultural-1973 Benedetto Marcello- Quatro Concertos- Odyssey-Stereo-1971 Billie Holiday- Gigantes do Jazz- Abril Cultural-1980 Boccherini-Quinteto em Mi maior- Mestres da Música- Abril Cultural-1981 Brahms- Bruno Walter- Orquestra Sinfônica Columbia-Columbia Masterworks Brahms- The fine arts quartet- Reginald Kell-Imagem Discos-1969 Brahms-Cello/Sonatas- London-1983 Brahms-Concerto n° 2 para piano e orquestra, opus 83- Abril Cultural-1980
B	Bach- Concerto italiano em fá maior-continental discos Bach- Concertos de Brandenburgo-Mestres da música-Abril Cultural-1983 Bach- Concertos de Brandenburgo-Orquestra Bach de Munique-Phonogram-1971 Bach- Mestres da Música- Abril Cultural-1980	

FONTE: Elaborado pelo autor (2021)

FIGURA 88 – Lista de autores estrangeiros do acervo fonográfico do MCCHJ

GRUPOS & COLEÇÕES	
100 anos da música popular brasileira vol. 1- Tsapekar-Som Livre	
A	
América do sol-Bandeirantes discos-1978	
C	
Cabaret- Original Sound track recording-Probe-1972	
Canto Gregoriano-Monges da Abadia de Maria Laach- ASC discos-	
Canto Gregoriano-Schola do Mosteiro dos Beneditinos de Montserrat-Archiv	
Produktion-1976	
Cantos da Terra 2-Hiper-1986	
Concerto Barroco Festivo-Aci-stereo	
Corazon del Tango- Som Livre- 1987	
G	
Grandes Mestres e suas obras primas-Tchaikovsky, Shubert- Stereo-	
Grandes vozes da Itália-RCA-1976	
Great Themes to Remember-Ronnie Aldrich e seus dois pianos-London Playing-1972	
I	
Italian Baroque Wind Concert- Concertos barrocos para sopro-Tounabout- 1976	
M	
Marchas Sinfônicas- Tchaikovsky, Bizet, Berlioz-Fermata Discos-1982	
Missa Luba- Os trovadores do Rei Baudoin- Congo- Philips-	
Modern Classics- Os sons maravilhosos dos pianos de Marek e Vacek-Som Livre-1980	
Music of the African Arab-Mohammed El-Bakkar and his Oriental Ensemble vol.3	
Musikantiga-Leo Peracchi-Copacabana discos-1975	

FONTE: Elaborado pelo autor (2021)

Após a confecção das listas, partimos para uma análise mais aprofundada que pudesse revelar a predileção sonora de Hermano José, ou seja, os artistas e gêneros mais ouvidos do acervo. Neste sentido, a próxima seção pretende abordar mais detalhadamente o acervo com o intuito de responder tais indagações.

6.3 PREDILEÇÃO SONORA: curiosidades do acervo hermaniano

Ao passearmos pelos discos de Hermano José, percebemos não apenas um número volumoso de itens, mas um contingente diversificado e musicalmente rico. Durante o processo de análise das listas, reunimos os autores/intérpretes que mais se repetem e, assim, pudemos elaborar um quadro, enumerando os artistas ou compositores que Hermano dispunha em maior quantidade em seu acervo.

A primeira tabela (Quadro 3) que apresentamos trata-se do levantamento dos autores/intérpretes nacionais. O método estabelecido, ao aplicarmos uma classificação, consistiu na escolha dos autores/intérpretes com dois títulos ou mais no acervo.

QUADRO 3 – Posição e quantidade de discos dos autores/intérpretes nacionais do acervo

POSIÇÃO	AUTORES/INTÉRPRETES NACIONAIS	QUANTIDADE
1º	Orlando Silva	10
2º	Carmen Costa	9
3º	Geraldo Vandré	8
4º	Heitor Villa-Lobos	7
4º	Carmen Miranda	7
4º	Caetano Veloso	7
5º	Chico Buarque	6
5º	Noel Rosa	6

Posição	AUTORES/INTÉRPRETES NACIONAIS	QUANTIDADE
5º	Pixinguinha	6
6º	Nelson Gonçalves	5
7º	Ismael Silva	4
7º	Ataulfo Alves	4
7º	Assis Valente	4
7º	Claudionor Germano	4
8º	Aracy de Almeida	3
8º	Dalva de Oliveira	3
8º	Dorival Caymmi	3
8º	Nara Leão	3
8º	Maria Bethânia	3
8º	Custódio Mesquita	3
9º	Abel Ferreira	2
9º	Adoniran Barbosa	2
9º	Chiquinha Gonzaga	2
9º	Clara Nunes	2
9º	Gilberto Gil	2
9º	Agnaldo Timóteo	2
9º	Capiba	2
9º	Ernesto Nazareth	2
9º	Vicente Celestino	2
9º	João Vicente	2
9º	Lamartine Babo	2
9º	Evandro do Bandolim	2
9º	Mário Reis	2

FONTE: Elaborado pelo autor (2021)

Após a análise, concluímos a predileção sonora de Hermano, dentre os autores/intérpretes nacionais, na amostra dos 221 títulos brasileiros listados, como o cantor Orlando Silva², que ficou na primeira posição com relação à quantidade de títulos no acervo, seguido por Carmen Costa, Geraldo Vandré, Heitor Villa-Lobos e Carmen Miranda.

Seguimos a mesma linha de raciocínio para as listas com autores/intérpretes estrangeiros. Neste sentido, foram analisados um quantitativo de 205 títulos que estavam computados nesta lista. Assim, o Quadro 4 expressa o resultado dos discos com autores/intérpretes estrangeiros que mais se repetem no acervo.

² Considerado uma das mais belas vozes da Era de Ouro do Rádio brasileiro, o artista Orlando Silva (1915-1978), foi um cantor carioca nascido no subúrbio do Rio de Janeiro. Desde cedo começou a se destacar, interpretando sucessos como “Alegria” (1934) e “Mimi” (1940). ALBIN, Ricardo Cravo. Dicionário Houaiss Ilustrado Música Popular Brasileira – Criação e Supervisão Geral Ricardo Cravo Albin. Rio de Janeiro: Instituto Antônio Houaiss, Instituto Cultural Cravo Albin e Editora Paracatu, 2006. Disponível em: <https://dicionariompb.com.br/artista/orlando-silva/>

QUADRO 4 – Posição e quantidade de discos dos Autores/ intérpretes estrangeiros do acervo

POSICÃO	AUTORES/INTÉRPRETES ESTRANGEIROS	QUANTIDADE
1º	Bach	23
2º	Mozart	17
3º	Vivaldi	16
4º	Brahms	5
5º	Haydn	5
6º	Wagner	4
7º	Chopin	3
7º	Debussy	3
7º	Ravel	3
7º	Carlos Gardel	3
8º	Mercedes Sosa	2
8º	Amália Rodrigues	2
8º	Handel	2
8º	Horowitz	2
8º	Liszt	2
8º	Mahler	2

FONTE: Elaborado pelo autor (2021)

Ao término da análise da lista de títulos estrangeiros, constatamos que o autor/intérprete J. S. Bach³ encontra-se entre os títulos predominantes no acervo de discos de música estrangeira. As posições seguintes contam com autores renomados da música clássica ocidental como Mozart, Vivaldi e Brahms.

Dentre as particularidades do acervo fonográfico, podemos destacar o design das capas dos discos, à exemplo dos discos Carmen Miranda - RCA VICTOR - 1985 (Figura 89) e o disco Clara Nunes – Nação – EMI - 1982 (Figura 90).

**FIGURA 89** – Carmen Miranda- RCA VICTOR-1985

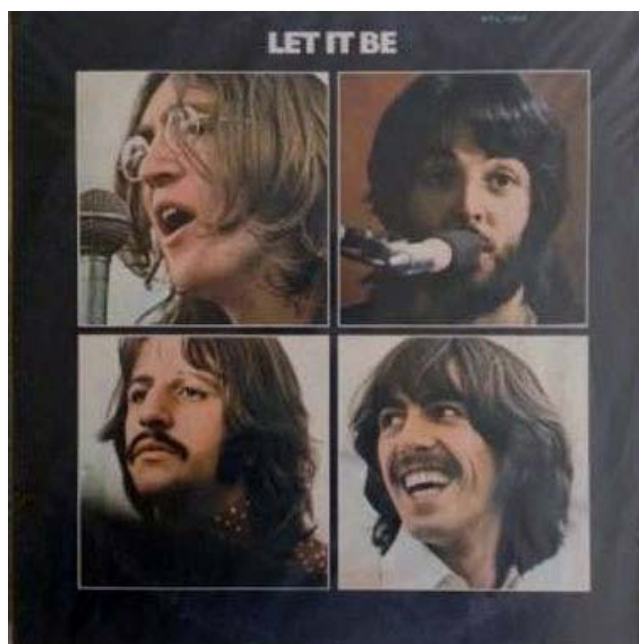
FONTE: Acervo pessoal Hermano José (1985)

³ O compositor, regente e organista Johann Sebastian Bach (1685-1750) foi um dos artistas alemães mais célebres de seu tempo. Dentre suas obras mais importantes destacam-se: os concertos de Brandemburgo, Tocata, O Cravo Bem-temperado. Ver: RUEB, Franz. 48 variações sobre Bach. Trad. João Azenha. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

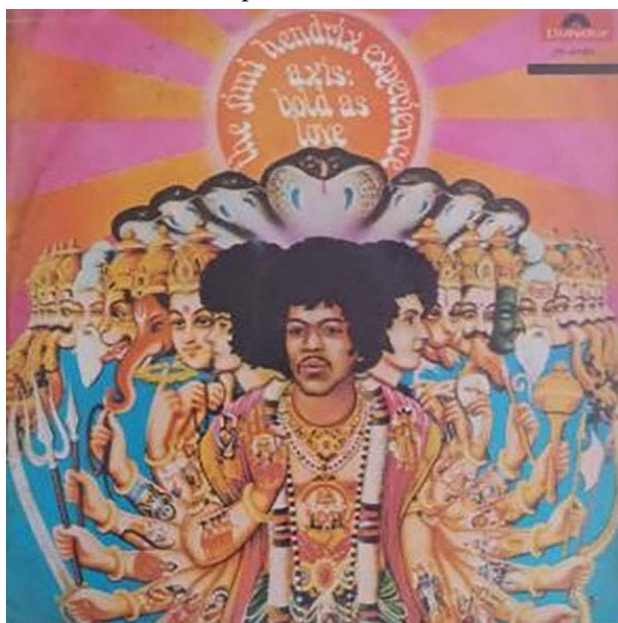
FIGURA 90 – Clara Nunes-Nação-EMI-1982

FONTE: Acervo pessoal Hermano José (1982)

Apesar de ser predominantemente composto pelo gênero de música clássica, alguns discos se destacaram pela versatilidade sonora, como os títulos do premiado grupo de rock inglês The Beatles (Figura 91) e o título do talentoso guitarrista americano Jimi Hendrix (Figura 92), respectivamente.

FIGURA 91 – The Beatles - Let It Be – EMI - 1970

FONTE: Acervo pessoal Hermano José (1970)

FIGURA 92 – Jimi Hendrix - Experience Axis bold as love – Polydor - 1969

FONTE: Acervo pessoal Hermano José (1969)

Outra curiosidade é o tráfego de gêneros musicais, partindo do Movimento Armorial, com o disco Orquestra Armorial-Continental - 1975⁴ (Figura 93) até e o disco de música psicodélica da banda Pink Floyd - The Wall - Columbia Records - 1979 (Figura 94).

FIGURA 93 – Orquestra Armorial-Continental-1975

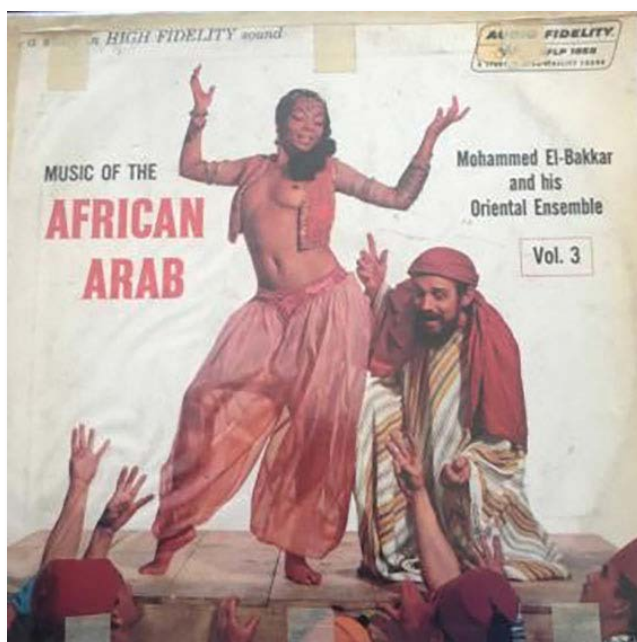
FONTE: Acervo pessoal Hermano José (1975)

⁴ O Movimento Armorial teve início da década de 1970, tendo com um dos criadores o escritor e dramaturgo Ariano Suassuna. O movimento defendia a criação uma arte brasileira erudita pautada em elementos da cultura popular tipicamente nordestina. Ver: SUASSUNA, Ariano. *O Movimento Armorial*. Recife: Biblioteca Universitária da Universidade Federal de Pernambuco, 1974.

FIGURA 94 – Pink Floyd- The Wall-Columbia Records-1979

FONTE: Acervo pessoal Hermano José (1982)

Quando partimos para a música do mundo, ou seja, aquela que transita entre o ocidente e o oriente, encontramos alguns títulos bem particulares no acervo, à exemplo dos discos de música árabe e africana, respectivamente, Music of the African Arab - Mohamemed El-Bakkar and his Oriental Ensemble, vol.3, 1958 (Figura 95) e o disco Missa Luba - Os trovadores do Rei Baudoin - Congo-Philips - 1969 (Figura 96), este último diretamente do Congo, no continente africano.

FIGURA 95 – Music of the African Arab-Mohamemed El-Bakkar and his Oriental Ensemble vol.3 1958

FONTE: Acervo pessoal Hermano José (1958)

FIGURA 96 – Missa Luba - Os trovadores do Rei Baudoin - Congo-Philips - 1969

FONTE: Acervo pessoal Hermano José (1969)

Ao pensarmos nessa gama diversificada de discos e seus variados gêneros musicais, conhecemos não apenas os gostos, mas os sons que acompanharam Hermano José durante sua trajetória. Os discos e suas coleções são agora ressignificados e nos ajudam a compreender as particularidades de seu detentor.

Segundo Espírito Santo (2009), “Os objetos quando privados de sua função e uso, adquirem significados das apropriações objetivas, aqui, na forma da coleção, para representar o que está fora deles”. Neste sentido, os discos passam a ser considerados recortes de um todo, e assumem um valor simbólico, servindo de referência sobre a visão de mundo de seu detentor e nos ajudando a ressignificar sua memória individual, construída com base no coletivo.

Alguns objetos presentes no arquivo pessoal de Hermano José, nitidamente foram retirados de seu caráter funcional, servindo para decoração ou acumulados pelo prazer de colecionar ou por questões afetuosas, como os discos de vinil. Para Bosy, (1994, p. 441), esse desvio de funcionalidade ocorre devido aos valores simbólicos que estes exercem, ou seja, esses documentos revelam “mais que um sentimento estético ou de utilidade, os objetos nos dão um assentimento à nossa posição no mundo, à nossa identidade”.

Assim, o próximo capítulo pretende explorar, através do acervo fonográfico, as relações estabelecidas e vivenciadas pelo artista junto à música em sua trajetória, trazendo à baila alguns vestígios melódicos que encorpam o arranjo identitário de Hermano José.

7 NARRATIVAS SONORAS: notas que se traduzem

“Arte mesmo é a música, principalmente a música que é uma força imensa de penetração”.

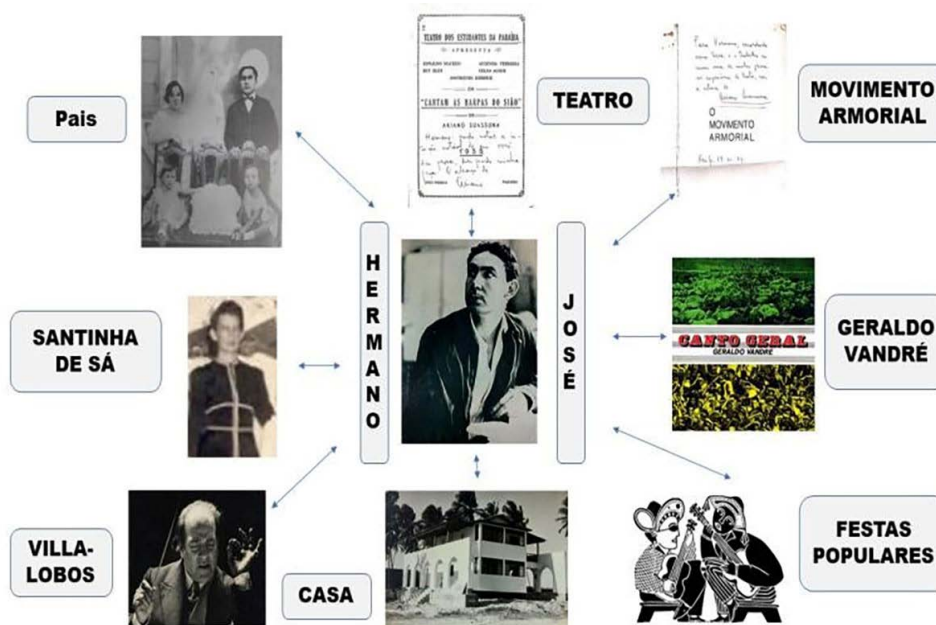
HERMANO JOSÉ, 2009

Ao começarmos este capítulo, como notas que se traduzem, tecemos uma analogia entre os sons de si e a escrita de si, como bem apontado por Foucault (1995). Ao despendermos um mergulho através dos documentos referentes à vida e a obra do artista, bem como tudo que foi produzido e acumulado por ele, elencamos os papéis exercidos por Hermano e correlacionamos as especificidades do acervo fonográfico ou qualquer agente relacionado, para podermos compreender o papel da música em sua trajetória.

A escolha do método indiciário norteou a nossa pesquisa, permitindo reunir algumas pistas, vestígios e fragmentos daquilo que pudesse ter relação direta ou indireta com Hermano José e a música. Neste sentido, agimos como detetives na tentativa de esmiuçar estes fragmentos para construir argumentos sólidos, capazes de revelar essa relação e, assim, atingirmos o nosso objetivo de pesquisa.

Ao mergulharmos na literatura existente sobre o artista, entrevistas de jornais e vídeos, fizemos um exercício de ir e vir, conectando os fragmentos e vestígios. Neste sentido, elaboramos um mapa investigativo (Figura 97) explicitando a teia de relações musicais de Hermano José em sua trajetória.

FIGURA 97 – Mapa musical investigativo



FONTE: Elaborado pelo autor (2021)

Através de um método detetivesco foi possível mergulhar no universo hermaniano e estabelecer algumas relações entre a formação identitária do artista e os elementos provenientes do âmbito musical. Neste sentido, abordaremos cada ponto do mapa com vistas a fundamentar nosso discurso e compreender esse personagem tão eclético e ao mesmo tempo singular.

O **primeiro fragmento** substancial envolvendo a música e Hermano José está no cerne familiar do artista. O pai de Hermano, o senhor Raul Espínola Guedes (Figura 98), se dividia entre os trabalhos na Coletoria Federal e o ofício de regente da banda da cidade de Caiçara

FIGURA 98 – Pai de Hermano trabalhando na coletoria pública federal



FONTE: Acervo pessoal Hermano José (S/A)

De acordo com Andrade (2013, p. 28), “Raul Espínola Guedes era culto, tendo sido educado em um dos melhores colégios da cidade da Parahyba, o colégio Pio X. Segundo Hermano José, seu pai era um artista: tocava vários instrumentos, dirigiu a banda da cidade de Caiçara, além de ser ligado às letras”. O pai de Hermano foi uma figura importante no que tange a sua formação identitária. Em uma entrevista concedida ao Grupo Zarinha, Hermano discorre:

No lado que eu escrevo, meu pai né, que escrevia bem, fazia discursos lá em Caiçara, foi quem recebeu João Pessoa, gostava de literatura, era músico, tocava no órgão da Igreja e chefiava a banda de música do interior naquela época onde tinha um coreto, onde havia aquelas bandas que tocavam depois da festa da padroeira. Quer dizer, fui nascido ouvindo música desde pequeno, essas coisas podem ter influenciado (DOCUMENTÁRIO, 2009).

Hermano reconhece a influência de ter crescido em um ambiente musical e tanto o seu pai quanto sua mãe, dona Maria Alice Espínola Guedes, participavam dos atos ecumênicos da Igreja, na cidade de Caiçara. A mãe do artista cantava no coral e seu pai tocava órgão. Em datas comemo-

rativas, após o ato religioso realizado pelo pároco da cidade, o padre Aprígio Espínola, tio de Hermano, as pessoas se deslocavam até o Coreto, onde o pai do artista exercia o cargo de diretor musical da banda da cidade. Era um momento de muita música e descontração (ANDRADE, 2013).

Hermano revela que, quando menino, gostava de apreciar seu pai tocando piano e lembra com saudosismo a época em que as festas religiosas eram tradições respeitadas. Aquelas manifestações populares representavam um misto de cores e sons que influenciaram o artista durante toda a vida.

As manifestações populares, as festas que naquele tempo havia mais no interior religiosas, missas cantadas, havia cultos religiosos na rua e havia os pavilhões na cidade, coretos que acabaram com todos. Toda a cidade tinha uma banda de música, apesar de ser coletor federal, ele foi educado aqui no Marista, interno, tocava bem piano, tocava vários instrumentos, tocava no órgão da igreja, pro coro. Eu chegava junto menino, ouvindo ele tocar órgão, minha mãe cantar, quer dizer eu tive a natureza e em casa as pessoas como meu pai, que era uma artista do lado da música, não sei se isso influenciou, mas acho que sim (ESPECIAL, 2013).

Nas cidades do interior, as expressões populares eram comuns nos coretos e nas feiras livres na época em que Hermano residiu com a família em Caiçara. O artista nos conta vivências nesses lugares de memória que marcaram a sua infância, sobretudo nas rodas formadas pelos cantadores de viola, que cantavam os contos e causos do imaginário popular.

Entre suas lembranças, destaca-se a feira da cidade que não era somente uma ocasião de compra e venda; era, antes de tudo, um lugar de prazer onde era possível ter contato com os cantadores de viola, os cordelistas com seus duelos, contando e cantando os acontecimentos em que permeavam os mitos e os fatos verdadeiros ou imaginários (ANDRADE, 2013, p. 27).

Apesar de crescer rodeado por tons e sons, Hermano enveredou pelas artes plásticas. No entanto, a música exerceu um papel fundamental na sua construção identitária e isso se reflete no volumoso acervo fonográfico deixado por ele. Segundo o professor Gabriel Bechara Filho, que ajudou na escrita do texto do livro *Hermano José* (2003), Hermano, teve uma infância regada aos cânticos das feiras com os cantadores de viola e os cânticos das missas em que seus pais participavam.

Além das artes plásticas, o teatro e a música também influenciaram na sua pintura, retratada a partir da audição dos cantadores de viola nas feiras, testemunhados entre os 8 e 9 anos de idade. O pai, músico da banda da cidade, era também o organista da Igreja, enquanto a mãe compunha o coral católico. Mas a música não era o seu forte, a não ser pelo prazer de ouvi-la. Desde cedo percebeu que a pintura seria sua eterna sedução (JOSÉ, 2003, p. 195).

O **segundo vestígio** significativo sobre a construção identitária de Hermano trata-se da sua mudança para a capital. Na cidade de João Pessoa, na Paraíba, onde passou toda sua adoles-

cência e começo da mocidade, Hermano traz declarações saudosas sobre esse “recanto bonito do Brasil”. De acordo com Andrade (2013, p. 28), “[...] nessa época a cidade de João Pessoa foi, aos olhos do adolescente Hermano José, um novo mundo onde encontraria ideais que o perseguiriam pela vida, sobretudo na preservação dos bens culturais e artísticos”.

De fato, ao se referir aos lugares de memória da capital paraibana, Hermano poeticamente rememora os tempos de outrora, trazendo referências musicais para a escrita de seus textos, a exemplo de uma carta aberta sobre o Ponto dos Cem Réis (Figura 99).

FIGURA 99 – Escritos sobre o Ponto de Cem Réis

Minha primeira visão do Ponto de Cem Réis, aconteceu em 1936, quando ainda criança chegando da província me encanto com sua bela praça onde grandes bondes ali circulando em torno de uma coluna de enfeite requintado, onde quatro relógios brancos de porcelana marcavam as horas para os que por lá passavam

Seus espaços não sendo grandes dimensões apresentava uma harmoniosa ambiência arquitetônica, onde em meio ao casario que ainda lembrava a cidade histórica, sobressaia-se num pavilhão de altas colunas, vidros e ferros trabalhados, correspondendo ao estilo requintado, influência francesa da coluna do relógio e o edifício Duarte da Silveira – mesmo as edificações ..., como o Paraíba Hotel e os cinemas Rex e Plaza em estilo *art-deco*

Não o desequilíbrio arquitetônico da bela praça que continuava um ponto de referência para os que desejassem momento de lazer.

Com um natural destino de para todos que se dirigissem ao centro da cidade, lá estava a requintada sorveteria Colombo com suas mesas de mármore seu... negro de canto tocando as músicas do momento. Seu elegante pavilhão que ... e as exposições de grandes cartazes coloridos com o ... das estrelas da época. ...Davis, Ingrede Bergmand...até ..companheira de Tarzan.

Como esquecer o Ponto de Cem Réis dos carnavais ainda dos grandes bailes de frevo ...nas ruas ao som daquela alegria desesperada de último dia, ou a voz melancólica de Aracy de Almeida em: Não me digas adeus? E depois contemplar com saudades os poetas domados do Sanhaú.

Infelizmente, pela falta de parâmetros estéticos.....sucessivas reformas não tem atentado para lamentável degradação do valioso patrimônio de nossa

Primeiro substitui-se o Pavilhão de reconhecido valor estético por dois modernos caixotes envidraçados. Sem olhar.....destingui o melhor dos a coluna dos relógios e equivalentemente tem se repetido no Paraíba Hotel, com sua fachada que caracterizada pela

No embalo da moda dos videntes rompe-se o espaço físico da praça com dos fossos, mal traçados deplorável agressão visual, além da redução do espaço limitado da praça onde horas mais.....

Entretanto, creio ser possível dar um pouco de dignidade a este logradouro que merece continuar ocupando, que merece na evolução de nossa cidade.

Com sua localização privilegiada no alto da coluna de permanente ventilação e contemplava o pôr do sol porque não transformá-lo em pólo cultural.....

FONTE: Acervo pessoal Hermano José (S/A)

Na carta, Hermano recorda os carnavais e os grandes bailes de frevo que aconteciam no Ponto dos Cem Réis, citando a memória dos sons do vai e vem desesperado daqueles dias, fazendo alusão a voz melancólica de Aracy de Almeida, uma das cantoras mais influentes da Era de Ouro do Rádio Brasileiro e de seu tempo.

A cantora se faz presente no acervo do artista (Figura 100). De voz marcante, o samba citado por Hermano e cantado por Aracy, intitulado *Não me diga adeus*, fez um grande sucesso no carnaval de 1948 e parece exprimir com delicadeza o sentimento do artista diante dos monumentos bucólicos da capital paraibana dos anos 1940.

FIGURA 100 – Discos de Aracy de Almeida



FONTE: Acervo pessoal Hermano José (2021)

O **terceiro fragmento** que trazemos à baila trata-se da passagem do menino Hermano pelo Liceu Paraibano, na década de 1930. Quando a família se mudou para a capital, alguns anos mais tarde, Hermano foi matriculado no Liceu. Nesse educandário, pôde aprofundar suas habilidades artísticas e aflorar sua sensibilidade poética, estudando com professores de renome na pintura e na literatura. No âmbito da música, Andrade (2013, p. 30) destaca que:

[...] Outra professora importante foi Santinha de Sá (Ambrosina Soares de Sá). Esta foi uma grande professora de piano, teoria musical, técnicas de canto, coral e dança, ela estava além de seu tempo, levando para a sala de aula seus discos e sua vitrola, para que os alunos ouvissem a música de Chopin, Mozart, Beethoven, Bach, Villa-Lobos, entre outros, cujos estilos musicais os seus alunos mantiveram os primeiros contatos.

De acordo com Silva (2006), a professora musicista Santinha de Sá era também esposa do maestro Gazzi de Sá que, por sua vez, criou em 1936 o grupo Coral Villa-Lobos. O intuito do projeto era difundir as práticas de canto coral no estado da Paraíba. O maestro Gazzi de Sá organizou diversos concertos intitulados Concertos Culturais e todos os integrantes da primeira formação do grupo eram de professores e alunos da Escola de Música do Liceu Paraibano.

Ainda sobre o compositor Villa-Lobos, referência presente no acervo fonográfico do artista (Figura 101), Hermano revelou com entusiasmo um certo episódio da passagem do maestro por João Pessoa.

FIGURA 101 – Discos de Villa-Lobos



FONTE: Acervo pessoal Hermano José (2021)

No ano de 1951, o maestro Heitor Villa-Lobos realizou uma conferência no Teatro Santa Roza, na cidade de João Pessoa-PB. Na ocasião, o maestro proferiu uma frase marcante, declarando que “[...] o coração é o metrônomo da vida” (MACHADO, 1987, p.49).

O então rapaz Hermano José, fã declarado do maestro, sabendo do evento, dirigiu-se ao Teatro Santa Roza para conseguir um autógrafo. De acordo com Andrade:

Era de conhecimento público que o compositor modernista e maestro Villa-Lobos não concedia autógrafo a ninguém. Eis que Hermano José resolveu conseguir um. Esperou o final da conferência do maestro que se realizou no Teatro Santa Rosa. Esperou Villa-Lobos ao pé da escada e se apresentou com um pequeno pedaço de papel na mão e pediu um autógrafo. [...] O autógrafo foi concedido, e esse troféu Hermano o guardou com muito cuidado, passando a fazer parte de sua coleção de objetos de arte (ANDRADE, 2013, p. 31).

As referências musicais citadas até então acompanharam Hermano por toda sua vida. Nesse mesmo Teatro onde Villa-Lobos proferiu belas palavras em sua conferência, Hermano, poucos anos depois, exercitou uma outra qualidade, desempenhada com maestria, a de cenógrafo.

Aqui, chegamos ao **quarto fragmento** dessa empreitada. Ao passearmos pela trajetória de Hermano, em um capítulo específico da nossa pesquisa, trouxemos os trabalhos desenvolvidos por ele no Teatro. O trabalho considerado de maior destaque foi a montagem da peça do escritor e dramaturgo Ariano Suassuna, intitulada *Cantam as Harpas de Sião* (Figura 102) e encenada no Teatro Santa Rosa, em 1955.

FIGURA 102 – Cena dramática da peça *Cantam as Harpas de Sião* (1955)



FONTE: Acervo pessoal Hermano José (1955)

A montagem do espetáculo foi parabenizada pela crítica e recebeu o autor Ariano em sua estreia, que teceu fortes elogios ao trabalho desempenhado por Hermano nos bastidores. A peça trazia como pano de fundo temáticas expressionistas e questões espirituais e obteve êxito na montagem devido à sensibilidade de Hermano José. Durante o processo, Hermano trouxe para compor a trilha sonora da peça diversas suítes de Bach, dando ares precisos de dramaticidade e encorpendo o espetáculo. De acordo com Andrade (2013, p. 47);

A peça foi realizada no Theatro Santa Roza onde, com muita inteligência, o diretor construiu uma boa cenografia, tendo conseguido - apesar do pequeno palco, que depois foi ampliado -, com muita competência o clima de dramaticidade que ela exigia. Para isso também, utilizou-se de uma trilha sonora eficiente, valendo-se de suítes de J.

S. Bach (1685-1750) executadas pelo virtuoso violoncelista e maestro catalão Pablo Casals (1876-1973), um mestre na execução da música barroca, intérprete definitivo de seis suítes para violoncelo.

As obras de J. S. Bach ocupam uma parcela significativa no acervo fonográfico de Hermano José e essas referências foram usadas tanto no teatro quanto em sua arte, direta ou indiretamente. O compositor ora citado, como bem abordado na seção sobre a predileção musical de Hermano, é o autor/intérprete (Figura 103) de maior evidência no acervo fonográfico.

FIGURA 103 – Lista de discos de compositor Bach do acervo pessoal de Hermano

B	Bach-Concertos de violino, Bwv 1041- Grandes Compositores- Philips-
Bach- Concerto italiano em fá maior-continental discos	Bach-Concertos- Frank Pelleg-Ducretet Thomson-Continental Discos
Bach- Concertos de Brandemburgo-Mestres da música-Abril Cultural-1983	Bach. Cello-Sonaten- Mischa Maisky- Marta Argerich-1986
Bach- Concertos de Brandemburgo-Orquestra Bach de Munique-Phonogram-1971	Bach-David e Igor Oistrach-1985
Bach- Mestres da Música- Abril Cultural-1980	Bach-João Carlos Martins-Ariola discos-1980
Bach- Orquestra de Câmara de Berlim- Dir. Hans Von Benda- Telefunken Discos-	Bach-Obras para Órgão- Helmut Walcha- Deutsche Grammophon-
Bach- The Bach Guild- Anna Magdalena Book- Long Playing Records	Bach-Play Bach-Jacques Loussier n°3-London -1965
Bach; Chopin- João Carlos Martins Arthur Moreira Lima- Mestres da música-1982	Bach-Play Bach-Jacques Loussier n°4-London -1968
Bach-Associação de solistas da semana Bach, de Ansbach-London 1965	Bach-Stokowski conduc Transcriptions vol. I
Bach-Concertos de Brandemburgo-Archiv Produktion-1971	Bach-Stokowski conducts Bach-RCA VICTOR
	Bach-Stokowski e suas famosas transcrições de Bach- Orquestra Filarmônica Tcheca-London-1973
	Bach-Switched-on-CBS-1971
	Bach-Wanda Landowska-The Well Tempered Clavier-RCA

FONTE: Elaborado pelo autor (2021)

Na amostra de documentos sonoros do acervo que foi analisada, em especial os discos, foram levantados cerca de 23 discos de vinil referentes ao J. S. Bach, revelando um apreço de Hermano pelas obras deste renomado compositor de música clássica. A Figura 104 mostra alguns títulos presentes no acervo fonográfico.

FIGURA 104 – Discos de Bach do acervo fonográfico



FONTE: Acervo pessoal Hermano José (2021)

Apesar do sucesso no teatro, Hermano não realizou outros espetáculos. No entanto, a amizade do artista junto ao dramaturgo Ariano Suassuna perdurou por toda vida. Assim, chegamos ao **quinto vestígio** da nossa caminhada detetivesca, sobre a música no universo hermaniano.

Até onde se sabe, Hermano não teve relação direta com a criação do Movimento Armorial. No entanto, em nossa pesquisa descobrimos a passagem de Hermano pelo Núcleo de Extensão Cultural da UFPB-NEC. Hermano foi professor, nessa época, na cidade de Campina Grande e ministrou cursos enquanto estava lotado no departamento de extensão da UFPB.

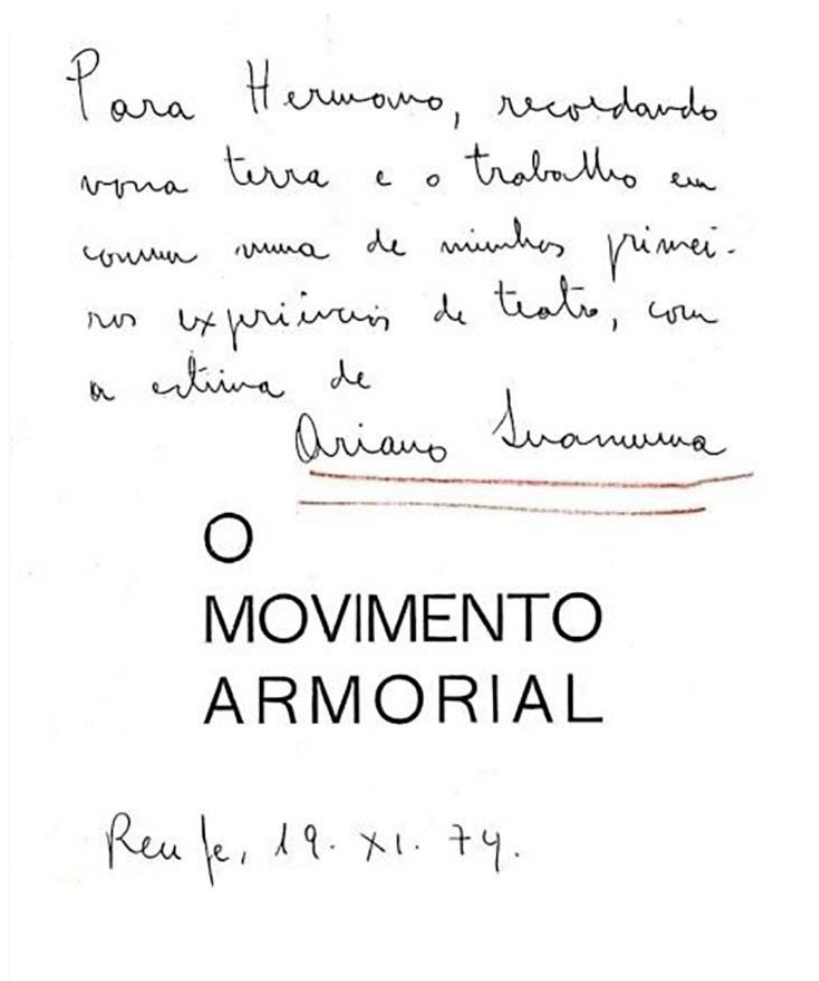
O artista também foi diretor do NEC, conforme Ferreira Filho (2021, p. 184) “[...] dentre os diretores daqueles primeiros anos de existência do NEC, registram-se Antônio José Madureira, Hermano José, Carlos Allan Peres da Silva, Elisabeth Marinheiro, Fernando José Torres, Barbosa, Eneida Agra Maracajá, dentre outros”.

Podemos destacar que todas as atividades referentes ao Teatro, a **Música** e as Artes Visuais ficaram sob supervisão de Hermano por um certo tempo. No que tange ao departamento de música, Ferreira Filho (2021, p. 184) destaca:

Dois grupos de reconhecida atuação no cenário artístico regional foram convidados a assumir o planejamento e implementação dos cursos da área de música: o Quarte Telemann e o Quinteto Armorial, ambos com origem em Recife/PE. Para tanto, todos os seus componentes foram contratados como professores efetivos do NEC/UFPB.

Sabe-se da relação de longa data que Hermano José dispunha com Ariano Suassuna, um dos criadores do Movimento Armorial. O artigo não menciona se os músicos vieram a convite de Hermano e nem a época exata em que estes ingressaram no NEC. O fato é que Hermano teve um contato direto com a musicalidade ensinada no núcleo e pôde vivenciar tempos armoriais (Figura 105).

FIGURA 105 – Recordação de Ariano Suassuna para Hermano em referência ao Movimento Armorial (1974)



FONTE: Acervo pessoal Hermano José (1974)

Ao transcrevermos o que parece ser uma carta explicativa sobre o movimento armorial, Ariano Suassuna diz: *Para Hermano, recordando nossa terra e o trabalho em comum numa de minhas primeiras experiências de teatro, com a estima de Ariano Suassuna, Recife, 10 de novembro de 1974.*

O **sexto momento** do itinerário musical hermaniano tem início no final da década de 1950. Nessa época, em detrimento do cargo que ocupava no Banco do Brasil, Hermano foi transferido para a cidade do Rio de Janeiro. Na cidade maravilhosa, o artista acompanhou a efervescência cultural do Rio, como a construção de monumentos históricos e a sinuosidade política da então capital do Brasil. No que tange **à música, essa época foi marcada** pela ascensão de **gêneros musicais como Bossa Nova e o movimento da Jovem Guarda.**

Nos anos 1960, eclode no Brasil um episódio conhecido como O Golpe de 1964. Nessa época, Hermano que já estava no Rio de Janeiro, além de trabalhar no Banco do Brasil, continuou seus estudos em artes plásticas no Museu de Arte Moderna e mantinha amizade com intelectuais de diversos eixos artísticos.

Segundo Andrade (2013, p. 56):

[...] a casa de Hermano não era só o mundo da arte de pintura, era o mundo da sensibilidade para onde convergiam críticos como Valmir Ayala, Roberto Pontual; escritores, como Rubens Braga; cantores, como Geraldo Vandré; Edilberto Coutinho e o dramaturgo Paulo Pontes. As reuniões entre essas e outras personalidades começavam com comentários sobre uma pintura, um pintor, e daí as conversas se aprofundavam para literatura, música, filosofia. A participação de Hermano José sobressaía pela consistência de seus argumentos, que eram uma fonte de sabedoria.

Hermano, no período em que esteve no Rio de Janeiro, teve sua residência frequentada por artistas e intelectuais, como citado anteriormente, sendo considerado um respeitável crítico de arte. O cantor e compositor Geraldo Vandré¹, conterrâneo de Hermano, era um dos amigos e frequentadores de sua residência na época.

Ao analisarmos o acervo fonográfico, na seção em que discutimos a predileção sonora no que refere aos artistas nacionais, um dado nos chama a atenção. No acervo pessoal, foram encontrados 6 discos de vinil compostos por Geraldo Vandré (Figura 106).

¹ Geraldo Pedrosa de Araújo Dias (1935), conhecido como Geraldo Vandré, é paraibano da cidade de João Pessoa. No ano de 1968, participou do Festival Internacional da Rede Globo ao qual apresentou a canção: Caminhando ou Pra não dizer que não falei das flores (1968), como é conhecida. A música ficou em segundo lugar no Festival, consagrando-se como um sucesso pela crítica e pelo público, e tornou-se um hino de protesto nos tempos de repressão provocados pelo regime ditatorial (1964-1985). ALBIN, Ricardo Cravo. Dicionário Houaiss Ilustrado Música Popular Brasileira – Criação e Supervisão Geral Ricardo Cravo Albin. Rio de Janeiro: Instituto Antônio Houaiss, Instituto Cultural Cravo Albin e Editora Paracatu, 2006. Disponível em: <https://dicionariompb.com.br/artista/geraldo-vandre/>

FIGURA 106 – Discos de Geraldo Vandré do acervo pessoal de Hermano José

FONTE: Acervo Hermano José (2021)

A mensagem marcante de Geraldo Vandré com a canção “Pra não dizer que não falei das flores” (1979) convergia com a esperança de Hermano em dias melhores. Esperança pela natureza, esperança na mudança dos homens. Parafraseando Vandré, Hermano falou não só das flores, como do mar, das falésias, do verde das matas, da imponência dos monumentos históricos, da preservação da memória, da cidade, da poesia, da música e da arte, lutou e caminhou além da canção.

Hermano voltou para João Pessoa e continuou com o hábito de reunir os amigos para ouvir e discutir música, literatura, poesia e outras vertentes das artes. Dessa vez, em uma residência aos pés da enseada do Bessa. Segundo Bechara Filho (2007, p. 110):

Mas uma atitude nova aconteceu nos anos 50 em relação a essas instituições musicais criadas, algumas delas, na década anterior. Orquestras sinfônicas, como a da Paraíba

e a da Bahia, surgiram nessa época, além de um hábito, entre os artistas plásticos desse período, de se reunirem para ouvir música erudita, aproveitando o lançamento dos novos equipamentos de som introduzidos, como o long-play em 33 rotações. Na Paraíba, havia um grupo que se reunia na casa do pintor Hermano José para ouvir Mozart, Bach e Beethoven, enquanto no ateliê de Mário Cravo Jr., em Salvador, ouvia-se também Stravinsky, Ravel e Villa-Lobos.

A casa de Hermano era o seu refúgio, era o ambiente em que podia ouvir e rememorar as trilhas sonoras do seu “Eu”. Andrade (2013) traz um fragmento de uma publicação feita por Hermano e intitulada *Confesso que li*, publicado por Santos (2011). No artigo escrito por Hermano, o artista revela:

A poesia tornou-se presente na minha infância antes dos livros, por meio de várias manifestações orais com mensagens poéticas. Sendo meu pai músico, acostumei-me a ouvir sua coleção de discos e me emocionava com os versos musicados. Nessa época eram choros, sambas, canções nostálgicas de compositores como Ernesto Nazareth, Chiquinha Gonzaga. O romantismo e ironias de Noel Rosa, os dramas de Vicente Celestino, o lirismo de Ismael Silva (SANTOS, 2011, *apud* ANDRADE, 2013, p. 129).

Em seu lugar de morada, o artista pôde recordar com nostalgia os tempos musicais de sua mocidade, em que passeava pelas praças da romântica e bucólica João Pessoa.

Nas praças, Carmen Miranda cantava Assis Valente, Aracy de Almeida, Noel Rosa. O conhecimento das letras destas músicas me encantava. Vivíamos ainda um romantismo provinciano, em que as letras musicadas moviam nossas emoções nas vozes de Francisco Alves e Orlando Silva. Um tempo bom de Herivelto Martins: “Não, eu não posso lembrar que te amei...”, quando a juventude ainda podia pensar que o amanhã seria melhor (SANTOS, 2011, *apud* ANDRADE, 2013, p. 129).

Foi sempre com essa esperança em dias melhores que Hermano reunia os amigos e contemplava o mar, ouvindo o som das ondas regadas com as suítes de Bach, Mozart e Vivaldi. Quando sozinho, na solidão de seu lar, deitava-se na rede enquanto lia Machado de Assis e, de quebra, ouvia Debussy ao fundo.

Para o nascer do dia, ouvia o espreguiçar suave das ondas do mar e para as manhãs de sol podia ligar a vitrola e deixar ecoar a voz aveludada de Orlando Silva a cantar Carinhoso de Pixinguinha pela casa.

Para o café, Ismael.

Para o almoço, Adoniram.

Para os amores sossegados, Orlando.

Para as angústias de outrora, Celestino.

Para os verões cariocas, Caetano.

Para os dias de luta, Vandrê.

Para enfrentar as intempéries com leveza, Carmen.

Para as viagens tecidas até as serras do engenho, Villa-Lobos.

Para o esplendor das tardes luminosas, Mozart.

Para a saudade, a voz rasante e marcante da cantora Aracy.

E para aqueles ao qual Hermano presenteou com um acervo tão primoroso, ficam os sons de sua memória... Tocam os sons de seu tempo... Sons, sublimes sons do tempo...

8 DERRADEIRAS CONSONANTES

“Depois que eu me chamar saudade, não preciso de vaidades, quero preces e nada mais”.

Trecho da canção Quando eu me chamar saudade (1973), composta por Nelson Cavaquinho.

Hermano José foi um homem de múltiplas identidades e, ao revisitarmos os fragmentos de sua trajetória, compreendemos o sujeito a partir de uma ótica mais abrangente, considerando suas visões e declarações colhidas em livros e entrevistas de jornais, revistas e vídeos, relacionando-as ao seu acervo pessoal e encorpando seu “uni-verso” identitário, tão dinâmico e tão versátil.

Em um primeiro momento, procuramos trazer algumas dessas identidades para melhor compreendermos quem era Hermano José através de seus itinerários, por acreditarmos que um indivíduo não pode ser reduzido a uma mera sequência cronológica, condicionada a um padrão linear e estático. Neste sentido, tecemos um levantamento sobre as identidades e os papéis exercidos por Hermano José no tabuleiro do social.

O seio familiar do artista foi preponderante para a sua iniciação no universo da música. As memórias que ele relatou sobre seus pais, que eram músicos e afinados nas artes, bem como as vivências das manifestações religiosas, aliadas ao misto de expressões populares, à exemplo dos cantadores de viola na feira livre da cidade de Caiçara, foram marcos no aflorar da sensibilidade artística e poética do menino Hermano.

Com a transição definitiva para a cidade de João Pessoa, Hermano passou a ter um contato mais técnico com a literatura, a poesia, o desenho e a pintura, na Escola Tércia Bonavides e no Colégio Liceu Paraibano. Neste último, graças à professora Santinha de Sá, foi iniciado em obras de grandes compositores da Música Clássica que o acompanhariam por toda a vida, como Mozart, Vivaldi e o seu predileto, o compositor J. S. Bach.

Esses artistas foram tomados por Hermano para composição da trilha sonora de sua mocidade, desde os primeiros anos nas serras do engenho e em Caiçara, seguindo por sua adolescência na capital da Paraíba. No começo dos anos 1930, com a popularização do rádio como instrumento de entretenimento e com a ascensão dos artistas brasileiros, o repertório do adolescente Hermano foi encorpado por vozes marcantes da Era de Ouro do Rádio Brasileiro.

O então rapaz Hermano, em suas declarações levantadas em entrevistas, livros e jornais, recordou com tons saudosos os tempos bucólicos da romântica cidade de João Pessoa. Foi por entre as veredas da capital, os cafés, praças, pelo cassino e pelos parques que Hermano

José amou, suspirou e sonhou, aos sons de boleros e sambas inesquecíveis de artistas como Noel Rosa, Ismael Silva, Francisco Alves, Orestes Barbosa, Orlando Silva, Vicente Celestino, Carmen Miranda, Carmen Costa, Dalva de Oliveira entre tantos outros que fizeram da Música Popular Brasileira um celeiro das artes musicais do Brasil e do mundo.

Durante os anos em que esteve estudando novas técnicas de artes plásticas, Hermano viajou pela Europa e, em meados dos anos 1950, firmou-se como um artista de destaque no cenário das artes plásticas do Brasil. Nessa época, o artista passou a residir na cidade do Rio de Janeiro, onde pôde acompanhar a efervescência cultural de movimentos musicais como a Bossa Nova e a Jovem Guarda, bem como o nascimento de grandes nomes que traziam em suas canções letras de protesto e resistência ao regime ditatorial como Chico Buarque de Holanda, Geraldo Vandré, Gil e Caetano.

Com o passar dos anos, antenado às novas linguagens artísticas, colecionou em seu acervo títulos que revelaram um ecletismo em nome da arte, como os discos The Beatles, Pink Floyd e Jimi Hendrix revelando que, além de ouvir, o artista tinha como lema a expansão do acervo quanto aos gêneros musicais encontrados e reverberando em um aspecto diversificado do espólio.

É importante frisar que o acervo fonográfico de Hermano ainda tem muito a nos dizer. Nesse sentido, muitas pesquisas podem ser propostas como uma análise mais aprofundada explorando os gêneros musicais encontrados; estudos no que se refere ao design das capas; um quadro conceitual que privilegie as nacionalidades presentes no acervo; recortes de artistas e grupos que remontem, através das canções, retratos de períodos históricos e assim por diante.

As coleções de arquivos sonoros nos fazem refletir sobre a cultura material e o potencial informacional que estes documentos carregam, sendo passíveis de ressignificação. Mesmo compilados em um espaço-tempo, os artefatos fonográficos podem nos revelar o percurso de um passado recente da história da humanidade, pois o registro sonoro é um ato original de preservação e propagação de uma “memória universal” em massa e o som, quando reproduzido independente de codificações linguísticas, carrega um estrondoso contingente informacional.

Esta pesquisa abordou o documento sonoro analisando a sua condição enquanto suporte infomemorial e compreendemos o potencial informativo e a influência que esses documentos exercem na sociedade. Assim, ao mergulharmos na memória fonográfica do espólio deixado por Hermano José, conhecemos os seus gostos e particularidades, resultantes de um personagem sensível e inquieto. Percebemos que o acervo fonográfico de Hermano José, à medida que é aberto ao público, rompe com o silêncio, permitindo a percepção de seu titular acerca das linguagens de seu tempo, através dos documentos sonoros.

Ao trabalharmos no acervo pessoal de Hermano José, percebemos os seus gostos e particularidades e, na medida em que os cômodos eram mapeados, novos documentos eram descobertos, fazendo da nossa imersão uma aventura por entre um tesouro arquivístico inexplorado.

Trabalhar no acervo pessoal de Hermano foi de significativa importância, tanto do ponto de vista pessoal quanto profissional. Enquanto músicos, pudemos nos aprofundar, no que se refere às linguagens musicais das mais diversas épocas, identificando-se afetivamente junto aos discos enquanto lugares de memória. No que tange a perspectiva arquivística, nos coube o desafio de estudar e aplicar as melhores técnicas e tratamentos, com vistas a propiciar o acesso e o uso do acervo, garantido a preservação do espólio, em especial aquele constituído por documentos fonográficos.

Os acervos pessoais são recortes temporais de realidades distintas, com produções exclusivas, custodiando objetos e elementos que compõem dinâmicas de época que resulta em uma extensão da história quase que fiel do seu titular, pois são capazes de recontar seus elos e itinerários no labirinto do social. Neste sentido, o Museu-Casa de Cultura Hermano José exerce o compromisso de preservação e conservação do espólio deixado por este artista que tanto contribuiu para o desenvolvimento das artes na Paraíba.

A importância deste acervo para a sociedade é substancialmente significativa, sobretudo pelos tempos líquidos em que vivemos, em que trafegamos e somos engolidos por uma gama volumosa de informação, negligenciando saberes e acreditando que tudo sempre esteve ao alcance, em especial as mídias digitais. No caso dos documentos fonográficos, as músicas são compiladas em um suporte que teve seu auge no século passado, no entanto, estes discos nos ajudam a compreender um pouco da história fonográfica e como estas coleções se formam, sobretudo em tempos de relações e objetos descartáveis.

Os discos e CDs, hoje custodiados pelo MCCHJ, servem à pesquisa e, futuramente, estarão à disposição da comunidade em geral. Pesquisas como esta nos mostram o quanto podemos avançar no universo hermaniano, explorando outras perspectivas e potencialidades informacionais no acervo do artista. Neste sentido, os trabalhos continuam, pois existe um extenso e diversificado volume no espólio e, com o devido tratamento, esses documentos podem revelar outras especificidades e encorpar as discussões no que tange a Ciência, a Cultura e a Memória.

REFERÊNCIAS

A UNIÃO. **Paraíba reverencia 70 anos do suplemento Correio das Artes com eventos culturais até final do mês.** João Pessoa: A União, 2019. Disponível em: https://auniao.pb.gov.br/noticias/caderno_cultura/paraiba-reverencia-70-anos-do-suplemento-correio-das-artes-com-eventos-culturais-ate-final-do-mes. Acesso em: 20 fev. 2022.

AGAMBEN, G. **O que é o contemporâneo e outros ensaios.** Chapecó: Argos, 2009.

ALVES, E. C.; AQUINO, M. A. A pesquisa qualitativa: origens, desenvolvimento e utilização nas dissertações do PPGCI/UFPB - 2008 a 2012. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 22, p. 79-100, 2012. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/96292>. Acesso em: 18 fev. 2022.

ANDRADE, I. F. **A Vida Luminosa de Hermano José.** João Pessoa: Sesc Paraíba, 2013.

ARAÚJO, C. A. Á. Ciência da Informação, Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia: Relações institucionais e teóricas. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, v. 16, n. 31, p. 110-130, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2011v16n31p110>. Acesso em: 18 fev. 2022.

ARAÚJO, C. A. A. O conceito de informação na Ciência da Informação. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 20, n. 3, p. 95-105, set./dez. 2010. Disponível em: http://www.brapci.inf.br/_repositorio/2011/01/pdf_d877584296_0014353.pdf. Acesso em: 20 fev. 2022.

ARAÚJO, C. A. Á. O que é Ciência da Informação?. **Informação & Informação**, Londrina, v. 19, n. 1, p. 01-30, jan./abr. 2014. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/15958>. Acesso em: 20 fev. 2022.

ARTIÈRES, P. Arquivar a própria vida. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 11, p. 9-34, 1998. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2061/1200>. Acesso em: 18 fev. 2022.

ASSIS, A. A. **Um lampião dentro da mala: o arquivo pessoal de Octávio Leal Pacheco - memória e autobiografia.** 2009. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, 2009. Disponível em: https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/mestletras/DISSERTACOES/um_lampiao_dentro_da_mala.pdf. Acesso em: 18 fev. 2022.

ASSMANN, A. **Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural.** Campinas: Editora Unicamp, 2011.

AZEVEDO NETTO, C. X. Informação e memória: as relações na pesquisa. **Revista História em Reflexão**, Dourados, v. 2, n. 1, p. 1-20, jul./ago. 2007. Disponível em: <http://www.ufgd>.

edu.br/historiaemreflexao/julho_dez_2007/arquivos/informacao-e-memoria-2013-as-relacoes-napesquisa. Acesso em: 20 fev. 2022.

AZEVEDO NETTO, C. X. Uma face da Ciência da Informação. *In*: PINHEIRO, L. V. R. (org.). **Ciência da Informação, Ciências Sociais e interdisciplinaridade**. Brasília: Rio de Janeiro: IBICT, 1999. p. 133-141.

BACHELARD, G. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BASTOS, M. C. P.; FERREIRA, D. V. **Metodologia científica**. Londrina: Editora Educacional, 2016.

BAUMAN, Z. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BECHARA FILHO, G. **A construção do campo artístico na Bahia e na Paraíba (1930-1959)**. 2007. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Federal da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Salvador, 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/10230>. Acesso em: 20 fev. 2022.

BÉGUIN-VERBRUGGE, A. Informação, comunicação e antropologia dos saberes. **RECHS**: Revista Eletrônica de Comunicação, Informação, Inovação e Saúde, Rio de Janeiro, v. 3, n. 3, p. 35-41, set. 2009. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/iciet/17493/2/5.pdf>. Acesso em: 18 fev. 2022.

BELLOTO, H. L. Arquivos pessoais em face da teoria arquivística tradicional: debate com Terry Cook. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 201-208, jul. 1998. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2063/1202>. Acesso em: 18 fev. 2022.

BELLOTO, H. L. **Arquivos permanentes**: tratamento documental. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. *In*: BOURDIEU, P. **Razões Práticas**: sobre a teoria da ação. São Paulo: Papirus, 1996. p. 74-82.

BRASIL. Conselho Nacional de Arquivos. Câmara Técnica de Documentos Audiovisuais, Iconográficos, Sonoros e Musicais. **Glossário**. Rio de Janeiro: CTDAISM-CONARQ, 2018. v. 3. Disponível em: <http://conarq.gov.br/ctdaism/glossario-da-ctdaism.html>. Acesso em: 18 fev. 2022.

BRASIL. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Instrumentos de proteção**. [S.l.]: IPHAN, 2014. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/275>. Acesso em: 14 jul. 2020.

BUARQUE, M. D. Documentos sonoros: características e estratégias de preservação. **Ponto-deAcesso**, Salvador, v.2, n.2, p. 37-50, ago./set. 2008. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/3021/2167>. Acesso em: 18 fev. 2022.

BUCKLAND, M. K. Information as a thing. **Journal of the American Society for Informa-**

tion Science, [S.l.], v. 42, n. 5, p. 351-360, jun. 1991. Disponível em: <https://ppggoc.eci.ufmg.br/downloads/bibliografia/Buckland1991.pdf>. Acesso em: 18 fev. 2022.

CAMARGO, A. M. A. Arquivos pessoais são arquivos. **Revista do Arquivo Público Mineiro**, Minas Gerais, v. 45, n. 2, p. 27-39, jul./dez. 2009. Disponível em: http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/rapm_pdf/2009-2-A02.pdf. Acesso em: 18 fev. 2022.

CAMPELLO, B. S.; CAMPOS, C. M. Guias de literatura. In: CAMPELLO, B. S.; CAMPOS, C. M. Fontes de informação especializada. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1993. p. 141-144.

CANDAU, J. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2012.

CAPURRO, R. Epistemologia e Ciência da Informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5., 2003, Belo Horizonte. **Anais [...]**. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2003. Disponível em: http://www.capurro.de/enancib_p.htm. Acesso em: 18 fev. 2022.

CAPURRO, R.; HJORLAND, B. O conceito de informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 2, n. 1, p. 148-207, jan./abr. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pci/a/j7936SHkZJkpHGH5ZNYQXnC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 18 fev. 2022.

CASTELLS, M. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 2018.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.

CIAMPA, A. C. **A estória do Severino e a história da Severina**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

COELHO, C. M. **Raízes do paradigma indiciário**. Vitória: UFES, 2007.

CÓRDULA, A. C. C. **Políbio Alves: o fascínio do vivido na perspectiva de uma escrita de si**. 2015. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/11601>. Acesso em: 18 fev. 2022.

COSTA, L. F. A Museologia na Universidade Federal da Paraíba. **PontodeAcesso**, Salvador, v. 12, n. 3, p. 174-186, dez. 2018. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/119969>. Acesso em: 20 fev. 2022.

DELMAS, B.; ARDAILLON, D. **Arquivos para quê?** [S.l.]: Textos escolhidos, 2010.

DOCUMENTÁRIO produzido pelo Zarinha Centro de Cultura com Hermano José. [S.l.: s.n.], 2009. 1 vídeo (7:51min). Publicado pelo canal Zarinha Centro de Cultura. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CH7bejsdbkY>. Acesso em: 20 fev. 2022.

DOHMANN, M. **Coleções de objetos: memória tangível da cultura material**. [S.l.: s.n.], 2015. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/280495339_Colecoes_de_ob

jetos_memoria_tangivel_da_cultura_material. Acesso em: 18 fev. 2022.

DURANTI, L. Registros documentais contemporâneos como provas de ação. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 13, p. 49-64, 1994. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1976>. Acesso em: 18 fev. 2022.

EDMONDSON, R. **Uma filosofia de Arquivos Audiovisuais**. Paris: Unesco, 1998.

EGITO, R. H. T. **Gestão Ambiental do Parque Lauro Pires Xavier: um olhar sobre a qualidade hídrica do Rio das Bombas e da degradação do seu entorno** – João Pessoa/PB. 2017. Monografia (Graduação em Gestão Ambiental) – Instituto Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ifpb.edu.br/xmlui/handle/177683/656>. Acesso em: 18 fev. 2022.

ENANCIB. **Grupos de Trabalho**. Florianópolis: Enancib, 2019. Disponível em: <https://www.enancib2019.ufsc.br/gts/>. Acesso em: 20 fev. 2022.

ESPECIAL: Hermano José. [S.l.: s.n.], 2013. 1 vídeo (13:27min). Publicado pelo canal TV UFPB. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fElTCYCh0ew&t=8s>. Acesso em: 20 fev. 2022.

ESPÍRITO SANTO, S. M. **O colecionador público documentalista: Museu Histórico e de Ordem geral Plínio Travassos dos Santos de Ribeirão Preto**. 2009. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2009. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/100795/espírito-santo_sm_dr_mar.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 14 jul. 2021.

FILHO, J. V. F. **Perspectivas para uma formação culturalmente contextualizada de professores de música: problematizações, reflexões e propostas a partir da Licenciatura em Música da UFCG**. 2021. Tese (Doutorado em Música) – Universidade Federal da Paraíba, Programa de Pós-Graduação em Música, João Pessoa, 2021. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/21009/1/Jo%C3%A3oValterFerreiraFilho_Tese.pdf. Acesso em: 20 fev. 2022.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 35. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

G1 PARAÍBA. **Morre em João Pessoa, artista plástico paraibano Hermano José**. João Pessoa: G1 Paraíba, 2015. Disponível em: <https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2015/05/morre-em-joao-pessoa-artista-plastico-paraibano-hermano-jose.html>. Acesso em: 20 fev. 2022.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2009.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- GINZBURG, C. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Cia. Das Letras, 1989.
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. 2. ed. São Paulo: Centauro, 1990.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- HEIDEGGER, M. **Poetry, language, thought**. New York: Harper & Row, 1971.
- JOÃO Pessoa por Hermano José Guedes. [S.l.: s.n.], 2015. 1 vídeo (5:12 min). Publicado pelo canal Carlos Silva. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=PTIaF_rG5cI. Acesso em: 20 fev. 2022.
- JOSÉ, H. **Anotações no tempo**. João Pessoa: EdUFPB, 2014.
- JOSÉ, H. **Hermano José**. João Pessoa: Textoarte, 2003.
- KAUARK, F. S.; MANHÃES, F. C.; MEDEIROS, C. H. **Metodologia da Pesquisa: um guia prático**. Itabuna: Via Litterarum, 2010.
- LAURENT, G. **Guarda e manuseio de materiais de registro sonoro**. 2. ed. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2001.
- LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.
- LE COADIC, Yves François. **A ciência da informação**. 2. ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2004.
- LE GOFF, J. Documento monumento. In: LE GOFF, J. **História e memória**. 4. ed. São Paulo: UNICAMP, 1990. p. 423-443.
- MACHADO, M. C. **Heitor Villa-Lobos: tradição e renovação na música brasileira**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1987.
- MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 1991.
- MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de Pesquisa: planejamento e execução das pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MARIZ, A.C. A.; VIEIRA, T. O. A construção da noção de documentos especiais na Arquivologia. **Revista do Arquivo Geral da cidade do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, n. 9, p. 287-302, 2015. Disponível em: http://wpro.rio.rj.gov.br/revistaagcrj/wp-content/uploads/2016/11/e09_a15.pdf. Acesso em: 18 fev. 2022.

MARTELETO, R. Ordenar para desordenar. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 16, n. 1, p. 103-111, jan./jun. 1987. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/19156>. Acesso em: 20 fev. 2022.

MENESES, E. M.; SILVA, E. L. **Metodologia da Pesquisa e Elaboração de Dissertação**. 4. ed. Florianópolis: Editora UFSC, 2005.

MILLER, D. **Trecos, troços e coisas**: estudos antropológicos sobre a cultura material. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2013.

MONTAGNER, M. Â. Trajetórias e biografias: notas para uma análise bourdieusiana. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 9, n. 17, p. 240-264, jan/jun. 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-45222007000100010>. Acesso em: 20 fev. 2022.

MOREIRA, R. H. S. Indiciarismo e História Oral: ferramentas metodológicas interdisciplinares entre a História e o Jornalismo. In: Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, 15., 2010, Vitória. **Anais [...]**. Vitória: Intercom, 2010. p. 1-8. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2010/resumos/R19-0764-1.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2022.

NIETZSCHE, F. **Crepúsculo dos ídolos ou como se filosofa com o martelo**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2006.

NOGUEIRA, J. **Hermano e a barreira**. [S.l.: s.n.], 2015. Disponível em: <http://www.maispb.com.br/101014/hermano-e-a-barreira.html>. Acesso em: 18 fev. 2022.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Revista do Programa de Estudos de Pós-graduados em História**, São Paulo, v. 10, p. 7-28, dez. 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101/8763>. Acesso em: 18 fev. 2022.

OLIVEIRA, B. M. J. F. **José Simeão Leal**: escritos de uma trajetória. 2009. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/6264/5/Anexo_Arquivototal_Catalogo.pdf. Acesso em: 18 fev. 2022.

OLIVEIRA, B.M. J. F.; MARTINS, B. P. Da Casa de Morada ao Museu-Casa de Cultura Hermano José. In: MAGALHÃES, F. *et al.* **Museologia e Patrimônio**. Madrid: Politécnico de Leiria-PT, 2021. p. 184-212.

OLIVEIRA, L. M. V. **Descrição e pesquisa**: reflexões em torno dos arquivos pessoais. Rio de Janeiro: Móbile, 2012.

OLIVEIRA, L. M. V.; MACÊDO, P. L. P.; SOBRAL, C. C. Arquivos pessoais e intimidade: da aquisição ao acesso. **Revista do Arquivo**, São Paulo, n. 4, p. 1-13, mar. 2017. Disponível

em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/revista_do_arquivo/04/pdf/OLIVEIRA__L_M_V__MACEDO__P_L_P__SOBRAL_C_C_-_Arquivos_pessoais_e_intimidade__da_aquisicao__ao_acesso.pdf. Acesso em: 18 fev. 2022.

ORTEGA, C. D.; LARA, M. L. G. A noção de documento: de Otlet aos dias de hoje. In: CONGRESO ISKO-ESPAÑA, 9., 2009, Valencia. **Actas** [...]. Valencia: Universitat Politècnica de Valencia, 2009. p. 306-326.

OTLET, P. Documentos e documentação. In: CONGRESSO MUNDIAL DA DOCUMENTAÇÃO UNIVERSAL, 1937, Paris. **Anais** [...]. Paris: [s.n.], 1937. Disponível em: <http://www.conexaorio.com/bit/otlet/>. Acesso em: 18 fev. 2022.

PACHECO, L. M. S. Informação enquanto artefato. **Informare**: Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, Rio de Janeiro, p. 20-24, 1995. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/40801>. Acesso em: 18 fev. 2022.

PAES, M. L. **Arquivo**: teoria e prática. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1997.

PINHEIRO, L. V. R.; LOUREIRO, J. M. M. Traçados e limites da ciência da informação. **Ciência Da Informação**, Brasília, v. 24, n. 1, p. 1-19, 1995. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/609/611>. Acesso em: 20 fev. 2022.

PINHEIRO, L.V. R. Informação: esse obscuro objeto da Ciência da Informação. **Morpheus**: Revista Eletrônica em Ciências Humanas, Rio de Janeiro, v. 3, n. 4, p. 1-11, 2004. Disponível em: <http://www.seer.unirio.br/morpheus/article/view/4108>. Acesso em: 20 fev. 2022.

POLLAK, M. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992. Disponível em: <http://www.pggedf.ufpr.br/memoria%20e%20identidadesocial%20A%20capraro%202.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2022.

PREUCEL, R. W. **Archaeological semiotics**. Berkeley: Blackwell Publishing, 2006.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do Trabalho Científico**: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

RODRIGUES, M. B. F. Razão e sensibilidade: reflexões em torno do paradigma indiciário. **Dimensões**, Vitória, n. 17, p. 213-221, 2005. Disponível em: <https://nei.ufes.br/sites/nei.ufes.br/files/RODRIGUES%2C%20M%C3%A1rcia%20B.F.%20Raz%C3%A3o%20e%20Sensibilidade.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2022.

SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. F.; LUCIO, P. B. **Metodologia da pesquisa**. 3. ed. São Paulo: McGraw-Hill, 2006.

SANTOS, A. S. **A influência do colecionismo na representação da Memória Social**: análise da Coleção Amidicis Tocantins. 2015. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, São Paulo, 2015. Disponível em: https://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/santos_as_me_mar.pdf. Acesso em: 20 fev. 2022.

SANTOS, Z. D. M. M. Acervos manuscriptológicos e bibliográficos dos escritores portugueses Fernando Pessoa, Eça de Queirós e José Régio: resultado de pesquisa realizada em Portugal. In: JORNADA DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, 16., 1999, Fortaleza. **Anais [...]**. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 1999. p. 652-658.

SARMENTO, M. F. **O processo de ocupação urbana de um setor litorâneo de uma capital brasileira**: o caso do Bessa em João Pessoa - PB. 2012. Dissertação (Mestrado em Engenharia Urbana e Ambiental) – Universidade Federal da Paraíba, Programa de Pós-graduação em Engenharia Urbana e Ambiental, João Pessoa, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/5459>. Acesso em: 20 fev. 2022.

SCHELLENBERG, T. R. **Arquivos modernos**: princípios e técnicas. 6. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

SIENA, O. **Metodologia de pesquisa científica**: elementos para a elaboração e apresentação de trabalhos acadêmicos. Porto Velho: UNIR, 2007.

SILVA, L. E. F.; OLIVEIRA, B. M. J. F. Mnemosyne Infor-Comunicativa: a possibilidade axiomática de construção de um conceito de memória para a Ciência da Informação. **Infor-mação & Sociedade**: estudos, João Pessoa, v. 24, p. 135-143, 2014. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/105675>. Acesso em: 20 fev. 2022.

SILVA, L.C.D. **Gazzi de Sá compondo o prelúdio da educação musical da Paraíba**: uma história musical da Paraíba nas décadas de 30 a 50. 2006. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, Programa de Pós-Graduação em Letras, João Pessoa, 2006. Disponível em: http://www.cchla.ufpb.br/ppgl/wp-content/uploads/2012/11/images_LuceniCaetano.pdf. Acesso em: 20 fev. 2022.

SILVA, R. F. C. **Santa Rosa da linha e da cor**: o passado presente por meio da escrita autobiográfica. 2018. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal da Paraíba, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, João Pessoa, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/12403>. Acesso em: 20 fev. 2022.

SILVA, V. F. **Memórias da educadora Olivina Olívia Carneiro da Cunha**: práticas educativas e envolvimento político e social na Paraíba (1886-1977). 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Paraíba, Programa de Pós-Graduação em Educação, João Pessoa, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/4673>. Acesso em: 20 fev. 2022.

SOUSA, A. C. M. **Nos acordes do Quinteto da Paraíba**: memórias e escritos de acervo. 2018. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal da Paraíba, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, João Pessoa, 2018.

TARTUCE, T. J. A. **Métodos de pesquisa**. Fortaleza: UNICE, 2006.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA. **Resolução nº 10/2018**. Cria o Museu-Casa de Cultura Hermano José (MCCHJ). João Pessoa: UFPB, 2018.

WAGNER, R. The Fractal Person. *In*: STRATHERN, M.; GODELIER, M. (org.). **Big Men and Great Men: Personifications of Power in Melanesia**. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.

ZEMAN, J. Significado filosófico da noção de informação. *In*: ZEMAN, J. **O conceito de informação na ciência contemporânea**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

ZILBERMAN, R. *et al.* **Os acervos de escritores sulinos e a memória literária brasileira: diálogos com a ficção de Eça de Queirós**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

ANEXOS

ANEXO A

LISTA DE AUTORES/INTÉRPRETES NACIONAIS DO
ACERVO FONOGRAFICO DE HERMANO JOSÉ

A

- Abel Ferreira e Filhos-Discos Marcus Pereira-1977
- Abel Ferreira-Brasil, Sax e Clarineta-Discos Marcus Pereira-1976
- Adoniran Barbosa e Paulo Vanzolini- História da música popular brasileira-Abril Cultural-1983
- Adoniran Barbosa-EMI-1975
- Agnaldo Timóteo e Carmen Costa - Na galeria do amor- 1981
- Agnaldo Timóteo e Carmen Costa - Na galeria do amor-Projeto seis e meia-EMI-O-DEON-1981
- Aracy de Almeida- As lágrimas podem secar-Revivendo discos-
- Aracy de Almeida- Chave de ouro-RCA CAMDEN-1968
- Aracy de Almeida-Ao vivo e à vontade- Continental -1988
- Arena canta Zumbi-Som Maior Discos
- Ary Barroso-Grandes compositores- Abril Cultural-1982
- Assis Valente- História da musica popular brasileira-Abril Cultural
- Assis Valente- história da Música popular brasileira-Abril Cultural-1971
- Assis Valente- História da musica popular brasileira-Abril Cultural-1982
- Assis Valente-Nova histtória da Música popular brasileira-Abril Cultural-1977
- Ataulfo Alves- A voz de Ataulfo Alves-Polygram-1971
- Ataulfo Alves- É bossa mesmo-Soma- 1961
- Ataulfo Alves e seus sucessos-Philips-1966
- Ataulfo-Ataulfo por Helena de Lima e Adeílton Alves-MIS-1969
- Athur Moreira Lima-Recital de piano-Phondisc-1987

C

- Caetano Veloso- A arte de Caetano Veloso-Fontana-1975
- Caetano e Chico-Juntos e ao vivo-Philips-1972
- Caetano Veloso- História da música popular brasileira-Abril Cultural-1971
- Caetano Veloso- História da música popular brasileira-Abril Cultural-1982
- Caetano Veloso-Philips-1968
- Caetano Veloso-Philips-1969
- Caetano Veloso-Philips-1975
- Cândido das Neves- Catulo da paixão Cearense- Nova história da música popular brasileira-1978
- Capiba-Frevo- 25 anos de frevo- Rozenblit Discos-
- Capiba/Nelson Ferreira-História da música popular brasileira-Abril Cultural-1972
- Carlos José-Brasil Seresta vol.5-ABM-
- Carmem Costa/Paulo Marques-A música de Paulo Vanzolini-1974
- Carmem Costa nº2-Copacabana discos-1982
- Carmem Costa-Bervely Discos-1963
- Carmem Costa-Embaixatriz do samba-1982

- Carmem Costa-A música de Paulo Vanzolini. Carmem Costa / Paulo Marquez-1974
- Carmen Costa- Benditos, Hinos e ladainhas- Alvorada-1983
- Carmen Costa nº2 -Copacabana discos- 1978
- Carmen Costa-Continental-1980
- Carmen Costa-Continental-1980 Cópia
- Carmen Miranda-Balancê-Fênix EMI Odeon
- Carmen Miranda-Odeon-1965
- Carmen Miranda- Cartão de visita-Revivendo- Continental discos
- Carmen Miranda- Cartão de visita-Revivendo-Continental discos
- Carmen Miranda- Imperial discos-1972
- Carmen Miranda- RCA VICTOR-1985
- Carmen Miranda-Imperial-1972
- Catulo da Paixão/Cândido das Neves-História da música popular brasileira-Abril Cultural-1970
- César Franck-Grandes Compositores da música universal-Abril cultural
- Charles Gonçalves-Pinguinho de gente-Eletropaulo-Ideialivre discos
- Chico Buarque de Hollanda-Philips-1970
- Chico Buarque- História da música popular brasileira-Abril Cultural-1970
- Chico Buarque- História da música popular brasileira-Abril Cultural-1982
- Chico Buarque- Os grandes sucessos de Chico Buarque vol.3-Premier-1971
- Chico Buarque, Nara Leão e Maria Bethânia-Quando o carnaval chegar-Philips-1972
- Chico e Caetano- Melhores Momentos de Chico e Caetano-Rede Globo-Som Livre-1986
- Chiquinha Gonzaga, Ernesto Nazareth e Zequinha de Abreu- História da música popular brasileira-Abril Cultural-1983
- Chiquinha Gonzaga-O piano de Chiquinha Gonzaga-EMI-1980
- Clara Nunes- Esperança-EMI-1979
- Clara Nunes-Clara, Clarice, Clara- EMI-1972
- Clara Nunes-Nação-EMI-1982
- Cláudio Santoro- Prelúdios e canções de amor-Pan discos- 1989
- Claudionor Germano e Orquestra de frevos maestro Duda- Baile da Saudade II-1980
- Claudionor Germano e Orquestra de frevos Nelson Ferreira- Baile da Saudade I-1980
- Claudionor Germano e Orquestra de frevos Nelson Ferreira- Baile da Saudade I-1980 Cópia
- Claudionor Germano- o bom carnaval-1978
- Custódio Mesquita e Orestes Barbosa- História da música popular brasileira-Abril Cultural-1983
- Custódio Mesquita- História da música popular brasileira-Abril Cultural-1971
- Custódio Mesquita- História da música popular brasileira-Abril Cultural-1977

D

- Dalva de Oliveira-Grandes sucessos-Fênix-EMI
- Dalva de Oliveira-Grossas nuvens de amor-1950. 1959
- Dalva de Oliveira-Tangos-Imperial 1971
- De Noel Rosa a Roberto Carlos-Talento brasileiro vol.11-CID Discos- 1985
- Dilermando Reis- O melhor de Dilermando Reis-Continental Discos-1977
- Dolores Duran e Tito Madi-História da música popular brasileira- Abril Cultural-1972
- Dorival Caymmi-Saudades da Bahia-EMI-1973

- Dorival Caymmi- História da música popular brasileira-Abril Cultural-1982
- Dorival Caymmi- Todo o dengo da Bahia-Nova história da música popular brasileira-1970

E

- Elizeth Cardoso-Zimbo trio e Jacob do bandolim-1968
- Elomar-Na quadrada das águas perdidas-Rio do gavião 1979
- Ernesto Nazareth-Chiquinha Gonzaga- Nova história da música popular brasileira-Abril-1977
- Ernesto Nazareth-Chiquinha Gonzaga- Nova história da música popular brasileira-Abril-1977
- Evandro Bandolim e seu regional-Itamaraty-1983
- Evandro e seu regional-Brasil, flauta, bandolim e violão- 1975

F

- Fagner-Ave Noturna-Continental-1976
- Francisco Alves- O rei da voz-RCA CAMDEN-1968
- Francisco Mignone-12 valsas de esquina - 1977

G

- Gastão Formenti-RCA-1974
- Genésio Nogueira- Recordações vol. 1. -Codil discos
- Geraldo Vandré- Convite para ouvir-2 lps-RGE Discos-1988
- Geraldo Vandré- Das terras de benvirá-Philips-1973
- Geraldo Vandré- História da música popular brasileira-Abril Cultural-1971
- Geraldo Vandré- História da música popular brasileira-Abril Cultural-1971
- Geraldo Vandré-5 anos de canção-Som/Maior discos-
- Geraldo Vandré-Canto Geral- Odeon-1968
- Geraldo Vandré-Canto geral-EMI-1968
- Geraldo Vandré-Hora de Lutar-Disco Lar-1969
- Geraldo Vieira-Sempre Romântico vol. 5- Seleta discos
- Gilberto Gil- História da música popular brasileira-Abril Cultural-1971
- Gilberto Gil- Ja e Gil- Philips-1969

H

- Heitor Villa-Lobos- 12 Estudos. 5 Prelúdios/Narciso Yepes/ Phonogran 1972
- Heitor Villa-Lobos- As nove Bachianas Brasileiras-Angel-1965
- Heitor Villa-Lobos- Concurso internacional de conjuntos instrumentais-Sexteto do Rio-CIA-1972
- Heitor Villa-Lobos-12 estudos para violão-Solista: Turíbio Santos-Caravelle discos-
- Heitor Villa-Lobos-Cinq Preludes-Disques Alvarés-1977
- Heitor Villa-Lobos-Julian Bream-RCA/RED SEAL-1975
- Heitor Villa-Lobos-The Little train of the caipira-Fermata-1972

I

- Isaura Garcia-ODEON DISCOS
- Ismael Silva e Ataulfo Alves-Mestres do samba-Revivendo discos-
- Ismael Silva- História da música popular brasileira-Abril Cultural-1970
- Ismael Silva- História da música popular brasileira-Abril Cultural-1983
- Ismael Silva-História da Música Popular Brasileira-Abril Cultural-1983

J

- J. Cascata e Leonel Azevedo-Nova história da música popular brasileira-Abril Culural-1978
- J. Cascata, Leonel Azevedo e Joubert de Carvalho-Nova história da música popular brasileira-Abril Cultural-1978
- Jackson do Pandeiro e os Nordestinos- História da musica popular brasileira-Abril Cultural-1979
- Jessé- O sorriso ao pé da escada-1983
- João do Vale- Nova história música popular brasileira-1977
- João Pernanbuco-Funarte-1982
- José Maurício Nunes Garcia-Matinas de finados-Promemus
- José Vicente- Noite de lua-Bervely Discos-
- José Vicente-Noite de lua

L

- Lamartine Babo- A música popular no Rio de Janeiro-RCA CAMDEN-1967
- Lamartine Babo- História da musica popular brasileira-Abril Cultural-1982
- Linda e Dircinha Batista-RCA CAMDEN-1973
- Lupicínio-Nova história da música popular brasileira- 1978

M

- Maria Bethânia-Recital da Noite Barroca-Odeon-1968
- Maria Bethânia-RCA Victor
- Maria Bethânia-Rosa dos ventos-Gravado ao vivo-Plhilips-1971
- Maria Creuza-RGE Discos-1972
- Marinês e sua gente-Vamos xaxar-Sinter-AFLP
- Mário Reis canta suas criações em Hifi-ODEON-
- Mário Reis-Ao meu rio- Elenco Mono
- Marlos Nobre-Personalides-Unesco Collection-Philips-1975
- Maysa-Disco de ouro RCA- 1977
- Milton Dornellas- Mandrágora- Funesc-1993

N

- Nara Leão- E que tudo mais vá pro inferno-Philips-1978
- Nara Leão-A arte de Nara Leão - Fontana Especial- 1976
- Nara Leão-Philips-1968

- Nelson Gonçalves- Nova História da musica popular brasileira-Abril Cultural-1978
- Nelson Gonçalves - O melhor de Nelson Gonçalves-Som Livre-1982
- Nelson Gonçalves a pedidos-RCA-1966
- Nelson Gonçalves- Canta tangos inesquecíveis-Som Livre-1984
- Nelson Gonçalves e o Tango-RCA-1970
- Ney Matogrosso-Pescador de pérolas-CBS Discos-1987
- Noel Rosa- A música popular no Rio de Janeiro Vol. 2-MIS-
- Noel Rosa- Canções de Noel Rosa cantadas por Noel Rosa-Continental discos
- Noel Rosa- História da música popular brasileira- Abril Cultural-1970
- Noel Rosa- História da musica popular brasileira-Abril Cultural-
- Noel Rosa na voz de Araci de Almeida-Continental Discos -1967
- Noel Rosa-Canções de Noel Rosa com Aracy de Almeida-Continental discos-

O

- Orestes Barbosa- Nova História da música popular brasileira-1978
- Orlando Silva- Um novo espaço para a música-Linha 3 RCA 1979
- Orlando Silva- Vol.1 Copacabana discos 1978
- Orlando Silva-Carinhoso- RCA 1970
- Orlando Silva-O cantor das multidões-RCA-1968
- Orlando Silva-os maiores sucessos-1974
- Orlando Silva-RCA-1970
- Orlando Silva-RCA-1978
- Orlando Silva-Última estrofe-RCA-1970
- Orlando Silva-Um novo espaço para a música linha3-RCA-1978
- Orlando Silva-Uma dor e uma saudade-1963

P

- Paulinho da Viola-História da música popular brasileira-Abril Cultural-1971
- Paulo Autran-Poesia de Sempre
- Paulo Sérgio- Seleção de ouro-Copacabana discos-1977
- Pedrinho Rodrigues e os Nacionais-Brasil, sambe ou se mande-Explosão Brasil Novo-E-quipe discos
- Pixinguinha e Benedito Lacerda 1973
- Pixinguinha e Benedito-Choro imortais- Copacabana discos-1973
- Pixinguinha-Este homem é um poema-Nova história da música popular brasileira-1970
- Pixinguinha 70- Concerto comemorativo do 70º aniversário de mestre “pizinguin”-1977
- Pixinguinha- História da música popular brasileira-Abril Cultural-1983
- Pixinguinha-Feira Pixinguinha-Funarte- 1979

R

- Renato Fasano- Virtuosi di Roma-Discos Deca-1972
- Roberto Carlos-CBS-1983
- Ruy Maurity- Philips-1984

S

- Severino Araújo e sua orquestra-A tabajara no frêvo-Continental discos
- Silvio Caldas- Saudades- Long Playing-

T

- Trio Irakitan-Os sambas que gostamos de cantar-Oden discos-

V

- Vicente Celestino, Catulo e Cândido das Neves- 1983
- Vicente Celestino-60 anos de canção- RCA-1968

Z

- Zacarias e sua orquestra-Frevo 40 graus-RCA VICTOR

GRUPOS & COLEÇÕES

- 100 anos da música popular brasileira vol. 1- Tapeçar-Som Livre
- 100 anos da música popular brasileira vol. 2- Tapeçar-Som Livre
- 100 anos de carnaval- Banda do Canecão-Polydor-1973
- 100 anos de música popular brasileira vol.3 - Tapeçar gravações
- 100 anos de música popular brasileira vol.3-Tapeca Gravações
- 100 anos de música popular brasileira vol.4 - Tapeçar gravações
- 16 grandes sucessos dos inesquecíveis- Francisco Alves, Orlando Silva, Altemar Dutra, Carlos Galhardo 1986

A

- A valsa brasileira- Nova história da música popular brasileira-1978
- A valsa brasileira- Nova história da música popular brasileira-1978 (cópia)
- Antologia Mpb4-Philips-1986
- Antologia Mpb4-Philips-1986 (cópia)

B

- Baracho e seus cirandeiros-Ciranda no pátio de São Paulo-Cacatos-1976
- Bossa nova espetacular-Os sambistas brasileiros-Plaza discos

C

- Cantata Popular-Santa Maria de Iquique-Copacabana-1975

- Cantigas de lampeão apresentadas por Volta Sêca- Todamérica
- Cantos da Terra 2-Hiper-1986
- Capital do Frevo- Vol. 5- Rozenblit Discos-Mocambo-
- Capital do Frevo volume III-Mocambo discos
- Carnaval I- Nova história da música popular brasileira-Abril Cultural-1979
- Carnaval II- Nova história da música popular brasileira-1979
- Carnaval II- Nova história da música popular brasileira-1979
- Chorinhos Brasileiros- Carioca e sua orquestra-Musidic

D

- Dobrados-RCA-1970
- Dobrados-Três séculos de música brasileira-Copacabana-1979

E

- Escolas de samba I- Nova história da música popular brasileira-1979
- Estes fizeram carnaval- Imperial discos-1968

F

- Flauta no choro-CIA-1984

G

- Gente do chôro-EMI-1982

M

- Mocambo-Fabrica de discos Rozenblit Ltda
- Música Popular do Nordeste-Discos Marcos Pereira-1973
- Música popular em ritmo de transportes-RCA-1969

O

- O Frevo Vivo de Levino-AP Discos 1976
- Orquestra Sinfônica Brasileira e Associação de Canto- Festa- AFLP
- Os bridões de ouro-Aboio e toadas-Musicolor-1976
- Orquestra Armorial- Continental-1975

S

- Sambas canções-Coleção dançante-Long Play Radio-
- Sambas de enredo das escolas de samba do grupo 1-RESEG-1972
- Sambas de enredo- Escolas de samba do grupo 1 a carnaval 90- BMG 1989
- São Pixinguinha- Reedição comemorativa do “projeto Pixinguinha”
- Sinhô-História da música popular brasileira-Abril Cultural-1971

V

- Valsas brasileiras-Premier-1974
- Valsas brasileiras-Soma-1980

ANEXO B

LISTA DE AUTORES/INTÉRPRETES ESTRANGEIROS DO
ACERVO FONOGRAFICO DE HERMANO JOSÉ

ANEXO B

Lista de autores/intérpretes estrangeiros do acervo fonográfico de Hermano José

A

- Alicia de Larrocha-Granados Danzas Españolas-1983
- Amália Rodrigues- Odeon discos
- Amália Rodrigues-Amália no Olympia-EMI
- André Kostelanetz- Concertos românticos para piano e orquestra- Cbs discos
- Andrés Segóvia e o violão-Decca Discos-
- Astor Piazzolla-Libertango-Fermata-1974

B

- Bach- Concerto italiano em fá maior-continental discos
- Bach- Concertos de Brandenburgo-Mestres da música-Abril Cultural-1983
- Bach- Concertos de Brandenburgo-Orquestra Bach de Munique-Phonogram-1971
- Bach- Mestres da Música- Abril Cultural-1980
- Bach- Orquestra de Câmara de Berlim- Dir. Hans Von Benda- Telefunken Discos-
- Bach- The Bach Guild- Anna Magdallena Book-Long Playing Records
- Bach; Chopin- João Carlos Martins Arthur Moreira Lima- Mestres da música-1982
- Bach-Associação de solistas da semana Bach, de Ansbach-London 1965
- Bach-Concertos de Brandenburgo-Archiv Produktion-1971
- Bach-Concertos de violino, Bwv 1041- Grandes Compositores-Philips-
- Bach-Concertos- Frank Pelleg-Ducretet Thomson-Continental Discos
- Bach. Cello-Sonaten- Mischa Maisky- Marta Argerich-1986
- Bach-David e Igor Oistrach-1985
- Bach-João Carlos Martins-Ariola discos-1980
- Bach-Obras para Orgão- Helmut Walcha- Deutsche Grammophon-
- Bach-Play Bach-Jacques Loussier nº3-London -1965
- Bach-Play Bach-Jacques Loussier nº4-London -1968
- Bach-Stokowski conduc Transcriptions vol. I
- Bach-Stokowski conducts Bach-RCA VICTOR
- Bach-Stokowski e suas famosas transcrições de Bach- Orquestra Filarmonica Tchêca-London-1973
- Bach-Switched-on-CBS-1971
- Bach-Wanda Landowska-The Well Tempered Clavier-RCA
- Bach-Wanda Landowska-The Well Tempered Clavier-RCA cópia
- Beethoven- Sonata Aurora- Opus 4
- Bellini-Norma-Abril Cultural-1973
- Benedetto Marcello- Quatro Concertos- Odyssey-Stereo-1971
- Billie Holiday- Gigantes do Jazz- Abril Cultural-1980
- Boccherini-Quinteto em Mi maior- Mestres da Música- Abril Cultural-1981
- Brahms- Bruno Walter- Orquestra Sinfônica Columbia-Columbia Masterworks
- Brahms- The fine arts quartet- Reginald Kell-Imagem Discos-1969
- Brahms-Cello Sonatas-London-1983
- Brahms-Concerto nº 2 para piano e orquestra, opus 83- Abril Cultural-1980

- Brahms-Double Concerto-Deutsche Grammophon-1984

C

- Carlos Gardel-Inolvidables-Carlos Gardel/Gregório/Bienvenido Granda-Som Livre-1986
- Carlos Gardel-Itamaraty Discos-1980
- Carlos Gardel-Lo mejor de Carlos Gardel, vol.2- RCA CAMDEN-1971
- César Franck-Grandes Compositores da música universal-Abril cultural
- Chopin- As 14 valsas para piano-Antônio Guedes Barbosa-Kuarup Classics
- Chopin- Tamás Vásáry-Estudos Opus 10 e Opus 25-Abril Cultural-1985
- Chopin-Concert For Piano and Orchestra-Magic Music-1983
- Clebanoff- Malaguenã- As melhores orquestras do mundo-Mercury discos-1975

D

- Debussy, Saint-Sans, Ivanov- Danish National Orchestra-RCA Victor-Bluebird Classics-
- Debussy-Enciclopédia Salvat dos Grandes Compositores-Philips-
- Debussy-O mar-noturnos- Eliahu Inbal- Enciclopédia Salvat dos grandes compositores-Philips
- Dmitri Chostakovitch- Sinfonia Nº 5 em ré menor, op. 47- Grandes Compositores- Philips-

E

- Édith Piaf- Pathe-1985
- Egrieg-Concerto for piano and Orchestra A-Minor-Magic Music-Cid-1982
- Erna Sack- A song recital-The Kinsway symphony orchestra-DECCA Discos-

F

- Fischer Chore- Opermelodien-Polydor-1980
- Fischer Chore- Opermelodien-Polydor-1980
- Frank Sinatra-That's Life- Reprise-1967
- Franz Liszt- For Hungarian Rhapsodies- Stereo- Vanguard- 1974

G

- Géza Anda- Camerata Academica do Mozarteum de Salzburgo-Mestres pelos mestres-Abril Cultural-1985
- Giovanni Pierluigi da Palestrina-The song of songs-Vangard-1974
- Gottschalk-Grande fantasia triunfal do hino nacional brasileiro-Orquestra sinfonica de Berlim-Vox discos-1985
- Grieg-Concerto for piano and orchestra A-minor-Magic Music

H

- Handel-Mestres da música-Abril Cultural-
- Handel-Orchestra de Câmara de Berlim-Telefunken

- Haydn Konzert- Philips-1978
- Haydn-Antal Dorati-Filarmonica Hungarica-Abril Cultural-1985
- Haydn-Concerto for Oboe concerto for Piano in F major- Supraphon-1979
- Haydn-Mestres da Música-Abril Cultural-1980
- Haydn-Symphony No 1 D-Major-Magic Music -1983
- Hengeveld- Gerard Hengeveld- Peças favoritas para piano vol. 2- Odyssey-1971
- Herbert Von Karajan-Meditation-Deutsche Gramophon Especial-1982
- Horowitz-Deutsche Grammophon-1986
- Horowitz-Encores-RCA VICTOR--

J

- J. Cascata e Leonel Azevedo-Nova história da música popular brasileira-Abril Cultural-1978
- J. Cascata, Leonel Azevedo e Joubert de Carvalho-Nova história da música popular brasileira-Abril Cultural-1978
- Jimi Hendrix-The Jimi Hendrix Experience Axis bold as love-Polydor-1969
- José Reyes-Mamitas de Plata-Guitarra Flamengo- Copacabana discos

L

- Lalo, Ravel, Fauré-Enciclopédia Salvat dos grandes compositores-Philips
- Leopold Stokowski- New Symphony Orchestra of London- RCA Victor-1963
- Liszt-Franz Liszt- Enciclopédia Salvat dos Grandes Compositores-Philips-
- Liszt-Lazar Berman-Abril Cultural-1984
- Luis Bordon- A harpa e a cristandade- Chantcler Discos-1970

M

- Maestro Petek-Valsas Eternas-Imperial-1974
- Mahler 2- Chicago Symphony-London -1985
- Mahler- Sinfonia em ré maior- Mestres da música-Abril Cultural-1980
- Malgoire, Jean-Claude Malgoire- Concertos italianos para oboé do século XVIII- -CBS-1974
- Mendelssohn-Salvatore Accardo-Philips-Abril Cultural-1985
- Mercedes Sosa- Gente humilde-Philips-1982
- Mercedes Sosa-Gravado ao vivo no Brasil- PHILIPS-1980
- Misaniello Auber-Fra Diavolo-London discos
- Mohamed El Bakkar e seu conjunto oriental- Danças de Port Said-AFLP
- Motets-Andrea Gabrieli- Vox-Musidisc-
- Mozart- Concertos para piano e orquestra-Abril Cultural-1979
- Mozart-Amadeus-Fantasy-1985
- Mozart-Concerto in flat-Vanguard recordings-1973
- Mozart-Concerto in flat-Vanguard recordings-1973
- Mozart-Concertos para piano e orquestra N°, em si Belmol maior- Deutsche Grammophon-
- Mozart-Eine Kleine Nachtmusik-Bamberger Philharmonie-1982

- Mozart-Eine Kleine Nachtmusik-Euphoria-1982
- Mozart-Grandes Compositores da música universal-Abril Cultural-1970
- Mozart-Horowitz Plays Mozart-Deutsche Grammophon-1988
- Mozart-Klarinettenkonzert-Clarinet Concerto-Deutsche-1980
- Mozart-Piano Concerto-Ivan Moravec
- Mozart-Piano Concertos Nos. 27&8 -Polydor 1984
- Mozart-Quatro Quartetos-Vanguard-
- Mozart-Sinter-AFLP-
- Mozart-The Academy of Ancient Music-Florilegium-1986
- Mozart-The Great Piano Works- Vanguard- 1976
- Mozart-Werner Muller e sua orquestra-Philips- 1977

P

- Paul Mauriat-Classics in the air-Philips-1985
- Petrouchka-Pássaro de fogo-Orquestra filarmônica de Londres-Sinter Discos
- Pink Floyd- The Wall-Columbia Records-1979

R

- Rachmaninov-Paganini opus 43-Orquestra sinfonica da rádio Berlim-URANIA Discos-Sinter
- Ravel, Bolero- Bernstein-Orquestra National de France-CBS-1978
- Ravel-Bolero-Orquestra Sinfonica de Boston-RCA VICTOR-
- Ravel-Mestres da Música-Abril Cultural-1980

T

- The Beatles- Let It Be- EMI-1970

V

- Valentino-United Records Discos-1977
- Victor Young- Temas de Amor dos filmes- Decca discos
- Vilvadi-Funf Concerti-Cinco concertos-Telefunken-1978
- Violeta Parra-Últimas canções - RCA-1978
- Vivaldi- Concertos para alaúde (violão) e bandolim- Orquestra de câmara Paul Kuentz-1972
- Vivaldi Dixtit Dominus Stabat Mater- Jean-Claude Malgoire-CBS-1978
- Vivaldi- I music-4 concertos duplos-
- Vivaldi- La Stravaganza, opus 4- Mestres pelos mestres-Philips-1984
- Vivaldi- Mestres das música-Abril Cutural-1980
- Vivaldi- O double concertos- Academy of St. Martin-in-the- Fields-Philips 1986
- Vivaldi- Six Concertos, op.6- Pina Carmirelli-Philips
- Vivaldi/Cello-Konzerte. Cello concertos-1978
- Vivaldi-18 concertos para flauta e orquestra de cordas- Vox- Sinter-
- Vivaldi-5 concerti for violin and orquestra-Antiqua-1986

- Vivaldi-Concerto d' amor- Concertos românticos de Vivaldi 1987
- Vivaldi-Heinrich Schiff-Philips-1986
- Vivaldi-Il cimento dell'armonia e dell'Invenzione Vol. 2- Vox discos- Long Playing
- Vivaldi-La Stravaganza-Orquestra Pró Música de Stuttgart-Long playing discos
- Vivaldi-Monvmenta Italicae Mvsicas-Philips
- Vivaldi-Quatro concertos/ Klaus Thunemann-Philips-1976

W

- Wagner- Das Norddeutsche Symphonie Orchester- Magic Música-1982
- Wagner-Mestres das música-Abril Cultural-1981
- Wagner-O anel do Nibelungo- As grnades ópeeras vol. 15-1972
- Wagner-Wilhelm Furtwangler- Filarmônica de Berlim-Deutsche- 1986
- Walter Carlos and The Well-Tempered Synthesizer-CBS-1971

Y

- Yaffa Yarkoni- Sabra- Israel's most celebrated-CBS discos-

— GRUPOS & COLEÇÕES

- 100 anos da música popular brasileira vol 1- Tapeçar-Som Livre

A

- Stanley Black- A música da velha Rússia-London-1967

C

- Cabaret- Original Sound track recording-Probe-1972
- Canto Gregoriano-Monges da Abadia de Maria Laach- ASC discos-
- Canto Gregoriano-Schola do Mosteiro dos Beneditinos de Montserrat-Archiv Produktion-1976
- Cantos da Terra 2-Hiper-1986
- Carnegie Hall-Concerto Internacional de gala-CID/VOX- 1984
- Concerto Barroco Festivo-Acs-stereo
- Corazon del Tango- Som Livre- 1987

E

- Echos of Italy-werner Muller and his orchestra- 1970

F

- Festival internacional de Ba'albak 1960

G

- Grandes Mestres e suas obras primas-Tchaikovsky, Shubert- Stereo-
- Grandes vozes da Itália-RCA-1976
- Great Themes to Remember-Ronnie Aldrich e seus dois pianos-London Playing-1972

I

- Italian Baroque Wind Concert- Concertos barrocos para sopro-Tounabout- 1976

M

- Marchas Sinfônicas- Tchaikowsky, Bizet, Berlioz-Fermata Discos-1982
- Missa Luba- Os trovadores do Rei Baudoin- Congo-- Philips-
- Modern Classics- Os sons maravilhosos dos pianos de Marek e Vacek-Som Livre-1980
- Music of the African Arab-Mohamemed El-Bakkar and his Oriental Ensemble vol.3 1958
- Musikantiga-Leo Peracchi-Copacabana discos-1975

O

- Orquestra Sinfônica de Pittsburgh- Le sacre du printemps-Capitol Records
- Os 120 Clássicos preferidos do Nipper - Vol 8 Rússia - RCA GOLD SEAL-1971-
- Os 120 Clássicos preferidos do Nipper - Vol I Brasil - RCA GOLD SEAL-1971-
- Os clássicos mais populares do mundo- Vol. 10- Philips-1974
- Os melhores tangos do mundo - Luis Mendoza e sua orquestra argentina- RGE CARRE-RE-1988

P

- Paris, Paris - As mais românticas canções francesas 1985

R

- Reflexus da mãe África- EMI 1987

U

- Uma noite em Nápole-RCA-1978

V

- Valsas Vienenses-Premier-1971

ANEXO C

LISTA DOS CD'S DO
ACERVO FONOGRAFICO DE HERMANO JOSÉ

Caixa: QA4**Conteúdo: Sonoro**

Total: 100

#	TÍTULO	LOCALIZAÇÃO	SITUAÇÃO
1	BEETHOVEN (1770-1827). PIANO CONCERTO Nº 3. SONATA OP. 13 "PATHÉTIQUE"	Armário II	Descrito
2	BEETHOVEN. PIANO SONATAS. KLAVIERSONATEN. POR: CLAUDIO DE ARRAU	Armário II	Descrito
3	LUDWIG VAN BEETHOVEN. VIOLIN SONATAS NO. 5 "SPRING & NO. "KREULZER"	Armário II	Descrito
4	CLARA NUNES - 10 ANOS	Armário II	Descrito
5	NEY MATOGROSSO – O CAIR DA TARDE	Armário II	Descrito
6	CLARA NUNES – PARA SEMPRE CLARA	Armário II	Descrito
7	PIXINGUINHA. PAULO MOURA & OS BATUTAS – GRAVADO AO VIVO NO TEATRO CARLO	Armário II	Descrito
8	ALBERTO NEPOMUCENO. EDIÇÃO INTEGRAL DO QUARTETO DE CORDAS – QUARTETO	Armário II	Descrito
9	ERIK SATIE'S – COMPLETE PIANO WORKS. VOLUME II (FROM 1891 TO 1897)	Armário II	Descrito
10	CLÁSICAS – ZEZÉ GONZAGA & JANE DUBOC	Armário II	Descrito
11	BEETHOVEN- PIANO CONCERTOS NO. 4 AND NO. 5 "EMPEROS"	Armário II	Descrito
12	PABLO CASALS- BEETHOVEN. THE COMPLETE CELLO SONATAS	Armário II	Descrito
13	BEETHOVEN-PIANO CONCERTOS NOS. 3 E 4	Armário II	Descrito
14	"HINOS	Armário II	Descrito
15	ACERVO ESPECIAL – OS QUATRO GRANDES	Armário II	Descrito
16	NOME SAGRADO-BETH CARVALHO CANTA NELSON CAVAQUINHO	Armário II	Descrito
17	LÁGRIMAS – DULCE PONTES	Armário II	Descrito
18	ZIZI POSSI – MAIS SIMPLES	Armário II	Descrito
19	PAULA FERNANDES AO VIVO	Armário II	Descrito
20	DAVID GARRETT – MUSIC	Armário II	Descrito
21	"BEETHOVEN / FIDELIO (JESSYE NORMAN , REINER GOLDBERG, KURT MOLL)"	Armário II	Descrito
22	LUDWIG VAN BEETHOVEN (MISSA SOLEMNIS)	Armário II	Descrito
23	CAZUZA (O POETA ESTÁ VIVO – SHOW TEATRO IPANEMA 1987)	Armário II	Descrito
24	MARIA BETHÂNIA (NOSSOS MOMENTOS)	Armário II	Descrito
25	MARIA BETHÂNIA (FAIXA 1- DE MANHÃ)	Armário II	Descrito
26	NIVALDO ORNELAS (ARREDORES)	Armário II	Descrito
27	ANTONIO CARLOS E MARIA JOSE CARRASQUEIRA (IN CONCERT)	Armário II	Descrito
28	ALTAMIRO CARRILHO (FLAUTA MARAVILHOSA	Armário II	Descrito
29	ALTAMIRO CARRILHO (FLAUTA MARAVILHOSA) OBS.: OUTRA CÓPIA	Armário II	Descrito
30	JOÃO CARLOS MARTINS (CONCERTOS PARA PIANO E ORQUESTRA)	Armário II	Descrito
31	NINO ROTA- POR SOLISTAS BRASILEIROS	Armário II	Descrito
32	RICHARD CLAYDERMAN- TANGO PASSION	Armário II	Descrito
33	ANTONIO SALIERI-FALSTAFF OU O TRIPLICE ESCÁRNIO	Armário II	Descrito
34	ASTOR PIAZZOLLA- TANGO NOVO	Armário II	Descrito
35	A ROMANTICAL SERENADE	Armário II	Descrito
36	ANDREA BOCELLI- ROMANZA	Armário II	Descrito
37	FRESCOBALDI- CANZONI ALA FRANCESA	Armário II	Descrito
38	KATHLEEN BATTLE- JESSUE NORMAN- SPIRITUALS IN CONCERT	Armário II	Descrito
39	BAROQUE ORGAN MUSIC	Armário II	Descrito
40	BRAHMS- FESTIVAL OVERTURETRAGIC OVERTURE	Armário II	Descrito
41	20 TANGOS FAMOSOS	Armário II	Descrito

42	LUDWIG VAN BEETHOVEN PIANOS SONATAS NOS. 10?11 & 12	Armário II	Descrito
43	LATINO COM AMOR	Armário II	Descrito
44	SONATAS ROMANTICAS DE KAROL SZYMANOWSKI E LEOPOLDO MIGUEZ	Armário II	Descrito
45	SIEMPRE UNA VIDA EN CACIONES	Armário II	Descrito
46	VIAGGIO ITALIANO	Armário II	Descrito
47	"SHADOW, LIGHT "	Armário II	Descrito
48	PINES OF ROME / FOUNTAIN OF ROME	Armário II	Descrito
49	MARIA CALLAS	Armário II	Descrito
50	BRAHMS / LISZT	Armário II	Descrito
51	ROSANA LANZELLOTTE (O CRAVO BRASILEIRO)	Armário II	Descrito
52	"PIANO MUSIC OF ERIK SATIÉ(JACQUES FEVRIES,PIANO :GEORGES AURIC FOUR HA	Armário II	Descrito
53	CHOPIN (AS 51 MIZURCAS)	Armário II	Descrito
54	EUDÓXIA DE BARROS (LUA BRANCA -PIANO)	Armário II	Descrito
55	CLAUDIONOR GERMANO (CARNAVAL CANTADO DE NELSON FERREIRA)	Armário II	Descrito
56	"GOUNOD, CHARLES GOUNOD (1818-1893) ROMEO ET JULIETTE"	Armário II	Descrito
57	NORTH INDIA (INDE DU NORD) INSTRUMENTAL MUSIC-SITAR-FLUTE-SIRANGI	Armário II	Descrito
58	CALLAS (CANTA WAGNER-MORTE DE AMOR)	Armário II	Descrito
59	MARIA CALLAS (GRANDES MOMENTOS DA ÓPERA)	Armário II	Descrito
60	RICHTER (GRAVAÇÕES HISTÓRICAS DA GOSTELRADIO DE MOSCOU)	Armário II	Descrito

1 / 2

Caixa: QA4**Conteúdo: Sonoro**

Total: 100

61	LINDEMBERGUE CARDOSO – MÚSICA CONTEMPORÂNEA BRASILEIRA	Armário II	Descrito
62	O PIANO BRASILEIRO – SÉCULO XIX. BELKISS CARNEIRO DE MENDONÇA – PIA	Armário II	Descrito
63	LANG LANG – LIVE IN VIENA	Armário II	Descrito
64	THE PIANO GUYS	Armário II	Descrito
65	CENTRAL DO BRASIL – TRILHA SONORA DO FILME	Armário II	Descrito
66	MÚSICA DE CINEMA – CARAS. V. 6	Armário II	Descrito
67	MORANGO E CHOCOLATE – TRILHA SONORA ORIGINAL DO FILME	Armário II	Descrito
68	GOUNOD. ROMÉ ET JULIETTE	Armário II	Descrito
69	VALSAS - CHOROS PARA PIANO	Armário II	Descrito
70	O CAVO ROMÂNTICO DE FRANÇOIS COUPERIN. ROBERTO DE REGINA	Armário II	Descrito
71	RICHARD STRAUSS	Armário II	Descrito
72	CONCIERTO DE ARANJUEZ DE JOAQUIM RODRIGO	Armário II	Descrito
73	TIBETAN MONKS OF GADENSHARTE&CORCIOLTE	Armário II	Descrito
74	LISZT	Armário II	Descrito
75	HÄNDEL- INSTRUMENTAL MASTERPIECES	Armário II	Descrito
76	HÄNDEL-GEORG FREDERICH HÄNDEL (1685-1759)	Armário II	Descrito
77	BOB MARLEY	Armário II	Descrito
78	MAHLER- DAS LIED VON DER ERDE	Armário II	Descrito
79	MAHLER- CONCERTO ROMÂNTICO	Armário II	Descrito
80	CÂNCER	Armário II	Descrito
81	MÚSICA FRANCESA PARA CRAVO	Armário II	Descrito
82	SCHUMANN: PIANO CONCERTO - VIOLIN CONCERTO. MARTHA ARGE-RICH. GIDON KREME	Armário II	Descrito

83	RHAPSODIE ESPAGNALE BÉNÉDICTION DE DJEU DANS LA SOLITUDE – LISZT	Armário II	Descrito
84	SELEÇÃO MUSICAL MP3 – MARIAH CAREY E CELINE DION. (NÃO ORIGINAL)	Armário II	Descrito
85	THE BEST OF VANESSA – MAE.	Armário II	Descrito
86	CHOPIN – AS 14 VALSAS PARA PIANO	Armário II	Descrito
87	CHOPIN. MARIA JOÃO PIRES	Armário II	Descrito
88	FRÉDÉRIC CHOPIN – NOCTURNES	Armário II	Descrito
89	FRÉDÉRIC CHOPIN - 24 PRÉLUDES OP. 28. POR MAUÍZIO POLLINI – PIANO	Armário II	Descrito
90	POESIAS CECÍLIA MEIRELES. GUILHERME DE ALMEIDA	Armário II	Descrito
91	CHOPIN- WORKS FOR SOLO PIANO	Armário II	Descrito
92	O FREVO VIVO DE LEVINO	Armário II	Descrito
93	APOTEOSE DO SAMBA	Armário II	Descrito
94	CHOPIN	Armário II	Descrito
95	THE ROMANTIC PIANO	Armário II	Descrito
96	THE GLENN GOULD EDITION	Armário II	Descrito
97	GILBERTO GIL- UNPLUGGED	Armário II	Descrito
98	CARMEN COSTA	Armário II	Descrito
99	ELIS – O MITO	Armário II	Descrito
100	MESTRES DA MPB	Armário II	Descrito

2 / 2

Caixa: QA5 Conteúdo: Sonoro

Total: 103

#	TÍTULO	LOCALIZAÇÃO	SITUAÇÃO
101	POESIAS CECÍLIA MEIRELES. GUILHERME DE ALMEIDA	Armário II	Descrito
102	BRASIL – SAMBA E CARNAVAL. AS 56 MELHORES MÚSICAS DE CARNAVAL DE TODOS	Armário II	Descrito
103	“CANÇÕES BRASILEIRAS. SANDRA FELIX, CANTO – SCHELLA GLASER, PIANO”	Armário II	Descrito
104	EDSON CORDEIRO	Armário II	Descrito
105	ELIS REGINA. SAMBA – EU CANTO ASSIM	Armário II	Descrito
106	O INESQUECÍVEL JESSÉ	Armário II	Descrito
107	GERAÇÃO POP 2 – NEY MATOGROSSO	Armário II	Descrito
108	BERNSTEIN FAVORITES THE TWENTIETH CENTURY	Armário II	Descrito
109	ERNESTO NAZARETH BY YUKIO MIYAZAKI – PIANO	Armário II	Descrito
110	PIXINGUINHA – 100 ANOS	Armário II	Descrito
111	DEBUSSY PELLEAS ET MELISANDE SUITE	Armário II	Descrito
112	BRAHMS / LISZT	Armário II	Descrito
113	THE DEBUSSY EXPERIENCE	Armário II	Descrito
114	TCHAIKOVSK: PIANO CONCERTOS 13	Armário II	Descrito
115	SYMPHONY NO. 9 “ FROM THE NEW WORLD “	Armário II	Descrito
116	HOROWITZ	Armário II	Descrito
117	CASA DECORAÇÃO GRANDES MOMENTOS DE OPERA	Armário II	Descrito
118	JOHANN STRAUSS	Armário II	Descrito
119	NELSON GONÇALVES	Armário II	Descrito
120	EDSON CORDEIRO	Armário II	Descrito
121	THE BEST OF DEBUSSY (SYMPHONY ORCHESTRA VIENA –PHILARMONIA SLAVONICA)	Armário II	Descrito
122	STRAVINSKY – THE FIREBIRD/ DEBUSSY- NOCTURNES	Armário II	Descrito

123	TCHAIKOVSKY(THE NUTCRACKER SUITE SWAN LAKE SUITE)	Armário II	Descrito
124	MOZART- COMPOSITORES (GÊNIOS DA MÚSICA II)	Armário II	Descrito
125	"TCHAIKOVSKY, PYOTR IL'YICH (LITURGY OF SAINT JOHN CHRYSOSTOMUS OP.41	Armário II	Descrito
126	TCHAIKOVSKY (SYMPHONY NO.6 "PATHÉTIQUE" ROMEO E JULIETTE OVERURE)	Armário II	Descrito
127	TCHAIKOVSKY (PEQUENA RÚSSIA)	Armário II	Descrito
128	111 TCHAIKOVSKY (VIOLI CONCERT IN D MAJOR OP.35)	Armário II	Descrito
129	RICHARD WAGNER (DER RING DES NIBELUNGEN-DIE MEISTERSINGER-TRISNTAN UND IS	Armário II	Descrito
130	A FESTIVAL OF CLASSICS	Armário II	Descrito
131	SHUBERT- ROMANTIC MASTERPIECES	Armário II	Descrito
132	BEAUX ARTS TRIO	Armário II	Descrito
133	NOME SAGRADO- BETH CARVALHO	Armário II	Descrito
134	PERFIL VOGUE BRASIL – MILTON NASCIMENTO	Armário II	Descrito
135	CINEMA TRANCENDENTAL- CAETANO VELOSO	Armário II	Descrito
136	HELENA MEIRELES	Armário II	Descrito
137	REVIVENDO/SYLVIO CALDAS	Armário II	Descrito
138	LUIZ GONZAGA	Armário II	Descrito
139	MARIO REIS/RAIZES DO SAMBA	Armário II	Descrito
140	II CONCURSO DE PIANO CULTURA FM	Armário II	Descrito
141	CAUBY PEIXOTO – 20 SUPER SUCESSOS	Armário II	Descrito
142	CHARPENTIER TE DEUM CAVALLI LAETATEIS SUN MAGNIFICAT	Armário II	Descrito
143	THE BEST OPERA CHORUSES	Armário II	Descrito
144	CLÁSSICOS DA MÚSICA POPULAR BRASILEIRA	Armário II	Descrito
145	WALDONYS – ETERNO APRENDIZ. PARTICIPAÇÃO ESPECIAL DE DOMINGUINHOS. (N	Armário II	Descrito
146	W. A. MOZART. REQUIEM MASS IN D MINOR KB 626	Armário II	Descrito
147	CARLOS GARDEL - LOS GRANDES EXITOS DE CARLOS GARDEL	Armário II	Descrito
148	MOZART – MISSA LONGA K. 262. SCHIMDT GARDEN	Armário II	Descrito
149	"MOZART (1756-1791) 'CORANATION' MASS / LAUDATE DAMINUM. CHURCH SONAT	Armário II	Descrito
150	W. AMADEUS MOZART. A LITTLE NIGHT MUSIC	Armário II	Descrito
151	KARAJAN (THE FIRST RECORDINGS- HERBERT VON KARAJAN)	Armário II	Descrito
152	MUSSOGSKY(THE LONDON SYMPHONY ORCHESTRA –THE VIENA ORCHESTRA)	Armário II	Descrito
153	THE GENIUS OF ROBERT STOLZ(STRAUSS-LEHAR-STOLZ-KOMZAK)	Armário II	Descrito
154	CLASSIC CD 2 – OBS :DISCO SEM ENCARTE (FAIXA 1 BEETHOVEN-SINFONIA N°	Armário II	Descrito
155	"O MELHOR DE GERSHWIN (JOSHUA BELL ,RHAPSODY IN BLUE, GERSHWIN AO PIANO)"	Armário II	Descrito
156	CARLOS GARDEL(MANO A MANO 1927)	Armário II	Descrito
157	NINO ROTA (MUSIC FOR FILM)	Armário II	Descrito
158	BRAVO (OS CLÁSSICOS AMIS POPULARES DA HISTÓRIA)	Armário II	Descrito
159	SIEGFRIED BEHREND – IN MUSIC (CONCERTOS PARA GUITARRA)	Armário II	Descrito
160	CLASSIC CD 1- FAIXA 1 –MONTEVERDI L'ICORONAZIONE DI POPPEA-OBS: DIS	Armário II	Descrito

1 / 2

Caixa: QA5**Conteúdo: Sonoro****Total: 103**

161	CHARPENTIER TE DEUM CAVALLELAETATUS SUM MAGNIFICAT	Armário II	Descrito
162	EVANDRO DO BANDOLIM	Armário II	Descrito

163	CANTO GREGORIANO	Armário II	Descrito
164	CANHOTO DA PARAÍBA	Armário II	Descrito
165	ZEQUINHA DE ABREU	Armário II	Descrito
166	ELIZETH CARDOSO	Armário II	Descrito
167	THE PLANETS	Armário II	Descrito
168	ORFF	Armário II	Descrito
169	SIR NEVILLE MARRINER ACADEMY OF ST MARTIN IN THE FILDS	Armário II	Descrito
170	MOZART & MOHLER	Armário II	Descrito
171	ESTE E O LAMARTINE QUE EU GOSTO	Armário II	Descrito
172	OS GRANDES DA MPB ALTEMAR DUTRA	Armário II	Descrito
173	A ARTE DO ESPETÁCULO AO VIVO HELENA DE LIMA	Armário II	Descrito
174	NOEL ROSA INÉDITO E DESCONHECIDO	Armário II	Descrito
175	ARY BARROSO 100 ANOS	Armário II	Descrito
176	JACKSON DO PANDEIRO	Armário II	Descrito
177	O SOM DE ALMEIDA PRADO	Armário II	Descrito
178	PINTO DO ACORDEON	Armário II	Descrito
179	“REVIVENDO NOEL ROSA POR MARIO REIS, ARACY DE ALMEIDA “	Armário II	Descrito
180	“100 ANOS DE MUSCIA POPULAR BRASILEIRA VOL 3, VOL 4”	Armário II	Descrito
181	CLASSIC VOYAGE/WA MOZART	Armário II	Descrito
182	HANDEL (1685-1759) CONCERTI GROSSI OP6 NOS 9-12	Armário II	Descrito
183	WOLFGANG AMADEUS MOZART/ CLASSIC MASTERS	Armário II	Descrito
184	JÓIAS DA MUSICA /OS CLÁSSICOS DOS CLÁSSICOSVL. 8	Armário II	Descrito
185	FELIX MENDELSSOHN/BARTHOLDY/CLASSIC MARTERS	Armário II	Descrito
186	PENTAGON CLASSICS/CÉSAR FRANCK-JULES MASSENET	Armário II	Descrito
187	PENTAGON CLASSICS/GUSTAV HOLST-THE PLANETS	Armário II	Descrito
188	SYMPHONY NO 9/GUSTAV MOHLER	Armário II	Descrito
189	GUSTAV MOHLER -SYMPHONY NO 7	Armário II	Descrito
190	GUSTAV MOHLER-SYMPHONY NO 3	Armário II	Descrito
191	“GRANDES REGENTES-BRAHMNS (RATTLE ,FURTWANLER , SINOPO- LI)”	Armário II	Descrito
192	VISITANDO POEMAS 1 (FLAVIO DI GIORGI) OBS: CD DUPLO COLE- ÇÃO	Armário II	Descrito
193	VISITANDO POEMAS 2 (FLAVIO DI GIORGI) OBS: CD DUPLO COLEÇÃO	Armário II	Descrito
194	MARIA CALLAS (HER GREATEST ARIAS AND SCENES)	Armário II	Descrito
195	DIVAGAÇÕES POÉTICAS (RICARDO SIMÕES) VIOLÃO	Armário II	Descrito
196	HEITOR VILLA –LOBOS (O DESCOBRIMENTO DO BRASIL /SUITES NOS.1-4)	Armário II	Descrito
197	HEITOR VILLA-LOBOS(CZECHO SLOVAK-RADIO SYMPHONY)	Armário II	Descrito
198	HEITOR VILLA-LOBOS (CHORUS 8 E 9)	Armário II	Descrito
199	“FERNANDO ARAUJO (VILLA-LOBOS,PIAZZOLA E GANOTTO)”	Armário II	Descrito
200	“HEITOR VILLA -LOBOS (PEQUENA SUITE , BACHIANAS BRASIEIRAS.)”	Armário II	Descrito
201	100 ANOS DE MUSICA POPULAR BRASILEIRA VOL 7 VOL 8	Armário II	Descrito
202	COMPOSITORES TCHAIKOVSKY VOL. 2	Armário II	Descrito
203	COMPOSITORES BEETHOVEN VOL. 3	Armário II	Descrito

2 / 2

Caixa: QA6**Conteúdo: Sonoro****Total: 87**

#	TÍTULO	LOCALIZA- ÇÃO	SITUAÇÃO
204	COMPOSITORES ROSSINI & VERDI VOL. 8	Armário II	Descrito
205	THE ITALIAN BAROQUE GREAT CONCERTOS	Armário II	Descrito

206	ANTONIO VIVALDI / GIOVANNI BATTISTA PERGOLESİ STABAT MATER	Armário II	Descrito
207	ANTONIO VIVALDI OBRAS CORAIS	Armário II	Descrito
208	VIVALDI	Armário II	Descrito
209	VIVALDI 5 CONCERTOS PARA VIOLINO E ORQUESTRA	Armário II	Descrito
210	CD VIVALDI / CAPA CHOPIN	Armário II	Descrito
211	LUDWIG VAN BEETHOVEN-CLASSIC MASTERS	Armário II	Descrito
212	THE GREATEST CLASSICAL HITS-GEORG TRUDRICH HANDEL	Armário II	Descrito
213	CLASSIC MASTERS -ADVORÁK DANÇAS ESLAVAS	Armário II	Descrito
214	CLASSIC MASTERS- KIMSKY-KORSAKOV SCHEHERAZADE	Armário II	Descrito
215	CLASSIC MASTERS-G F HANDEL CONCERTO GROSSO	Armário II	Descrito
216	CLASSIC MASTERS-J. HOYDN. CONCERTO PARA VIOLONCELO/OR- QUESTRA	Armário II	Descrito
217	CLASSIC MASTERS-NOVAK-DVORAK	Armário II	Descrito
218	SÉRIE CLÁSSICOS- BEETHOVEN	Armário II	Descrito
219	SÉRIE CLÁSSICOS-HAYDN	Armário II	Descrito
220	SÉRIE CLÁSSICOS-HAYDN	Armário II	Descrito
221	"CLASSIC MASTERS. MÚSICA FRANCESA PARA PIANO. CAMILO SAINT- -SAËNS, JEAN	Armário II	Descrito
222	"CLASSIC MASTERS. LEOŠ JANÁ?EK, TORAS BULBA – SINFONIETA"	Armário II	Descrito
223	SÉRIE CLÁSSICOS. HAYDN – THE VIENA CLASSICSM IN SLOW MOVE- MENTS	Armário II	Descrito
224	SÉRIE CLÁSSICOS. HAYDN – THE VIENA CLASSICSM IN SLOW MOVE- MENTS	Armário II	Descrito
225	SÉRIE CLÁSSICOS. HANDEL & HAYDN – ORGAN CONCERTOS	Armário II	Descrito
226	THE GREATENT CLASSICAL HITS – SCHUMANN	Armário II	Descrito
227	THE GREATENT CLASSICAL HITS - DVO?ÁK	Armário II	Descrito
228	HAYDN – A CRIAÇÃO (1). MÚSICA SACRA Nº 19	Armário II	Descrito
229	"MENDELSSOHN – ELIAS, OP70 (1). MÚSICA SACRA Nº 22"	Armário II	Descrito
230	VIVALDI – JUDITHA TRIUMPHANS RV 644 (2). MÚSICA SACRA Nº 59	Armário II	Descrito
231	CLASSICOS VILLA-LOBOS (CLAUDIO VETORI/VERUSKA MAINHARD)	Armário II	Descrito
232	HEITR VILLA –LOBOS (OS COROS DE CAMRA –PREIMEIRA GRAVÇÃO COMPLETA)	Armário II	Descrito
233	FLORESTA DO AMAZONAS –HEITOR VILLA-LOBOS	Armário II	Descrito
234	"HEITOR VILLA-LOBOS , SYMPHONY NO.6 "	Armário II	Descrito
235	VILLA-LOBOS E PROKOFIEFF (UIRAPURU –BACHIANAS BRASILEIRAS N:1)	Armário II	Descrito
236	VILLA-LOBOS / HAKEL TAVARES(AO VIVO NO TEATRO MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO	Armário II	Descrito
237	VILLA-LOBOS(FANTASIA CONCERTANTE PARA ORQUESTRA DE VIO- LONCELOS)	Armário II	Descrito
238	HEITOR VILLA-LOBOS (BAHIANAS BRAILEIRAS –ORQUESTRA DE RA- DIO TELEVISASO	Armário II	Descrito
239	VILLA-LOBOS (COMPLETE MUSIC FOR SOLO GUITAR)	Armário II	Descrito
240	MARIA LUCIA GODOY(14 SERESTAS DE VILLA-LOBOS	Armário II	Descrito
241	OS GRANDES CLÁSSICOS / O MELHOR DA MUSICA BARROCA	Armário II	Descrito
242	SVIATOSLAV RICHTER	Armário II	Descrito
243	ARTHUR RUBINSTEIN VOL.I	Armário II	Descrito
244	ARTHURO TOSCANINI VOL. V	Armário II	Descrito
245	MOZART/ GREAT MASS IN C MINOR	Armário II	Descrito
246	KAYDN/ PEQUENA MISSA COM ORGÃO	Armário II	Descrito
247	ROMANTIC CLOSSICS 22	Armário II	Descrito
248	THE GREATS CLASSICAL HITS/ WAGNER	Armário II	Descrito
249	CANTO LITURGICO RUSSO	Armário II	Descrito

250	THE VIENNA CLASSICISM/ IN SLAW MOVIMENTS/SERIECLASSICOS/ MOZART	Armário II	Descrito
251	“VILLA-LOBOS (QUARTETOS DE CORDAS 15,16,17 –QUARTETO BESSLER REIS)”	Armário II	Descrito
252	“VILLA-LOBOS,HAKEL TAVARES (AO VIVO NO TEATRO MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO	Armário II	Descrito
253	“VILLA-LOBOS (QUARTETOS DE CORDAS 4,5,6 –BESSLER-REIS)”	Armário II	Descrito
254	DIVAGAÇÕES POÉTICAS- RICARDO SIMÕES (OUTRA CÓPIA)	Armário II	Descrito
255	CAETANO VELOSO –MPB COMPOSITORES	Armário II	Descrito
256	ADONIRAN BARBOSA-MPB COMPOSITORES	Armário II	Descrito
257	DORIVAL CAYNMI-MPB COMPOSITORES	Armário II	Descrito
258	BRAGUINHA –MPB COMPOSITORES	Armário II	Descrito
259	NOEL ROSA – MPB COMPOSITORES	Armário II	Descrito
260	ASSIS VALENTE –MPB COMPOSITORES	Armário II	Descrito
261	VIVALDI (LE QUATTRO STAGIONI)	Armário II	Descrito
262	VIVALDI (LE QUATTRO SATAGIONI) OBS: OUTRA CÓPIA	Armário II	Descrito
263	“VIVALDI ,CORELLI ,ALBINONI (THE FOUR SEASONS)”	Armário II	Descrito

1 / 2

Caixa: QA6**Conteúdo: Sonoro****Total: 87**

264	ANTONIO VIVALDI (CONCERTOS AND SIMFONIAS)	Armário II	Descrito
265	LISZT MAZEPPA (ORQUESTRA FILARMONICA DE BERLIM)	Armário II	Descrito
266	“TCHAIKOVSKY/STRAVINSKY (SINFONIA N°6 , OP 74 ‘PATÉTICA’”	Armário II	Descrito
267	“VORÁK (ORQUESTRA FILARMONICA DE BERLIM ,ORC.ENGLISH CHAMBER)”	Armário II	Descrito
268	GUITAR SERENADE (SPANISH GUITAR)DANIEL BENKO OBS: APENAS O CD	Armário II	Descrito
269	J. S. BACH (A PAIXÃO SEGUNDO SÃO MATEUS (3) ORCHESTRA AMS-TERDAM)	Armário II	Descrito
270	“VIVALDI (LANDATE PUERI, IN FURORE , NULLA IN MNDO POX SINCE-RA)”	Armário II	Descrito
271	J. S. BACH – A PAIXÃO SEGUNDO SÃO MATEUS (1). MÚSICA SACRA N° 14.	Armário II	Descrito
272	ROBERT SCHUMANN – ALBUM FOR THE YOUTH.	Armário II	Descrito
273	JÓIAS DA MÚSICA – OS CLÁSSICOS DOS CLÁSSICOS	Armário II	Descrito
274	CLASSIC MASTERS. WOLFGANG AMADEUS MOZART – REQUIEM EM RÉ MENOR K. 626.	Armário II	Descrito
275	CLASSIC MASTERS. GUSTAV MAHLER – SINFONIA N° 1 <TITÃ>.	Armário II	Descrito
276	CLASSIC MASTERS. RECITAL DE PIANO I	Armário II	Descrito
277	CLASSIC MASTERS. JOSEPH HAYDN. CONCERTOS EM RÉ E DÓ MAIOR.	Armário II	Descrito
278	CLASSIC MASTERS. MAURICE RAVEL. CONCERTO PARA PIANO E ORQUESTRA. SHÉHÉR	Armário II	Descrito
279	CLASSIC MASTERS. JOHANN SEBASTIAN BACH. OBRAS PARA ÓRGÃO	Armário II	Descrito
280	CLASSIC MASTERS. LUIGI BACCHERINI - WOLFGANG AMADEUS MOZART. CONCERTOS	Armário II	Descrito
281	VIVALDI / MÚSICA MAESTRO	Armário II	Descrito
282	REVIVENDO / FRANCISCO ALVES	Armário II	Descrito
283	CANTA BRASIL FRANCISCO ALVES	Armário II	Descrito
284	MÚSICAS BRASILEIRAS VOL. 3	Armário II	Descrito
285	“CARNAVAL SUA HISTORIA, SUA GLÓRIA VOL. 17 “	Armário II	Descrito
286	MOMENTOS DE PAZ 2	Armário II	Descrito
287	O CARNAVAL DE LAMARTINE BABO	Armário II	Descrito

288	CARNAVAL SUA HISTORIA SUA GLÓRIA VOL. 3	Armário II	Descrito
289	J. S. BACH	Armário II	Descrito
290	J. S. BACH OBRAS PARA ORGÃO	Armário II	Descrito

2 / 2

Caixa: QA7 Conteúdo: Sonoro

Total: 125

#	TÍTULO	LOCALIZA- ÇÃO	SITUAÇÃO
291	ROSSINI. STABAT MATER – MÚSICA SACRA Nº 24	Armário II	Descrito
292	ROMANTIC CLASSICS 17. INVITATION TO THE DANCE	Armário II	Descrito
293	RAFAEL KUBELIK – VOLUME I	Armário II	Descrito
294	JASCHA HEIFETZ – VOLUME II. THE GOLDEN THIRTIES PART I	Armário II	Descrito
295	ARTURO TOSCANINI VOLUME V. CONDUCTR BRAHMS. EIN DEUTSCHES REQUIEM OP. 45	Armário II	Descrito
296	OS GRANDES CLÁSSICOS – ROBERT SCHUMANN. SINFONIA ° 3 “RE-NANA”. SI	Armário II	Descrito
297	OS GRANDES CLÁSSICOS – LUDWIG VAN BEETHOVEN. SINFONIA Nº6 “PASTORAL	Armário II	Descrito
298	“OS GRANDES CLÁSSICOS - ANTONIO VIVALDI. CONCERTOS PARA FLAUTA,VIOLENO,	Armário II	Descrito
299	J. S. BACH – VIOLIN CONCERTOS. DOUBLE CONCERTO.	Armário II	Descrito
300	MOZART & MAHLER. PIANO QUARTETIN G MINOR K. 478. PIANO QUARTET IN E FLAT	Armário II	Descrito
301	GUITAR SERENADE (SPANISH GUITAR)OBS: OUTRA CÓPIA	Armário II	Descrito
302	GUITAR SERENADE (SPANISH GUITAR)	Armário II	Descrito
303	THE VIVALDI EXPERIENCE (TWO AND A HOLF HOURS OF ITALIAN –BAROQUE BRILLI	Armário II	Descrito
304	OS GRANDES SAMBAS DA HISTÓRIA (VOLUME 1)	Armário II	Descrito
305	OS GRANDES SAMBAS DA HISTÓRIA(VOLUME 3)	Armário II	Descrito
306	OS GRANDES SAMBAS DA HISTÓRIA (VOLUME 38)	Armário II	Descrito
307	OS GRANDES SAMBAS DA HISTÓRIA (VOLUME 20)	Armário II	Descrito
308	OS GRANDES SAMBAS DA HISTÓRIA (VOLUME 31)	Armário II	Descrito
309	OS GRANDES SAMBAS DA HISTÓRIA (VOLUME 2)	Armário II	Descrito
310	TCHAIKOVSKY(1840-1893)- NUTCRACKER SUITE /SWAN LAKE SUITE	Armário II	Descrito
311	GREAT RECORDINGS OF THE CENTURY / J.S. BACH	Armário II	Descrito
312	J.S. BACH	Armário II	Descrito
313	BACH/BAROQUE MASTERPIECES/THE CLASSICAL COLLETION.	Armário II	Descrito
314	CARNAVAL SUA HISTÓRIA SUA GLÓRIA VOL 6/ REVIVENDO	Armário II	Descrito
315	DUPLAS DE BAMBAS/ RIVIVENDO	Armário II	Descrito
316	DOMENICO SCARLATTI/ COMPLETE KEYBOARD SONATAS V.I	Armário II	Descrito
317	LUDWING VAN BEETHOVEM	Armário II	Descrito
318	CLAUDE DEBUSSY/CULTURA CLASSICA	Armário II	Descrito
319	CHOPIN/WALTZES (COMPLETOS)	Armário II	Descrito
320	CHOPIN/PIANO CONCERTOS	Armário II	Descrito
321	“SCHUMANN – SYMPHONY Nº 1, SYMPHONY Nº3”	Armário II	Descrito
322	“TCHAIKOVSKY – SYMPHONY Nº 6, PATHÉTIQUE”	Armário II	Descrito
323	MOZART – SYMPHONY Nº 41 “JUPITER”. SYMPHONIES NOS. 25 AND 32.	Armário II	Descrito
324	J. S. BACH. PIANO CONCERTOS (COMPLETE). VOL. 2. BWV 1055-1058	Armário II	Descrito
325	“J. S. BACH: WELL TEMPERED CLAVIER, BOOK TWO.”	Armário II	Descrito
326	JOHANN SEBASTIAN BACH. VIOLIN CONCERTOS. VIOLINKONZERTE. BWV 1041-1042.	Armário II	Descrito

327	CD1 – ORATÓRIO DE NATAL – WEIHNACHTSORATORIUM. CHRISTMAS ORATORIO. C	Armário II	Descrito
328	BACH – PENTAGON COLLECTION.	Armário II	Descrito
329	O REI DA VOZ CANTA FRANCISCO ALVES – REVIVENDO	Armário II	Descrito
330	JOHANNES BRAHMS (1833 – 1897).	Armário II	Descrito
331	BACH (1685-1750) ORCHESTRAL SUITES NOS 2 E 3	Armário II	Descrito
332	MENDELSSOHN-BARTHOLDY- MOZART –VIOLIN CONCERTO OP.64	Armário II	Descrito
333	“HANDEL (1685-1759) –ORGAN CONCERTOS OP.NOS 4,5,6”	Armário II	Descrito
334	ROSSINI (1792-1868) FAMOUS OVERTURES	Armário II	Descrito
335	THE VIVALDI EXPERIENCE (TWO I AND A HALF HOURS OF ITALIAN BAROQUE BRILL	Armário II	Descrito
336	“J.S. BACH (SUITES OVERTURES ,VOL. 1)”	Armário II	Descrito
337	J.S.BACH (ORQUESTRA CAMARA DE MOSCOU)	Armário II	Descrito
338	JOHANN SABASTIAN BACH (VIOLIN CONCERTOS BWV 1041 E 1042)	Armário II	Descrito
339	JOHANN SEBASTIAN BACH (CONCERTO PARA VIOLINO –CAMARATA FUKUDA)	Armário II	Descrito
340	BACH (EM INSTRUMENTOS ANTIGOS)	Armário II	Descrito
341	BACH (VIOLIN CONCERTOS IN A MINOR E E MAJOR)	Armário II	Descrito
342	BACH (VIOLIN CONCERTOS IN A MINOR E E MAJOR) OBS: OUTRA CÓPIA	Armário II	Descrito
343	CLÁSSICOS BARROCO (FAIXA 1 – CONCERTO GROSSO OPUS 3/8 VIVALDI)	Armário II	Descrito
344	OS DIAS DA MADREDEUS -1982- LISBOA	Armário II	Descrito
345	ADAGIO (GABRIEL FUMET- FLAUTA / JEAN PAUL IMBERT-ORGÃO)	Armário II	Descrito
346	BACH (CONCERTOS NOS 1 E 2)	Armário II	Descrito
347	J.S. BACH / J.J. FROBERGER	Armário II	Descrito
348	JOHANN SEBASTIAN BACH (CONCERTO PARA VIOLINO)	Armário II	Descrito
349	“MAGNIFICAT -BUDAPEST MADRIGAL CHOIR ,THE BUDAPEST STRINGS “	Armário II	Descrito
350	JOHANN SEBASTIAN BACH (INVENÇÕES E SINFONIAS)	Armário II	Descrito

1 / 3

Caixa: QA7 Conteúdo: Sonoro**Total: 125**

351	BACH/EM INSTRUMENTOS ANTIGOS	Armário II	Descrito
352	VILA-LOBOS/ HEKELTAVERES	Armário II	Descrito
353	MOZART/ INTEGRAL DE SONATAS PARA PIANO	Armário II	Descrito
354	INSIGNIA	Armário II	Descrito
355	BEETHOVEM	Armário II	Descrito
356	EDVARD GRIEG/ROBERT SCHUMANN	Armário II	Descrito
357	MUSICAL MEMORIES	Armário II	Descrito
358	KARAJAN	Armário II	Descrito
359	AMADEUS/ACADEMY OF ST MARTIN IN THE FIELDS/WOLFEGANGAMADEUS MOZART	Armário II	Descrito
360	AMADEUS/ACADEMY OF ST MARTIN IN THE FIELDS/WOLFEGANGAMADEUS MOZART	Armário II	Descrito
361	GLORIA .VIVALDI.CORELLI.A.SCARLATTI (THE ENGLISH CONCERT E CHOIR /TREVOR	Armário II	Descrito
362	CLASSIC CD – PIANO ESPECIAL – MÚSICA PARA O VERÃO	Armário II	Descrito
363	FRANCISCO ALVES. “IN MEMORIAN”	Armário II	Descrito
364	YO- YO MA PLAYS BACH	Armário II	Descrito
365	CLASSIC CD - OS MAIORES PIANISTAS DE TODOS OS TEMPOS	Armário II	Descrito

366	WOLFGANG AMADEUS MOZART – CONCIERTO PARA PIANO Y ORQUESTRA Nº21. CONCI	Armário II	Descrito
367	JASCHA HEIFETZ – VOLUME II	Armário II	Descrito
368	AMADEUS	Armário II	Descrito
369	CLASSIC CD – MÚSICA REVOLUCIONÁRIA PARTE II. A SAGRAÇÃO DA PRIMAVER	Armário II	Descrito
370	OS GRANDES CLÁSSICOS – J. S. BACH. VARIAÇÕES GOLDBERG. FANTASIA CROM	Armário II	Descrito
371	MOZART OVERTURES – VIVARTE	Armário II	Descrito
423	NELSON GONÇALVES & ARTHUR MOREIRA DE LIMA	Armário III	Descrito
424	OS CHOROS DOS CHORÕES	Armário III	Descrito
425	“CLASSIC MASTERS – PIOTR ILYCH TCHAIKOVSKY. SINFONIA Nº 6 EM B MENOR,	Armário III	Descrito
426	CLASSIC MASTERS – FRANZ LISZT – FANTASIA E FUGA EM CORAL. PRELÚDIO E	Armário III	Descrito
427	HANDEL – O MESSIAS (MESSIA H) (2).	Armário III	Descrito
428	DVOŽÁK (1841-1904) / BRUCH (1838-1920). – ANTONÍN DVOŽÁK / MAX BRUC	Armário III	Descrito
429	DEBUSSY – LE MARTYRE DE SAINT SÉBASTIEN	Armário III	Descrito
430	BETHOVEN (1770-1827) – LUDWIG VAN BETHOVEN	Armário III	Descrito
431	“CLASSIC MASTERS – PIOTR ILYCH TCHAIKOVSKY. SINFONIA Nº 6 EM B MENOR,	Armário III	Descrito
432	CLASSIC MASTERS – CELI DOMINA. VÁRIOS	Armário III	Descrito
433	CLASSIC MASTERS – FRANZ LISZT. CONCERTOS PARA PIANO. CONCERTO PATÉTICA	Armário III	Descrito
434	“J. S. BACH – ORATÓRIO DE NATAL, BWV 248 (1). MAGNIFICAT, BWV 243”	Armário III	Descrito
435	“BACH – GRANDE MISSA EM SI MENOR, BWV 232 (1)”	Armário III	Descrito
436	GOLDEN CLASSICS. A MÚSICA CLÁSSICA QUE TODOS GOSTAM	Armário III	Descrito
437	CLASSIC MASTERS – ANTON BRUCKNER. SINFONIA Nº 9	Armário III	Descrito
438	DEBUSSY – PIANO WORKS INCLUDING CLAIR DE LUNE (1890). NOCTURNE (ED. 19	Armário III	Descrito
439	BRUCKNER – TE DEUM. MISSA Nº 2 EM MI MENER MOTETES	Armário III	Descrito
440	THE CLASSICAL COLLECTION – BERLIOZ. ROMANTIC CLASSICS	Armário III	Descrito
441	A ROMANTICAL SERENADE	Armário III	Descrito
442	ANTON BRUCKNER – SYMPHONY NO. 4 ROMANTIC	Armário III	Descrito
443	CALLAS – OPERA ARIA. OPERA ARIAS. MARIA CALLAS	Armário III	Descrito
444	COMPOSITORES – TCHAIKIVISKY. GÊNIOS DA MÚSICA.	Armário III	Descrito
445	FRANZ LISZT – TOTENTAZ PARA PIANO SOLO E PARA ORQUESTRA. RAPSÓDIA HÚN	Armário III	Descrito
446	LANG LANG – THE CHOPIN ALBBUM	Armário III	Descrito
447	THE GREAT WATER MUSIC SUITER AND OTHER FAMOUS CONCERTOS	Armário III	Descrito
448	ROMANCE – VIOLÃO LATINO. PABLO COIMBRA Y LOS ROMANTICOS DE ACAPULCO	Armário III	Descrito
449	WOLFGANG AMADEUS MOZART – BICENTENNIAL 1791 – 1991. THE COMPLETE ORIG	Armário III	Descrito
450	TENORES AO VIVO	Armário III	Descrito
451	THE MAHLER EXPERIENCE. OVER 2 HOURS OF MANUMENTAL AND INSPIRING MUSIC	Armário III	Descrito
452	THE VIVALDI EXPERIENCE. TWO AND A HALF HOURS OF ITALIAN BAROQUE BRILLIANT	Armário III	Descrito
453	MOZART. SERENADE NO. 13 “A LITTLE NIGHT MUSIC”	Armário III	Descrito
454	BRALMS THE PIANO CONCERTOS	Armário III	Descrito
455	GREGÓRIO BARRIOS – O REI DO BOLERO. REVIVENDO	Armário III	Descrito
456	REVIVAL – BRAZILIAN MUSIC FOR VIOLA & PIANO	Armário III	Descrito

457	JÓIAS DA MÚSICA – OS CLÁSSICOS DOS CLÁSSICOS	Armário III	Descrito
458	HAMILTON DE HOLANDA & JOEL NASCIMENTO. DE BANDOLIM A BANDOLIM	Armário III	Descrito
459	SERGEI PRAKOFIEV. SINFONIA Nº 5. O ANO DE 1941	Armário III	Descrito
460	"THE GREAT SYMPHONY NO. 6, PATHETIQUE AND OTHER FAMOUS SYMPHONES"	Armário III	Descrito
461	THE ESSENTIAL YO-YO MA	Armário III	Descrito
462	PHILIP GLASS – "LOW" SYMPHONY. LOW SYMPHONY BY PHILIP GLASS FROM TH	Armário III	Descrito

2 / 3

Caixa: QA7 Conteúdo: Sonoro

Total: 125

463	CAMILLE SAINT-SAËNS. SYMPHONY NO. 3. ORGAN. ORGEL – SYMPHONIE. AVIC OR	Armário III	Descrito
464	BIZET – CARMEN SUITES NR. 1 Y NR. 2	Armário III	Descrito
465	STRAVINSKY (1882 – 1971) – LE SACRE DU PRINTEMPS PÉTROUCHKA	Armário III	Descrito
466	GREAT MELODIES	Armário III	Descrito

3 / 3

Caixa: QA10 Conteúdo: Sonoro

Total: 128

#	TÍTULO	LOCALIZAÇÃO	SITUAÇÃO
372	"HAYDN/QUARTETO OP. 09 N.1,3 E 4(CD S/ CAPA)"	Armário II	Listado
373	VILA LOBOS/OBRAS P/ VIOLONCELO E PIANO (CD S/ CAPA)	Armário II	Listado
374	WOLFEGANG AMADEUS MOZART/ CONCERTO NO.23 IN A MAJOR (CD S/ CAPA)	Armário II	Listado
375	CAUBY PEIXOTO (CD S/ CAPA)	Armário II	Listado
376	L'OISEAU- LYRE /WOLFEGANG AMADEUS MOZART (CD S/ CAPA)	Armário II	Listado
377	BRAGUINHA 3/SONGBOOK(CD S/ CAPA)	Armário II	Listado
378	REVIVENDO/VICENTE CELESTINO (CD S/ CAPA)	Armário II	Listado
379	JOHANN SEBASTIAN BACH/DEI KUNST DER FUGE(CD S/ CAPA)	Armário II	Listado
380	JOÃO PESSOA / A MEMÓRIA DA CIDADE/JOCEMAR CHAVES (CD S/ CAPA)	Armário II	Listado
381	"NELSON FREIRE/CHOPIN-ÉTUDES,OP. 10 BARCAROLLE, OP 60 SONATA NO.2 (CD S/	Armário II	Listado
382	"BRASIL SERESTA" CARLOS JOSÉ (CD S/ CAPA)	Armário II	Listado
383	O ARTISTA CONTEMPORANEOPERNANBUCANO E O ENSINO DA ARTE (CD S/ CAPA)	Armário II	Listado
384	HEIFETZ BACH/ PARTITAS FOR UNACCOMPANIED VIOLIM(CD S/ CAPA)	Armário II	Listado
385	MUSICAL MEMORIES (CD S/ CAPA)	Armário II	Listado
386	COMPOSITORES/WAGNER/ BIZET (CD S/ CAPA)	Armário II	Listado
387	CLASSIC MASTERS/SCHUBERT-BRAHMS-BARTÓK	Armário II	Listado
388	"J.S. BACH/PIANO CONCERTOS (COMPLETE) VOL, 2/ BWV 1055-1058 (SOMENTE A CA	Armário II	Listado
389	BACH/VARIAÇÕES IN TEMAS DE GOLBERG	Armário II	Listado
390	MANUEL DE FALLA/GRAVAÇÕES HISTÓRICAS (CD S/ CAPA)	Armário II	Listado
391	DOMENICO SCARLATTI/ 12 SONOTAS PRA VIOLÃO (CD S/ CAPA)	Armário II	Listado
392	J.S. BACH/SUITES PARA VIOLA SOLO	Armário II	Listado
393	FRANCISCO TARREGA/NARCISO YEPES	Armário II	Listado
394	POESIAS HERMANO (POSSUI DEDICATÓRIA)	Armário II	Listado
395	DAOMENICA SCARLATTI/ SONATASVOL.13	Armário II	Listado
396	OTTOMM BARAQUE/ MUSIC	Armário II	Listado

397	MARIA LUCIA GODOY/ CANTA MANOEL BANDEIRA	Armário II	Listado
398	A ARTE DE MERCEDES / SOSA	Armário II	Listado
399	MARIO REIS / JURA	Armário II	Listado
400	JOSÉ SIQUEIRA	Armário II	Listado
401	AGUSTIM BANIOS(1885-19440 PEÇA PARA VIOLÃO	Armário II	Listado
402	JOHANN MATTHESON/ SUITES PARA CRAVO	Armário II	Listado
403	SCHUBERT/TRIO IN B OP.99 D.898	Armário II	Listado
404	MUSICA NA CATEDRAL DE GUATEMALA	Armário II	Listado
405	DVORAK	Armário II	Listado
406	CANTIGAS DE SANTA MARIA / REI AFONSO O SÁBIO	Armário II	Listado
407	DEBUSSY IMAGES I E II / 12 ESTUDOS	Armário II	Listado
408	SHOSTAKAVICH /QUARTETO N.1.8 E 9 VOL2	Armário II	Listado
409	BENJAMIM BRITTEM	Armário II	Listado
410	TELEMANN/MUSICA DE CÂMARA CONCERTOS	Armário II	Listado
411	MUSICA NA CORTE DE D. JOÃO V/ CANTATAS A SOLO E DUO	Armário II	Listado
412	RECORDANDO / F. GARCIA LORCA	Armário II	Listado
413	CHARPENTIER	Armário II	Listado
414	MODINHAS DO IMPÉRIO	Armário II	Listado
415	VIVALDI / CONCERTOS P / CORDAS E CRAVO	Armário II	Listado
416	BRAHMS / PIANO SONATAS N.1E2	Armário II	Listado
417	JOAQUIM RODRIGO	Armário II	Listado
418	PIANO BRASILEIRO / ARTUR MOREIRA LIMA	Armário II	Listado
419	SAX DE OURO/IVANILDO DO SAX	Armário II	Listado
420	"EINOJUHANI RAUTAVAARA/LAURA MIKKOLA, PIANO"	Armário II	Listado
421	SCHUMANN/BY JESSYE NORMAN	Armário II	Listado
422	CARNAVAL COM PINDUCA (APENAS CAPA)	Armário II	Listado
477	CHORINHOS DE OURO	Armário III	Listado
478	CÉSAR FRANK / JULES MASSENET	Armário III	Listado
479	CLAUDE DEBUSSY - LOS GRANDES CLÁSSICOS	Armário III	Listado
480	WOLFGANG AMADEUS MOZART - LOS GRANDES CLÁSSICOS	Armário III	Listado
481	ROMANTIC CLASSICS 14	Armário III	Listado
482	NICOLO PAGANINI - VIOLIN CONCERTO NO. 1	Armário III	Listado
483	CÉSAR FRANK / JULES MASSENET	Armário III	Listado
484	WOLFGANG AMADEUS MOZART - BICENTENNIAL 1791-1991	Armário III	Listado
485	SPIRITUS - MOZART / CHERUBINI / HAYDN	Armário III	Listado

1 / 3

Caixa: QA10**Conteúdo: Sonoro**

Total: 128

486	JOHANN SEBASTION BACH "CONCERTOS PARA VIOLINO" CAMERATA FUKUDA	Armário III	Listado
487	JOHANN SEBASTIAN BACH "CONCERTOS PARA VIOLINO" CAMERATA FUKUDA	Armário III	Listado
488	JOHANN SEBASTIAN BACH "CONCERTOS PARA VIOLINO" CAMERATA FUKUDA	Armário III	Listado
489	THE GLENN GOULD EDITION	Armário III	Listado
490	HEITOR VILLA-LOBOS / OS CHOROS DE CAMARA	Armário III	Listado
491	CHORINHOS - MP3	Armário III	Listado
492	CHORINHOS PARA SEMPRE - MP3	Armário III	Listado
493	A MÚSICA DO SECULO 18	Armário III	Listado
494	ROMANTIC CLASSICS 18	Armário III	Listado

495	A MÚSICA DO SÉCULO 18	Armário III	Listado
496	BEETHOVEN - SONATA FOR VIOLIN AND PIANO NO. 5	Armário III	Listado
497	RODRIGO / BACARISSE - NARCISOYEPES GODELIEVE MONDEN	Armário III	Listado
498	WOLFGANG AMADEUS MOZART - SERENATA K 525 ABERTURAS	Armário III	Listado
499	WOLFGANG AMADEUS MOZART - CONCERTOS PARA FLAUTA E ORQUESTRA Nº 1	Armário III	Listado
500	VIVARTE - MOZART MISSA LONGA K262	Armário III	Listado
590	BACH / BAROQUE MASTERPIECES / THE CLASSICAL COLLECTION	Armário III	Listado
591	LUDWIG VAN BEETHOVEN / CLASSIC MASTERS	Armário III	Listado
592	REVIVENDO / NAQUELE TEMPO / CHOROS E VALSAS	Armário III	Listado
593	SIR NEVILLE MARRINER / AMADEUS / THE COMPLETE ORIGINAL SOUNDTRACK RECORDI	Armário III	Listado
594	REVIVENDO / CARNAVAL / SUA HISTÓRIA SUA GLÓRIA	Armário III	Listado
595	J.S BACH / KEYBOARD CONCERTOS / GUHER E SIIHERPEKINEL	Armário III	Listado
596	GRUPO DE PRCURSÔ DA UFMG E CORAL INFANTIL DA FUNDAÇÃO CLOVIS SALGADO /	Armário III	Listado
597	VIVALDI / 5 CONCERTOS PARA VIOLINO E ORQUESTRA	Armário III	Listado
598	BACH / DANIEL HOPE / CHAMBIERORQUESTRA OF EUROPE	Armário III	Listado
599	DUO MOROZOWICZ/REITAL DE FLAUTA E PIANO	Armário III	Listado
600	MOZART / PIANO CONCERTOS	Armário III	Listado
601	FRANZ SCHUBERT / LUDWIG VAN BEETHOVE / GRAND GALA	Armário III	Listado
602	NEY MATOGROSSO / VIVO	Armário III	Listado
603	MISSA DE NOTREDAME / 5 MACHAUT	Armário III	Listado
604	JOHANN CHRISTIAN BACH / SONATAS PARA PIANO PARTE OP.5	Armário III	Listado
605	WOLFEGANG AMADEUS MOZART / SYMPHONIE NO 41 >>JUPITE<<. NO.40 / WINER PHILH	Armário III	Listado
606	VIVARTE / MOZART OVERTURES	Armário III	Listado
607	CONTILAUBE:CHANTS D' AUVERGNE / KIRE TE KANAWA	Armário III	Listado
608	ARTHUR MOREIRA LIMA / INTERPRETA ERNESTO NAZARETH	Armário III	Listado
609	O MEU PRIMEIRO DISCO DE VIVALDI	Armário III	Listado
610	CARNAVAL / SUA HISTÓRIA SUA GLÓRIA VOL. 6	Armário III	Listado
611	CAUPERIN / PIÈCESNDECLAVECIN / BOOK 2	Armário III	Listado
612	AVE MARIA / SCHUBERT LIEDER / ELLY AMELING	Armário III	Listado
613	MARCELLO / BACH / VIVALDI / ALBINONI	Armário III	Listado
614	"VIVALDI-ALBRECHTSBERGER / CONCERTOS PARA GUITARRA / CONCERTINO PARA FLAU	Armário III	Listado
615	MUSICA SACRA / RÉQUIEM K626	Armário III	Listado
616	VILLA-LOBOS / PARA CRIANÇAS	Armário III	Listado
617	VILLA-LOBOS / UIRAPURU	Armário III	Listado
618	ADAGIO	Armário III	Listado
619	CÉSAR FRANCK / MISSA A TRÊS VOZES	Armário III	Listado
620	NATL / TUDO QUE VOCÊ QUERIA SABER	Armário III	Listado
621	NIGHT OF LOVE	Armário III	Listado
622	CHRISTMAS ADAGIO / KARAJAN	Armário III	Listado
623	BEETHOVEN: STRING QUARTETS OP 59 NO. 3	Armário III	Listado
624	FALLA - GARCÍA LORCA - TURINA - MONTSALVATGE	Armário III	Listado
625	LALO / SAINT-SAËNS / BERLIOZ	Armário III	Listado
626	TCHAIKOVSKY - ROMÉU E JULIETA	Armário III	Listado
627	MAHLER - SINFONIA Nº 5	Armário III	Listado
628	ROSSINI - VERDI / CLAUDIO ABBADO	Armário III	Listado
629	WAGNER / RAFAEL KUBELIK	Armário III	Listado
630	MOZART - REQUIEM / BERNHARD KLEE	Armário III	Listado

631	TRUMPET CONCERTOS / ESSENTIAL CLASSICS	Armário III	Listado
632	A BAROQUE DAY-DREAM / SÉRIE CLÁSSICOS	Armário III	Listado
633	LISZT - LES PRÉLUDES / SÉRIE CLÁSSICOS	Armário III	Listado
634	LISZT: PIANO CONCERTOS NO. 1 & NO. 2	Armário III	Listado
635	VIVALDI / THOMAS FÜRI	Armário III	Listado

2 / 3

Caixa: QA10 Conteúdo: Sonoro

Total: 128

636	DEBUSSY / PHILIPPE ENTREMONT - ESSENTIAL CLASSICS	Armário III	Listado
637	JOHANN SEBASTIAN BACH / CAMERATA FUKUDA	Armário III	Listado
638	HAYDN - THE VIENNA CLASSICISM / SÉRIE CLÁSSICOS	Armário III	Listado
639	JOHANN SEBASTIAN BACH - 6 SUITES FOR CELLO SOLO	Armário III	Listado
640	SAINT-SAËNS: PIANO CONCERTOS NO. 2 & NO. 4	Armário III	Listado
641	JOSE MAURICIO NUNES GARCIA - OFFICIUM 1816	Armário III	Listado
642	SONATAS E SONATINAS - RADAMÉS GNATTALI	Armário III	Listado

3 / 3

Caixa: QA9 Conteúdo: Sonoro

Total: 49

#	TÍTULO	LOCALIZAÇÃO	SITUAÇÃO
541	ANTONIO VIVALDI-LE QUATTRO STAGIONI/DIE VIERJAHRESZEITEN- -THE FAUR SEASONS	Armário III	Descrito
542	"HENZE/GUITARMUSIC,2"	Armário III	Descrito
543	BRAHMS PIANO CONCERTO NO.2	Armário III	Descrito
544	PENTAGON CLASSICOS / BERLIOZ? SYMPHONIE FANTASTIQUE	Armário III	Descrito
545	CESAR FRACK / JULESB MASSENET	Armário III	Descrito
546	THE CLASSICAL COLLECTION/FRANCK	Armário III	Descrito
547	UM BAILE DE GALA/AS MAIS BELAS VALSAS	Armário III	Descrito
548	MENDELSSOHN	Armário III	Descrito
549	RECITAL	Armário III	Descrito
550	EDVARD GREIG	Armário III	Descrito
551	HOROWITZ/THE LAST RECORDING	Armário III	Descrito
552	CASA DECORAÇÃO/GRANDES COMPOSITORES-ANTONINDVORÁK	Armário III	Descrito
553	HANDEL/VIOLI SONATAS	Armário III	Descrito
554	MÚSICA BRASILEIRA PARA TRIO VIOLÕES	Armário III	Descrito
555	A VIVALDI/CLASSIC VOYAGE	Armário III	Descrito
556	VIVALDI/CHORAL WORKS	Armário III	Descrito
557	VIVALDI / CONCERTOS FOR STRINGS	Armário III	Descrito
558	TENORES AO VIVO	Armário III	Descrito
559	THE GLENN GOULD EDITION	Armário III	Descrito
560	THE PIAN GUYS	Armário III	Descrito
561	DVORACK/SMETANA	Armário III	Descrito
562	BEETHOVEN/SYMPHONY Nº 9 IN D MINOR	Armário III	Descrito
563	100 ANOS DE MÚSICA POPULAR BRASILEIRA	Armário III	Descrito
564	SCHUMANN/CONCERTO ROMÂNTICO	Armário III	Descrito
565	ASIAN MEDITATION	Armário III	Descrito
566	THE SISTINE CHOIR/IN CONCERTA T THEVATIAN	Armário III	Descrito
567	LISZT/CONCERTO ROMÂNTICO	Armário III	Descrito
568	MARIA CALLAS/EINLADUNG ZUM KONZERT VOL.3	Armário III	Descrito

569	BRAHMS/SINFONIA Nº 3 ABERTURA DO FESTIVAL ACADÊMICO	Armário III	Descrito
570	CHABRIER/DE FALLADEBYSSY	Armário III	Descrito
571	OTTORINO RESPIGHI/CLASSIC MASTERS	Armário III	Descrito
572	HAMILTON DE HOLANDA-JOEL NASCIMENTO/DE BANDOLIM A BANDO-LIM	Armário III	Descrito
573	LASSUS/ MISSA "BELL" AMFITRIT ALTERA SALMOS PENITENCIAIS VII	Armário III	Descrito
574	ORLANDO SILVA/PREFERÊNCIA NACIONAL	Armário III	Descrito
575	HAMILTON DE HOLANDA E JOEL NASCIMENTO/DE BANDOLIM A BANDOLIM	Armário III	Descrito
576	SERGEI RACHMANINOFF/CLASSIC MASTERS	Armário III	Descrito
577	MAUROBGIULIANO/GRANDE OUVERTURE-CONCERTO PARA GUITARRA	Armário III	Descrito
578	ACERVO ESPECIAL/ORLANDO SILVA	Armário III	Descrito
579	HAYDN/SALVE REGINA IN G MINOR DIE SHOPFUNG	Armário III	Descrito
580	SCHUBERT/BEETHOVEN	Armário III	Descrito
581	O MISTÉRIO DO CANTO GREGORIANO/CANTOS GREGORIANOS DE ESPANHA	Armário III	Descrito
582	TCHAIKOVSKY: PIANO CONCERTOS 1-3	Armário III	Descrito
583	ELLA FITZGERALD VOL.I E II	Armário III	Descrito
584	VIVE L FRANCE/BEAUTIFUL MUSIC COLLECTION	Armário III	Descrito
585	TRIPICO/ NO REINO DA AVE DOS TRÊS PUNHAIS	Armário III	Descrito
586	FRANCISCO CAMARO/MEUS MOMENTOS	Armário III	Descrito
587	SCHUBERT/ SCHUMANN	Armário III	Descrito
588	BACH/EM INSTRUMENTOS ANTIGOS	Armário III	Descrito
589	CAMERATA ANTIQUA DE CURITIBA	Armário III	Descrito

1 / 1

Caixa: QA11 Conteúdo: Sonoro

Total: 73

#	TÍTULO	LOCALIZAÇÃO	SITUAÇÃO
643	HEIFETS - BACH - SONATAS AND PARTITAS	Armário III	Listado
644	SIR NEVILLE MARRINER / AMADEUS / THE COMPLETE ORIGINAL SOUNDTRACK RECORDI	Armário III	Listado
645	MOZART / SYMPHONIES	Armário III	Listado
646	DANIEL BARENHAM / CHICAGO SYMPHONY ORQUESTRA SAMUEL MAGAD	Armário III	Listado
647	VIOLÃO: ARMINDO PIZEOLO/BACH	Armário III	Listado
648	BRASIL SERESTA / CARLOS JOSE	Armário III	Listado
649	O CRAVO FANTÁSTICO DE ROMEU	Armário III	Listado
650	BACH / CONCERTOS DE BRANDELBURGO	Armário III	Listado
651	BACH / SONATAS	Armário III	Listado
652	JOHANN SEBASTIAN BACH / CAMERATA FUKUDA "CONCERTOS PARA VOLINO"	Armário III	Listado
653	AS QUATRO ESTAÇÃO / VIVALDI-PRADO / JOÃO CARLOS MARTINS / FERNANDO COR	Armário III	Listado
654	MÚSICA FRANCESA PARA HARPA	Armário III	Listado
655	ALBERTO GINASTRO / SERENATA OP.42	Armário III	Listado
656	BENJAMIM BRITTER / CELLO SUITES	Armário III	Listado
657	VIVARTE / MOZART / SIX SYMPHONIES AFTER SERENADES	Armário III	Listado
658	NATAL COM BACH / JOÃO CARLOS MARTINS	Armário III	Listado
659	"BACH / BRANDENBURG CONCERTOS Nº 2, 4 E 6"	Armário III	Listado

660	“JOHANN SEBASTIAN BACH / CONCIERTOS DE BRANDEBURGO Nº 1, 2 E 4.”	Armário III	Listado
661	VILLA-LOBOS / DISCO I	Armário III	Listado
662	VILLA-LOBOS / DISCO II	Armário III	Listado
663	CLARA SVERNER / ALMA BRASILEIRA / HEITOR VILLA-LOBOS	Armário III	Listado
664	LATIN-AMERICAN CLASSICS / HEITOR VILLA-LOBOS	Armário III	Listado
665	HEITOR VILLA-LOBOS / OS CHOROS DE CÂMARA	Armário III	Listado
666	MÚSICA SÁCRA	Armário III	Listado
667	THE BEST WEDDING MUSIC	Armário III	Listado
668	MUSIC FOR A ROYAL WEDDING	Armário III	Listado
669	“J.S.BACH: BRANDINBURGISCHEKONZERTE 4,5,6 / THE ENGLISH CON- SERT / TREVOR	Armário III	Listado
670	H. VILLA-LOBOS / TRIO E DUOS DE CORDAS	Armário III	Listado
671	FRANCISCO ALVES	Armário III	Listado
672	MUSIQUE DU MONDE	Armário III	Listado
673	JEAN-PHILILLE / ROMEAU	Armário III	Listado
674	GUSTAV MUHLER	Armário III	Listado
675	O MELHOR DE CHIQUEINHA GONZAGA (NÃO ORIGINAL)	Armário III	Listado
676	FRANCISCO ALVES. “ IN MEMORIAM”	Armário III	Listado
677	A MÚSICA DE PAULO VANZOLINI. CARMEM COSTA / PAULO MARQUEZ	Armário III	Listado
678	REVIVENDO – CARMEM MIRANDA. A PEQUENA NOTÁVEL	Armário III	Listado
679	ACERVO ESPECIAL – ORLANDO SILVA	Armário III	Listado
680	100 ANOS – ATAULFO ALVES	Armário III	Listado
681	FRANCISCO ALVES	Armário III	Listado
682	CARMEM COSTA – ZIRIGUIDUM NO SAMBÃO	Armário III	Listado
683	JOÃO CARLOS ASSIS BRASIL – TODOS OS PIANOS	Armário III	Listado
684	OS GRANDES SUCESSOS DE FRANCISCO ALVES	Armário III	Listado
685	A FLORESTA DO AMAZONAS DE VILLA – LOBOS	Armário III	Listado
686	DIOGO NOGUEIRA – AO VIVO	Armário III	Listado
687	REVIVENDO – NOEL ROSA POR MÁRIO RÉIS E ARACY DE ALMEIDA. (NÃO ORIGIN	Armário III	Listado
688	QUADROS URBANOS - MARCOS SANTOS & PARCEIROS SEGUNDO SEUS INTÉRPRETES	Armário III	Listado
689	REVIVENDO – ORLANDO SILVA	Armário III	Listado
690	RAÍZES DO SAMBA – ARY BARROSO	Armário III	Listado
691	NEY MATOGROSSO – O CAIR DA TARDE	Armário III	Listado
692	ARTHUR MOREIRA LIMA INTERPRETA ERNESTO NAZARETH	Armário III	Listado
693	CANÇÕES BRASILEIRAS	Armário III	Listado
694	CONVITE PARA OUVIR JESSÉ	Armário III	Listado
695	FRANCISCO ALVES – O REI DA VOZ	Armário III	Listado
696	ORLANDO SILVA – O CANTOR DAS MULTIDÕES	Armário III	Listado
697	A BAROQUE FESTIVAL	Armário III	Listado
698	BEETHOVEN – SYMPHONY NO. 6 (PASTORAL)	Armário III	Listado
699	SÉRIE COLECIONADOR – À FLOR DA PELE / NEY MATOGROSSO & RAFAEL RABELL	Armário III	Listado
700	CLASSIC MASTERS – LUDWIG VAN BEETHOVEN	Armário III	Listado
701	OS GRANDES SAMBAS DA HISTÓRIA	Armário III	Listado
702	“NELSON FREIRE – CHOPIN: ETUDES, OP. 10. BARCAROLLE, OP. 60. SONATA NO	Armário III	Listado

1 / 2

Caixa: QA11**Conteúdo: Sonoro**

Total: 73

703	ARACY DE ALMEIDA – IN MEMORIAM	Armário III	Listado
704	SCHUMMAN – FANTASIE. STUCKE. SYMPHONISCHE ETUDEN SYMPHONIC ETUDES. U.A.	Armário III	Listado
705	WALDIR SILVA	Armário III	Listado
706	ORIGENS LEO GALDELMAN – CONCERTO PARA SAX E PIANO	Armário III	Listado
707	JOHN WILLIAMS PLAYS VIVALDI CONCERTOS	Armário III	Listado
708	NELSON FREIRE. LISZT: HARMONIES DU SOIR	Armário III	Listado
709	OS MELHORES CONCERTOS PARA PIANO	Armário III	Listado
710	CAPRICÓNIO	Armário III	Listado
711	J. S. BACH - KEYBOARD CONCERTOS	Armário III	Listado
712	BACH SONATAS - ODETTE ERNEST DIAS	Armário III	Listado
713	HAYDN - THE VIENNA CLASSICISM	Armário III	Listado
714	SCHUMMANN - SINFONIA Nº 2	Armário III	Listado
715	DVORÁK - SINFONIA Nº 8	Armário III	Listado

2 / 2

Caixa: QA12 Conteúdo: Sonoro

Total: 121

#	TÍTULO	LOCALIZAÇÃO	SITUAÇÃO
716	CHOPIN - CONCERTO PARA PIANO Nº 1	Armário III	Listado
717	STRAVINSKY / HONOGGER	Armário III	Listado
718	RICHARD STRAUSS-TRIOS PARA PIANO	Armário III	Listado
719	VILL-LOBOS –DISCO 5	Armário III	Listado
720	HEITOR VILLA-LOBOS –CHOROS NOS. 8 E 9	Armário III	Listado
721	HEITOR VILLA-LOBOS –SINFONIA N.6 SOBRE A LINHA DAS MONTANHAS –SINF	Armário III	Listado
722	BENJAMIM BRITTEM (1913-1976) CELLO SUITES – (CD –MUSIC FOR A ROYAL W	Armário III	Listado
723	DEBUSSY – PIANO	Armário III	Listado
724	MOZART – VIOLIN CONCERTOS NOS 1; 3 E 5	Armário III	Listado
725	HEITOR VILLA-LOBOS- PEQUENA SUITE; BACHIANAS BRASILEIRAS NOS. 2;5 E 6 .	Armário III	Listado
726	DISCO 4	Armário III	Listado
727	BEETHOVEN: PIANO SONATAS NO.8 IN C MINOR N° 29 IN B FLAT MA-NAJOR	Armário III	Listado
728	HEITOR VILLA-LOBOS –ALMA BRASILEIRA –CLARA SVERNER –PIANO	Armário III	Listado
729	LUDWIG VON BEETHOVEN –CONCERTO VIOLINO EM RÉ MAIOR ; OP. 61	Armário III	Listado
730	ROSSINI - KHACHTURIAN DUKAS	Armário V	Listado
731	DVORAK	Armário V	Listado
732	PIOTRILICH TCHAIKOWSKI / SERGEI PROKOFIEV	Armário V	Listado
733	LUDWIG VAN BEETHOVEN - CLASSIC MASTERS	Armário V	Listado
734	SCHUMANN (1810 - 1856)	Armário V	Listado
735	OSMGRANDES CLASSICOS / WOLFGANG AMADEUS MOZART	Armário V	Listado
736	MENDELSSOHN-BARTHOLDY / MOZART	Armário V	Listado
737	WOLF /R. STRAUSS	Armário V	Listado
738	PROKOFIEV / ROMEO AND JULIET (HIGHLIGHTS)	Armário V	Listado
739	THE GREATEST CLASSICAL HITS / SCHUMANN	Armário V	Listado
740	FRANZ SCHUBERT / CLASSIC MASTERS	Armário V	Listado
741	SCHUBERT / ROMANTIC MASTERPIECES	Armário V	Listado

742	RIMSKY-KORSAKOV / CHABRIER	Armário V	Listado
743	BRAHMS / FESTIVAL OVERTURE - TRAGICONERTURE	Armário V	Listado
744	LISZT / ROMANTIC MASTERPIECES	Armário V	Listado
745	MAHLER	Armário V	Listado
746	OS GRANDES CLASSICOS / HECTOR BERLIOZ	Armário V	Listado
747	BEETHOVEN / CONCERTO ROMANTICO	Armário V	Listado
748	GREAT COMPOSERS / VOLUME 1	Armário V	Listado
749	SCHUMANN	Armário V	Listado
750	FRANZ SCHUBERT / DER TOD UND DAS MÄDCHEN	Armário V	Listado
751	WAGNER / STRAUSS	Armário V	Listado
752	MÚSICA DA ÉPOCA GÓTICA	Armário V	Listado
753	CANTOS GREGORIANOS	Armário V	Listado
754	MENDELSSOHN / BRAHMS	Armário V	Listado
755	WOLFGANG AMADEUS MOZART / 3D CLASSICS	Armário V	Listado
756	AS VALSAS / JOHANN STRAUSS	Armário V	Listado
757	HANDEL / MUSIC FOR THE ROYAL FIREWORKS	Armário V	Listado
758	ALBÉNIZ / FALLA / TURINA / GOMBAU / GRANADOS / H. HALFFRE	Armário V	Listado
759	MENDELSSOHN / SINFONIA Nº 3 ESCOCESA	Armário V	Listado
760	MOZART / THE VIENNA CLASSICISM	Armário V	Listado
761	MOZART (1756 - 1791) / PIANO CONCERTOS Nº 23	Armário V	Listado
762	MOZART / PIANO CONCERTOS NOS. 19 & 24	Armário V	Listado
763	R. STRAUSS / ASSIM FALOU ZARATUSTRA	Armário V	Listado
764	OS GRANDES CLASSICOS / LUDWIG VAN BEETHOVEN	Armário V	Listado
765	BEETHOVEN / CONCERTO ROMANTICO	Armário V	Listado
766	HAYDN / THE VIENNA CLASSICISM	Armário V	Listado
767	MOZART (1756 - 1791)	Armário V	Listado
768	MAHLER (1860 - 1911)	Armário V	Listado
769	ARTURO TOSCANINI III	Armário V	Listado
770	CAMILLE SAINT-SAËNS / CLASSIC MASTERS	Armário V	Listado
771	MÚSICA MAESTRO / SCHUBERT	Armário V	Listado
772	CLASSIC CD / MÚSICA PARA CASAMENTOS - KIRI TEKANNA	Armário V	Listado
773	HAYDN - SCHUMANN / CLASSIC MASTERS	Armário V	Listado
774	BEETHOVEN / CONCERTO ROMANTICO	Armário V	Listado
775	LUDWIG VAN BEETHOVEN - CLASSIC MASTERS	Armário V	Listado

1 / 3

Caixa: QA12 Conteúdo: Sonoro**Total: 121**

776	JANÁČEK / KODÁLY	Armário V	Listado
777	OS GRANDES CLASSICOS / GUSTAV MAHLER	Armário V	Listado
778	DOVORAK / SLAVONIC DANCES OP. 46 & OP. 72	Armário V	Listado
779	BRAHMS - CONCERTO ROMANTICO	Armário V	Listado
780	BRAHMS - CONCERTO ROMANTICO	Armário V	Listado
781	MOZART / OBOE CONCERTO	Armário V	Listado
782	HANDEL / ANTIFONIA DE CHANDOS Nº 10	Armário V	Listado
783	HANDEL / DIXIT DOMINUS (PSALM 110)	Armário V	Listado
784	BRAHMS / CONCERTO ROMANTICO	Armário V	Listado
785	ROMANTIC CLASSICS 14 / FAMOUS PIANO MUSIC	Armário V	Listado
786	RIMSKY KORSKOV	Armário V	Listado
787	BEETHOVEN- L'ARCHIBUDELLI / VIVARTE	Armário V	Listado

788	MOZART / BEETHOVEN / SCHUMANN	Armário V	Listado
789	WOLFGANG AMADEUS MOZART / CONCERTOS PARA PIANO 11;12 E 5	Armário V	Listado
790	FRANZ SCHUBERT / CLASSIC MASTERS	Armário V	Listado
791	MENDELSSOHN / CONCERTO ROMANTICO	Armário V	Listado
792	OS GRANDES CLÁSSICOS / GIOACCHINO ROSSINI	Armário V	Listado
793	AVE MARIAS - SOCESSOS INTERNACIONAIS	Armário V	Listado
794	ÓPERA GALA / CALLAS - DI STEFANO - LANZA - PAVAROTTI	Armário V	Listado
795	DUKAS / SAINT-SAËNS / RAVEL	Armário V	Listado
796	SCHUBERT / QUINTET IN C R956	Armário V	Listado
797	GERSHWIN PLAYS GERSHWIN - THE PIANO ROLLS	Armário V	Listado
798	MEDIEVEL MASS OF BLESSED MARH - BALESTRINA	Armário V	Listado
799	STOKOWSKI BACH TRANSCRIPTIONS	Armário V	Listado
800	CLASSIC CD / SIBELUIS- HAYDB - MAHLER - GERSHWIN	Armário V	Listado
801	WOLFGANG AMADEUS MOZART / CONCERTO PARA DOIS PIANOS	Armário V	Listado
802	PAGANINI / CONCERTO PARA VIOLINO Nº 1 E 2	Armário V	Listado
803	J. HAYDN	Armário V	Listado
804	GRANDE FANTASIA TRIUNFAL-SOBRE O HINO NACIONAL BRASILEIRO	Armário V	Listado
805	GRANDES REGENTES –RATTLE; FURTWAIRGLES; INOPOLI	Armário V	Listado
806	BEETHOVEN :SYMPHONY NO.1 IN C MAJOR; OP 21	Armário V	Listado
807	JASCHA- HEIFETZ	Armário V	Listado
808	AVE LIBERTAS ! YARA FERRAZ E MARINA BRANDÃO	Armário V	Listado
809	PREMIO VISA INSTRUMENTAL	Armário V	Listado
810	WHIT SONG IN MY HEART-JOSÉ CARRERAS	Armário V	Listado
811	HAYDN	Armário V	Listado
812	CAMARGO GUARNIERI- ORQUESTRA SINFONICA DE SÃO PAULO	Armário V	Listado
813	BEETHOVEN—VIOLIN CONCERTO / HAYDN- SINFONIA CONCERTANTE	Armário V	Listado
814	HAYDN- CLASSICAL MASTERPIECES	Armário V	Listado
815	J. HAYDN –CUARTETOS PARA CUERDAS Nº 1;2;3;4	Armário V	Listado
816	ADAGIO –ALBINONI	Armário V	Listado
817	BEETHOVEN- PIANO SONATAS NOS. 16;7 E 18 .	Armário V	Listado
818	CONCERTO BANCO HOLANDÊS	Armário V	Listado
819	CHOPIN- BOLLADES. BECAUSE ; OP. 57 FANTASIE . OP 49	Armário V	Listado
820	BEETHOVEN- PIANO SONATAS. OP 27 Nº 2 ; NELSON FREIRE	Armário V	Listado
821	RUSSIAN MEDITATION	Armário V	Listado
822	MOZART- THE VIENA CLASSICISM	Armário V	Listado
823	CLÁSSICOS ETERNOS- BEETHOVEN	Armário V	Listado
824	MICHAEL –HEDGES	Armário V	Listado
825	CHOPIN- GODOWSHY ÉTUDES –BORIS BEREZOVSKY	Armário V	Listado
826	BIDU SAYÃO 1951	Armário V	Listado
827	DEBUSSY-POETICS IMPRESSIONS	Armário V	Listado
828	DUO MOROZOWICZ-RECITAL DE FLAUTA E PIANO	Armário V	Listado
829	RAIZES DO SAMBA –CARMEN MIRANDA	Armário V	Listado
830	STRAVINSKY- THE SOLDIER’S TALE	Armário V	Listado
831	ROANDO VILLAZON –MOZART	Armário V	Listado
832	FRENCH FESTIVAL	Armário V	Listado
833	RAWEL: PIANO CONCERTO IN G MAJOR – GASPAR DE LA NUIT –ARGE- RICH/ ABADO	Armário V	Listado
834	ROMANTIC ORGAN –VOL. ONE	Armário V	Listado
835	BRUCKNER –GREAT SYMPHONIES	Armário V	Listado
836	GESUALDO –TENEBRAE RESPONSOIRES FOR HOLY SATURDAY – FOUR MARIAN MOTETS	Armário V	Listado

2 / 3

Caixa: QA12 Conteúdo: Sonoro

Total: 121

3 / 3

Caixa: QA13 Conteúdo: Sonoro

Total: 172

#	TÍTULO	LOCALIZAÇÃO	SITUAÇÃO
837	SHUBERT –PIANO QUINTET “TRAUT. ADAGIO AND RONDO CONCERTANTE D 487	Armário V	Listado
838	MONTEVERDI – MUSICA SACRA N°47	Armário V	Listado
839	CANTO GREGORIANO –LUY MUNDI – LITURGIA DO NATAL	Armário V	Listado
840	RESSUSCITOU AELUIA	Armário V	Listado
841	GERSHWIN RAPSODIA IN BLUE PARGY AND BESS	Armário V	Listado
842	ORQUESTRA PETROBRAS PRO MUSIC –REGENCIA ARMANDO PRAZERES	Armário V	Listado
843	MUSICA PARA ORGÃO E TROMBETA	Armário V	Listado
844	ANDRES SERGOVIA	Armário V	Listado
845	L.V. BEETHOVEN –CONCERTO PARA VIOLIN	Armário V	Listado
846	10 MONTETS –MASS FOT 4 VOICES CALLAS: BIRDS	Armário V	Listado
847	UNIVERSO CLASSICO –SONIC COMPOSITORES	Armário V	Listado
848	ROBERT E CLARA – SHUMANN –CONCERTOS PARA PIANO E ORQUESTRA	Armário V	Listado
849	ANTONY DVORÁK –ABERTURA QUINTETO	Armário V	Listado
850	MASTERPIECES FOR HARP AND ORCHESTRA	Armário V	Listado
851	TCHAIKOVSKY- PIANO CONCERTO NO. 1 THE TEMPEST	Armário V	Listado
852	J.S BACH – SUITES (OVERTURES) ; VOL 1	Armário V	Listado
853	MOZART-POR CLARA SVERNER –INTEGRAS DAS SONATAS PARA PIANO	Armário V	Listado
854	YO-YO MA PLAYS BACH	Armário V	Listado
855	MARTHA ARGERICH-SHUMANN- PIANO CONCERTO E VIOLIN CONCERTO	Armário V	Listado
856	BRAVO	Armário V	Listado
857	A FLORESTA DO AMAZONAS DE VILLA LOBOS –JOÃO CARLOS / ASSIS BASIL	Armário V	Listado
858	CHORANDO BAIXINHO	Armário V	Listado
859	J.S.BACH-CANTATA 140 – MAGNIFICAT	Armário V	Listado
860	PIXIGUINHA E SEU TEMPO	Armário V	Listado
861	RACHMANINOV : THE BELLS – LIVE IN MOSCOW	Armário V	Listado
862	UMA HISTÓRIA DO CHORO	Armário V	Listado
863	MOZART-CONCERTOS NOS. 12 E 20 RONDO K. 382	Armário V	Listado
864	VILVALDI:LA STRAVAGANZA- ASMIF/ MAMINER	Armário V	Listado
865	GUIARRA CLÁSSICA ESPAÑOLA	Armário V	Listado
866	EUDÓXIA DE BARROS –INTERPRETA ZAQUINHA DE ABREU	Armário V	Listado
867	TCHAIKOVISY/ LISZT	Armário V	Listado
868	W.A. MOZART-SINFONIA N° 13	Armário V	Listado
869	BRAHMS-APOLLO CLASSICS	Armário V	Listado
870	J . HAYDN- 5 CONCERTOS EM DÓ MAIOR PARA ORGÃO E ORQUESTRA	Armário V	Listado
871	BACH-SONATAS	Armário V	Listado
872	ADONIRAN BARBOSA-SAUDOSA MALOCA	Armário V	Listado
873	OS MELHORES TANGOS –LA CUMPARSITA	Armário V	Listado

874	ORLANDO SILVA- O CANTOR DAS MULTIDÕES	Armário V	Listado
875	BEETHOVEN : TRIPLE CONCERTO ETC. OISTRAKH/ ROSTROPOVICH- -RICHTER- KARAJAN	Armário V	Listado
876	TRUMPET CONCERTOS	Armário V	Listado
877	WOLFGANG AMADEUS MOZART-FLUTE CONCERTOS K. 313 ;314- AN- DANTE	Armário V	Listado
878	HAYDN-PIANO TRIOS / COHEN HOBARTH COIN	Armário V	Listado
879	NELSON GONÇALVES-A VOLTA DO BOEMIO 2	Armário V	Listado
880	OS GRANEFS SUCESSOS DE FRANCISCO ALVES	Armário V	Listado
881	MESTRES DA MPB –FRANCISCO ALVES	Armário V	Listado
882	PIANO BRASILEIRO	Armário V	Listado
883	ANTONIO VIVALDI – FREDERICKE SAILESTH -MARGARETH BENCE	Armário V	Listado
884	WOLFGANG AMADEUS MOZART- ROYAL FHILARMONIC ORCHESTRA	Armário V	Listado
885	VLADIMIR HOROWITZ -VOLUME IV	Armário V	Listado
886	MARIA CALLAS –THE 1957 ATHENS CONCERT	Armário V	Listado
887	MOZART-CONCERTO FOR FLUTE AND ORCHESTRA NO. 1 E 2	Armário V	Listado
888	CARMEN MIRANDA- REVIVENDO	Armário V	Listado
889	MERCEDES SOSA –GRACIAS A LA VIDA	Armário V	Listado
890	WOLFGANG AMADEUS MOZART –PEQUENA SUITE MUSICA NOTURNA	Armário V	Listado
891	DEBUSSY-POETIC IMPRESSIONS	Armário V	Listado
892	POUR ELISE E OUTROS CLÁSSICOS FAVORITOS –PIANO	Armário V	Listado
893	JOSEPH HAYDN . SINFONIA N° 100 “MILITAR ” ; SINFIA N°101 O RELÓ- GIO	Armário V	Listado
894	MEDIEVAL MASS OF BLESSED MANY/ MISS AETERNA –CHISTRI MUNE- RA-PALESTRINA	Armário V	Listado
895	MARIA CALLAS –ARIE CELEBRI VOL.2	Armário V	Listado
896	SCHUBERT –CONCETO ROMANTICOS –SONATAS PARA PIANO D; 960	Armário V	Listado

1 / 3

Caixa: QA13 Conteúdo: Sonoro**Total: 172**

897	MARIA CALLAS –LUCIANO PAVAROTTI	Armário V	Listado
898	“SHUBERT-SINFONIA N° 9 “A GRANDI” - SHUMANN-ABERTURA MAN- FREDO- OP 115”	Armário V	Listado
899	“HAYDN-QUARTETOS DE CORDAS ; “IMPERADOR” ;”A AURORA” - MO- ZART “A CAÇA””	Armário V	Listado
900	MARTHA ARGERICH / NELSON FREIRE SALZBURG	Armário V	Listado
901	FRANCISCO ALVES-IN MEMORIAN	Armário V	Listado
902	SOUTH AMERICAN MEDITATION	Armário V	Listado
903	HAYDN - VIVALDI - TELEMANN - HAENDEL	Armário V	Listado
904	RAVEL - ANDRE CLUYTENS	Armário V	Listado
905	O MELHOR DA MUSICA BARROCA	Armário V	Listado
906	VIVALDI - DOUBLE CONCERTOS	Armário V	Listado
907	CALLAS - LA DIVINA	Armário V	Listado
908	VIVALDI / FAMOUS CONCERTI	Armário V	Listado
909	THE GREAT CONCERTO NO. 2	Armário V	Listado
910	CELEMANN / A PAIXÃO SEGUNDO SÃO MATEUS	Armário V	Listado
911	MARIA CALLAS / SINGS BELLINI	Armário V	Listado
912	VILLA-LOBOS / QUARTETOS DE CORDAS	Armário V	Listado
913	ENESCU: CELLO SONATA - VILLA-LOBOS	Armário V	Listado
914	LUDWIG VAN BEETHOVEN / RARIDADES	Armário V	Listado
915	LUDWIG VAN BEETHOVEN / CD9	Armário V	Listado

916	BEST MOZART 100	Armário V	Listado
917	CONCERT OF THE CENTURY	Armário V	Listado
918	MARIA FONTANA - PIANO 1	Armário V	Listado
919	VILLA-LOBOS PAR LUI-MEME	Armário V	Listado
920	100 ANOS DE MÚSICA POPULAR BRASILEIRA	Armário V	Listado
921	BACH - DIE KUNST DER FUGE / GRIGORY SOKOLOV	Armário V	Listado
922	ROMANTIC CLASSICS 18. FESTLICHE BOROCKMUSIK	Armário V	Listado
923	VIVALDI –CELLO CONCERTOS	Armário V	Listado
924	TRUMPET CONCERTOS –ANDRÉ KARAJAN	Armário V	Listado
925	A. VILVADI –CONCIERTOS PARA FLAUTA ; VIOLIN MANDOLINA	Armário V	Listado
926	ANTONIO VIVALDI-5 CONCERTOS PARA VIOLINO E ORQUESTRA	Armário V	Listado
927	ANTONIO VIVALDI-CONCERTOS E SINFONIAS	Armário V	Listado
928	A BAROQUE DAY DREAM	Armário V	Listado
929	ROMANCTIC CLASSICS 18- FESTLICHE BAROCKMUSIK	Armário V	Listado
930	ANTONIO VIVALDI –CONCERTOS E SINFONIAS	Armário V	Listado
931	AS QUATRO ESTAÇÕES DE VIVALDI	Armário V	Listado
932	VIVALDI E PIXIGUINHA	Armário V	Listado
933	A. VIVALDI-CONCERTOS	Armário V	Listado
934	GRANDES MOMENTOS –KARAJAN	Armário V	Listado
935	MUSIC MAESTRO –VIVALDI-THE ESSENTIAL	Armário V	Listado
936	A. VIVALDI CONCERTOS –OS SOLISTAS DE ZAGREB (CÓPIA)	Armário V	Listado
937	VIVALDI-FAMOUS CONCERTI	Armário V	Listado
938	A. VIVALDI-LAS CUATRO ESTACIONES	Armário V	Listado
939	A. VIVALDI –CONCERTOS –CLASSIC MASTERS	Armário V	Listado
940	DEUTSCHE –GRAMMOPHAN-VIVALDI /ALBINONI-CORELLI	Armário V	Listado
941	ANTONIO VIVALDI-CONCERTOS E SINFONIAS –OS SOLISTAS DE ZAGREB(CÓPIA)	Armário V	Listado
942	A BAROQUE DAY DREAM (CÓPIA)	Armário V	Listado
943	VIVALDI-FAMOUS CONCERT	Armário V	Listado
944	VIVALDI –L’ESTRO HARMONICO	Armário V	Listado
945	VIVALDI –WIND AND BRASS CONCERTI	Armário V	Listado
946	VILLA LOBOS –ORQUESTRA DE CAMARA	Armário V	Listado
947	VIVALDI-MÚSICA SACRA N°59	Armário V	Listado
948	CELEBRATION OF THE BAROQUE	Armário V	Listado
949	VAIVALDI-FAMOUS CONCERTI	Armário V	Listado
950	A. VIVALDI- CONCIERTOS	Armário V	Listado
951	ANTONIO VIVALDI -5 CONCERTOS PARA VIOLINO E ORQUESTRA (CÓPIA)	Armário V	Listado
952	ANTONIO VIVALDI-5 CONCERTOS PARA VIOLINO E ORQUESTRA (CÓPIA)	Armário V	Listado
953	LO MEJOR DE LA MUSICA BARROCA	Armário V	Listado
954	VENEZA: A MÚSICA DE VIVALDI	Armário V	Listado
955	COMPOSITORES –VIVALDI – ALBINONI ; VOL. 7	Armário V	Listado
956	VILLA -LOBOS DISCO 2	Armário V	Listado
957	DE LAS ALTURAS DE LOS ANDES - CULTURA DOS ANDES	Armário V	Listado

2 / 3

Caixa: QA13 Conteúdo: Sonoro**Total: 172**

958	WOLFGANG AMADEUS MOZART / CLASSIC MASTERS	Armário V	Listado
959	SCHUBERT	Armário V	Listado

960	TANGOS - ORQUESTRA SINFONICA MOZART / CLASSIC MASTERS	Armário V	Listado
961	SOUTH AMERICAN MEDITATION	Armário V	Listado
962	FASCINAÇÃO - ELIS REGINA	Armário V	Listado
963	BRASIL - MARCELO BRATKE / PIANO	Armário V	Listado
964	OS GRANDES DA MPB - NELSON CAVAQUINHO	Armário V	Listado
965	EUDÓXIA DE BARROS - INTERPRETA ZEQUINHA DE ABREU	Armário V	Listado
966	MESTRES DA MPB - FRANCISCO ALVES	Armário V	Listado
967	MUSIC FROM THE MOTION PICTURE	Armário V	Listado
968	HAYDN - AS ESTAÇÕES	Armário V	Listado
969	"PALESTRINA - MISSA " ASSUMPTA EST MARIA ""	Armário V	Listado
970	CARLOS GOMES - LEGENDARY PERFORMERS SING	Armário V	Listado
971	CARTAS A POSTERIDADE - FLAVIO VARANI	Armário V	Listado
972	HAYDN - SYMPHONES NOS. 26 (LAMENTATION) 94 - 104	Armário V	Listado
973	RIMSKY - KORSAKOV / BORODINE / RAVEL	Armário V	Listado
974	VILLA-LOBOS: CHORDS NOS. 8 & 9	Armário V	Listado
975	JOHANN SEBASTIAN BACH / CLASSIC MASTERS	Armário V	Listado
976	MARIA LUCIS GODOY - INTERPRETA VILLA-LOBOS	Armário V	Listado
978	AUDIO NEWS - COLLECTION VOL 1 JAZZ & BLUES	Armário V	Listado
979	MITUKO UCHIDA - PLAYS CHOPIN	Armário V	Listado
980	NO TEMPO DA SERESTA	Armário V	Listado
981	CHOPIN: NOCTURNES (COMPLETE) VOL 1	Armário V	Listado
982	CHOPIN GOLD	Armário V	Listado
983	BRAHMS: THE PIANO CONCERTOS / NELSON FREIRE	Armário V	Listado
984	JOHANN SEBASTIAN BACH / QUATRO SUITES	Armário V	Listado
985	"J. S. BACH - "CONCERTOS PARA VIOLINO " CAMERATA FUKUDA"	Armário V	Listado
986	"BACH GREAT MASS IN B MINOR; BMV 232"	Armário V	Listado
987	MUSICAL MEMORIES	Armário V	Listado
988	NELSON GONÇALVES - A VOLTA DO BOÊMIO VOL 2	Armário V	Listado
989	NELSON GONÇALVES - A VOLTA DO BOÊMIO VOL 1	Armário V	Listado
990	DOMIGUINHOS SIVUCA & OSWALDINHO	Armário V	Listado
991	MOZART: PIANO CONCERTOS NOS. 20 IN D MINOR	Armário V	Listado
992	MOZART - CONCERTOS FOR TWO & THREE PIANOS	Armário V	Listado
993	NELSON FREIRE - CHOPIN THE NOCTURNES	Armário V	Listado
994	SCHUMANN - PIANO CONCERTO IN A MINOR OP 54	Armário V	Listado
995	BEST MOZART 100	Armário V	Listado
996	MÚSICA MAESTRO ! - BACH	Armário V	Listado
997	J. S. BACH - QUATRO SUITES PARA ORQUESTRA	Armário V	Listado
998	BACH - ITALIAN CONCERTO - PARTITA / TOCCATA - AIR	Armário V	Listado
999	J. S. BACH: VIOLIN CONCERTOS - DOUBLE CONCERTO	Armário V	Listado
1000	BACH: FRENCH SUITES - ECC GAVRILOV - BUPIN	Armário V	Listado
1001	J. S. BACH: - CONCERTOS DE BRANDEBURGO N 1 2 4	Armário V	Listado
1002	ANDRÉ SEGOVIA	Armário V	Listado
1003	NELSON FREIRE - CHOPIN	Armário V	Listado
1004	J. S BACH - WEIHNACHTS ORATORIUM	Armário V	Listado
1005	"J. S. BACH - " CONCERTOS PARA VIOLINO " CAMERATA FUKUDA"	Armário V	Listado
1006	NELSON GONÇALVES - A VOLTA DO BOÊMIO VOL 2	Armário V	Listado
1007	TCHAIKOVSKY / RACHMANINOV / SCRIABIN	Armário V	Listado
1008	KARAJA - VIVALDI / BACH	Armário V	Listado
1009	A BAROQUE DAY-DREAM	Armário V	Listado

Caixa: QA14 Conteúdo: Sonoro

Total: 189

#	TÍTULO	LOCALIZA- ÇÃO	SITUAÇÃO
1010	A BAROQUE DAY-DREAM	Armário V	Listado
1011	J. S. BACH - ORGÃO ELISA FREIXO	Armário V	Listado
1012	VIVALDI - MAGDA KALMAR	Armário V	Listado
1013	GUIAR CONCERTOS - VIVALDI/KREBS / FASCH	Armário V	Listado
1014	VIVALDI / JUDITHA - TRIUMPHANS RV 644	Armário V	Listado
1015	NIGHT OF LOVE	Armário V	Listado
1016	O MELHOR DO VIOLÃO - JOSE RASTELI	Armário V	Listado
1017	FRANCISCO ALVES - JORGE FERNANDES - GASTÃO FORMENTI	Armário V	Listado
1018	OS GRANDES SAMBAS DA HISTORIA - 18	Armário V	Listado
1019	CAETANO CANTA VOL 2	Armário V	Listado
1020	NEY MATO GROSSO - UM BRASILEIRO (528077-2)	Armário V	Listado
1021	SEMPRE NAZARETH	Armário V	Listado
1022	OS MELHORES TANGOS DO MUNDO - LUIZ MENDOZA	Armário V	Listado
1023	CARNAVAL - SUA HISTORIA SUA GLORIA - VOL 6	Armário V	Listado
1024	CAUBY PEIXOTO - CD 73/6	Armário V	Listado
1025	ISMAEL SILVA - JARDS MACALÉ / DALVA TORRES	Armário V	Listado
1026	JUDY GARLAND - CHASING RAINBOWS	Armário V	Listado
1027	MEUS MOMENTOS - TRIO IRAKITAN - 2 CDS	Armário V	Listado
1028	A MÚSICA DO SÉCULO - 4	Armário V	Listado
1029	MÚSICA DE CINEMA - 2	Armário V	Listado
1030	OS GRANDES DA MPB - NEY MATO GROSSO	Armário V	Listado
1031	OBRAS PRIMAS - NEY MATO GROSSO	Armário V	Listado
1032	MILTON NASCIMENTO - MINHA HISTORIA	Armário V	Listado
1033	MESTRES DA MPB - ELIZETH CARDOSO	Armário V	Listado
1034	CARLOS GALHARDO - IN MEMORIAM	Armário V	Listado
1035	WALDIR SILVA - BOLEROS DE OURO	Armário V	Listado
1036	OS CHOROS DE CÂMARA	Armário V	Listado
1037	THE ESSENTIAL - MOZART	Armário V	Listado
1038	DEBUSSY - NELSON FREIRE	Armário V	Listado
1039	CAMINHOS BARROCOS - AMARAL VIEIRA: PIANO	Armário V	Listado
1040	HANDEL - APOLLO CLASSICS	Armário V	Listado
1041	THE GREAT COMPOSERS - SHORT PIECES	Armário V	Listado
1042	SERENATAS & ROMANCES	Armário V	Listado
1043	NATAL COM BACH - JOÃO CARLOS MARTINS	Armário V	Listado
1044	ILUMINURAS - MUSICA SILENCIOSA	Armário V	Listado
1045	ASTOR PIAZZOLLA CON ORCHESTRA	Armário V	Listado
1046	"BEETHOVEN - SONFONIA N. 6 "PASTORALE""	Armário V	Listado
1047	JÓIAS DA MÚSICA VOLUME 3 - OS CLASSICOS DOS CLASSICOS	Armário V	Listado
1048	MOZART - THE VIENNA CLASSICISM	Armário V	Listado
1049	A ROMANTICAL SERENADE	Armário V	Listado
1050	STABAT MATER	Armário V	Listado
1051	CLASSIC CD - MÚSICAS REVOLUCIONARIAS	Armário V	Listado
1052	MÚSICA DO BRASIL COLONIAL - COMPOSITORES MINEIROS	Armário V	Listado
1053	MARIA CALLAS - EINLADUNG ZUM KONZERT VOL 1	Armário V	Listado
1054	FRANZ SCHUBERT - IMPROMPTUS	Armário V	Listado
1055	BRAHMS - SYMPHONY NO. 3 - VARIATIONS	Armário V	Listado

1056	GUIOMAR NOVAES - OTTO KLEMPERER VOL 2	Armário V	Listado
1057	MPB - 4 / CANTA NOEL ROSA (FEITIÇO CARIOCA)	Armário V	Listado
1058	SONGBOOK - NOEL / PRODUZIDO POR ALMIR CHEDIAK	Armário V	Listado
1059	MARCO POLO VILLA-LOBOS: BACHIANAS BRASILEIRAS	Armário V	Listado
1060	MOZART: CLARINET & OBOE CONCERTOS / PAY-PIQUET	Armário V	Listado
1061	BEETHOVEN - THE VIENNA CLASSICISM	Armário V	Listado
1062	WOLFGANG AMADEUS MOZART (1756 - 1791))	Armário V	Listado
1063	CLASSIC MASTERS - W. A. MOZART CONCERTOS	Armário V	Listado
1064	J. S. BACH MATTHÄUS-PASSION (2)	Armário V	Listado
1065	FRANZ SCHUBERT (1797 - 1828)	Armário V	Listado
1066	W. A. MOZART - GRAND FALA / DIGITAL RECORDING	Armário V	Listado
1067	SCHUMANN - SYMPHONIC ETUDES ARABESQUE	Armário V	Listado
1068	EMI - CHOPIN: 14 VALSES; ETC.	Armário V	Listado
1069	THE MOST RELAZING PIANO ALBUM IN THE WORLD	Armário V	Listado

1 / 4

Caixa: QA14 Conteúdo: Sonoro

Total: 189

1070	SONY CLASSICAL - HIGHLIGHTS	Armário V	Listado
1071	GUSTAV MAHLER - SINFONIA Nº 6	Armário V	Listado
1072	JASCHA HEIFTZ	Armário V	Listado
1073	ESCOLANIA DE MONASTERIA DE EL ESCORIAL - PANIS AGELICUS	Armário V	Listado
1074	SCHUMANN - BRAHMS / CELLO CONCERTO	Armário V	Listado
1075	UNIVERSO CLÁSSICO 24 - SÉRIE COMPOSITORES	Armário V	Listado
1076	MERCURY LIVING PRESENCE - JANOS STARKER	Armário V	Listado
1078	ROMANTIC CLASSICS 22	Armário V	Listado
1079	FESTIVAL CLÁSSICO	Armário V	Listado
1080	BACH: TOCCATA & FUGUE - EDWARD POWER BIGGS; ORGAN	Armário V	Listado
1081	J. BRAHMS - CONCERTO Nº 2 PARA PIANO Y ORQUESTA OP. 83	Armário V	Listado
1082	THE BEST OF HAYDN	Armário V	Listado
1083	MISSA E OFÍCIO DO MORTOS	Armário V	Listado
1084	THE BEST OF SCHUMANN	Armário V	Listado
1085	ROMANTIC ORGAN - VOLUME ONE	Armário V	Listado
1086	CONCERTO PARA PIANO E ORQUESTRA / E. MELDELSOHN	Armário V	Listado
1087	HANDEL GREATEST HITS	Armário V	Listado
1088	JÓIAS DA MÚSICA - OS CLÁSSICOS DOS CLÁSSICOS	Armário V	Listado
1089	HAYDN / MOZART - LONDON SYMPHONY	Armário V	Listado
1090	MOZART POR CLARA SVERNER	Armário V	Listado
1091	"SCHUBERT: SYMPHONY NO. 9 ""THE GREAT"" MARDJANI"	Armário V	Listado
1092	GLENN GOULD - IMAGES	Armário V	Listado
1093	THE BEST OF BRAHMS	Armário V	Listado
1094	J. HAYDN - CUARTETOS PARA CUERDA Nº 1; 2; 3 Y 4	Armário V	Listado
1095	MÚSICA BRASILEIRS - VOL 2	Armário V	Listado
1096	UNIVERSO CLASSICO 13 - RACHMANINOV	Armário V	Listado
1097	W. A. MOZART - SINFONIAS Nº 35 E 36 - CLASSIC MASTERS	Armário V	Listado
1098	PHILIP GLASS - ANIMA MUNDI / ORIGINAL SOUNDTRACK	Armário V	Listado
1099	TCHAIKOVSKY - PIANO CONCERTO NO. 1 - THE TEMPEST	Armário V	Listado
1100	J. S. BACH: CANTATAS BWV 80 & BWV 147	Armário V	Listado
1101	BAROQUE MASTERPIECES	Armário V	Listado
1102	MADRE DEUS - O PARAISO	Armário V	Listado

1103	"MOZART - SYMPHONY NO. 25 - SYMPHONY NO. 35 ""HAFFNER""	Armário V	Listado
1104	GUSTAVMAHLER (18060 - 1911) SYMPHONY NO. 5	Armário V	Listado
1105	GREAT CONCERTOS OF THE MASTERS / PIANO CONCERTOS Nº 23 A 27	Armário V	Listado
1106	VIVALDI CONCERTOS / MUSICIDI SAN MARCO	Armário V	Listado
1107	ORGELMUSIK DER ROMANTIK / CLASSIC VOYAGE	Armário V	Listado
1108	BRAHMS - 4 BALLADES; OP. 10 / SCHUBERT - PIANO SONATA D. 537	Armário V	Listado
1109	VILLA VIOLÃO - HEITOR VILLA-LOBOS	Armário V	Listado
1110	OS GRANDES CLÁSSICOS - DOMENICO SCARLATTI. SONATAS PARA CRAVO	Armário V	Listado
1111	FERNANDO ARAÚJO INTERPRETA VILLA - LOBOS; PAZZOLLA E GARO-TO.	Armário V	Listado
1112	JÓIAS DA MÚSICA. OS CLÁSSICOS DOS CLÁSSICOS. VOL. 9	Armário V	Listado
1113	"OPERA FAVOURITES. ""CHORUS"": VERDI; DONIZETTI; GLINKA."	Armário V	Listado
1114	BRAHMS - PIANO CONCERTO Nº2. FOUR PIECES FOR PIANO OP. 119.	Armário V	Listado
1115	JÓIAS DA MÚSICA. OS CLÁSSICOS DOS CLÁSSICOS. VOL. 10	Armário V	Listado
1116	JOSEPH SZIZETI. CLAUDIO ARRAU & KURT RUHSEITZ.	Armário V	Listado
1117	CHOPIN. CONCERTO ROMÂNTICO. ETUDES OP. 10 E OP. 25.	Armário V	Listado
1118	CHOPIN (1810 - 1849). POLONAISE ET AL.	Armário V	Listado
1119	SÉRIE CLÁSSICOS. RIMSKY - KORSKOV - SHEHERAZADE. KATCHA-TURIAN - SPARTA	Armário V	Listado
1120	JOHN TAVERNER - AKATHIST OF THANKSGIVING	Armário V	Listado
1121	PIOTR ILYITCH TCHAIKOVSKI.	Armário V	Listado
1122	O MUNDO DOS GRANDES CLÁSSICOS. MOZART - SYMPHONIES 25 & 29. SERENATA NOT	Armário V	Listado
1123	CIPPETT. UN HIJO DE NUESTRO TIEMPO. MÚSICA SACRA Nº 73	Armário V	Listado
1124	MOZART - MISSA BREVES. K. 65 & 194.	Armário V	Listado
1125	JÓIAS DA MÚSICA. OS CLÁSSICOS DOS CLÁSSICOS. VOL. 8	Armário V	Listado
1126	DEUTSCHE GRAMMPHON COLLECTION - HAYDN	Armário V	Listado
1127	ROYAL PHILHARMONIC ORCHESTRA. BEETHOVEN - PIANO CONCERTOS Nº 3 & 4 - AX.	Armário V	Listado
1128	EDVARD GRIEG - ROBERT SCHUMANN.	Armário V	Listado
1129	CLASSIC EMOTIONS MEDITATION. MUSIC TO MATCH THE MOOD.	Armário V	Listado
1130	LIVE IN AMERICA KITARO	Armário V	Listado
1131	RAPHAEL RABELLO E ARMANDINHO - EM CONCERTO.	Armário V	Listado

2 / 4

Caixa: QA14**Conteúdo: Sonoro****Total: 189**

1132	CLÁSSICOS DO CHORO	Armário V	Listado
1133	SÉRIE MAGIA. VOL. III - O CAVAQUINHO DE WALDIR AZEVEDO	Armário V	Listado
1134	A ARTE DO ESPETÁCULO AO VIVO - SILVIO CALDAS	Armário V	Listado
1135	ROBERTO CARLOS	Armário V	Listado
1136	OS GRANDES CLÁSSICOS - FESTIVAL CLÁSSICO.	Armário V	Listado
1137	CLASSIC MASTERS - PÉROLAS DO ROMANTISMO RUSSO II.	Armário V	Listado
1138	GRIEG. SCHUMANN. PIANO CONCERTOS.	Armário V	Listado
1139	MESTRES DA MPB - KERMETO PASCOAL	Armário V	Listado
1140	GERAÇÃO POP - NEY MATOGROSSO	Armário V	Listado
1141	NEY MATOGROSSO - MINHA HISTÓRIA. 14 SUCESSOS	Armário V	Listado
1142	NOVOS BOLEROS DE OURO - WALDIR SILVA.	Armário V	Listado
1143	GLEN MILLER'S ORCHESTRA IN THE MOOD	Armário V	Listado
1144	TERRA - CHICO BUARQUE (COMPANHIA DAS LETRAS)	Armário V	Listado

1145	SINFONIA DE PARDAIS UMA HOMENAGEM A HERIVELTO MARTINS	Armário V	Listado
1146	DEUTSCHE GRAMMPHON COLLECTION - J. S. BACH. CELLO. SONATEN	Armário V	Listado
1147	"SÉRIE ""RÉGIA MÚSICA""VOL. VI. - JOHANN SEBASTIAN BACH. ""CON-CERTOS P	Armário V	Listado
1148	J. S BACH. FOUR ORCHESTRAL SUITES BWV 1066 - 69.	Armário V	Listado
1149	EDITH PIAF. 30 ANNIVERSAIRE.	Armário V	Listado
1150	ASSALTARTE	Armário V	Listado
1151	NELSON GONÇALVES - SERENATA	Armário V	Listado
1152	WOLFGANG AMADEUS MOZART (1756 - 1791). ABERTURAS.	Armário V	Listado
1153	DEBUSSY IMAGES. PRÉLUDE À L' APRÉS. MI DI D' UM PRINTEMPS	Armário V	Listado
1154	"CLASSIC MASTERS - LUDWIG VAN BETHOVEN. SINFONIA Nº 3 ""HE-ROICA""."	Armário V	Listado
1155	FELIX MENDELSSOHN - BARTHOLDY	Armário V	Listado
1156	MÚSICA FRANCESA PARA CRAVO. PEDRO PERSONE; CRAVO	Armário V	Listado
1157	ERIK SATIE'S. COMPLETE PIANO WORKS VOLUME III. (FROM 1899 TO 1908)	Armário V	Listado
1158	ARTURO TOSCANINI. VOLUME I. CONDUCTS WOLFGANG AMADEUS MOZART. DIE ZAUBERFL	Armário V	Listado
1159	CONCERTOS PARA PIANO - MOZART	Armário V	Listado
1160	CLASSIC MASTERS - WOLFGANG AMADEUS MOZART. CONCERTOS PARA VIOLINO. Nº 5	Armário V	Listado
1161	OS GRANDES CLÁSSICOS. MANUEL DE FALLA - A VIDA BREVE. DANÇA DO FOGO. FA	Armário V	Listado
1162	CHOPIN. CONCERTO ROMÂNTICO. POLONESAS OPP. 26; 40; 44; 53. POLONESA - FA	Armário V	Listado
1163	SCHUBERT. CONCERTO ROMÂNTICO. 8 IMPROMPTUS.	Armário V	Listado
1164	DEUTSCHE GRAMMPHON COLLECTION - BERLIOZ - SINFONIA FANTÁSTICA; OP 14. A	Armário V	Listado
1165	FANTASIA - MAX BARROS; PIANO.	Armário V	Listado
1166	MOZART - REQUIEM.	Armário V	Listado
1167	CLASSIC MASTERS - JOHANN STRAUSS. PEÇAS CÉLEBRES.	Armário V	Listado
1168	CLASSIC MASTERS -JAN SIBELIUS. SINFONIA Nº 2. SUITE PELLÉNS ET MELISAND	Armário V	Listado
1169	DEUTSCHE GRAMMPHON COLLECTION - CHOPIN. SONATA PARA PIANO E VIOLONCELO; O	Armário V	Listado
1170	THE ESSENTIAL MOZART - MUSIC MAESTRO: MOZART	Armário V	Listado
1171	HAYDN - LE SETTE LILTIME PAROLE. DEL NOSTRO REDINTARE IN CRACE	Armário V	Listado
1172	SCHUMANN - FANTASIE. STUCKE . SYMPHONISCHE ETUDEN. SYMPHONIC ETUDES . U.	Armário V	Listado
1173	MAGNIFICAT - BUDAPESTMADRIGAL CHAIR - THE BUDAPEST STRINGS.	Armário V	Listado
1174	HANDEL - SALOMÃO (1). MÚSICA SACRA Nº 68.	Armário V	Listado
1175	MOZART. THE VIENNA CLASSICISM. SÉRIE CLASSICOS.	Armário V	Listado
1176	SÉRIE CLASSICOS - HAYDN. THE VIENNA CLASSICISM IN SLOW MOVEMENTS.	Armário V	Listado
1177	FLEUVE JAUNE. YELLOW RIVER.	Armário V	Listado
1178	VANESSA - MAE. THE CLASSICAL ALBUM 1	Armário V	Listado
1179	DEUTSCHE GRAMMPHON COLLECTION - MAHLER. SINFONIA Nº 1 EM RÉ MAIOR. SINF	Armário V	Listado
1180	JÓIAS DA MÚSICA - OS CLÁSSICOS DOS CLÁSSICOS. VOLUME 2	Armário V	Listado
1181	LATIM - AMERICAN CLASSICS. HEITOR VILLA - LOBOS . DESCOBRIMENTO DO BRASIL	Armário V	Listado
1182	ASEAN MEDITATION	Armário V	Listado

1183	THE COMPLETE MASTERWORK RECORDINGS. VOLUME III. HO-ROWITZ.	Armário V	Listado
1184	CORAL DO SENADO - CANTA BRASIL.	Armário V	Listado
1185	BRAGUINHA - SONGBOOK 3.	Armário V	Listado
1186	NEY MATOGROSSO - ESTAVA ESCRITO	Armário V	Listado
1187	RAPHAEL RABELLO & DINO 7 CORDAS	Armário V	Listado
1188	ORQUESTRA DE CÂMARA DE BLUMENAU - MOMENTOS.	Armário V	Listado
1189	GRANDES HISTÓRIAS DE AMOR - CINEMA GALA	Armário V	Listado
1190	ZIZI POSSI - VALSA BRASILEIRA	Armário V	Listado
1191	RENATO BRAZ	Armário V	Listado
1192	DEUTSCHE GRAMMPHON COLLECTION - RACHMANINOV	Armário V	Listado

3 / 4

Caixa: QA14 Conteúdo: Sonoro

Total: 189

1193	RECITAL - VOLUME II. RENATA TEBALDI; GIUSEPPE DI STEFANO; GIUSEPPE TADDEI	Armário V	Listado
1194	SEQUENCES SYNTHESIZER - GREAT CLASSICAL THEMES.	Armário V	Listado
1195	CARMINA BURANA - CARL ORFF	Armário V	Listado
1196	CAPIBA - ORQUESTRA DE CORDAS DEDILHADAS DE PERNAMBUCO	Armário V	Listado
1197	"FRANCISCO ALVES. "" IN MEMORIAM""	Armário V	Listado
1198	"ARACY DE ALMEIDA - "" IN MEMORIAM""	Armário V	Listado
1199	20 SUPER SUCESSOS - HISTÓRIA DO CARNAVAL. CAPIBA	Armário V	Listado

4 / 4

Caixa: QA15 Conteúdo: Sonoro

Total: 171

#	TÍTULO	LOCALIZAÇÃO	SITUAÇÃO
1200	BANDA DE PIFANOS DE CARUARU; NO SÉCULO XXI; NO PÁTIO DO FORRÓ.	Armário V	Listado
1201	NEY MATOGROSSO - BATUQUE	Armário V	Listado
1202	HERIVELTO MARTINS - QUE REI SOU EU?	Armário V	Listado
1203	NÃO TEM CHORO - RICARDO KANJI. CHORANDO COM AMIGOS.	Armário V	Listado
1204	GUITAR SERENADE - SPANISH GUITAR. DÂNIEL BENKÓ	Armário V	Listado
1205	OS GRANDES SAMBAS DA HISTÓRIA	Armário V	Listado
1206	MOZART - A PERFEIÇÃO EM MÚSICA	Armário V	Listado
1207	IAN ANDERSON - DIVINITIES: TWELVE DANCES WITH GOD.	Armário V	Listado
1208	ARRANJADORES	Armário V	Listado
1209	CINEMA CLASSICS.	Armário V	Listado
1210	FRANZ SCHUBERT. LIEDNER. MOMENTS MUSICAUX	Armário V	Listado
1211	ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO. SINFONIA Nº 4. TVCHAIKOVSK	Armário V	Listado
1212	HAMILTON DE HOLANDA. JOEL NASCIMENTO - DE BANDOLIM A BANDOLIM	Armário V	Listado
1213	BRAVO!	Armário V	Listado
1214	BRASIL 500 PÁSSAROS	Armário V	Listado
1215	RETRATOS - RADAMÉS GNATTALI	Armário V	Listado
1216	DESCOBERTAS - RONEY MARCZAK E A MÚSICA DO BRASIL	Armário V	Listado
1217	CHIQUEINHA GONZAGA / 150 ANOS - ROSÁRIA GATTI. INÉDITAS & CÉLEBRES.	Armário V	Listado
1218	TELEMANN. HAYDN. MOZART - CONCERTOS PARA TROMPA E ORQUESTRA	Armário V	Listado

1219	RUSSIAN MEDITATION	Armário V	Listado
1220	MOZART MANIA	Armário V	Listado
1221	FUNDAÇÃO MARIA LUISA E OSCAR AMERICANO - CONCERTOS 2002	Armário V	Listado
1222	NELSON FREIRE - CHOPIN. ÉTUDES; OP. 10. BARCAROLLE; OP. 60. SONATA NO. 2	Armário V	Listado
1223	CLASSIC MASTERS - ABERTURAS CÉLEBRES I	Armário V	Listado
1224	BACH. EM INSTRUMENTOS ANTIGOS - GEORGELY SÁRKOZY	Armário V	Listado
1225	BACH (1685 - 1750). COMPLETE WORK FOR HARPSICHORD. VOL. 1. FROM: THE WELL	Armário V	Listado
1226	FRANCISCO ALVES - O REI DA VOZ. DISCO 2	Armário V	Listado
1227	O CRAVO ROMÂNTICO DE FRANÇOIS COUPERIN - ROBERTO DE REGINA.	Armário V	Listado
1228	COUPERIN. PIÉCES DE CLAVECIN. BOOK 2 (SELECTIONS)	Armário V	Listado
1229	J. S BACH. FOUR ORCHESTRAL SUITES BWV 1066 - 69.	Armário V	Listado
1230	THE CLASSICAL COLLECTION - BACH. BAROQUE MASTERPIECES	Armário V	Listado
1231	NELSON CAVAQUINHO - QUANDO EU ME CHAMAR SAUDADES	Armário V	Listado
1232	NELSON FREIRE - DEBUSSY	Armário V	Listado
1233	DEUTSCHE GRAMMPHON COLLECTION - SIBELIUS. SINFONIA Nº5 EM MI BEMOL MAIO	Armário V	Listado
1234	BRAHMS: THE PIANO CONCERTOS - NELSON FREIRE/ GEWANDHAUSORCHESTER/ RICARDO	Armário V	Listado
1235	ENTRE AMIGOS - CHORINHOS	Armário V	Listado
1236	KATHLEEN FERRIER - HISTORICAL RECORDINGS (1947 - 1952)	Armário V	Listado
1237	OBS: CD SEM NENHUM TÍTULO ; ENCONTRA-SE EM UMA CAIXA DE ACRÍLICO VERDE	Armário V	Listado
1238	THEO DE BARROS - VIOLÃO SOLO	Armário V	Listado
1239	É FORRÓ É XOTE É BAIÃO - VIVA GONZAÇÃO	Armário V	Listado
1240	WALDIR SILVA - NOS TEMPO DE ERNESTO NAZARETH E ZEQUINHA DE ABREU	Armário V	Listado
1241	CHINESE MEMORIES	Armário V	Listado
1242	GÊNIOS DA MÚSICA II - COMPOSITORES. WAGNER / BIZET	Armário V	Listado
1243	THE ROYAL PHILHARMONIC COLLECTION - GLINKA ET AL	Armário V	Listado
1244	RICHARD WAGNER EDITION - BAYREUTHER FESTSPIELE. HOHEPUNKTE. HIGHLIGHTS	Armário V	Listado
1245	J.S.BACH - VARIACIONES GOLDBERG. FANTASIA CROMÁTICA Y FUGA (OBS. APENAS	Armário V	Listado
1246	SONATINA - ROSSINI - FESTIVAL	Armário V	Listado
1247	CLASSIC MASTERS - WOLFGANG AMADEUS MOZART. SINFONIAS Nº 5; 11; 21 E 27	Armário V	Listado
1248	BEST - LOVED. PIANO CLASSICS 1	Armário V	Listado
1249	DE-PRÉS. MISSA PANGE LINGUA. MISSA LÁ SOL RE MI - MISSA SACRA Nº 39	Armário V	Listado
1250	THE ESSENTIAL TCHAIKOVSKI - HIS GREATEST WORKS PERFORMED BY THE MOSCOW SY	Armário V	Listado
1251	THE CLASSICAL COLLECTION - BEETHOVEN. ROMANTIC LEGENDS	Armário V	Listado
1252	ENTRE AMIGOS - CHORINHOS	Armário V	Listado
1253	OS GRANDES CLÁSSICOS. WOLFGANG AMADEUS MOZART. CONCERTO PARA PIANO E ORQ	Armário V	Listado
1254	GEORG FRIEDRICH HANDEL - MUSIC FOR THE ROYAL FIRE WORKS WATERMUSIC SUITE	Armário V	Listado
1255	ARTURO TOSCANINI. VOLUME III	Armário V	Listado
1256	SCHUBERT - ARPEGGIONE SONATA; D. 821. SCHUMANN - FANTASIES-TUCKE. STUCKE I	Armário V	Listado
1257	SÉRIE CLASSICOS - BEETHOVEN E SCHUMANN	Armário V	Listado
1258	ORQUESTRA DE VIOLÕES - MAESTRO GLADSON CARVALHO	Armário V	Listado

1259	HEITOR VILLA - LOBOS - TRIO Nº 1 SONATA Nº 3 E ONZE CANÇÕES	Armário V	Listado
------	---	-----------	---------

1 / 3

Caixa: QA15**Conteúdo: Sonoro**

Total: 171

1260	MÚSICA DO BRASIL COLONIAL - COMPOSITORES MINEIROS	Armário V	Listado
1261	MOZART - REQUIEM KV 626. CARLOS MARIA GIULINI	Armário V	Listado
1262	GREGORIAN CHANT. GREGORIANISCHER CHORAL. CHORALSCHOLA DER WIENER HOFBURG	Armário V	Listado
1263	A NIGHT AT THE BALLET - THE AUSTRALIAN SYMPHONY ORCHESTRA	Armário V	Listado
1264	CLÁSSICOS ETERNOS - MOZART	Armário V	Listado
1265	YO - YO MA: SHOSTAKOVICH - CELLO CONCERTO NO. 1 - KABALEVSKI - CELLO CONC	Armário V	Listado
1266	MOMENTOS DE PAZ - EDUARDO ASSAD	Armário V	Listado
1267	BANDA CASCAVEL AO VIVO. VOL. 1 (OBS: NÃO ORIGINAL)	Armário V	Listado
1268	PIXINGUINHA SÃO PIXINGUINHA - DEZ ANOS SEM ELE. OS ORIGINAIS	Armário V	Listado
1269	MARIA CALLAS VOL. 5 - CASTA DIVA	Armário V	Listado
1270	J. S BACH. SUITES (OVERTURES); VOL. 1	Armário V	Listado
1271	O CANTO DA NOSSA TERRA - PEREZ DWARECKI; VIOLA / PAULO GORI; PIANO	Armário V	Listado
1272	OS GRANDES CLÁSSICOS - J. S. BACH. VARIAÇÕES GOLDBERG. FANTASIA CROMÁ	Armário V	Listado
1273	CLASSIC MASTERS - L' HISTOIRE DE LA MUSIQUE - CONCERTO POR PIANO; Nº 22.	Armário V	Listado
1274	DEUTSCHE GRAMMPHON COLLECTION - MÚSICA DA ÉPOCA GÓTICA	Armário V	Listado
1275	SCHUBERT - CONCERTO ROMÂNTICO - QUARTETO DE CORDAS NO. 14 EM RÉ MENOR;	Armário V	Listado
1276	JOHANN SEBASTIAN BACH - CONTATO BWV 147 E BWV 80	Armário V	Listado
1277	CLASSIC MASTERS - GUSTAV MAHLER. SINFONIA Nº 1 < TITÃ >	Armário V	Listado
1278	BANDONEÓN. RUFO HERRERA E ORQUESTRA EXPERIMENTAL DA UFOP	Armário V	Listado
1279	BACH (1685 - 1750). COMPLETE WORK FOR HARPSICHORD. VOL. 5 - PARTITAS NOS.	Armário V	Listado
1280	FLAUTAS FANTÁSTICAS - MUSIC FOR TWO FLUTES AND PIANO	Armário V	Listado
1281	RICHARD WAGNER - ORCHESTRAL MUSIC - TANNHAUSER. PARSIFAL - TRISTAN UND I	Armário V	Listado
1282	DEUTSCHE GRAMMPHON COLLECTION - MORALES - MAGNIFICAT ANCO MOTETES - PALE	Armário V	Listado
1283	BEETHOVEN OPUS 1... - QUARTETO E SI BEMOL. GRANDE FUGA EM SI. OPUS 133.	Armário V	Listado
1284	DEUTSCHE GRAMMPHON COLLECTION - BIZET. CARMEN: SUITE JOGOS DE CRIANÇAS.	Armário V	Listado
1285	GIOMAR NOVAES - BEETHOVEN. CONCERTO Nº 4; OP. 58.	Armário V	Listado
1286	MENININHA LOBO (1904 - 1986)	Armário V	Listado
1287	SCARLATTI (1685 - 1757) - 13 SONATAS	Armário V	Listado
1288	ITALIAN COURT CAMPOSERS	Armário V	Listado
1289	OS GRANDES CLÁSSICOS - DOMENICO SCARLATTI. SONATAS PARA CRAVO	Armário V	Listado
1290	CLASSIC MASTERS - MUSSORGSKI - DEBUSSY - DVOŘÁK - UMA NOITE NO MONTE CA	Armário V	Listado
1291	"OS GRANDES CLÁSSICOS - FRANZ SCHUBERT. SINFONIA Nº 3. SINFONIA Nº 4.	Armário V	Listado
1292	CELINA SZRVINSK. MIGUEL ROSSELINI - PIANO A 4 MÃO	Armário V	Listado
1293	CLASSICAL GOLD	Armário V	Listado

1294	JOHANN SEBASTIAN BACH (1685 - 1750). CONCERTOS DE BRANDENBURGO NOS. 5 & 6	Armário V	Listado
1295	ELGAR: ENIGMA VARIATIONS. POMP AND CIRCUMSTANCE MARCHES NOS. 1 - 5. GRAWN	Armário V	Listado
1296	THE GREAT RONDO NO. 1. AND OTHER FAMOUS VIOLIN MUSIC	Armário V	Listado
1297	O MUNDO DO VIOLÃO ESPANHOL - EDUARDO FERNÁNDEZ	Armário V	Listado
1298	MOZART SYMPHONIES IN E FLAT MAJOR. K. 543; 132; 184. BUDAPEST FESTIVAL OR	Armário V	Listado
1299	RAVEL - PAVANE. BOLERO. RAPSODIE ESPAGNOLE. MA MERE L' OVE. ANDRÁS KÓROD	Armário V	Listado
1300	HAYDN - AS ESTAÇÕES (1). MÚSICA SACRA Nº 9.	Armário V	Listado
1301	CHOPIN - CONCERTO ROMÂNTICO - POLONESSAS OPP. 26; 40; 44; 53. POLONESA -	Armário V	Listado
1302	THE CLASSICAL MASTERS - BRAHMS - LISZT. SYMPHONY Nº 2. FUNERALS	Armário V	Listado
1303	JESSYE NORMAN - L'IMCOMPARABLE	Armário V	Listado
1304	SCHUBERT: WANDERER FANTASY . PIANO SONATA IN A MAJOR D 664. 4 UMPRAMPTUS	Armário V	Listado
1305	DEUTSCHE GRAMMPHON COLLECTION - BACH. CONCERTO PARA VIOLINO EM LÁ MENOR	Armário V	Listado
1306	JIMMY CLIFF 'JIMMY CLIFF INBRAZIL	Armário V	Listado
1307	J. S. BACH. VIOLIN SONATAS & PARTITAS FOR SOLO VIOLIN. VOL. 2. PARTITAS N	Armário V	Listado
1308	CLASSICA D' ORO - FESTLICHER BAROCK & KLASSIK FAVORITEN	Armário V	Listado
1309	FUNDAÇÃO MARIA LUISA E OSCAR AMERICANO - CONCERTOS 2003	Armário V	Listado
1310	GREAT RECORDINGS OF THE CENTURY - CHOPIN ETUDES OP. 10 & OP. 25 - CLAUDIO	Armário V	Listado
1311	PIXINGUINHA E SEU TEMPO	Armário V	Listado
1312	SCHUBERT - AVE MARIA; D 839. MISSA EM MI BEMOL MAIOR; D 950. MÚSICA SACR	Armário V	Listado
1313	DEUTSCHE GRAMMPHON COLLECTION - SCHUBERT 22 LIEDER FAMOSOS.	Armário V	Listado
1314	HAYDN - AS ESTAÇÕES (1). MÚSICA SACRA Nº 9.	Armário V	Listado
1315	JOHANN SEBASTIAN BACH - CANTATA BWV 147 E BWV 80	Armário V	Listado
1316	J. S. BACH. A PAIXÃO SEGUNDO SÃO JOÃO; BWV 245 (2)	Armário V	Listado
1317	PABLO CASALS - J. S. BACH. 6 SUITER FUR VIOLONCELLO. LES 6 SUITES POUR V	Armário V	Listado
1318	ALBINONI: ADAGIO. PACHELBEL: CANON BERLINER PHILHARMONIKER. HERBERT VAN K	Armário V	Listado
1319	CLASSIC MASTERS - JOHANN SEBASTIAN BACH. SUITES PAR VIOLONCELO Nº 1 Y 2	Armário V	Listado
1320	BACH (1685 - 1750). COMPLETE WORKS FOR HARPSICHORD; VOL. 10 - 'GOLDBERG	Armário V	Listado

2 / 3

Caixa: QA15**Conteúdo: Sonoro****Total: 171**

1321	"TCHAIKOVSKY - SYMPHONY NO. 2. 'LITTLE RUSSIAN'. SYMPHONY NO. 3 ""POLISH"	Armário V	Listado
1322	DEUTSCHE GRAMMPHON COLLECTION - BEETHOVEN. CONCERTO PARA PIANO Nº 3. CON	Armário V	Listado
1323	OVERTURI: THE MARRIAGE OF FIGARO- MOZART. HYMISHER GREENBERG CONDUCTING T	Armário V	Listado
1324	BALLET MUSIC- SHUBERT; TCHAIKOVSKY; STRAUSS; VERDI; DELIBES; RUBENSTEIN.	Armário V	Listado
1325	ACADEMY OF ST. MARTIN. IN THE FIELDS SIR NEVILLE MARRINER AMADEUS	Armário V	Listado

1326	PIECES DE CLAVECIN IN CONCERTS: OVEC FLUTE ET VIOLON. JEAN PIERRE RAMPAL;	Armário V	Listado
1327	CLASSIC MASTERS- JOHANNES BRAHMS. SINFONIA Nº 2 EM RÉ MAIOR; OP. 73. OR	Armário V	Listado
1328	BRANDENBURG CONCERTOS NºS. 3; 4;&6- BACH- (JOHANN SEBASTIAN BACH)	Armário V	Listado
1329	VIVALDI- LAUDATE PUERI IN FURORE NULLA IN MUNDO PAX SINCERA. MAGDA KALMÁ	Armário V	Listado
1330	VOZES ANGELICAIS. ANONIMOUS 4. SEQUENTIA; ERNA SACK; ANIMA; KATHLEEN FERR	Armário V	Listado
1331	BACHIANAS BRASILEIRAS Nº 4. BARTOLI INTERPRETA LA DANZA; BORODIN PRÍNCI	Armário V	Listado
1332	BETHOVEN: ARCHDUKE TRIO; ETC. DAVID OISTRAKH; IGOR OISTRAKH; ETC	Armário V	Listado
1333	MARIA BETHÂNIA 25 ANOS	Armário V	Listado
1334	VIVALDI. 5 CONCERTOS PARA VIOLINO E ORQUESTRA. JAAP SCHRODER; CAPELLA SAV	Armário V	Listado
1335	NELSON FREIRE. BEETHOVEN PIANO SONATAS. OPP. 27 Nº 2; 53; 81ª & 110	Armário V	Listado
1336	CLASSIC MASTERS- FREDERIC CHOPIN. SONATA Nº 2 EM SI MENOR- 9 ESTUDOS POL	Armário V	Listado
1337	J.S. BACH: SUITES (OVERTURES); VOL.1	Armário V	Listado
1338	GREAT RECORDINGS OF THE CENTURY. J.S.BACH. GOLDBERG VARIATIONS. ITALIAN	Armário V	Listado
1339	SCHUMANN. SEE INLAY FOR DETAILS	Armário V	Listado
1340	LÁGRIMAS. DULCE PONTES. (TEMA DE ABERTURA DE " AS PUPILAS DO SENHOR R	Armário V	Listado
1341	SAX DE OURO. IVANILDO	Armário V	Listado
1342	JÓIAS DA MÚSICA. OS CLÁSSICOS DOS CLÁSSICOS. GRIEG; STRAUSS; WAGNER;	Armário V	Listado
1343	NÃO TEM CHORO: CHORANDO COM AMIGOS. RICARDO KANJI	Armário V	Listado
1344	ORGAN CONCERTOS. SÉRIE CLÁSSICOS- HANDEL E HAYDN	Armário V	Listado
1345	DESCOBERTAS. RONEY MARZAK E A MÚSICA DO BRASIL	Armário V	Listado
1346	BRUCH. VIOLIN CONCERTO Nº 1; PAGANINI CONCERTO FOR VIOLIN. THE PHILHARMO	Armário V	Listado
1347	O CANTO DA NOSSA TERRA. PEREZ DWORECKI- VIOLA; PAULO GORIPIANO	Armário V	Listado
1348	CLASSIC MASTERS. FREDERIC CHOPIN. SELEÇÃO DE TRABALHOS PARA PIANO. IDA	Armário V	Listado
1349	BRAHMS: SYMPHONY Nº 1 VAARIATIONS ON A THEME BY HAYDN 5 HUNGARIAN DANCES	Armário V	Listado
1350	FOUR ORCHESTRAL SUITES. J.S.BACH; LISZT. FERENE CHAMBER ORCHESTRA BUDAPES	Armário V	Listado
1351	NATAL MUSICAL: O CARTÃO QUE TOCA VOCÊ. QUEM ACONTECE	Armário V	Listado
1352	THREE CONCERTS FOR FLUTE. J.S.BACH; ARS REDIVIVA OF PRAGUE. JEAN PIERRE R	Armário V	Listado
1353	BAIBA SKRIDE- SHOSTAKOVICH; JANACEK. VIOLIN CONCERTOS.	Armário V	Listado
1354	BACH. VIOLIN CONCERTOS NºS: 1 E 2; CONCERT FOR 2 VIOLINS	Armário V	Listado
1355	BORIS CHRISTOFF/DIE KUNSTDES/THE ART OF/L'ART	Armário V	Listado
1356	BEBUSSY/RAVEL/BERG/DEUTSCHE GRAMMOPHON COLLECTION	Armário V	Listado
1357	VILLA-LOBOS/POR JOÃO CARLOS ASSIS BRASIL	Armário V	Listado
1358	HERIVELTO MARTINS/MPB COMPOSITORES	Armário V	Listado
1359	REVIVENDO/ATAULFO ALVES/VIDA DE MINHA VIDA /VL 1	Armário V	Listado
1360	AMIGO MILTON NASCIMENTO	Armário V	Listado
1361	MONTEVERDI/HUNGAROTON	Armário V	Listado
1362	GUIOMAR NOVAES/BEETHOVEN	Armário V	Listado

1363	EGYPT	Armário V	Listado
1364	MONTESERRAT CABALLÉ/WITH AL MY HEART	Armário V	Listado
1365	CELLO ENCORES	Armário V	Listado
1366	VILLA-LOBOS/BACHIANAS BRASILEIRAS NOS 2 E 5	Armário V	Listado
1367	GRANDS COMPOSITEURS BAROQUES/GREAT BAROQUE MASTERS/COUPERIN	Armário V	Listado
1368	BEETHOVEN:THE NINE SYMPHONIES	Armário V	Listado
1369	MONTEVERDI/VESPERAS DA VIRGEM MARIA ;1610	Armário V	Listado
1370	LUDWIG VAN BEETHOVEN/PIANO SONATAS	Armário V	Listado

3 / 3

Caixa: QA16 Conteúdo: Sonoro

Total: 147

#	TÍTULO	LOCALIZAÇÃO	SITUAÇÃO
1371	BRAHMS/DEUTSCHE GRAMMOPHON COLLECTION	Armário V	Listado
1372	LUCIANO PAVAROTTI	Armário V	Listado
1373	GREECE/TRADITIONAL MUSIC	Armário V	Listado
1374	BRAHMS/CLARINET TRIO AND QUINTET	Armário V	Listado
1375	BEETHOVEN/PIANO SONATAS	Armário V	Listado
1376	CHOPIN/PIANO CLASSICS /THE CLASSICAL COLLECTION	Armário V	Listado
1377	CHOPIN/ARTE APAIXONADA	Armário V	Listado
1378	THE VERY BEST OF MARIA CALLAS	Armário V	Listado
1379	MAX BRUCH/CLASSIC MASTERS	Armário V	Listado
1380	HEINZ HOLLIGER ALBINONE/6OBOE CONCERTOS	Armário V	Listado
1381	O CANTO DA NOSSA TERRA/PEREZ DWORECKI; VIOLA-PAULO GORI;-PIANO	Armário V	Listado
1382	JOHANN SEBASTIAN BACH/CONCERTOS PARA CRAVO SOLO	Armário V	Listado
1383	VIOLAO BRASILEIRO/WAGNER MEIRELLES	Armário V	Listado
1384	PLAY THE BEST OF THE BEATLES/LONDON SYMPHONY ORCHESTRA AND LONDON POP CHO	Armário V	Listado
1385	SILVANO CALDAS	Armário V	Listado
1386	AS ETERNAS CANTORAS DO RADIO	Armário V	Listado
1387	OS GRANDES SAMBAS DA HISTÓRIA	Armário V	Listado
1388	TELEMANN.HAYDN.MOZART/CONCERTOS PARA TROMPO E ORQUESTRA	Armário V	Listado
1389	BRAHMS/PIANO CONCERTOS NO.2/HAYDN VARIATIONS	Armário V	Listado
1390	JOSEPH/HAYDN/CONCERTOS FOR VIOLIN E CELLO	Armário V	Listado
1391	MOZART/THE VIENNA CLASSICISM	Armário V	Listado
1392	OS GRANDES DA MPB/QUINTETO VIOLADO	Armário V	Listado
1393	REVIVENDO/CARNAVAL SUA HISTÓRIA SUA GLÓRIA/ VOL.2	Armário V	Listado
1394	JOSEPH SZIGETI/CLAUDIA ARRAU E KURT RUHRSEITZ	Armário V	Listado
1395	VLADIMIR HOROWITZ/ENREGISTREMENTS/RECORDINGS AUFNAHMEN 1930-1951.	Armário V	Listado
1396	LATIN-AMERICAN CLASSICS/HEITOR VILLA-LOBOS	Armário V	Listado
1397	THE COMPLETE MASTERWORKS RECORDINGS-VOLUME V/HOROWITZ	Armário V	Listado
1398	FESTA DOS ANJOS II. A INICIAÇÃO	Armário V	Listado
1399	FAURÉ/ POULENC	Armário V	Listado
1400	TCHAIKOVSKY/ROMEO AND JULIET SWAN LAKE SUITE	Armário V	Listado
1401	MAURICE ANDRÉ/CONCERTOS BARROCOS PARA TROMPETE NEVELLE MARRINER	Armário V	Listado
1402	BEETHOVEN/SONATAS MOONLIGHT/PATHITIQUE/APPASSIONATA/ GRAND GALA DIGITAL RE	Armário V	Listado

1403	ELGAR/APOLO CLASSICS	Armário V	Listado
1404	MARISA MONTE/VERDE ANIL AMARELO/COR DE ROSA E CARVÃO	Armário V	Listado
1405	MUITO DENTRO DA ESTRELA AZULADA/CAETANO VELOSO	Armário V	Listado
1406	TCHAIKOVSKY/SYMPHONY NO.1 WINTER DAYDREAMS/PENTAGON CLASSICS	Armário V	Listado
1407	BACH/GÊNIOS DA MÚSICA II/ COMPOSITORES	Armário V	Listado
1408	SCHUTZ/BRXTEHUDE/DETSCHER GRAMMOPHON COLLECTION.	Armário V	Listado
1409	O MELHOR DO BORROCO/SÉRIE MÚSICA CLASSICA	Armário V	Listado
1410	VINICIUS DE MORAES/MPB COMPOSITORES	Armário V	Listado
1411	GONZAGÃO/OLHA PRO CÉU	Armário V	Listado
1412	SEMPRE PIXINGUINHA/100 ANOS	Armário V	Listado
1413	NEY MATOGROSSO/PESCADOR DE PÉROLAS	Armário V	Listado
1414	WAGNER TISO/PROFISSÃO MÚSICA	Armário V	Listado
1415	CHORINHOS DE OURO	Armário V	Listado
1416	GAL COSTA/OBRAS PRIMAS	Armário V	Listado
1417	QUINTETO AMARAL	Armário V	Listado
1418	DIE WIEINER SANGER-KNABEN/MENINOS CANTORES DE VIENA	Armário V	Listado
1419	A FLORESTA DO AMAZONAS DE VILLA-LOBOS/JOÃO CARLOS ASSIS BRASIL/NEY MATOG	Armário V	Listado
1420	WOLFGANG AMADEUS MOZART/SYMPHONIE NOS.29&39	Armário V	Listado
1421	RUBINSTEIN/WALLENSTEIN SYMPHONY OF THE AIR	Armário V	Listado
1422	TCHAIKOVSKY/G~ENIOS DA MUSICA II/COMPOSITORES	Armário V	Listado
1423	GERAÇÃO POP/ NEY MATOGROSSO	Armário V	Listado
1424	OS GRANDES CLASSICOS/JOHANN STRAUSS/VALSAS;POLCAS E MAR-CHAS DE VIENA.	Armário V	Listado
1425	"RIMSKY-KORSAKOV/CHABRIER/SCHERAZADE AFTER ""1001 NIG-TS""OP.35"	Armário V	Listado
1426	CHOPIN/NOCTURNES(COMPLETE) VL 2 IDIL BIRET;PIANO	Armário V	Listado
1427	DEUTSCHE GRAMMOPHON COLLECTION/BRAHMS.	Armário V	Listado
1428	THE BEST MOZART/ VOL 2	Armário V	Listado
1429	QUARTETO DE BRASILIA/DVORAK/VILLA-LOBOS/RAVEL	Armário V	Listado
1430	CHOPIN/ CONCERTO ROMÂNTICO/MAZURKAS	Armário V	Listado

1 / 3

Caixa: QA16 Conteúdo: Sonoro**Total: 147**

1431	BARTOK/QUATRO PEÇAS PARA ORQUESTRA; OP.12 CONCERTO PARA ORQUESTRA/DEUTSC	Armário V	Listado
1432	MOZART(1756-1791)/ 3STRING QUARTETO K.387 K.464; K.160	Armário V	Listado
1433	DE VICTORIAFERRER ESPLA MOMPALU/MUSICA SACRA CORAL ESPANHOLA	Armário V	Listado
1434	LUDWIG VAN BEETHOVEN/ SONATAS PARA VIOLINO E PIANO/CLASSIC MASTERS	Armário V	Listado
1435	VERDI AINDA/APRILE MILLO/PLACIDO DOMINGOS/DOLORA ZAJICKJAMES MORRIS/SAMUE	Armário V	Listado
1436	W.A MOZART/CONCERTOS PARA FLAUTA; HARPA E ORQUESTRA	Armário V	Listado
1437	DORIVAL CAYMMI/MEUS MOMENTOS	Armário V	Listado
1438	AMÁLIA RODRIGUES/RAINHA DO VADO	Armário V	Listado
1439	VIVARTE/GEMINIANI CONCERTI GROSSI/TAFELMISIK/JEANNE LAMON	Armário V	Listado
1440	GREIEG/CONCERTO ROMANTICO	Armário V	Listado
1441	JESSYE NORMAN/ L'INCOMPARABLE	Armário V	Listado
1442	ASIAN/MEDITATION	Armário V	Listado
1443	NELSON INTERPRETA NOEL	Armário V	Listado

1444	DIAPASON/ MOZART A PERFEIÇÃO EM MÚSICA	Armário V	Listado
1445	THE COMPLETE MASTWORKS RECORDINGS. VOL I HOROWITZ	Armário V	Listado
1446	MAHLER/SYMPHONY Nº 3/SYNPHONY NO.10 (ADAGIO)/FLORENCE QUIVAR/ISRAEL PHIL	Armário V	Listado
1447	THE BEATLES/1962-1966	Armário V	Listado
1448	O CRAVO ROMÂNTICO DE FRANÇOIS COUPERIN/ROBERTO DE REGINA	Armário V	Listado
1449	SENCIBILIDADE IN CONCERT/VIOLINO E PIANO /PAULO BARRETO E ISA Y PLÁ	Armário V	Listado
1450	GERGELY SÁRKAZY PLAYS/ SCARLATTI SONATAS ON GUITAR;LUTE;LUTE-HARPSICHORD	Armário V	Listado
1451	BUQUÊ DE MELODIAS/ NELSON GONÇALVES	Armário V	Listado
1452	MARIA CALLAS/ FROM ON ORIGINAL MASTER	Armário V	Listado
1453	JÓIAS DA MUSICA VOL 6/ OS CLÁSSICOS DOS CLÁSSICOS	Armário V	Listado
1454	ALESSANDRO SCARLATI/LA GIUDITTA ORATÓRIO	Armário V	Listado
1455	EUDÓXIA DE BARROS/LUA BRANCA	Armário V	Listado
1456	BEETHOVEN/HAYDN/ROSSINI/SINFONIA Nº 4;49	Armário V	Listado
1457	VILLA-LOBOS E OS BRINQUEDOS DE RODA	Armário V	Listado
1458	BAROQUE MASTERPIECES/ARENA CLASSICS	Armário V	Listado
1459	CARMELO DE LOS SANTOS/CATARINA DOMENICI VII PRÊMIO ELDORADO DE MÚSICA	Armário V	Listado
1460	MENDELSSOHN/ CONCERTO ROMANTICO/CANÇÕES SEM PALAVRAS(-VOL.2)	Armário V	Listado
1461	TCHAIKOVSKY/THE MASTERPIECES/THE CLASSICAL COLLECTION	Armário V	Listado
1462	WOLFEGANG AMADEUS MOZART/ CONCERTOS PARA VIOLINO Nº 1;2 E 3	Armário V	Listado
1463	BEETHOVEN/CONCERTO ROMANTICO	Armário V	Listado
1464	RAFAEL KUBELIK/NEW REMASTERING WITH CEDAR SOUND SYSTEM	Armário V	Listado
1465	W.A.MOZART/OBOE CONCERT IN C MAJOR/HORN CONCERT NO. 1	Armário V	Listado
1466	JOSÉ SIQUEIRA	Armário V	Listado
1467	BEETHOVEN/TRIPLE CONCERTO -CHORAL FANTASY	Armário V	Listado
1468	VALSA -CHOROS PARA PIANO/ FRANCISCO MIGNONE	Armário V	Listado
1469	CLASSIC CD /VOLTA AO MUNDO	Armário V	Listado
1470	HEITOR VILLA-LOBOS	Armário V	Listado
1471	NATAIS BARROCOS	Armário V	Listado
1472	MONTSERRAT CABALLÉ E JOSÉ CARRERAS	Armário V	Listado
1473	MOZART 1756-1791/GRAND GALA DIGITAL RECORDING	Armário V	Listado
1474	LEANDRO E LEONARDO	Armário V	Listado
1475	ANTONIO VIVALDI/FLUTE CONCERTOS	Armário V	Listado
1476	A BAROQUE DAY-DREAM /SÉRIE CLÁSSICOS	Armário V	Listado
1477	POESIAS/CECILIA MEIRELES. GUILHERME DE ALMEIDA	Armário V	Listado
1478	RACHIMANINOV THE BELLS JOSÉ SEREBRIER RUSSIAN NATIONAL ORCHESTRA	Armário V	Listado
1479	OS MAIS BELOS CLÁSSICOS	Armário V	Listado
1480	PIOTR ILICH TCHAIKOVSKI/ CLASSIC MASTERS	Armário V	Listado
1481	BACH/EM INSTRUMENTOS ANTIGOS/GEORGELY SARKOZY	Armário V	Listado
1482	THE BEST OF DVORAK	Armário V	Listado
1483	TCHAIKOVSKY/APOLLO CLASSICS	Armário V	Listado
1484	ARTHUR RUBINSTEIN	Armário V	Listado
1485	VARIOS/MISTÉRIO DO CANTO BIZANTINO	Armário V	Listado
1486	BRAHMS/SINFONIA Nº 1; OP 68/DEUTSCHE GRAMMOPHON	Armário V	Listado
1487	ARTHUR MOREIRA LIMA/ CARTÃO DE VISITA	Armário V	Listado

1488	ORIGINAL MUSIC COMPOSED BY ROVI SHANKARLEND PHILIP GLASS/ PASSAGES	Armário V	Listado
1489	ORQUESTRA DE CÂMARA THEATRO SÃO PEDRO CONTRUÇÃO/ FREDI GERLING	Armário V	Listado
1490	LUDWING VAN BEETHOVEN/ SONATAS PARA VIOLINO E PIANO Nº 4;7 E 8	Armário V	Listado
1491	BEETHOVEN (1770-1827)/SCHUBERT 1797-1828	Armário V	Listado

2 / 3

